UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

MARIA ANTONIA DIAS MARTINS

Identidade Ibero-americana em revista: *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos
Hispanoamericanos*, 1942-1955

São Paulo
2012

MARIA ANTONIA DIAS MARTINS

Identidade Ibero-americana em revista: *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos Hispanoamericanos*, 1942-1955

(Versão corrigida)

De acordo

Prof. Dr^a Maria Helena Rolim Capelato

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Helena Rolim Capelato.

São Paulo
2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

MARTINS, Maria Antonia Dias. **A Identidade Ibero-americana em revista: *Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955***. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História Social.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

O final de um doutorado suscita vários sentimentos e um deles é o de dever muito a muita gente. Nesse processo, o principal apoio certamente veio do Carlos, que, com amor e paciência, me ajudou a superar inseguranças e dificuldades, principalmente com o banco de dados dos artigos lidos.

O Pedro foi um excelente companheiro, que, no auge dos seus onze anos, entendeu a natureza deste trabalho, que exigiu, muitas vezes, da mãe um tempo maior do que aquele que ficava com ele.

A meus pais, que sempre me apoiaram e me ofereceram o que eles tinham de melhor: o carinho e atenção. A meus amigos, que me deixavam falar do tema desta tese e das descobertas realizadas como se fossem os melhores assuntos do momento.

À Cristina, pelas conversas via *skype*, pelas compras dos livros e pela obtenção dos índices das revistas *Cuadernos Hispanoamericanos*. Tudo teria sido mais difícil sem esse apoio estendido na Espanha.

Aos amigos da pós-graduação devo agradecer os momentos de trocas e de incentivo acadêmico que me proporcionaram. Desse grupo, tenho que destacar a Ângela, o Caio e a Carine, pessoas sempre solidárias e generosas comigo.

À prof^a. Dr^a Gabriela Pelegriño Soares e à Prof^a. Dr^a. Maria Ligia Coelho Prado devo agradecer a leitura e avaliação realizadas no processo de qualificação, pois suas observações, com certeza, foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Ainda à Prof.^a Dr.^a Maria Ligia Coelho Prado devo agradecer o apoio para que eu realizasse a viagem de pesquisa ao México.

No CIALC (Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe), recebi todo apoio do seu diretor, Dr. Adalberto Santana, e dos funcionários da biblioteca, que sempre foram muito solícitos. Devo agradecer também o apoio recebido do Dr. Guillermo Palacios, professor do El Colegio de Mexico, durante a minha estadia no México.

O apoio oferecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) foi igualmente essencial para o desenvolvimento deste trabalho, pois, sem seu suporte, eu não teria conseguido fazer a pesquisa e escrever esta tese.

Por último, quero agradecer especialmente à minha orientadora Maria Helena R. Capelato. Nesses dez anos entre mestrado e doutorado, sua erudição, competência e comprometimento pautaram o processo de orientação, da mesma forma que a sua atenção e generosidade.

RESUMO

MARTINS, Maria Antonia Dias. **A Identidade Ibero-americana em revista: *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos Hispanoamericanos*, 1942-1955.** Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Esta tese tem como objetivo analisar as discussões sobre a identidade ibero-americana realizadas por intelectuais nas revistas *Cuadernos Americanos* (CA) e *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH) no período de 1942 a 1955. Também faz parte deste trabalho o estudo das análises propostas por esses intelectuais sobre as relações entre Ibero-América, Estados Unidos e Espanha nos contextos da II Guerra Mundial e da Guerra Fria. Embora se interessassem pelo mesmo foco (a Ibero-América), ambas as publicações tiveram origens e propostas distintas: as duas atuaram em campos ideológicos opostos e se constituíram como armas de luta política. CA foi gestada por um grupo de intelectuais mexicanos e exilados espanhóis que se identificavam com o republicanismo, e, portanto, eram opositores ferrenhos do franquismo; CH surgiu posteriormente, com vistas a ampliar as bases de apoio do regime franquista no Continente latino-americano, já que a Espanha estava isolada desde o final da Segunda Guerra em virtude de sua anterior identificação com a ideologia nazi-fascista e com um governo autoritário e simpático ao Eixo.

Palavras-chave: Ibero-América, Espanha, identidade, intelectuais, revistas, franquismo e Guerra Fria.

ABSTRACT

MARTINS, Maria Antonia Dias. **A Identidade Ibero-americana em revista: *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos Hispanoamericanos*, 1942-1955.** Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

This thesis presents an analysis of the debates around Iberian-American identity accomplished by intellectuals in the magazines *Cuadernos Americanos* (CA) and *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH), in the years 1942 to 1955. This work also examines the analysis proposed by these intellectuals about the relationship between Iberian-American, United States and Spain during World War II and the Cold War. Although the magazines had the same focus in Iberian-America, they had distinct origins and proposals: both served as political instrument in opposite ideological terrains. CA was created by a group of intellectuals (Mexicans and Spanish in exile) in a hard opposition to Franquismo; CH appeared later aiming to enlarge the Latin-American support of Franco's regime, as this was isolated since the end of WWII due to Franco's authoritarianism and Nazi-Fascist alignment.

Keywords: Iberian-America, Spain, identity, intellectuals, magazines, Franquismo, Cold War.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O NASCIMENTO DOS CUADERNOS: CA E CH	34
1.1 Um período de turbulências	34
1.1.1 O surgimento de CA	35
1.2 Da <i>España Peregrina</i> a <i>Cuadernos Americanos</i>	42
1.3. A resposta do outro lado do Atlântico	57
1.3.1 O surgimento de CH	57
1.3.2 Os dirigentes da revista em sua primeira fase	65
1.3.3 <i>Cuadernos Hispanoamericanos</i> e a Ibero-América.....	72
 2 A COMUNIDADE HISPÂNICA DOS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: CONFLITOS EM TORNO DAS DESIGNAÇÕES	76
2.1 <i>Iberoamérica</i>, <i>hispanoamérica</i>, América Latina ou Indo-América?	82
2.1.1 <i>Cuadernos Americanos</i> : o debate sobre o nome.....	84
2.1.2 América Latina: resistências ao uso do termo	96
2.2 A discussão sobre as duas Espanhas em CA e CH	102
2.2.1 “ <i>Hispanismo</i> ” e “ <i>Hispanidad</i> ”	108
2.3 Ibero-América, entre a cultura Ocidental e a cultura Hispânica	115
2.3.1 América: herdeira, salvação e utopia da cultura Ocidental	117
2.3.2 América: herdeira da cultura Hispânica	124
 3 A HISPANOAMÉRICA E AS “OUTRAS” AMÉRICAS	129
3.1 A Outra América: a Portuguesa	129
3.1.1 As singularidades da América portuguesa: Brasil, país do futuro?	130
3.1.2 Imagens do Brasil em CA e CH	132
3.1.3 O Brasil no mercado editorial ibero-americano	141
3.2 O afro-americano e sua (in)visibilidade nas revistas CA e CH	145
3.3 O Indigenismo como tema exclusivo de CA	155

4 CA E CH FRENTE ÀS RELAÇÕES PENDULARES ENTRE IBERO-AMÉRICA, ESTADOS UNIDOS E ESPANHA	169
4.1 Relação pendular entre Ibero-América e EUA	170
4.1.1 Política da Boa Vizinhança ou Imperialismo?	176
4.1.2 A “irmandade” hispânica	186
4.2 As revistas e o golpe na Guatemala	190
4.3 CA e CH frente à situação política da Espanha	203
4.4 A União Ibero-Americana como estratégia nas negociações internacionais	209
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 218
 FONTES	 222
 REFERÊNCIAS	 222
 Anexo I: Relação dos artigos lidos em <i>Cuadernos Americanos</i> e <i>Cuadernos Hispanoamericanos</i>	 233

INTRODUÇÃO

No transcorrer do século XX, os países ibero-americanos alternaram momentos de aproximações e distanciamentos tanto com a Espanha quanto com os EUA. Esse movimento pendular foi provocado por eventos como a Guerra Civil Espanhola, a II Guerra Mundial e a Guerra Fria e um dos seus desdobramentos foi o questionamento dos elementos identitários em comum entre Ibero-América e Espanha e Ibero-América e EUA.

Esta tese tem como objetivo analisar as discussões sobre a identidade ibero-americana realizadas por intelectuais que colaboraram nas revistas *Cuadernos Americanos* (CA) e *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH), no período de 1942 a 1955¹. Este trabalho procura mostrar também como esses intelectuais vislumbravam as relações entre Ibero-América, Estados Unidos e Espanha nos contextos da II Guerra Mundial e da Guerra Fria.

Buscamos analisar o projeto editorial das duas revistas e as ideias que eram veiculadas através delas, com o intuito de construir as identidades ibero-americana (no caso de CA) e hispano-americana (no caso de CH), identidades estas consideradas, pelos seus representantes, como indispensáveis para a conformação de blocos políticos unificados. Constatamos, através da pesquisa, que alguns elementos constitutivos dessas identidades foram privilegiados, em detrimento de outros, e também que variavam de acordo com as mudanças de conjuntura política.

Embora compartilhassem do mesmo foco, a Ibero-América, as duas publicações tiveram origens e propostas distintas: ambas atuaram em campos ideológicos opostos e se constituíram como armas de luta política. CA foi gestada por um grupo de intelectuais

---

¹ Doravante as revistas serão identificadas pelas iniciais CA e CH

mexicanos e exilados espanhóis em decorrência da Guerra Civil que se identificavam com o republicanismo e, portanto, eram opositores ferrenhos do franquismo; *CH* surgiu, posteriormente, com vistas a ampliar as bases de apoio do regime franquista no continente latino-americano. Cabe lembrar que o governo franquista estava isolado desde o final da Segunda Guerra em virtude de sua anterior identificação com a ideologia nazifascista e apoio a integrantes do Eixo.

No que se refere às balizas cronológicas da pesquisa, cabe justificar as escolhas. O marco inicial – 1942 – foi definido porque nesse ano teve início a circulação de *CA*. A criação da revista tinha como objetivo principal conquistar apoio à política de oposição ao governo franquista, visando a derrubada de Franco. Vale ressaltar que os EUA entraram efetivamente na II Guerra Mundial em dezembro de 1941, portanto o ano de 1942 começou com o envolvimento direto dos norte-americanos no conflito mundial. O marco final – 1955 – refere-se ao ano de aceite da participação da Espanha na ONU, episódio que significou o fim do isolamento político espanhol, motivo pelo qual havia sido criada *CH*. Com relação a *CA*, o ano de 1955 também foi importante porque a admissão da Espanha nessa comunidade internacional significou uma derrota dos opositores do franquismo. A partir de 1955, houve uma mudança de orientação nas duas revistas, que circulam até os dias de hoje.

A participação dos exilados espanhóis em *CA* foi se tornando mais espaçada e a situação da Espanha foi perdendo importância nas páginas da revista. *CH*, embora mantivesse o contato e o interesse pelo continente americano, já não o privilegiava como antes, passando a destacar assuntos relacionados à situação europeia.

É importante esclarecer que as identidades transnacionais, tema central deste estudo, são propostas a partir de situações que exigem parceria entre membros ou instituições de vários países que permita fortalecer projetos de diversas naturezas ou angariar apoio para determinadas causas.

Como aponta Maria Helena Capelato (2000), as experiências de intercâmbio e alianças entre nações são imprevisíveis e dependem de inúmeros fatores. Mas, segundo a autora, as tentativas de aproximação acabam contribuindo para a tomada de consciência de participação da unidade/nação num todo maior². Essa tomada de consciência faz parte da construção de identidades transnacionais.

O tema das identidades transnacionais

Na tentativa de compreender a construção e reconstrução das identidades que orientam o perfil editorial das duas revistas, tomamos como referência alguns autores que apresentam reflexões relevantes sobre o assunto.

A identidade ganha significação nos momentos históricos considerados críticos que acabam motivando sua elaboração ou (re) discussão. Ulpiano Bezerra de Menezes (1993, p. 210-211), ao abordar o tema das identidades culturais, afirma:

Com efeito, não só a identidade é um processo incessante de construção/reconstrução, como também ganha sentido e expressão nos momentos de tensão e ruptura – precisamente quando se aguça a percepção da diferença e sua presença se faz mais necessária. Assim, não existe identidade em abstrato. A identidade só pode ser identificada “em situação”. Sem historicização e análise de conjunturas é inconsequente o estudo de referências culturais. [...] Além disso, a identidade se fundamenta no presente, nas necessidades presentes, ainda que faça apelo ao passado – mas é um passado também construído e reconstruído no presente, para atender os reclamos do presente.

---

² A autora se refere à integração do Brasil no Mercosul como experiência importante para a possibilidade de identificação dos brasileiros com seus vizinhos do Continente.

Nas construções identitárias, propagandeadas em cada uma das revistas, observa-se o constante recurso à história e à memória. Tais referências, no entanto, estão relacionadas a questões e dilemas próprios dessa primeira fase em que circularam, temas estes que tinham como referências básicas a Guerra Civil Espanhola e o advento do franquismo.

O tema das identidades foi objeto de interesse de pesquisadores de várias áreas nas últimas décadas. A maioria dos estudiosos se preocupou em mostrar que as identidades não se constituem como essência, ou seja, não são estanques. Elas são mutáveis de acordo com as circunstâncias históricas.

Benedict Anderson, em sua obra **Nação e Consciência Nacional** (1983), mostra como a partir de um processo histórico determinado foram criadas as “comunidades imaginadas” da nacionalidade. A partir dessa análise, pode-se concluir que as identidades a elas relacionadas são fruto de uma construção passível de reconstrução e releitura, de acordo com as mudanças históricas.

Não só as identidades nacionais como todas as formas de identidade coletiva se constituem a partir de uma determinada conjuntura histórica e se modificam ao longo dos tempos.

Ainda no que se refere ao estudo das identidades, cabe lembrar que as identidades nacionais, concebidas como imutáveis desde suas construções no século XIX, passaram a ser rediscutidas na pós-modernidade, no final do século XX. Após o fenômeno da globalização, das mobilizações populacionais, do multiculturalismo, o tema das nacionalidades foi repensado, colocando em xeque a importância das nações. Nesse contexto, o papel das identidades nacionais também foi rediscutido, o que resultou na emergência de outros tipos de identidades coletivas.

O nosso estudo se refere às identidades culturais transnacionais que também têm sido valorizadas nas revisões historiográficas sobre o tema das identidades.

Tais revisões são fruto do processo de globalização que, como mostram vários autores, provocou uma percepção de encurtamento do tempo relacionado ao alargamento do espaço devido à conexão veloz das mais diferentes e longínquas comunidades. Esse processo também resultou em movimentos constantes de desintegração e integração de grupos.

Segundo Stuart Hall (2006a, p. 78), as conexões num mundo globalizado resultaram no triunfo do global sobre o nacional, mas também no fortalecimento de identidades locais, nas suas velhas formas regionalistas.

Cabe esclarecer que as revisões sobre o tema das identidades, no sentido indicado por Stuart Hall, por exemplo, não têm relação com esse aspecto do nosso estudo. As identidades transnacionais, construídas pelas revistas em foco num tempo em que as comunicações ainda eram lentas e distantes, também tinham motivações diversas das identidades forjadas em tempos de globalização. No entanto, tanto os estudos atuais como os que tratam de um passado mais longínquo se beneficiam das mudanças de interpretação no que se refere às identidades como construções históricas mutáveis.

Analisamos as identidades ibero-americanas e hispano-americanas como construções edificadas no campo da cultura, mas orientadas por interesses políticos e, indiretamente, econômicos. Elas foram elaboradas com o objetivo de promover a união de povos que tinham um passado comum (o passado ibérico), fator que poderia ser capaz de gerar um sentimento de pertencimento, fundamental para a coesão de um grupo composto por europeus e americanos.

Benedict Anderson, Eric Hobsbawm, Edward Said e outros estudiosos do tema insistem na importância do passado, das origens, das memórias compartilhadas para se compreender a formação de um imaginário social no qual se inserem as identidades. No caso que analisamos, o sentimento de pertencimento é ativado a partir do passado ligado a Metrópole ibérica (Espanha), enaltecida em *CH* e repudiada em *CA*.

O exercício realizado pelos colaboradores de ambas as revistas para idealizar uma identidade construída a partir de diferentes nações era peculiar, porque não se restringia a nenhum país em particular; ao contrário, a intenção era mobilizar todas as nações latino-americanas. De fato, as publicações circulavam por todo subcontinente, e *CH* era distribuída também na Espanha³. Em suma, as revistas tinham um caráter transnacional⁴.

Os responsáveis por *CH* e *CA* buscavam inserir as respectivas publicações num espaço continental através de uma ação transnacional⁵. Nesse ponto, é importante destacar que as duas revistas não eram apenas internacionais por circularem em vários países mas transnacionais, porque tanto suas origens como a direção de suas respectivas atuações pretendiam atuar de forma a interferir, buscando uma ação conjunta, numa comunidade identificada como Ibero-americana⁶.

O papel dos intelectuais nas revistas

Como já foi dito, *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos Hispanoamericanos* resultaram de projetos editoriais bastante distintos. *CA* nasceu em 1942 como uma **revista de cultura**

---

³ Para refletir sobre esse processo de circulação me vali do trabalho de pesquisa de José Luis Bendicho Beired que procura reconstituir uma rede hispano-americana no espaço atlântico. O pesquisador tem discutido, em vários textos, a circulação de ideias e a formação de um espaço de comunicação constituída pelos intelectuais espanhóis e hispano-americanos. Menciono um deles: BEIRED, 2010.

⁴ A perspectiva de uma análise transnacional em História é relativamente nova. Os primeiros estudiosos a utilizarem o conceito de *Transnacionalidade* foram os acadêmicos das Ciências Sociais ao tentarem estudar o comportamento “transfronteiriço” dos imigrantes mexicanos nos EUA. Por isso, o conceito de transnacionalismo está associado aos novos espaços de interação criados por imigrantes, que sem deixarem de se relacionar no seu novo país, mantêm vínculos econômicos, sociais, culturais e políticos com sua terra de origem. Atualmente esse viver “transfronteiriço” é possibilitado pelas inovações tecnológicas, de comunicação e transporte.

⁵ Sobre transnacionalismo, cf. BERTONHA, 2010.

⁶ Segundo Palma Steigenga e Girón S. (2008): “*El término transnacionalismo no tiene una definición fija y final. Los expertos en las áreas de estudios culturales, religiosos, de migración, ciencias políticas, sociología y antropología utilizan el término para explicar situaciones diferentes, en contextos diferentes. Transnacionalismo, en su sentido más general, se refiere a actividades, organizaciones, ideas, identidades y relaciones económicas y sociales que con frecuencia atraviesan y trascienden fronteras nacionales*”.

formada por um grupo de **intelectuais** econômico e político do novo poder. *CA* expressava a posição dos intelectuais que eram adeptos do republicanismo e, portanto, antifascistas. *CH*, ao contrário, era expressão de uma política de um governo que alcançou o poder graças ao apoio recebido da Alemanha de Hitler e da Itália fascista.

No início de *CA*, o corpo editorial era constituído da seguinte forma: Diretor-gerente: Jesús Silva Herzog (mexicano) e como Secretário Juan Larrea (espanhol). Faziam parte do conselho editorial (chamado pela revista de “Junta de Gobierno”): Pedro Bosch Gimpera (espanhol), Daniel Cosío Villegas (mexicano), Mario de La Cueva (mexicano), Eugenio Ímaz (mexicano), Manuel Márquez Rodríguez (espanhol), Manuel Martínez Báez (mexicano), Agustín Millares Carlo (espanhol), Bernardo Ortiz de Montellano (mexicano) e Alfonso Reyes (mexicano).

Jesús Silva Herzog escreveu várias obras de história e economia, dentre elas *Un ensayo sobre la Revolucion Mexicana*. Além disso, usufruía de influência política: teve uma posição de destaque no governo de Cárdenas, atuou no Comitê que conduziu o processo de nacionalização do petróleo mexicano e participou da Secretaria da Fazenda do mesmo governo. Juan Larrea era poeta considerado vanguardista, adepto do movimento surrealista e por suas posições artísticas e políticas foi obrigado a exilar-se no México durante a Guerra Civil Espanhola⁷. Os outros componentes do comitê editorial de *CA* também possuíam uma posição política relacionada às suas atividades literárias e intelectuais.

---

⁷ Citei brevemente a vinculação intelectual dos membros do conselho editorial da revista: Pedro Bosch Gimpera: Espanhol, historiador especializado em pré-história. Foi Catedrático de História Antiga e medieval na Universidade de Barcelona. Por suas posições políticas afinadas com a República, foi obrigado a exilar-se no México. Eugenio Ímaz: Filósofo e tradutor espanhol. Colaborou em várias revistas espanholas antes da Guerra Civil como *Occidente* e *Cruz e Raya*. No exílio, foi um dos responsáveis por “España Peregrina”. Manuel Martínez Báez: Médico, escritor e acadêmico mexicano. Representou o México como delegado permanente na UNESCO. Participou na criação da Organização Mundial da Saúde (OMS), chegando a ser vice-presidente. Agustín Millares Carlo: Escritor, historiador e paleógrafo espanhol. Foi catedrático na Universidade de Granada e Madrid. Durante seu exílio no México atuou na UNAM e no Colégio de México. Bernardo Ortiz de Montellano: Poeta e escritor mexicano. Foi membro do grupo Contemporâneo, em que ajudou a fundar com os outros membros a revista que levou o mesmo nome. Foi diretor da revista *Letras de México*. Publicou alguns

A revista *CA*, de orientação republicana, teve ampla recepção, não apenas no México, mas também em outros países da América Latina.

Diante do prestígio alcançado pela revista antifranquista, do outro lado do Atlântico, acabou aparecendo uma resposta dos espanhóis nacionalistas para fazer frente à que atacava o governo espanhol. O governo de Franco apoiou a proposta de publicação da revista opositora, criada para fazer apologia da política cultural que visava a aproximação dos latino-americanos, realizada pelos órgãos governamentais. Tal aproximação era essencial porque a Espanha necessitava do apoio de outras nações para fazer frente ao ostracismo a que ficara relegada no pós-guerra.

Para realização do projeto voltado para a divulgação da cultura hispânica na América Latina, foi criado, em 1940, o *Consejo de Hispanidad* que realizou uma série de atividades para atrair os integrantes das ex-colônias, invocando as origens comuns. Como os resultados obtidos por esse órgão foram modestos, ele foi substituído, em 1945, pelo *Instituto de Cultura Hispánica*⁸, através do qual foi montado um eficiente sistema de publicações, norteado pelos mesmos objetivos que orientaram a criação do órgão anterior. Em princípios de 1947, ficou definido que o trabalho editorial do *Instituto* se encarregaria da preparação de duas publicações periódicas: *Mundo Hispánico*, revista ilustrada e voltada para o grande público, e *Cuadernos Hispanoamericanos*, dirigido para um público seletivo, porém com vistas a reforçar a identidade hispânica. Os responsáveis por esta publicação tinham como uma das tarefas principais fazer frente às críticas ao franquismo, publicadas em *CA* (CAPELATO, 2005).

O pano de fundo desse projeto de aproximação cultural era a *hispanidad*, ideologia constituída a partir de elementos da tradição monárquica católica de extrema direita, que

---

livros e ensaios como *Literatura indígena e colonial mexicana* (1946). Sobre Alfonso Reyes e Daniel Cosío Villegas, falarei no primeiro capítulo.

⁸ Transformado em Instituto de Cooperación Iberoamericana no início da década de 1980.

orientava a direção da Espanha franquista. Também eram exaltadas a cultura do Século de Ouro e a política que sustentou o Império Colonial do passado.

A revista de cultura espanhola começou a circular em 1948 e continua sendo publicada até os dias de hoje. Seu fundador foi Pedro Laín Entralgo, intelectual erudito de formação humanística que esteve ligado ao grupo falangista⁹. Entralgo dirigiu o periódico na sua primeira fase, ou seja, entre 1948 a 1951; foi substituído por Luis Rosales, que dirigiu a revista no período de 1951-1966. Luis Rosales era poeta e, apesar de ser falangista, tinha amigos com posicionamento político oposto ao seu, como, por exemplo, Federico García Lorca¹⁰.

Além de Pedro Laín Entralgo e Luis Rosales como dirigentes, *CH* também contou com a participação de Enrique Casamayor como secretário. Faziam parte do Conselho de Redação da revista: Angel Alvarez de Miranda, Manuel Benítez Sánchez-Cortez, Gabriel Cuevas, Jaime Delgado, Luiz Gonzalez Robles, Jului Icasa, José Perez del Arco, Alfredo Sánchez Bella, Florentino Perez Embide, Maximino Romero de Lema, Francisco Sintes, Modesto Suárez, Leopoldo Zumalacarregui (CAPELATO, 2005, p. 346)¹¹.

Tanto as revistas *CA* quanto *CH*, em suas origens, foram dirigidas por intelectuais ligados, direta ou indiretamente, às questões políticas de seu tempo.

A propósito da relação desses intelectuais com a política, julgo importante mencionar as considerações de Norberto Bobbio (1997) sobre o assunto. Ele definiu os intelectuais como

---

⁹ O pensamento de Laín Entralgo pode ser resumido em: crítica à Europa, afirmação da Espanha católica e defesa do Estado totalitário como meio para solução dos problemas na Europa. Participou da equipe ministerial de Franco ocupando um cargo ligado ao Serviço Nacional de propaganda. Cf. CAPELATO, 2005, p. 350-355.

¹⁰ Luis Rosales participou com Pedro Laín Entralgo do grupo falangista conhecido como o grupo de Burgos. Esse grupo contava com intelectuais que tinham em Dionísio Ridruejo sua liderança.

¹¹ A seguir um resumo das características intelectuais de alguns: Angel Alvarez de Miranda: Historiador das religiões, filólogo e ensaísta espanhol. Foi catedrático de História das religiões na Universidade Central de Madrid. Jaime Delgado: Escritor e historiador espanhol, era falangista. Luiz Gonzalez Robles: Promotor de exposições, diretor de museu e crítico de arte. Alfredo Sánchez Bella: Político e historiador. Combateu na Guerra Civil Espanhola ao lado dos franquistas. Ocupou vários cargos públicos como: Vice-secretário do Conselho Superior de Investigações Científicas (1960-1941); Diretor do Instituto de Cultura Hispânica (1946-1956) e Ministro da Informação e Turismo (1969-1973).

os sujeitos aos quais se atribui, de fato ou de direito, a tarefa específica de elaborar e transmitir conhecimentos, teorias, doutrinas, ideologias, concepções do mundo ou os sistemas de ideias de uma determinada época e de uma determinada sociedade (ibid., p. 110). Para Norberto Bobbio caberia ao intelectual agitar ideias, levantar problemas, elaborar programas ou apenas teorias gerais.

No caso dos intelectuais mexicanos ligados à revista *CA*, embora estivesse presente em seus horizontes a atuação política, como salientamos antes, não se tratava de políticos profissionais; eles eram, acima de tudo, intelectuais em defesa de uma causa que os motivava a intervir na política, orientados por suas ideias e concepções sobre o mundo no qual estavam vivendo.

Com relação aos intelectuais ligados à revista *CH*, consideramos que eles também atuavam politicamente a partir de uma causa. Mas se diferenciavam dos primeiros não só porque a revista surgiu e permaneceu vinculada aos órgãos institucionais, mas, sobretudo, porque atuavam no contexto de um regime ditatorial que impedia manifestações independentes. *CA*, ao contrário, conseguia expressar-se com certa autonomia porque o governo mexicano não exercia controle sobre as publicações¹².

Segundo Carlos Altamirano (2010, p. 09-28) observa-se na América Latina do século XX a presença de escritores, criadores ou difusores da cultura, acadêmicos agindo como atores políticos e que, no debate público, assumem o papel de consciência do seu tempo, intérpretes da nação ou voz de seu povo.

A forte inserção dos intelectuais mexicanos, que criaram a revista *CA*, nos meandros do poder através de cargos públicos reforça as observações de Altamirano sobre o

---

¹² Aqui cabe uma ressalva em relação aos exilados espanhóis: eles sentiam que tinham uma dívida com Lázaro Cárdenas, tanto pelo apoio que este havia prestado ao governo republicano espanhol quanto pelo asilo político oferecido aos milhares de espanhóis. Por isso, eles declararam, em algumas ocasiões, que nunca criticariam Cárdenas.

imbricamento entre atores intelectuais que também agem como atores políticos. Essa interligação foi fundamental para a criação da revista mexicana, como procuraremos mostrar.

Para finalizar as observações sobre os intelectuais, objetos desta pesquisa, que se insere no campo da história intelectual, cabe esclarecer que a análise das fontes também nos levou a estabelecer relações entre a história intelectual e outros campos da história.

Por este motivo, recorri às considerações de Jean-François Sirinelli (2007, p. 232) quando afirma que a história intelectual está situada no cruzamento das histórias política, social e cultural. Para o autor, a história dos intelectuais passa pela “pesquisa, longa e ingrata, e pela exegese de textos, particularmente de textos impressos, em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo” (ibid., p. 245).

A história intelectual privilegia os discursos porque estes dão acesso a aspectos da história, o que não seria possível por outros meios. Acreditamos, por isso, que os textos produzidos pelos intelectuais e publicados nas revistas nos permitem estabelecer relações entre suas ideias e a cultura política de sua época, bem como do significado das identidades que procuraram construir.

Os textos publicados nas duas revistas foram escritos, em muitos casos, por autores de grande projeção na época. Mas eles eram publicados a convite do corpo editorial e após o aceite dos seus membros. Para a publicação acontecer deveria haver afinidade, ainda que mínima, de ideias entre os “colaboradores” e os membros da equipe editorial.

A propósito desta afinidade Jean-François Sirinelli (ibid., p. 248) afirma:

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece.

Não temos a pretensão de reconstituir as redes compostas pelos editores e colaboradores tanto de *CA* quanto de *CH*, pois esta tarefa complexa exige outro tipo de trabalho que se distancia dos objetivos de nossa proposta. No entanto, procuraremos destacar os contatos entre os autores e editores que movimentaram as revistas durante o período estudado.

No caso de *CA*, o elemento exílio se configura como um dado importante no que se refere aos contatos entre intelectuais de diferentes nacionalidades, o que resultou na criação de redes de solidariedades, com o objetivo de possibilitar a sobrevivência de muitos deles através da indicação para trabalhos remunerados e também para a continuidade e expansão das atividades intelectuais e políticas¹³.

Os exilados espanhóis no México conseguiram, graças a contatos estabelecidos anteriormente à Guerra Civil espanhola, obter apoio de intelectuais como Alfonso Reyes e Daniel Cosío Villegas, que intercederam junto ao governo mexicano para seu abrigo. Eles também conseguiram trabalho através de instituições como a Casa da Espanha, criada para abrigar esses intelectuais espanhóis. Instalados no México, dinamizaram a produção cultural do país, inclusive na publicação e circulação de traduções de obras de destacados pensadores ingleses, franceses e alemães¹⁴.

Gabriela Pellegrino Soares (2007) destaca o relevante papel que os exilados da Guerra Civil Espanhola tiveram no mercado editorial tanto no México como na Argentina. Segundo a autora, “a atuação de exilados espanhóis em diferentes níveis da arte da edição na Argentina e no México transferiu práticas, conceitos e sensibilidades aos companheiros de trabalho que se

---

¹³ Ricardo Melgar Bao (2004, p. 66-67), ao estudar sobre Haya de la Torre no México, afirma que tais redes possibilitaram que “[...] *Haya e otros desterrados pudiesen conseguir trabajo remunerado y atender las cotidianas contingencias de la supervivencia en país ajeno, fuera de potenciar sus expandidas actividades intelectuales y políticas*”.

¹⁴ Ricardo Melgar Bao (2004, p. 66) afirma que “*Las figuras del destierro, del asilo, del viaje abierto o clandestino aunadas a la mayor o menor porosidad de las fronteras territoriales y marítimas para la circulación de ideas y personas, cargaron de nuevos sentidos la política interior y exterior y sus inéditos espacios de mediación*”.

iniciavam no *métier*". Com essa atividade junto às editoras, percebemos que os espanhóis auxiliaram na dinamização e modernização do mercado editorial de dois importantes centros culturais, a Argentina e o México.

No caso do México, esse encontro de intelectuais espanhóis produziu diversos frutos, como a revista *Cuadernos Americanos*. Dessa forma, podemos entender esta revista como resultado e também como fomentadora de redes intelectuais transfronteiriças¹⁵.

As revistas como objeto e fonte de estudo

No que se refere ao objeto e fonte "revistas culturais", procuramos mostrar como elas abrigaram o pensamento de autores na busca da formulação e defesa de uma causa, como formularam e defenderam posições políticas, ou mesmo como se colocaram frente a discussões e polêmicas sobre temas diversos¹⁶.

As revistas que analisamos atuaram nesse sentido e contribuíram ainda para a "fermentação intelectual", como indica a expressão preconizada por Sirinelli (2007, p. 249).

Para destacar as especificidades das revistas cabe, em primeiro lugar, diferenciá-las dos livros, porque estes, ao serem publicados, exprimem o trabalho concluído do seu autor, que poderá ser até refutado por seus pares, mas é uma obra acabada. Beatriz Sarlo (1992) afirma que o tecido discursivo das revistas pode ser visto como um laboratório onde se

---

¹⁵ O termo "rede transfronteiriça" foi retirado do texto de Ricardo Melgar Bao (2004) e referido no texto introdutório da publicação que também foi organizada por Regina Crespo (2010, p. 13).

¹⁶ Para revista cultural, uso a definição de Alexandra Pita Gonzalez (2009a, p. 23): "*A diferencia de las llamadas revistas literarias del siglo XIX, las culturales hacen su aparición en América Latina durante la segunda y tercera década del siglo XX y se caracterizan por dedicarse a una amplia variedad temática y presentarse como órganos de expresión de grupos que defendían determinada propuesta política y artística. Así, los intelectuales inmiscuidos en estas verdaderas empresas culturales buscaban expresar sus inquietudes en este medio de comunicación y, simultáneamente, encontrar un espacio que legitimara la posición política, social y cultural que deseaban alcanzar*".

experimentam propostas estéticas e posições ideológicas. A autora também se refere a elas como instrumentos da batalha cultural, que se define pelo conjunto de problemas, colocados por seus editores no centro de sua pauta.

A batalha cultural, na qual *CA* e *CH* estavam inseridas, era definida pelo conflito entre republicanos e nacionalistas franquistas. A partir dessas pautas, os responsáveis pelas revistas se propuseram a construir identidades transnacionais (ibero-americana e hispano-americana), com o objetivo de legitimar projetos capazes de unir certos grupos em oposição a outros. Como as posições ideológicas defendidas nas duas publicações eram antagônicas, elas acabaram se constituindo em armas de luta usadas na defesa de suas causas.

Procuramos mostrar que os textos publicados nas duas revistas explicitavam a preocupação com as questões de “seu tempo” e a intenção de intervir no sentido de provocar mudanças¹⁷. Tanto *CA* quanto *CH* se voltavam para a política internacional mas com olhares distintos. No caso de *CH*, constatamos inquietações referentes à posição desconfortável que a Espanha se encontrava após a II Guerra Mundial. O desejo de valorizar uma identidade hispano-americana fica evidente na tentativa de estabelecer uma política de aproximação da Espanha com os demais países da comunidade hispânica, para alcançar apoio internacional e melhor posição do governo franquista dentro do novo cenário mundial.

Se o tempo da revista é o seu presente, seu espaço é o da esfera pública. As revistas culturais, mesmo não sendo direcionadas ao grande público, mas sim para uma parcela da

---

¹⁷ Sobre o tempo das revistas Beatriz Sarlo (1992, p. 10) afirma: “*Como sea, la sintaxis de la revista rinde un tributo al momento presente justamente porque su voluntad es intervenir para modificarlo. Y los aciertos o los errores de esa apuesta saltan literalmente a la vista en la primera ojeada: los índices de las revistas (como los catálogos de un editorial) son testimonios frente a los cuales el historiador debe precaverse del placer del anacronismo*”.

população que tem familiaridade com os assuntos por ela abordados, pretendem formar opinião, ou melhor, a opinião pública¹⁸. Nos dois casos, uma opinião pública de elite.

Segundo Roxana Patiño (2009, p. 461):

As revistas culturais abrigaram a crítica como intervenção política, que resiste a se enquadrar na tensão entre crítica do mercado e crítica do museu, entre o discurso jornalístico e o discurso universitário, mas que em sua saída dos limites do gênero deve enfrentar outro desafio: ser uma intervenção na esfera pública a partir do discurso intelectual, e não fora dele.

As revistas culturais em foco buscavam atingir, orientadas por objetivos políticos, o público leitor, porém o limite de alcance era o número de leitores identificados com o discurso intelectual. Elas produziram textos elaborados por intelectuais e, portanto, respeitavam os cânones exigidos por esse tipo de produção, como: formalidade na linguagem e fundamentação teórica, aspecto balizador de suas teses. Havia ainda uma maior diferenciação dos textos jornalísticos, caracterizados pelo imediatismo e ausência de referências.

As revistas aqui estudadas publicavam textos mais próximos do formato acadêmico, mas nem por isso as ideias formuladas com a pretensão de intervir no espaço público deixavam de ser apresentadas com clareza suficiente para demonstrar a capacidade das ideias como armas de combate.

Assim, as revistas se constituíram como objetos e fontes desta pesquisa. Após as observações que apresentamos a propósito do significado das revistas como objeto, cabe fazer referências a sua aceitação como fonte legítima para a pesquisa histórica¹⁹.

No dicionário, a palavra revista significa: “Publicação periódica de cunho informativo, jornalístico ou de entretenimento, geralmente voltada para públicos segmentados”. Esse

---

¹⁸ Segundo o **Dicionário de Política** de Norberto Bobbio (1983, p. 842), a Opinião Pública “é de um duplo sentido: quer no momento da sua formação, uma vez que não é privada e nasce do debate público, quer no seu objeto, a coisa pública”.

¹⁹ A propósito desse processo de legitimação dos periódicos como fonte histórica, cf. LUCA (2006).

gênero de imprensa se individualizou aos poucos, em relação a outros gêneros de impressos periódicos. Inicialmente, as revistas abordavam os mais variados assuntos, mas as especializações acabaram se impondo e diferentes revistas surgiram, voltadas para públicos específicos para os quais eram apresentadas temáticas específicas.

Com a renovação da História Política, as revistas foram consideradas importantes fontes historiográficas por se constituírem como espaços nos quais os debates sobre temas relevantes da época, sobretudo os de natureza política, sempre polêmicos, podiam ter maior visibilidade.

Atualmente, os estudos historiográficos que se valem de revistas como fontes já não são novidades: cada vez mais surgem novos trabalhos com novas abordagens, possibilitadas pelo recurso a essa fonte.

No entanto, alguns aspectos relacionados a esse tipo de fonte devem ser levados em conta em pesquisas que nelas se baseiam.

No caso deste estudo, ao analisar as revistas, levamos em conta o fato de que elas não eram resultados de esforços individuais, mas sim o produto de uma obra coletiva. A partir dessa evidente constatação, procuramos caracterizar o grupo responsável pela publicação, identificando os editores e os principais colaboradores.

Outro fator relevante a ser considerado na análise das revistas é a forma como está organizado seu conteúdo: as seções existentes, os editoriais, os títulos dos artigos e sua localização no corpo da publicação. A observação desses detalhes permite perceber os temas mais e os menos relevantes. Os assuntos importantes do período que são silenciados pelo periódico também merecem atenção, porque oferecem pistas para se refletir sobre as razões do silêncio.

As pesquisas de revistas, principalmente as de longa duração como é o caso das que analisamos, exigem uma seleção criteriosa dos números a serem consultados. Essa seleção

permite verificar a permanência ou ruptura de uma linha editorial ao mesmo tempo em que possibilita a identificação do seu discurso.

Para esta pesquisa, todos os números do período de 1942 a 1955 em *CA* e de 1948 a 1955 em *CH* foram consultados. Diante da amplitude de temas abordados pelas revistas foi necessário fazer uma seleção. Não foram considerados os artigos referentes a: Arqueologia, filosofia, participação de intelectuais que não fossem da comunidade ibero-americana, discussões amplas sobre a História, resenhas. Só foram utilizadas resenhas em que o assunto tratado estava relacionado diretamente ao proposto nesta pesquisa. Também não consideramos para esta pesquisa poesias e críticas a obras de arte publicadas.

Os artigos, depois de lidos e fichados, foram organizados segundo os temas que tratavam. A organização desses temas levou em consideração os objetivos da pesquisa, ou seja, as identidades ibero-americanas e hispano-americanas. Serviu-nos ainda como critério de classificação dos artigos a abordagem de temas que tratavam da posição política em relação a Ibero-América, a Espanha e aos EUA.

Outro ponto relevante na pesquisa diz respeito ao financiamento dos periódicos, bem como os vínculos que os responsáveis por eles estabelecem com grupos ligados aos poderes econômicos ou políticos. Procuramos investigar este aspecto com o intuito de compreender questões não explicitadas no conteúdo das revistas. Tal investigação contribuiu para explicitar a diferença entre uma revista que depende do poder público e a que sobrevive a partir de outros meios, como vendagem de exemplares e anúncios publicitários, entre outros. Esses fatores nos permitiram verificar que o tipo de financiamento das revistas influencia muito na independência de seu grupo editorial.

Cabe, finalmente, fazer menção a documentos relacionados à revista que muito contribuíram para a melhor compreensão do periódico.

CA, desde o início de suas atividades, demonstrou uma preocupação de seus editores em refletir sobre os resultados de seus objetivos e a recepção dos leitores. Em cada ano de aniversário da revista era realizado um jantar de comemoração e nesse evento três pessoas eram convidadas a discursar: um mexicano, um espanhol e um hispano-americano de outro país²⁰. Esses discursos, reproduzidos e publicados no número seguinte da revista, normalmente se referiam à importância da revista na luta pela liberdade e justiça na Ibero-América, além de apresentarem uma reflexão sobre questões do presente.

Na comemoração do quadragésimo e no quinquagésimo aniversário, houve a edição de números especiais, com a publicação de artigos nos quais foram feitas retrospectivas sobre a atuação do periódico desde sua criação. Nesses números, foram reproduzidos discursos de inauguração da revista pronunciados por Jesús Silva Herzog e Alfonso Reyes.

Em 1973, a editora de *Cuadernos Americanos* lançou um livro²¹ com o índice de matérias e autores publicados entre 1942 e 1971 na revista, trazendo também a opinião de vários intelectuais²² sobre o periódico. Esse material foi muito importante para esta pesquisa, porque nos permitiu ter uma visão geral, tanto dos assuntos tratados, quanto dos seus colaboradores, bem como sobre a repercussão da revista nos meios intelectuais.

---

²⁰ No período aqui abordado não houve o convite a nenhum brasileiro para pronunciamento desses discursos.

²¹ **Índice de Cuadernos Americanos – Materias y Autores, 1942-1971.** México, D.F.: Cuadernos Americanos, 1973.

²² Os intelectuais que tiveram suas opiniões transcritas foram: Ermilio Abreu Gomes, Germán Arciniegas, Andrés Eloy Blanco, Jorge Carrera Andrade, Benjamín Carrón, Alfonso Caso, Juan Comas, Felipe Cossío del Pomar, Roberto Fernández Retamar, Risieri Frondizi, Rómulo Gallegos, Juan D. García Bacca, Manuel Pedro González, Enrique González Martínez, Pedro Gringoire, Roberto Ibáñez, Juan Marinello, Ezequiel Martínez Estrada, Roberto G. Mead Jr, Mario Monteforte Toledo, Fernando Ortiz, Carlos M. Rama, José Luiz Romero, Paul M. Sweezy, Frank Tannenbaum, Rodolfo Usigli, Luis E. Valcárcel, Cintio Vitier e Agustín Yáñez.

Referências historiográficas sobre CA e CH

Tanto CA quanto CH já foram objetos de investigação historiográfica. Cabe mencionar os estudos já realizados, inclusive, para estabelecer a diferenciação deste estudo em relação aos que o precederam. Das duas revistas, a que mereceu um maior número de estudos foi CA, o que podemos creditar às peculiaridades da sua origem, e também à respeitabilidade que conquistou no meio intelectual ibero-americano.

A espanhola Ana González Neira (2008) pesquisou, no seu doutorado, a revista CA durante o período de 1942 a 1949, ano no qual ocorreu a saída de Juan Larrea da revista²³. A autora fez um minucioso levantamento de vários aspectos da revista e seu trabalho apresenta uma lista dos colaboradores classificados por nacionalidade, ou seja, uma espécie de “ranking” dos países que mais cooperaram para a sobrevivência do periódico²⁴.

Ana Neira González também indica os anunciantes, o preço e outros aspectos da materialidade da revista. A principal preocupação da autora, no entanto, consistia em analisar a relação de CA com os exilados espanhóis e a organização destes no exílio.

Liliana Weinberg também publicou artigos sobre CA. Dois deles foram importantes para nossa pesquisa: *El encuentro de un escritor y una revista: Alfonso Reyes y Cuadernos Americanos* (WEINBERG, 2010a) e *Cuadernos Americanos: la política editorial como política cultura* (id., 2010b). Estes artigos tratam, sobretudo, da colaboração de Alfonso Reyes na revista.

---

²³ Sua tese, intitulada *Cuadernos Americanos y la Hemerografía del exilio*, foi dirigida pelo Dr. José Díaz Nieva e apresentada no Departamento de História, Literatura y Pensamiento, da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Comunicación da Universidade San Pablo – CEU, em Madrid.

²⁴ Número de colaboradores da revista por nacionalidade: espanhóis 88, México 107, Argentina +- 50, Brasil 7 (Lídia Besouchet, Pero Botelho, Caio Prado Jr, Renato de Mendonça, Luiz Heitor Correa Azevedo, Newton Freitas e Gilberto Freyre), Chile 8, Colômbia 5, Costa Rica 3, Cuba 17, Equador 6, Guatemala 5, Honduras 1, Nicaragua 4, Panamá 1, Paraguai 1, Perú 16, Puerto Rico 3, República Dominicana 3, Uruguay 12, Venezuela 12.

Já *Cuadernos Hispanoamericanos* foi menos estudada. A revista foi objeto de reflexão do autor Blas Matamoro Rossi (2003), que publicou um estudo com o título *Una ojeada retrospectiva sobre Cuadernos Hispanoamericanos*. Neste trabalho, o autor apresenta um histórico da revista, suas diversas fases, seu estágio atual e sua criação como produto da política cultural do *Instituto de Cultura Hispánica*.

Ainda com relação à *CH*, cabe mencionar o artigo de autoria de Maria Helena Capelato (2005) intitulado *Cuadernos Hispanoamericanos - Idéias políticas numa revista de cultura*²⁵. Neste texto, a autora apresentou uma análise sobre o significado do nascimento da revista relacionado à política cultural do governo franquista. Mostrou as diferentes fases da revista e traçou um perfil de seu fundador Pedro Laín Entralgo.

Maria Helena Capelato é autora de outro estudo essencial para a análise que estamos propondo. Em *Revistas Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos como armas de luta política*, ela comparou a origem das duas revistas e seus objetivos, relacionando-os com o contexto político da época (id. 2006). A autora também analisou questões que provocaram divergência entre as revistas e as posições que elas assumiram em relação à cultura anglo-saxã, o capitalismo liberal, o pan-americanismo e a liderança espanhola sobre a Hispano-América.

Apresentação dos capítulos

O primeiro capítulo desta tese aborda o contexto em que as duas revistas foram criadas, seus fundadores e a motivação política e cultural que deu origem à criação dos

---

²⁵ Cabe esclarecer que este artigo serviu como inspiração para a escolha do tema desta tese.

periódicos. Também apresenta a equipe editorial, o espaço de circulação da revista, sua vinculação com outros periódicos e a relação com órgãos governamentais.

Neste capítulo, enfatizamos as relações entre os intelectuais que permitiram o surgimento das revistas, dando destaque para o caso de *CA*, que resultou do contato entre um grupo de intelectuais espanhóis exilados e intelectuais mexicanos.

Também salientamos as atuações dos principais responsáveis pelas revistas *CA* e *CH*, mostrando suas relações com os governos dos seus respectivos países.

No segundo capítulo, analisamos aspectos da identidade ibero-americana,²⁶ destacada pelos intelectuais que colaboraram em *CA* e *CH*. Abordamos uma questão relacionada às identidades bastante discutida nas revistas que dizia respeito à designação da comunidade de países que definiam as identidades.

Em *CA*, essa comunidade sugeria identidade entre países do continente americano, países situados abaixo do Rio Grande. O nome Ibero-América permitia supor vínculos entre os países do continente americano que tinham origem ibérica; neste caso, o Brasil estava incluído, mas a Espanha não era privilegiada. Em *CH*, a referência à identidade hispano-americana objetivava integrar a “Madre España” nesse imaginário identitário. A valorização da *hispanidad*, contida nessa denominação, deixava implícita a possibilidade de vínculos entre os povos hispânicos das duas margens do Atlântico. Mas é curioso constatar que tal designação não excluía o Brasil, país considerado como parte da comunidade hispânica pelos responsáveis desse projeto editorial.

---

²⁶ No que se refere às identidades que os representantes das duas revistas procuraram construir, cabe esclarecer que mostraremos as diferenças entre a identidade ibero-americana, proposta em *CA*, e identidade hispano-americana, apregoada em *CH*. No entanto, quando nos referirmos, genericamente, à questão dessas identidades, optamos pelo uso do termo *identidades ibero-americanas* porque permite englobar a Espanha.

Ainda no segundo capítulo, abordamos a questão das relações da Ibero-América com a cultura ocidental, tema que provocou amplo debate sobre a autonomia do pensamento ibero-americano em relação aos parâmetros da cultura ocidental.

No terceiro capítulo, procuramos mostrar que, nessa discussão sobre a particularidade da América Ibérica no conjunto da cultura ocidental, ainda que se permitisse a construção de uma identidade própria, não havia referências a presença indígena e africana na composição dessas sociedades. Com relação a este aspecto, tentamos chamar a atenção para o significado da ausência dessas culturas na construção das identidades subcontinentais.

Abordamos também, nesse capítulo, outro aspecto polêmico no que diz respeito às propostas de construção das identidades ibero-americanas. Neste caso, nos referimos à presença do Brasil como parte integrante dessa comunidade, majoritariamente constituída por hispano-americanos.

No quarto capítulo desta tese, buscamos analisar as posições das duas revistas em relação às questões mais importantes que foram colocadas a partir do final da II Guerra Mundial e o início da “Guerra Fria”. Constatamos que, nesse período, os desenvolvimentos econômico e político da América Ibérica tornaram-se um tema relevante em *CA*. Ao mesmo tempo, em relação à *CH*, observamos a preocupação com os rumos que o governo espanhol tomaria no cenário político internacional do pós-guerra.

Procuramos mostrar que as preocupações com as questões contemporâneas levaram os intelectuais responsáveis pelas duas revistas a avaliarem as alternativas de posições políticas a serem assumidas nessa conjuntura. No caso de *CA*, ganharam destaque, nesse momento, os debates sobre as relações da América Ibérica e Espanha com os EUA. Nessas discussões, foram inseridos os debates sobre a posição a ser assumida pelos intelectuais face ao golpe da Guatemala de 1954. O episódio causou forte impacto entre os intelectuais latino-americanos e

acabou resultando na proposta de uma terceira via a ser defendida pelos integrantes da Ibero-América que, nesse contexto, já incluía a Espanha.

Por meio das análises apresentadas nos quatro capítulos, buscamos demonstrar a importância das revistas para a compreensão da história de um determinado período, o papel dos intelectuais na criação das revistas culturais, a relação entre cultura e política na construção das identidades transnacionais e as modificações que ocorrem nessas identidades, que são revistas a partir das mudanças ocorridas nas conjunturas históricas.

1- O NASCIMENTO DOS *CUADERNOS*: *CA E CH*

O escopo desse capítulo é construir o panorama político que deu suporte a criação das revistas, identificando os grupos que fizeram parte do projeto inicial das duas publicações e seus primeiros objetivos. Esse capítulo tentará mostrar também como essas duas publicações tinham perspectivas de atuação política, mesmo que oficialmente, como era o caso de *CH*, se apresentasse como cultural e apolítica.

No primeiro item será abordado o contexto político em que as revistas foram pensadas. O segundo tópico investiga as conexões intelectuais que possibilitaram o surgimento de *CA*, sobretudo em relação aos intelectuais espanhóis exilados e os mexicanos. Neste item, destaca-se a participação de homens como Alfonso Reyes, Daniel Cosío Villegas e principalmente Jesús Silva Herzog.

A terceira parte do capítulo busca indicar os intelectuais aos quais os dirigentes de *CH* estavam ligados, bem como a postura política desses pensadores. Ganha destaque a abordagem sobre o primeiro dirigente da revista espanhola Pedro Laín Entralgo. Esse item também enfoca a preocupação da revista espanhola em aproximar os países ibero-americanos da Espanha.

1.1 Um período de turbulências

O período histórico do qual faz parte as revistas analisadas pode ser considerado como um dos mais agitados do século XX. *CA* iniciou suas atividades em 1942, fase em que a II G.M. ainda não estava definida. A revista tinha ainda como premissa a Guerra Civil

Espanhola, já que o nascimento da revista está intimamente ligado ao exílio de intelectuais espanhóis.

CH foi criada em 1948, quando a Guerra Fria estava em sua primeira fase. No período que separa a criação das duas revistas, os intelectuais ibero-americanos acompanharam a vitória dos aliados e também a consolidação do General Franco no poder. A pesquisa busca analisar as revista até 1955, o que proporciona o estudo também do testemunho de intelectuais sobre as mudanças ocorridas nas relações entre Estados Unidos, Ibero-América e Espanha.

Para explicar o nascimento de revistas, é fundamental situá-las no contexto histórico de sua criação, os motivos pelos quais elas foram criadas, os agentes que construíram o projeto editorial e deram forma a ele, bem como as ideias e posições político/ideológicas que os motivaram a realizar esse empreendimento. A pesquisa sobre as duas revistas escolhidas para análise, como já foi dito na Introdução deste trabalho, permitirá compreender o significado das ideias que circularam através dos periódicos, como circularam e com que objetivos. Da mesma forma que elucidará também as mudanças que ocorreram ao longo de suas trajetórias. Antes de apresentar as revistas, que são nosso objeto de análise, cabe situar o contexto em que ambas foram criadas.

1.1.1 O surgimento de *CA*

A revista *Cuadernos Americanos* surgiu num contexto político específico que explica os motivos de sua criação. Ela é fruto do encontro de Juan Larrea, poeta espanhol exilado no México, com Jesús Silva Herzog, destacada figura nos meios políticos e acadêmicos mexicanos. Dessa forma, *CA* é produto do encontro de intelectuais que tinham como objetivo intervir, através de suas publicações, no contexto político da época. Nela atuavam republicanos espanhóis exilados no México, após serem obrigados a deixar a sua pátria por

causa das vitórias dos nacionalistas, no decorrer da Guerra Civil. Esses espanhóis alimentavam a esperança de derrotar o franquismo a partir do exterior. Na revista, também atuavam mexicanos preocupados com os rumos da América Ibérica no tocante a relações de poder e influência política após o final da Segunda Guerra Mundial. Vale ressaltar que no momento em que a revista foi criada ainda era bastante incerto quem seriam os vencedores dessa guerra.

Quando foi deflagrada a Guerra Civil Espanhola, o México era governado por Lázaro Cárdenas (1934-1940), que desde o início apoiou a República espanhola, defendendo-a por meio de seus representantes diplomáticos na Sociedade das Nações. Nesta organização internacional, a posição majoritária era de que não se deveria intervir nessa Guerra, já que se tratava de um conflito interno. Tal posição era defendida pela Inglaterra e França. No entanto, os representantes do governo Cárdenas alegavam que a guerra espanhola era um problema da política internacional, pois os nacionalistas, liderados pelo general Francisco Franco, recebiam ajuda direta tanto da Alemanha quanto da Itália. Segundo a perspectiva mexicana, havia distinção entre governos agressores (Itália e Alemanha) e agredidos (República espanhola) nesse conflito, portanto lutar a favor da República espanhola significava lutar contra o avanço do fascismo na Europa. O México defendeu esta posição perante a Sociedade das Nações.

Em junho de 1937, o México recebeu cerca de 480 crianças espanholas fugidas dos bombardeios intensos que a Espanha sofria por parte dos aviões alemães, aliados das forças franquistas. Algumas eram órfãs de pais, mortos durante o conflito; outras, foram os pais que as mandaram para fora do país, com o objetivo de protegê-las. Além da acolhida às crianças e das manifestações em apoio à República espanhola junto à Sociedade das Nações, o governo Cárdenas também enviou cerca de 20.000 fuzis e 20 milhões de cartuchos para os republicanos.

No entanto, o ato que mais caracterizou a solidariedade do governo mexicano aos republicanos espanhóis foi o recebimento de aproximadamente vinte mil refugiados e exilados²⁷. No final de 1937, o presidente do governo espanhol Juan Negrín encarregou Juan Simeón Vidarte, secretário geral do PSOE (Partido Socialista Obrero Español) e homem de sua confiança, de uma missão secreta junto ao presidente Cárdenas. Simeón Vidarte conseguiu um encontro com Cárdenas em que pôde averiguar, no caso de uma derrota, se o México estaria disposto a receber refugiados e exilados republicanos espanhóis. Segundo Simón Vidarte (1973, p. 765 et seq.), a resposta de Cárdenas foi a seguinte:

Si ese momento llegar puede usted decir a su Gobierno que los republicanos españoles encontrarán en México una segunda patria. Les abriremos los brazos con la emoción y cariño que su noble lucha por la libertad y la independencia de su país merecen [...] Podrán ejercer sus profesiones como si hubieran obtenido sus títulos en nuestras universidades y la Universidad mexicana se honrará abriendo sus puertas a los catedráticos a los que, por amor a libertad y la independencia de su país, les sea imposible vivir en España.

Apesar dessa disposição em aceitar os espanhóis, o governo mexicano impôs algumas condições: uma delas era a de que o governo de Cárdenas não desembolsaria dinheiro para o traslado dos espanhóis e, outra, dizia respeito ao estabelecimento dos refugiados fora das grandes cidades. Além disso, o governo privilegiava a vinda de jovens, principalmente agricultores, pescadores e técnicos qualificados. O grupo que seria encaminhado ao México deveria representar proporcionalmente todas as facções políticas e sindicais da esquerda e se daria prioridade àquelas pessoas cuja vida corria perigo (ALTED, 2005, p. 216).

---

²⁷ É difícil estabelecer uma diferença precisa entre refugiado e exilado. O autor Bruno Groppa (2002) fez uma retrospectiva sobre os termos e suas variações entre os séculos XIX e XX. Para Groppa, o exilado pode ser um refugiado político, mas nem todo refugiado é um exilado político. A palavra exílio traz uma conotação de banimento. O exílio é um afastamento da pátria para fugir de perseguição, violência, morte ou prisão. Os exilados políticos, segundo Groppa, se caracterizam por um forte vínculo ao país de origem e pela vontade de continuar lutando contra o regime responsável pelo seu exílio. Eles aspiram o retorno. Para Edward Said (2003, p. 54), o termo refugiado sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorreada que precisa de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo “exilado” traz consigo um toque de solidão e espiritualidade.

Em 1939, chegaram as três primeiras expedições de refugiados e exilados, saídos dos campos de refugiados na França. Foram os navios *Sinaia*, com 1.599 passageiros; o *Ipanema*, com 994; e o *Mexique*, com cerca de 4.660 refugiados (CAUDET, 1992, p. 18). Destes imigrantes, 14% eram classificados como intelectuais e artistas e outros 14%, como profissionais liberais, somando um total de 28% com educação superior, uma porcentagem alta, o que reforça a ideia de que no México se estabeleceu a elite intelectual espanhola (ibid., p. 18-19). Vale destacar que essa elite não formava a maioria dos que entraram no México em decorrência da Guerra Civil espanhola, pois a maioria deles era de operários, artesãos, trabalhadores com algum tipo de especialização (32%) e trabalhadores agrícolas (20%).

Apesar das condições indicadas pelo governo mexicano para o ingresso de espanhóis refugiados, nem sempre elas foram seguidas pelos órgãos ligados à República espanhola. A seleção dos refugiados que deveriam ser encaminhados ao México era feita pela SERE e pela JARE²⁸, que favoreceram seus partidários em detrimento dos outros. A maior parte dos imigrantes era ligada ao setor terciário, e não ao primário, e se encaminhou principalmente para as grandes cidades, não para o campo (ALTED, 2005, p. 216-217).

O apoio do governo aos refugiados e exilados espanhóis não era unanimidade no México. Havia setores da sociedade mexicana que não viam com bons olhos a imigração de exilados ibéricos. Para aqueles que nutriam simpatias pelas ideias fascistas e eram anticomunistas, o ingresso desses exilados era perigoso e poderia provocar instabilidade política no país²⁹. Para outros, os recém chegados eram herdeiros de Hernán Cortés, e Lázaro

---

²⁸ A sigla significa SERE (Servicio de Evacuación de los Republicanos Españoles) e desenvolveu suas atividades no México através de sua filial CTARE (Comité Técnico de Ayuda a los Republicanos Españoles). Junto com sua rival, a JARE (Junta de Auxilio a los Republicanos Españoles), elas marcaram os primeiros anos do exílio mexicano. Cf. VELÁZQUEZ HERNÁNDEZ, Aurelio. **El exilio republicano Español en México; una emigración subvencionada (1939-1949)**. Universidad de Salamanca. Disponível em: <<http://www.ahistcon.org/docs/Santander/contenido/MESA%203%20PDF/Aurelio%20Velazquez%20Hernandez.pdf>>. Acesso em: 20 dezembro 2011.

²⁹ Segundo Alicia Altred (2005, p. 214): “*Algunas asociaciones católicas se unieron en su protesta contra la presencia de los exilados a organizaciones anticomunistas y a grupos nacionalistas de tendencias indigenistas y*

Cárdenas era “La Malinche” do momento, portanto suas presenças poderiam desestruturar a identidade mexicana.

Se, do lado mexicano, havia sentimentos contraditórios em relação aos espanhóis, do lado espanhol havia desconhecimento em relação ao mexicano (ALTED, 2005, p. 222):

Para la mayoría, los primeros momentos de su llegada a un México “tan hispánico pero tan poco español” fueron difíciles. Los refugiados se vieron deslumbrados ante una naturaleza exuberante y llena de color, pero se sintieron impresionados ante la pobreza y suciedad que vieron por doquier y tuvieron que adaptarse a ver y convivir con gente nueva y distinta (el porcentaje de población indígena en México era muy elevado a pesar del mestizaje), a costumbres y modos de compartimiento diferentes.

A posição dos recém chegados frente a essa nova terra também era diversa. De um lado, havia aqueles que acreditavam na duração provisória do exílio e na possibilidade de retorno à Espanha após o fim do conflito e que, por isso, não deveriam fazer muitos planos ou criar raízes no novo país. Por outro lado, considerando que a situação poderia se agravar, outros não criavam expectativas da volta em pouco tempo, o que os faziam ser favoráveis à criação de vínculos com a sociedade mexicana e fincar raízes na América.

Um fator que contribuiu para a integração dos espanhóis exilados no México foi que, em dezembro de 1939, o presidente Cárdenas ofereceu aos espanhóis a possibilidade da naturalização mexicana, sem a perda da nacionalidade original. Essa medida suprimia as limitações que determinadas profissões liberais tinham para serem exercidas dentro do território mexicano, ao mesmo tempo em que possibilitava um sentimento de pertencimento, mesmo que passageiro ou superficial, que os refugiados e exilados haviam perdido.

Uma das preocupações do governo mexicano era atrair um número considerável de intelectuais e cientistas espanhóis que pudesse contribuir, de alguma forma, para o

---

antihispánicas. Especial virulencia alcanzó la campaña desarrollada por la Unión Nacional Sinarquista, organización de extrema derecha de corte fascista, creada en 1937 y que contaba con más de 90.000 miembros en 1939 (medio millón en 1943). Otras organizaciones del mismo cariz como los Camisas Doradas, la Escuadra Tradicionalista de México o la Falange, opuestas al Gobierno de Cárdenas, formaron un frente común contra los republicanos españoles, a los que consideraban un peligro por sus ideas”.

desenvolvimento da pesquisa e educação no México. Essa intenção não passou despercebida por outros intelectuais mexicanos, que fizeram a ponte para a entrada desses profissionais republicanos no México. O exemplo mais notável de uma política de acolhida para intelectuais espanhóis foi a criação da *Casa de España*, que depois se tornaria *El Colegio de México*.

Segundo Ana González Neira (2008), a iniciativa da criação da *Casa de España* partiu, ainda em 30 de setembro de 1936, de Daniel Cosío Villegas, quando este exercia o cargo de encarregado de negócios da embaixada mexicana em Lisboa. Cosío Villegas escreveu para o secretário de comunicações do seu governo sugerindo o convite a cinco ou dez dos mais iminentes cientistas espanhóis para trabalharem no México. Os nomes indicados por ele foram: Fernando de los Rios, embaixador em Washington; Cláudio Sánchez Albornoz, destacado historiador e embaixador em Portugal; Enrique Díez Canedo, literato, crítico de arte e embaixador na Argentina; Zulueta destacado pedagogo e embaixador no Vaticano; Gregório Maraño, importante médico; e o doutor Hernando. Daniel Cosío Villegas concluiu sua proposta da seguinte forma, (LIDA, 1988³⁰ apud GONZÁLEZ NEIRA, 2008, p. 118):

Tendríamos un rasgo que provocaría simpatía en todo el mundo, como la provoco para varias universidades extranjeras haber recogido a los sabios alemanes expulsados por el hitlerismo, daríamos muestra de simpatía al régimen liberal vencido y no nos enajenaríamos la mala voluntad de los vencedores. Al mismo tiempo, adquiriríamos diez hombres de primera línea, que nos ayudarían a levantar el nivel de nuestra cultura, tan decaído de hace tantos años.

Cosío Villegas, firme no seu propósito de trazer esses espanhóis, escreveu ao diretor do Banco do México, seu amigo Luis Montes de Orca, procurando convencê-lo de que tal investimento não seria muito custoso e poderia trazer muitos lucros para vários setores da sociedade mexicana. Os esforços de Daniel Cosío Villegas renderam frutos e, em 1º de julho

---

³⁰ LIDA, Clara. **La Casa de España en México**. México, D.F.: Editorial El Colegio de México, 1988, p. 26.

de 1938, o presidente Lázaro Cárdenas assinou documento para a criação do *Centro Español de Estudios*, que depois receberia o nome de *Casa de España*³¹.

A *Casa de España* seria administrada por Eduardo Villaseñor, subsecretário da Fazenda, representando o Governo Federal; por Gustavo Baz, reitor da *Universidad Nacional de México* (UNAM), e pelo Dr. Enrique Arreguín, presidente do *Consejo Nacional de Enseñanza Superior y de Investigación Científica*. Ficou estabelecido ainda que na ausência de Eduardo Villaseñor, Daniel Cosío Villegas representaria o Governo Federal. O financiamento para o funcionamento da casa ficaria a cargo da Secretaria da Educação Pública, do Banco do México, da UNAM e da editora Fondo de Cultura Económica (FCE).

Em março de 1939, Alfonso Reyes assumiu a direção da Casa e, ajudado por Cosío Villegas, esforçou-se para integrar os exilados no ambiente acadêmico e intelectual mexicano.

Com o final da Guerra Civil Espanhola, a *Casa de España* recebeu outros intelectuais e, depois de algum tempo, os recursos para a Casa se tornaram escassos. Além dessa dificuldade, crescia a crítica vinda de intelectuais mexicanos, que se consideravam numa posição de inferioridade em relação aos espanhóis quanto ao apoio recebido do governo. A pressão interna e externa (contínua chegada de intelectuais espanhóis) obrigou o governo e a administração da Casa a repensarem o formato dela. A solução encontrada foi transformá-la numa associação civil, sem fins lucrativos, independente do governo: ela passaria a ser dirigida por uma *Junta* de intelectuais presidida por Alfonso Reyes e o secretário seria Daniel Cosío Villegas.

---

³¹ Os primeiros membros da *Casa de España* foram: Luis Recaséns Siches, jurista; León Felipe, poeta; José Moreno Villa, poeta; Enrique Díez-Canedo, poeta; José Gaos, filósofo; José Maria Ots Capdequí, jurista; Ricardo Gutiérrez Abascal (Juan de la Encima), crítico literário; Gonzalo L. Lafora, médico; Isaac Costero, médico; Jesús Bal y Gay, musicólogo; Adolfo Salazar, historiador e crítico musical e Agustín Millares Carlo, paleógrafo. Depois de alguns meses foram incluídos: María Zambrano, filósofo; Joaquín Xirau, filósofo; Juan José Domenchina, literato; José Bergamín, literato; José Carner, literato; Benjamín Jarnés y Rafael Sánchez de Ocaña, literato; José Medina Echavarría, sociólogo; Juan Roura Parella, pedagogo; Ignacio Bolívar, cientista; Antonio Oriol, cientista; Rosendo Carrasco Hormiguera, cientista e Jaime Pi-Suñer, cientista (GONZÁLEZ NEIRA, 2008, p. 119-120).

Em 08 de outubro de 1940, nasceu o *Colégio de México* e nele permaneceram apenas os intelectuais exilados que haviam chegado em 1938; os demais foram encaminhados a outros centros de ensino superior e pesquisa e alguns imigraram para outros países, especialmente para os EUA (ALTED, 2005, p. 212-213).

A situação dos exilados intelectuais era privilegiada em comparação com outros grupos espanhóis. Aqui podemos notar a importância das redes de intelectuais numa situação de exílio forçado. Alfonso Reyes era muito prestigiado no meio acadêmico mexicano e possuía relações com intelectuais de vários países. Tanto Reyes quanto Cosío Villegas já haviam viajado à Espanha e mantinham contato com os acadêmicos de lá. Além disso, possuíam trânsito no governo de Lázaro Cárdenas e puderam se valer dessa influência interna para, através de suas redes de contatos externos, favorecer os colegas espanhóis, ao mesmo tempo em que contribuíam para o fortalecimento da posição do México no universo cultural internacional da época.

1.2 Da *España Peregrina* a *Cuadernos Americanos*

Desde os primeiros momentos de exílio, ainda nos campos de refugiados da França, os republicanos espanhóis elaboraram veículos de comunicação capazes de mantê-los em contato com centros culturais de ambos os lados do Atlântico e, ao mesmo tempo, denunciar a situação da Espanha e dos exilados. Em decorrência disso, em 1939, foi criada, em Paris, a *Junta de Cultura Española (JCE)*, que contou com ajuda da *SERE*³². O objetivo da *JCE* era

---

³² A sigla significa SERE (Servicio de Evacuación de los Republicanos Españoles). Desenvolveu suas atividades no México através de sua filial CTARE (Comité Técnico de Ayuda a los Republicanos Españoles).

fomentar a cultura espanhola no exílio, especialmente no México, o maior receptor de exilados, e criar instituições que pudessem oferecer a esses exilados acesso ao trabalho, à educação e à cultura. As ações da JCE, no México, resultaram na criação: da editora Séneca³³, da revista *España Peregrina*, de alguns colégios destinados aos filhos dos exilados e de numerosas atividades teatrais, musicais e artísticas.

A editora Séneca publicou quatro coleções: *Laberinto*, *Estela*, *Arbol* e *Lucero*. As coleções *Laberinto* e *Lucero* editavam obras ligadas a temas literários; já *Estela* e *Arbol* tinham como objetivo os temas científicos, políticos e históricos. Fazia parte do projeto da editorial Séneca a publicação de obras completas de autores como Unamuno, António Machado, García Lorca, Vallejo e outros. A preocupação não era apenas lançar livros que fossem representativos da literatura espanhola, mas também da hispano-americana.

Em 25 de abril de 1940, o *Boletín al Servicio de la Emigración Española* de n. 35 (apud CAUDET, 1992, p. 182-183) saudou a edição dos 10 primeiros livros da Editorial Séneca e seu sucesso, reiterando a política cultural adotada pela SERE:

[...] para nosotros, ahora, si es más importante publicar un libro que abrir un surco o fabricar motores. Por dos razones: la primera, porque es el vehículo de la cultura el único que enlaza, que ha enlazado siempre ininterrumpidamente, al alma hispánica con el alma americana y lo ha convertido en vasos comunicantes de comunicación perfecta, y la segunda, porque tenemos el deber de conservar lo que los facciosos destruyen. [...] Por eso saludamos con alborozo la aparición de los diez primeros libros de la "Séneca", avanzada feliz en la tarea primordial que la emigración española tiene delante de sí.

Segundo a transcrição acima, os livros poderiam ter a função de aproximação entre os espanhóis e os hispano-americanos, por isso, além da preocupação em preservar parte do patrimônio cultural espanhol, ameaçado de extinção sob o jugo do governo franquista,

---

³³ A editorial Séneca foi constituída no México em 12 de janeiro de 1940. Faziam parte da direção e administração da sociedade Don Enrique Rioja Lo Bianco, Mr. Jay Allen, Don Eduardo Ugarte Pagés, Don Octavio Barreda e Don José Bergamín Gutiérrez. Como gerente da Editorial Séneca ficou designado Daniel Cosío Villegas e como comissário Don José María Dorronsoro y Dorronsoro (CAUDET, 1992, p. 179-180).

também era objetivo do projeto facilitar a aproximação dos hispânicos, com o objetivo de suscitar melhor e maior conhecimento mútuo. Neste sentido, a editora Séneca estava cumprindo o importante papel de promover a circulação de ideias entre os escritores de origem hispânica. Porém, o papel da *JCE* não se limitava apenas à edição de livros; ela formulou também o projeto de criação de uma revista, publicada com o título de *España Peregrina*.

José Bergamín, José Carner, Juan Larrea e Eugenio Imaz, membros fundadores da *JCE*, eram os responsáveis por essa publicação³⁴. Ela circulou, principalmente, entre os exilados e abordava temas relacionados à tragédia que havia se abatido sobre o povo espanhol, dando destaque para a importância da unidade dos intelectuais exilados, para a defesa da República e para a tentativa de sensibilizar os povos de fala espanhola em relação à solidariedade, no sentido de salvar os valores que representavam a Espanha do exílio³⁵. Sua periodicidade era mensal, porém, em decorrência de problemas financeiros e diante das dificuldades para custear os números 8 e 9, a publicação deixou de circular a partir do número 10³⁶.

Como responsável por *España Peregrina*, Juan Larrea buscou alternativas que viabilizassem financeiramente o periódico: precisava de anunciantes e/ou de financiadores. Consultou o poeta mexicano Bernardo Ortiz de Montellano sobre quem poderia dar tal

³⁴ A revista contava com dezesseis conselheiros: Juan M. Aguilar, Roberto F. Balbuena, Corpus Barga, Pedro Carrasco, Garrorena, José M. Gallegos, Rodolfo Halffter, Emilio Herrera, Manuel Márquez, Agustín Millares, Tomás Navarro Tomás, Isabel O. de Palencia, Pablo Picasso, Augusto Pi y Suñer, Enrique Rioja, Luis A. Santullano, Ricardo Vinós y Joaquín Xirau (CAUDET, 1992, p. 187).

³⁵ Francisco Caudet (1992, p. 188-190), em seu livro sobre as revistas literárias no exílio, transcreve o editorial do primeiro número da revista *España Peregrina*. A seguir, reproduzimos um trecho para exemplificar os objetivos do periódico: “*Por eso nosotros, intelectuales españoles, herederos en el espíritu de los afanes de nuestro pueblo, participantes de la voluntad española de alzarse hasta un mundo en que luzca en todo su esplendor la dignidad del ser humano, proclamamos públicamente nuestra decisión de no perdonar esfuerzo ni sacrificio que pueda conducir al triunfo de la causa universalizada de España en su territorio y en orbe. [...] Muy en particular nos dirigimos a vosotros, pueblos de América, incorporados materialmente a la universalidad por el esfuerzo creador de España. [...] Entre vosotros nos hallamos movidos por un mismo designio histórico, consagrados a una empresa similar de mundo nuevo. Aquí está nuestra voz, nuestra verdad, nuestro horizonte. Llevamos un mismo camino. ¡Ojalá nos hermanemos en una sola marcha!*”.

³⁶ O número 10 da revista foi impresso somente em 1977.

suporte a *España Peregrina* e o nome que obteve foi o de Jesús Silva Herzog que, na época, atuava na Comissão de Estudos Financeiros, ligada à Secretaria da Fazenda, com Bernardo Ortiz.

Em fevereiro de 1941, Juan Larrea, León Felipe e Bernard Ortiz de Montellano visitaram Jesús Silva Herzog com o objetivo de pedir sua ajuda financeira³⁷. No primeiro encontro, nada foi resolvido e Jesús Silva Herzog propôs uma nova reunião. No segundo encontro, Juan Larrea continuou expondo as dificuldades de publicação de *España Peregrina* e a necessidade de sobrevivência de um periódico editado por espanhóis e hispano-americanos que tratasse dos problemas do momento. No terceiro encontro, Silva Herzog propôs que deixassem de publicar *España Peregrina* e que eles e mais um grupo de mexicanos se aventurassem na publicação de uma nova revista, mais ousada, de âmbito internacional. Houve certa resistência, mas a proposta acabou sendo aceita. Ficou decidido que a nova revista seria dirigida por duas pessoas: um mexicano, Bernardo Ortiz de Montellano, e um espanhol, Juan Larrea. Jesús Silva Herzog ficaria com a tarefa de cuidar da parte material e administrativa.

Juan Larrea³⁸ fez o seguinte comentário sobre o final dessa reunião:

Fue al salir de esta reunión, si no me equivoco, cuando León Felipe y Ortiz de Montellano me felicitaron en la calle de Madero efusivamente. – ‘El milagro se ha cumplido, me dijo León, ya tienes la revista por la que tanto suspirabas’. Yo, no sé por qué, no estaba demasiado contento. – ‘Te aseguro que en el fondo, le contesté, prefería España Peregrina’.

---

³⁷ Jesús Silva Herzog foi um intelectual que desempenhou importantes papéis na vida política da nação. Em 1930, foi nomeado membro do conselho nacional do PNR; foi assessor do comitê reorganizador dos Ferrariles Nacionales de México; participou como presidente da delegação mexicana na 4. conferência Comercial Panamericana em 1931; foi diretor de ingressos na secretaria da fazenda na gestão de Narciso Bassols, e presidência de Lázaro Cárdenas em 1934; participou da Comissão de Estudos Financeiros, ligado à Secretaria da Fazenda; ajudou na criação do sindicato dos economistas e na “Revista de Economía”, publicação trimestral do sindicato; participou ativamente na comissão de peritos que fundamentaram as razões para a nacionalização do petróleo em 1938. Foi professor de economia na UNAM; fez parte da diretoria da Fondo de Cultura Económica. Publicou diversos livros dentre eles: **Breve história de la revolución mexicana, El agrarismo mexicano y la reforma agraria, La crítica social de Don Quijote de la Mancha**, entre outros.

³⁸ LARREA, Juan. Carta a Jesús Silva Herzog. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 640, p. 91-107, octubre 2003.

Como se pode observar, Juan Larrea procurara Silva Herzog na esperança de conseguir um novo fôlego para seu periódico e saiu com uma proposta absolutamente nova. Não era apenas o fim de uma revista e o nascimento de outra; era também o final de um ciclo: *España Peregrina* havia sido gestada e executada por espanhóis numa situação de exílio e foi concebida com caráter transitório. A nova revista fazia parte de um projeto mais duradouro, ou seja, a integração dos espanhóis com os mexicanos, numa perspectiva mais ampla, levando em conta o enraizamento dos espanhóis exilados em solo mexicano. Esses intelectuais deixavam de ser *peregrinos* e se tornavam cidadãos estrangeiros mexicanos, situação que provocava um sentimento de derrota e desesperança de volta à terra natal.

Para o financiamento dessa nova revista, foi descartada a hipótese de um mecenas ou de uma instituição poderosa, como o governo federal, para evitar que a autonomia fosse comprometida. Jesús Silva Herzog (1993, p. 223) descreveu a busca por financiamento da seguinte forma:

En el curso de varias semanas hablé por teléfono, en sobremesa de desayunos o comidas con treinta y cuatro personas y solamente una me falló. De esta manera, en cuanto reuní los primeros 17.000 pesos, incluyendo mi propia contribución, se hizo un contrato de fideicomiso con estipulaciones se señaló en el contrato que el fideicomiso duraría 30 años, pasando después los bienes que existiesen a la Universidad Nacional Autónoma de México.

Algunos contribuyentes, los riquitos, dieron desde luego los 500 pesos, otros, los pobretones, pagaron en abonos mensuales de 100 pesos.

A influência pessoal de Jesús Silva Herzog foi fundamental para a arrecadação de fundos que possibilitassem a edição dessa nova revista. No entanto, os espanhóis não conseguiram levantar os cinquenta por cento que lhes cabiam para a criação do periódico; apenas puderam contar com dois mil pesos obtidos junto ao diretor da SERE. Em virtude desse desequilíbrio orçamentário, houve uma divisão dos poderes da seguinte forma: a direção da revista coube a Jesús Silva Herzog, e Juan Larrea ocupou o cargo de secretário. A “junta de

governo” da revista era composta pelos seguintes integrantes: Pedro Bosch Gimpera, ex-reitor da Universidade de Barcelona; Daniel Cosío Villegas, diretor geral da FCE; Mário de la Cueva, reitor da UNAM; Manuel Márquez, ex-decano da Universidade de Madrid; Manuel Martínez Baéz, presidente da acadêmica de Medicina do México; Agustín Millares Carlo, catedrático da Universidade de Madrid; Bernardo Ortiz de Montellano, ex-diretor da revista mexicana *Contemporáneos*; Alfonso Reyes, presidente do Colégio de México; Juan Larrea, poeta e ex-secretário do Arquivo Histórico Nacional de Madrid; e Jesús Silva Herzog, diretor da Escola Nacional de Economia de México (SILVA HERZOG, 1993, p. 223).

O nome da revista *Cuadernos Americanos* foi sugerido por Alfonso Reyes. Segundo Jesús Silva Herzog, a divisão da revista em seções (*Nuestro Tiempo*, *Aventura del Pensamiento*, *Presencia del Pasado* y *Dimensión Imaginaria*), foi resultado de discussões realizadas entre Ortiz de Montellano, Larrea, León Felipe, Eugenio Imaz e ele próprio.

A capa da revista foi sugerida por Juan Larrea e representava as ondas do mar, simbolizando as duas margens do Atlântico, unidas através do periódico. Chama atenção a simplicidade do desenho: apenas a representação das ondas com variação do colorido.

Ilustração 1: *Cuadernos Americanos*, n. 5

Infelizmente, não tivemos acesso ao número de exemplares distribuídos³⁹. Porém, consideramos possível inferir que houve sua inserção no circuito intelectual hispano-americanos por outras vias.

Não deixa de ser significativa a publicação de propaganda de revistas culturais hispano-americanas de outros países no painel cultural de CA. Nesse sentido, vale mencionar as revistas e as editoras que eram divulgadas em CA: as argentinas *Sur* e *Realidad* e a editora Losada; a costa-riquenha *Repertorio Americano*; a editora porto-riquenha *Centro de Investigaciones Sociales* e a revista norte-americana *Revista Hispánica Moderna*. Além dessas publicações mencionadas, apareciam, nas páginas destinadas à publicidade, anúncios da *Revista de História de América*, uma publicação da *Comissão de História do Instituto Pan-americano de Geografia e História*, com sede no México D.F., e da *Revista de Filología Hispánica*, edição conjunta dos Estados Unidos e do México (GONZÁLEZ NEIRA, 2008, p. 313).

Ainda com relação à circulação da revista *Cuadernos Americanos*, cabe salientar que ela foi proibida de circular em países governados por ditadores. Em entrevista concedida a Luís Suárez para o diário *Novedades* de 18 de janeiro de 1959, Jesús Silva Herzog (1993, p. 396-401) comentou sobre as dificuldades de circulação da revista e a devolução que muitos livreiros faziam do periódico:

En Argentina, cuando el país estaba bajo la dictadura de Perón, devolvieron los ejemplares en dos ocasiones, y en una eran 500. Escribí al embajador de México, que habló con Perón. Éste consintió después en la circulación de la revista, pero no de los números que había prohibido y devuelto.

[...]

De Venezuela devolvían los números, hasta que Pérez Jiménez prohibió la revista completamente.

---

³⁹ Em minha visita ao CIALC – UNAM, em abril de 2011, tive contato com o atual diretor de *Cuadernos Americanos*, Sr. Adalberto Santana, e também com a pesquisadora espanhola Ana González Neira; ambos informaram que os registros referentes à distribuição e difusão da revista foram perdidos, provavelmente numa mudança de sede.

[...]

[En Perú sob o governo de Odría] *Mandaba la revista a un librero. Éste, aprovechando el viaje de un amigo a México, me mandó un recado diciéndome que por favor ya no insistiera, porque lo habían encarcelado debido a que tenía Cuadernos Americanos en el establecimiento.*

[...]

[Espanha] *Entra si va dirigida a particulares; no a vendedores. Los paquetes que se han mandado a librerías reciben la vista de la censura, y en seguida la decomisan. De manera que algunos españoles tienen Cuadernos porque son suscriptores en relación directa con nosotros. Ahora también se permite que la revista llegue a las bibliotecas.*

Pelo relato, percebemos que havia um esforço da parte dos editores para conseguir ampla circulação da revista na Ibero-América.

CA, além de ser uma empresa editorial, foi um empreendimento cultural, como afirmou Liliana Weinberg (2010a, p. 297). Nesse sentido, deve ser compreendida na sua articulação com o complexo formado por *Fondo de Cultura Económica*, *Casa de España*, depois convertida em *Colégio de México*, e pela *Escola de Economia* da UNAM.

Essas quatro instituições tinham como pilares de apoio três intelectuais que atuaram na respectiva criação de cada uma delas: Alfonso Reyes (*Colégio de México*), Daniel Cosío Villegas (Diretor do *Fondo de Cultura Económica*) e Jesús Silva Herzog (Diretor de *Cuadernos Americanos*).

Por sua vivência no exterior e amplo contato com intelectuais de diversas nacionalidades, Alfonso Reyes contribuiu muito para a inserção dessas instituições no ambiente intelectual da época, além de colaborar intensamente para o processo de circulação de ideias no plano transnacional, ao permitir que conexões entre autores ibero-americanos se ampliassem para além das fronteiras nacionais. Ele atuou também como mediador (*passeur*) no processo de intercâmbio cultural⁴⁰.

---

⁴⁰ Como mediador cultural, entendemos os agentes sociais que favoreceram as transferências e o diálogo entre universos aparentemente incompatíveis, elaborando mediações e contribuindo para a articulação e a permeabilização de suas fronteiras. Cf. ARES QUEIJA, GRUZINSKI, 1997. A noção de *passeurs culturels* tem em Serge Gruzinski um dos seus principais formuladores, e está ancorada na observação de homens que, através de suas viagens, favoreciam os diálogos e permeabilização de fronteiras culturais. Gruzinski traçou essa atuação

O início de sua carreira intelectual foi marcado pela participação no grupo conhecido como *Ateneo de la Juventud*⁴¹, o que lhe possibilitou vivência ao lado de grandes nomes da cultura mexicana do início do século XX⁴². Essa experiência com os membros do *Ateneo* e com modernistas foi ampliada por meio de contatos estabelecidos durante as viagens que fez num segundo período da sua vida intelectual.

No decorrer de sua atividade profissional, Alfonso Reyes exerceu três ofícios: o jornalismo político e cultural, pesquisa acadêmica na área de filologia no Centro de Estudos Históricos de Madrid e a prática da diplomacia. No período de 1913 a 1939, Alfonso Reyes viajou por vários países da Europa, principalmente pela França e pela Espanha, além da Argentina e do Brasil⁴³. Essas viagens lhe possibilitaram contato com escritores e intelectuais por onde passou, favorecendo a construção de um circuito intelectual. Nesse período que viveu fora do México, Reyes colaborou com vários periódicos, tornando-se conhecido e admirado por figuras destacadas da intelectualidade internacional.

Sua estadia na Espanha propiciou a Alfonso Reyes a convivência com importantes nomes da inteligência espanhola, dentre eles: José Ortega y Gasset, Valle Inclán, Azorín e

---

no mundo da Monarquia Católica Ibérica, que teve seus domínios estendidos “nas quatro partes do mundo”. Segundo Gabriela Pellegrino, o conceito de mediadores culturais se presta a aplicações tão diversas que determinados autores vêm procurando circunscrever e precisar seu sentido. A autora explica que Michel Espagne, em **Les transferts culturels franco-allemands**, definiu-os como *Passeurs culturels*, ao passo que Cristophe Charles chamou-os de “homens duplos”, pois se situam no encontro de culturas, estratos sociais ou ambientes geográficos diferentes, comunicando, com maior ou menor eficácia, as “novidades culturais”. Cf. GRUZINSKI, 2010, e SOARES, 2011.

⁴¹ Como membros fundadores do grupo, podemos citar: Antonio Caso, seu primeiro presidente, Alfonso Reyes e José Vasconcelos. De acordo com María Rosa Uría-Santos, **El Ateneo de la Juventud**: Su influencia en la vida intelectual de México (tese de doutoramento, Universidade da Flórida, 1965 apud CAMP, 1988, p. 191) os membros do *Ateneo* buscavam uma expressão autêntica da sua cultura, para tratar de demonstrar que a América formava parte da cultura ocidental, de modo que sua independência e sua personalidade não se opunham a esta cultura, mas se formava dentro dela.

⁴² As posturas filosóficas assumidas pelos membros do grupo *Ateneo* não eram uniformes. Alfonso Reyes se destaca dos outros membros do grupo, dentre outros fatores por ter uma visão diferente do que seria o papel do intelectual. Para Reyes, o intelectual participativo é aquele que exerce sua atividade crítica, e não aquele que trabalha para o Estado. Cf. FERREIRA (2008).

⁴³ Entre 1913-1914, trabalhou na França como diplomata; entre 1914-1920, esteve por sua conta em Madrid, onde exerceu as funções de jornalista, colaborador de periódicos e também pesquisador no Centro de Estudos Históricos; entre 1920-1924, exerceu o cargo de representante diplomático mexicano na Espanha; entre 1924-1927, volta a trabalhar na França; 1927-1930, ele trabalha em Buenos Aires; 1930-1934, no Brasil; 1934, regressa a Buenos Aires, onde permanece até 1937; do final de 1937 até 1938, esteve como diplomata no Brasil.

Unamuno. Por aproximadamente cinco anos, frequentou o *Centro de Estudios Históricos* de Madrid, que estava sob a direção de Ramón Menéndez Pidal. Nesse instituto acadêmico, o mexicano teve contato com Américo Castro, Tomás Navarro Tomás, Federico de Onís, entre outros.

Na Argentina, manteve contatos com Victoria O'campo, Eduardo Mallea e Jorge Luis Borges. Colaborou com *Nosotros* e com a revista *Sur*.

Como diplomata no Brasil (1929-1936), participou da vida intelectual do país⁴⁴. Entre seus amigos, incluíam-se Gilberto Amado, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Gilberto Freyre, Jorge de Lima, Cecília Meireles e Manuel Bandeira, entre outros.

Esses vínculos de Alfonso Reyes com literatos e intelectuais estrangeiros possibilitaram que ele se tornasse uma ponte entre a comunidade intelectual mexicana e a estrangeira, sobretudo a espanhola, a argentina e a brasileira.

É importante ressaltar que, após esses anos de dedicação à diplomacia, o Presidente Lázaro Cárdenas designou Reyes para Presidente da *Casa de España*, que passou a se chamar Colégio de México. Alfonso Reyes permaneceu nessa função até a sua morte, em 1959.

Como já foi apontado antes, Daniel Cosío Villegas teve papel fundamental na entrada de intelectuais espanhóis no México e na criação da *Casa de España* e *Fondo de Cultura Económica*. Ele também atuou na organização das revistas *Foro Internacional*, *El Trimestre Económico* e *Historia Mexicana*⁴⁵.

A criação do *FCE* se deu em setembro de 1934, por iniciativa de Daniel Cosío Villegas e de Eduardo Villaseñor. A primeira equipe administrativa contava com a presença de Gonzalo Robles, Emigdio Martínez Adame, Manuel Gómez Morín e Carlos Prieto, além

---

⁴⁴ Ele, inclusive, chega a receber refugiados da Revolução de 1930 e, entre eles, vários jornalistas e a família do presidente Washington Luis.

⁴⁵ Como observa José Rogelio Álvarez, “Cosío Villegas es único porque no sólo era él mismo un intelectual, sino que ‘inició proyectos y dirigió instituciones que ayudaron a la actividad intelectual. Su influencia se debió mucho más a sus acciones que a sus ideas’” (ROGELIO ÁLVAREZ apud CAMP, 1988 p. 200).

dos seus fundadores. Meses depois, Manuel Gómez Morín renunciou e Jesús Silva Herzog ocupou seu lugar.

Os recursos que deram origem ao *FCE* vieram, majoritariamente, da secretaria da fazenda e do Banco Nacional do México.

Segundo Jesús Silva Herzog, o objetivo da criação do *FCE* era oferecer aos alunos da Escola de Economia livros em espanhol para que eles pudessem se preparar adequadamente, já que os existentes eram poucos ou antiquados. De início, foram publicados livros em inglês, para os alunos que dominavam o idioma. Aos poucos, a produção foi aumentando, incluindo aí as traduções. A ampliação do catálogo de livros publicados pelo *Fondo* esteve muito vinculada à entrada de recursos originados de contribuições estatais, segundo o autor (SILVA HERZOG, 1993, p. 484):

Después, poco a poco, vinieron otros libros a medida que conseguíamos nuevas aportaciones. Entre 1937 y 1939 obtuvimos del Banco Agrícola \$40 000.00; y cuando estuve [Jesús Silva Herzog] de gerente general de la Distribuidora de Petróleos Mexicanos obtuve de los compradores de nuestro petróleo \$65 000.00. De suerte que para fines de ese año el capital del Fondo se había elevado – incluyendo utilidades – a \$130 000.00 aproximadamente.

Segundo Jesús Silva Herzog, a direção do *FCE* foi oferecida a Daniel Cosío Villegas depois deste cometer um erro político: Daniel Cosío Villegas estava como encarregado de negócios do México em Lisboa e escreveu uma carta, como a um amigo, a Ramón Beteta. Nessa carta, Cosío Villegas fazia críticas pouco elogiosas ao governo de Cárdenas. Beteta levou a carta ao presidente e ambos resolveram considerá-la como um documento oficial. Esse episódio tirou Cosío Villegas do trabalho que fazia para o governo em Portugal, fazendo com que retornasse ao México, desempregado (ibid., p. 484).

A maior parte dos integrantes da direção administrativa do *Fondo* ocupava cargos públicos, como, por exemplo, Eduardo Villaseñor, que foi sub-secretário da fazenda e depois

diretor geral do Banco do México. Como estratégia para conseguir recursos, os membros da direção do *Fondo* nomeavam o secretário da fazenda como presidente da *Junta de Gobierno* da editora.

Sobre a estratégia para conseguir recursos ao *FCE*, afirmou Jesús Silva Herzog (ibid., p. 485):

Tal vez fue a principios de la década de 1940 cuando nombramos miembro de la Junta de Gobierno a nuestro amigo el licenciado Eduardo Suárez, secretario de Hacienda. [...] Otros miembros de la Junta desempeñábamos cargos de responsabilidad en el gobierno. En consecuencia llegamos a tener poder e influencia. No me es dable precisar las fechas en que en dos ocasiones invitamos a comer en el banco de México a varias personas acaudaladas de la iniciativa privada; tal vez fueron en 1943 o 1944. En cada uno de los convites, Cosío Villegas tomaba la palabra explicando las finalidades del Fondo de Cultura y solicitaba a nombre de la Junta de Gobierno que ayudaran a su consolidación y progreso. [...] Total, muy cerca de medio millón de pesos, de aquellos pesos con un poder de compra muchísimo mayor que los pesitos de noviembre de 1969, fecha en que escribo.

O sucesso da editora *FCE* está muito relacionado à influência política e econômica que seus membros exerciam na estrutura de funcionamento dos aparelhos do Estado. Influência esta que não estava restrita a um governo, como o de Cárdenas, mas perpassava vários governos, como o de Manuel Ávila Camacho, Miguel Alemán Valdés e Adolfo Ruíz Cortines.

Daniel Cosío Villegas se afastou da direção do *FCE* em 1948, quando recebeu uma bolsa da Fundação Rockefeller para escrever a história moderna do México⁴⁶. Ele foi substituído pelo argentino Arnaldo Orfila Reynal, que era encarregado da subsidiária da editora *FCE* em Buenos Aires. Até 1962, as decisões e os rumos da editora eram tomados pela comissão administrativa (junta de gobierno) já citada. Em 27 de fevereiro de 1962, foi anunciado um acordo entre o secretário da fazenda e o Banco do México em que a estrutura do fideicomisso que gerenciava a editora teve profundas mudanças. Entre elas, a mais

---

⁴⁶ A saída definitiva de Daniel Cosío Villegas ocorreu em 1952, após quatro anos de licença.

significativa foi a constituição de um comitê técnico para gerenciar a editora, retirando todas as funções da antiga comissão administrativa.

As mudanças operadas na forma de gerenciamento da editora levaram a demissão de Arnaldo Orfila Reynal⁴⁷, o que provocou forte reação nos intelectuais mexicanos e espanhóis ligados a antiga *Junta de Gobierno* da editora. Em 18 de novembro de 1962, organizou-se um jantar de desagravo a Orfila Reynal, com a presença de homens importantes do cenário intelectual. Segundo Jesús Silva Herzog, participaram desse jantar cerca de 500 pessoas, inclusive o historiador argentino e ex-reitor da Universidade Buenos Aires José Luis Romero. Nesse jantar, foi lançado o projeto da criação de uma nova editora, que se denominaria Siglo XXI.

Até 1962, a editora *FCE* foi um importante veículo desse cruzamento entre intelectuais e homens de Estado. A particularidade dessa editora é que ela integrou um conjunto de ações com o intuito de promover a modernização da cultura e do mercado editorial mexicano. As outras partes desse conjunto estariam no Colégio de México e na revista *Cuadernos Americanos*. É importante observar que a finalidade dessas instituições estava centrada na ideia do fortalecimento da cultura nacional, privilegiando seus vínculos com a espanhola, principalmente aquela representada pelos republicanos espanhóis, e com os elementos da Ibero-América.

Os nomes de Jesús Silva Herzog, Alfonso Reyes, Daniel Cosío Viellas e Juan Larrea vinculados ao nascimento da revista *Cuadernos Americanos* revelam a rede intelectual e a utilização do poder por esses intelectuais, funcionários públicos que estão por trás da constituição dessa importante revista.

A rede intelectual que tornou possível a publicação da revista não evitou disputas internas e críticas externas. Em 1949, Juan Larrea deixou a revista porque foi para os EUA,

---

⁴⁷ Foi substituído por Salvador Azuela.

motivado pelo recebimento de uma bolsa norte-americana e pela decorrência de problemas pessoais. Sua saída se deu em um momento em que a revista passou a tratar mais de assuntos relacionados aos países americanos, deixando em segundo plano os temas do exílio espanhol. Após o término da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, as posições contrárias ao regime de Franco foram enfraquecendo e os republicanos perceberam que o retorno para a Espanha ficava cada dia mais difícil.

Juan Larrea⁴⁸, inconformado com a direção dada à revista, escreveu uma carta para Jesús Silva Herzog, em que criticou os rumos tomados pela revista e para lembrá-lo de quem era “a verdadeira mãe” da revista: “[...] *como ya le escribí en otra ocasión, no faltan razones para considerarme a mí, la 'madre' de Cuadernos ... Supongo que no tendrá usted reparo en reconocerme, inter nos, dicha 'maternidad' [...]*”.

Nesta correspondência, o relato exaustivo das atividades desempenhadas por Larrea tinha a finalidade de reivindicar a autoria da revista em face da crescente atribuição à Jesús Silva Herzog que o autor vinha assistindo. O ponto de mudança para a revista foi o final da Guerra, quando Silva Herzog passou a exercer o poder de mando, fazendo com que Larrea se sentisse com menos poder. Para Larrea, a revista foi se tornando cada vez mais “mexicana em sentido estreito e nacional e menos hispânica e mexicana-universal como se pretendia”⁴⁹.

Outra crítica feita à revista recaiu sobre sua posição em relação aos EUA. Juan Larrea considerava um grave erro a revista atacar os EUA, como estava ocorrendo, já que não fazia sentido conceber um destino americano sem incluir seu vizinho do norte.

Não era apenas internamente que a revista recebia críticas. Ana González Neira, em estudo sobre revistas mexicanas com colaboração de intelectuais espanhóis, revela que a

---

⁴⁸ Carta de Juan Larrea, de Nova York, para Jesús Silva Herzog, datada de 01 de julho de 1950. Reproduzida por FINISTERRE, Alejandro. Juan Larrea, León Felipe y el cincuentenario de *Cuadernos Americanos*. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 501. p. 89-99, marzo 1992.

⁴⁹ Ibid., tradução nossa.

revista *El Hijo Pródigo* nasceu a partir de um grupo de intelectuais mexicanos (Octavio Barreda, Samuel Ramos, Xavier Villaurrutia e Octavio Paz), incomodados porque não foram convidados para colaborar em *Cuadernos Americanos*. González Neira cita a recordação de Octavio Barreda⁵⁰:

Cuando íbamos en el número 72 de Letras de México, correspondiente a febrero de 1942, apareció Cuadernos Americanos, proyectada principalmente por Juan Larrea y respaldada económicamente por un famoso funcionario hacendado de la época, don Jesús Silva Herzog [...] Una estupenda revista, en verdad, pero al principio – seguramente por falta de espacio – un poco cerrada a determinados valores mexicanos de promociones jóvenes. Recuerdo que en nuestras tertulias comenzó por tal motivo a despertarse y manifestarse cierto malestar lo resentimiento entre aquellos que no habían sido aún invitados a colaborar, como por ejemplo - ¿por qué no decirlo? – Samuel Ramos, Xavier Villaurrutia y más ostensiblemente Octavio Paz, los que, además se sentían inconformes por no tener a su disposición un órgano publicitario de mejo calidad o más formal que Letras de México. Octavio Paz, un día, me habló francamente y me pidió, con la vehemencia que le caracteriza, el hacer una revista de categoría.

El Hijo Pródigo não teve vida longa (15 de abril de 1943 a 15 de setembro de 1946), como a maioria das revistas que tinha a mesma natureza que *Cuadernos Americanos*. Por outro lado, a revista de Juan Larrea e Jesús Silva Herzog seguiu, e se caracteriza atualmente como uma referência para todo o continente Americano. Em 1986, com a morte de Herzog, a revista passou a ser publicada pela UNAM, sob a coordenação de Leopoldo Zea, e hoje segue sob o comando de Adalberto Santana.

---

⁵⁰ BARREDA, Octavio; GLADIOS, San-ev-ank. Letras de México, El Hijo Pródigo. **Revistas literarias de México**, México, INBA, 1963. Cf. GONZÁLEZ NEIRA, Ana, **La Guerra Civil y el Exilio en la Prensa Cultural Mexicana**. Artigo eletrônico disponível em: <http://www.secc.es/media/docs/16_2_GONZALEZ_NEIRA.pdf>. Acesso em: 20 julho 2012.

1.3. A resposta do outro lado do Atlântico

No âmbito editorial, o *ICH* promoveu a circulação de obras com temáticas americanistas e também publicou duas revistas: *Mundo Hispánico* e *Cuadernos Hispanoamericanos*. A primeira tinha como alvo o grande público espanhol e seu objetivo era divulgar notícias da “atualidade”, sobretudo referentes à comunidade ibero-americana; a segunda estava dirigida para um público mais específico, ligado aos campos literário e acadêmico.

1.3.1 O surgimento de *CH*

Finda a Guerra Civil na Espanha, permaneceram neste país os intelectuais que se identificavam com o franquismo. No entanto, o novo governo precisava de intelectuais que dessem suporte ideológico ao regime e garantissem a sua legitimidade. Com vistas a ampliar o apoio ao poder, elaborou-se uma política cultural, dirigida, sobretudo, à opinião pública internacional, para tentar amainar a repercussão das graves denúncias feitas pelos exilados.

Não podemos perder de vista que os intelectuais exilados, alguns gozando de grande prestígio nos meios acadêmicos internacionais, usaram todos os veículos de comunicação de que dispunham para mostrar a violência e a ilegalidade do novo governo espanhol. Os republicanos se definiam como representantes da liberdade, justiça social, progresso, democracia e se referiam aos representantes da nova Espanha e seus asseclas como usurpadores de um governo legítimo, responsáveis pela onda de morte e destruição que havia castigado a Espanha por três anos.

A administração construída pelo governo franquista era baseada num organograma no qual o *Ministerio de Asuntos Exteriores (MAE)* abarcava a Junta de Relações Culturais (JRC),

que tinha como uma das suas missões aumentar o prestígio internacional do governo⁵¹. Fazia parte das tarefas da JRC o desenvolvimento de uma contrapropaganda que contestasse os argumentos usados pelos exilados, o recrutamento de adesões internacionais ao governo franquista e uma série de medidas destinadas a seduzir as elites culturais hispano-americanas, como, por exemplo, a concessão de bolsas de estudo, o envio de livros e uma tentativa de transformação, mesmo que lenta, da Espanha na sede da intelectualidade de fala espanhola.

A América representava um ponto sensível dentro da estrutura montada para a organização de uma política cultural destinada ao exterior do governo sublevado. A busca pela consolidação de uma comunidade hispano-americana fazia parte da afirmação da própria autonomia nacional e internacional. As antigas colônias estavam inseridas num ideal de recuperação do passado, caro aos franquistas: tanto as glórias do passado imperial, como seu passado de propagação da fé católica deveriam ser relembrados de forma a sensibilizar os povos de origem comum, ou seja, os hispânicos dos dois lados do Atlântico.

Dentro da estrutura da JRC, foi criado, em 1940, o *Consejo de Hispanidad*, que teve como ponto de partida a preocupação em tornar a Espanha uma ponte entre a Europa e a Hispano-América. As principais atividades do *Consejo de Hispanidad* foram desenvolvidas no período de abril a dezembro de 1941. Suas ações estavam concentradas em duas vertentes: promover a ida de intelectuais hispano-americanos à Espanha, com objetivo de estudar e estabelecer fundamentos e normas da difusão da doutrina da *Hispanidad*, além de enfraquecer a hegemonia dos EUA sobre a região, fortalecendo, assim, a posição de liderança cultural da Espanha (DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, 1988, p. 69).

Com a entrada dos EUA na guerra e o apoio que este país recebeu da maioria dos países ibero-americanos, as ações do *Consejo de Hispanidad* ficaram prejudicadas,

---

⁵¹ Delgado Gomez-Escalonilla (1992) descreve as transformações da Junta de Relaciones Culturales desde sua criação – no governo de Primo de Rivera até o franquismo.

principalmente porque a Espanha estava associada aos países do Eixo e se identificava com os valores que os nazi-fascistas defendiam. Internamente também o clima não era favorável, já que havia uma disputa entre os falangistas e os monarquistas, o que enfraquecia as decisões do *Consejo*.

O fim da Segunda Guerra Mundial colocou a Espanha numa situação de ostracismo político: por ter sido considerado aliado das forças do Eixo, o governo espanhol foi condenado pelos países vitoriosos do conflito a não ser aceito como país membro na ONU. Em fevereiro de 1946, na primeira Assembleia Geral da ONU em Londres, foi aprovada a proposta do Panamá e encaminhada uma resolução condenatória do regime de Franco. Como agravante da situação, México, Guatemala, Venezuela e Panamá mantinham relações com o governo republicano do exílio, sediado no México.

Tal cenário obrigou o governo franquista a tomar atitudes que pudessem reverter sua posição no cenário internacional. Para isso, em dezembro de 1945, houve uma reorganização no Ministério de Assuntos Externos, com o objetivo de privilegiar as ações culturais desenvolvidas no exterior, sobretudo aquelas destinadas à América⁵²:

Servicios nuevos que se hacían ya imprescindibles, el más importante de ellos la nueva Dirección General de Relaciones Culturales, que dará amplio cauce a la expansión de la cultura española en el extranjero y velará especialmente por el mantenimiento de nuestros vínculos espirituales con los pueblos hermanos de América. A esta misma finalidad responde la transformación del Consejo de Hispanidad en Instituto de Cultura Hispánica, dado que el principal cometido de este Organismo se refiere al ámbito de las relaciones culturales del mundo hispánico.

Pelo trecho acima transcrito, extraído do Boletim Oficial do Ministério de Assuntos Exteriores, podemos perceber como a América estava no centro das preocupações espanholas. A Ibero-América poderia compensar, principalmente no campo político e cultural, o distanciamento norte-americano e europeu, e ainda ser aliada numa missão de aproximação

---

⁵² BOMAE (Boletín Oficial del Ministerio de Asuntos Exteriores), 31-1-1946. Citado por Delgado Gomez-Escalonilla (1988, p. 116).

com os EUA e a ONU. Para dinamizar essa política, o antigo *Consejo de Hispanidad* foi transformado no Instituto de Cultura Hispânica.

De acordo com Lorenzo Delgado Gomez-Escalonilla (1988, p. 116), na lei que criava o novo instituto havia a intenção de evitar as palavras “política” e “poder” e o desejo de enfatizar, sobretudo, as questões culturais. Curioso observar que a ideia de cultura, neste caso, estivesse desvinculada de posição política, como se pudesse ser algo “neutro”, pairando acima de qualquer posição ideológica. Dessa forma, verifica-se que a cultura aqui foi utilizada como um elemento agregador, de ligação e comunhão.

A estrutura administrativa do *ICH* estava dividida em cinco departamentos: Estudos e orientações doutrinárias; Informação; Publicações; Assistência Universitária e Intercâmbio Cultural, viagens e comemorações. O presidente do *ICH* era o próprio Ministro de assuntos exteriores. Abaixo dele, vinha o diretor do instituto, nomeado pelo próprio Ministro e, em seguida, o secretário geral. Depois do secretário, estavam os chefes dos cinco departamentos (ibid., p. 150).

Dentre os objetivos a serem perseguidos pelo novo instituto constavam: a defesa e difusão da cultura hispânica, o fomento do conhecimento mútuo e intensificação do intercâmbio cultural, a ajuda e coordenação das iniciativas públicas e privadas, e o assessoramento ao ministro sobre essas matérias. Embora o *ICH* fosse ligado ao *MAE*, sua constituição jurídica o definia como uma entidade autônoma, uma instituição paraestatal. No entanto, tal constituição não o tornava independente, pois suas ações eram definidas a partir dos planos traçados pelo próprio ministério, por meio da *JRC*. Dentro da política cultural estabelecida pelo governo espanhol, o *ICH* desempenhava o papel de intermediário que atuava por delegação estatal, mas sempre procurando não deixar evidente sua ligação com o aparelhamento do Estado.

Para conseguir operar como um meio de propaganda do governo franquista nos países ibero-americanos, o *ICH* executou uma série de atividades, como o convite a diversos jornalistas, professores universitários, personalidades políticas e religiosas latino-americanas a visitarem a Espanha; estimulou a criação de centros acadêmicos relacionados com a cultura hispano-americana, como a Cátedra Ramiro de Meztu, os *colégios mayores*, como o Nossa Senhora de Guadalupe e o Hernan Cortés; criou uma biblioteca e a hemeroteca hispânicas; concedeu bolsas a estudantes e sacerdotes; organizou uma premiação anual a filmes, livros e artigos; financiou turnês de grupos de cantores e dançarinos; estimulou a criação de Institutos de Cultura Hispânica em quase todos os países ibero-americanos, além de outras atividades⁵³.

Quando o *ICH* completou dez anos de existência, seu então diretor, Alfredo Sánchez Bella, publicou na revista *Cuadernos Hispanoamericanos* um pequeno balanço do resultado das atividades do Instituto em relação ao seu público alvo, que era a Hispano-América. Conforme o texto, durante esse período mais de doze mil estudantes hispano-americanos haviam passado pelos institutos espanhóis; trezentos títulos publicados, com um total de quinhentos e cinquenta mil volumes enviados à América; quatro milhões de exemplares de revistas; oitenta mil folhetos informativos, centenas de filmes e também o envio de professores ao ultramar⁵⁴.

Também fazia parte das ações do *ICH* a criação de Institutos Nacionais de Cultura Hispânica, surgidos na maioria das capitais dos países hispano-americanos⁵⁵. Nesse período

⁵³ Cf. DELGADO GÓMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo. "Libros y revistas para América": política cultural y producción editorial del Instituto de Cultura Hispánica. In: Ministerio de Asuntos Exteriores (2003, p. 32).

⁵⁴ SÁNCHEZ BELLA, Alfredo. Diez años de cultura hispánica. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 83, p. 133-138, noviembre 1956.

⁵⁵ No Brasil, foram criados dois Institutos de Cultura Hispânica, um em 27/04/56 no RGS, que em 1960 passou para a PUC/RS, e outro em 30/05/1956, o Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica, que continua em funcionamento até hoje, sendo que atualmente sua principal atividade é o ensino da língua espanhola. Na página do site do IBCH, existe um pequeno histórico sobre as razões que levaram a fundação dos Institutos de Cultura Hispânicas na América e uma justificativa para a criação de um deles no Brasil: "[...] Mas, Espanha, procurando romper este bloqueio, desenvolve um projeto centrado na CULTURA HISPÂNICA, quer dizer, criar Institutos de Cultura, sem política, já que existe a América espanhola, e, por que não, o Brasil, maior território contínuo que Espanha já conquistou (e, sem "Conquistadores"-- já que, entre 1580 e 1640, o Brasil, por sucessão

de dez anos (1946-1956), foram organizados ainda vinte e dois congressos internacionais, com a presença de doze mil universitários.

Para Alfredo Sánchez Bella⁵⁶, as ações do ICH possibilitaram que: “*Madrid ha vuelto a ser plaza del mundo hispánico, lugar de reencuentro familiar, punto donde convergen los anhelos y las esperanzas de todos, sitio desde donde mejor conciencia se tiene del conjunto*”. A agitação cultural promovida pelo ICH visava colocar a Espanha no centro das relações culturais e acadêmicas do mundo hispânico. Mas, também tinha a preocupação de despertar nos espanhóis que haviam permanecido ao lado do regime o interesse por assuntos da América, como mostra o editorial de *Cuadernos Hispanoamericanos* de dezembro de 1956⁵⁷, um dos poucos editoriais publicados pela revista:

Y aún en más: se confesamos que el americanismo ha sido casi siempre impopular entre los universitarios españoles, entre el intelectual y el escritor, gracias al esfuerzo despertador de un patrimonio espiritual y de un estilo de vida impuesto por el I. C. H., los grandes temas actuales de América prenden en la curiosidad y en el trabajo de los hombres españoles de cultura, en las tesis doctorales y en los ensayos de revistas, hasta encarnar en esta república espiritual de trabajo puesta al servicio del bien en común hispanoamericano.

O ICH incentivava as relações entre a Espanha e os países da Hispano-América nas duas direções: tanto se fazendo presente no mundo cultural e intelectual dos países americanos, como incentivando o interesse dos próprios acadêmicos espanhóis pelo estudo dos povos hispânicos do outro lado do Atlântico.

---

dinástica, tornava-se, passivamente, súdito dos Habsburgos). Assim foram nascendo os Institutos de Cultura Hispânica, inclusive o nosso. Sob os auspícios do governo espanhol, o então Reitor da então Universidade do Brasil, Professor Pedro Calmon, tornava-se o primeiro Presidente de nosso Instituto. Fundado em 30 de maio de 1956, o Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica (I.B.CH), com sede e foro na Cidade do Rio de Janeiro, é uma sociedade civil de caráter cultural, sem fins lucrativos, com duração indeterminada, dedicada a criar, desenvolver e intensificar vínculos e intercâmbios culturais entre o Brasil e a comunidade de países hispânicos” (destaque no original). Disponível em: <http://www.culturahispanica.org.br/quem_somos_conteudo.htm>. Acesso em: 07 maio 2012.

⁵⁶ SÁNCHEZ BELLA, Alfredo. Diez años de cultura hispánica. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 83, p. 134, noviembre 1956.

⁵⁷ Editorial. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 84, p. 275-280, diciembre 1956.

O *ICH* era considerado ainda como o responsável pelo combate às ideias que haviam afastado a Espanha dos países hispano-americanos, como o indigenismo, o nacionalismo, o antiespanholismo político, derivado da emancipação, e também o comunismo. Para tanto, foi necessário construir um arcabouço ideológico guiado pelo conceito de *Hispanidad*⁵⁸.

A revista *CH* tinha o objetivo de atingir um público mais seletivo, além de servir como resposta a *CA*, publicada no México e criada como resultado de uma parceria entre intelectuais mexicanos e republicanos espanhóis exilados. A tiragem de *Cuadernos Hispanoamericanos* era de 2.000 exemplares, dos quais cinquenta por cento eram enviados à América⁵⁹.

José Luis L. Aranguren⁶⁰ deixou claro que a criação de *CH* tinha o intuito de responder a *CA*, ao afirmar⁶¹ que: “*En España tenemos esta excelente revista que se llama CUADERNOS HISPANOAMERICANOS. ¿No está pregonando su título que fué proyectada y fundada como réplica a los Cuadernos Americanos de Méjico, a los que tan vinculados estaban y están los emigrados?*”.

Para a compreensão do conteúdo veiculado em *CH*, devemos lembrar que essa revista nasceu no contexto da criação do *ICH* e como resposta a *CA*

---

⁵⁸ Em dezembro de 1956, este mesmo editorial de *Cuadernos Hispanoamericanos* listava os objetivos do *ICH* com a Hispano-América para o futuro: formação de técnicos de grau superior e médio; a industrialização de todos os países da comunidade hispano-americana; a supressão das barreiras aduaneiras; a instauração da nacionalidade hispânica para fins profissionais e de liberdade de domicílio; a constituição de agências de notícias e de informação próprias; o estabelecimento de ágeis sistemas de pagamentos; a formação de frotas que acelerem o transporte marítimo das mercadorias; o intercâmbio ilimitado de professores e alunos; a supressão definitiva de tarifas sobre livros e revistas culturais e científicas; o fomento de publicações com destino a bibliotecas públicas e da especialidade americanista; convênios educativos de caráter múltiplo sobre experiências pedagógicas, livros de texto e diverso material docente; edição de bibliotecas monográficas; o intercâmbio de experiências científicas e culturais, etc. Editorial. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 84, p. 279, diciembre 1956.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 31.

⁶⁰ José Luis L. Aranguren era filósofo e ensaísta espanhol. Considerado como um defensor da ideologia falangista no pós guerra, foi se distanciando do regime de Franco, até que, em 1965, foi processado e afastado do seu cargo na Universidade de Madrid. As informações deste capítulo sobre os primeiros dirigentes de *Cuadernos Hispanoamericanos*, o conselho de Redação e seus principais colaboradores foram recolhidos a partir do trabalho de Maria Helena R. Capelato (2005). Nesse artigo, a autora faz uma minuciosa análise da importância dessa revista para o momento político vivido pela Espanha.

⁶¹ L. ARANGUREN, José Luis. La evolución de los intelectuales españoles en la emigración. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 38, p. 123-157, febrero 1953, destaques no original.

Blas Matamoro Rossi (2003, p. 92), em seu estudo sobre *Cuadernos Hispanoamericanos*, fez a seguinte observação sobre seu projeto inicial:

El proyecto original de la revista, que empezó siendo bimensual, se sostenía en una imagen unitaria de España, que soldara la quiebra del conflicto, el exilio y los estrechos márgenes de libertad que el sistema permitía. No se trataba de exaltar al régimen, sino la hispanidad, entendida ésta como un conjunto de pueblos que reconocían en España una suerte de permanente matriarcado espiritual y, especialmente, lingüístico, basado, a su vez, en ciertos rasgos raciales comunes y en la inseparable relación de España con el verdadero cristianismo, o sea el católico. Un vago pero insistente genio hispánico volvía privilegiados todos los productos culturales vinculados a la lengua y, solapadamente, a la raza y la fe. El hecho fundacional de la conquista hacía de Hispanoamérica un complejo conjunto filial español, donde madre e hijas (las repúblicas) se reconocían mutua y perpetuamente.

CH serviria para mostrar ao mundo uma Espanha una, na qual as divergências políticas transitórias teriam um peso menor em relação aos aspectos culturais como a língua, a fé e a raça, que eram permanentes. Se *Cuadernos Americanos* veiculava um discurso de discórdia e enfrentamento, *Cuadernos Hispanoamericanos* surgiu com o propósito de agregar os povos hispânicos numa só comunidade. Por meio dessa revista, o Estado Novo espanhol buscava superar a imagem de país dividido pela Guerra Civil que tanto os exilados perpetuavam.

Cuadernos Hispanoamericanos passou por várias fases⁶², contudo nos deteremos apenas na primeira, que foi apresentada como fruto de um projeto cultural, mas que, na realidade, foi idealizada com propósitos políticos.

---

⁶² A primeira fase da revista vai de 1948 a 1966, período de exaltação dos valores da hispanidade, do cristianismo católico em oposição aos valores ateus e materialistas do comunismo. Nesta fase, também são publicados textos de figuras identificadas como antifranquistas. Estas publicações são explicadas pela preocupação da revista em mostrar uma Espanha unida culturalmente. Segunda fase, de 1966 a 1982. Neste período, é forte a influência de historiadores na Revista, como também uma renovação dos intelectuais que dela participam. A revista atua numa nova atmosfera de mudanças sociais que até 1975 não foi acompanhada na vida política. Neste período, houve o *boom* de escritores latino americanos, que terão lugar em *CH*. Neste momento, há também uma forte presença do pensamento revolucionário, principalmente após a Revolução Cubana. Podemos considerar que em 1975 houve o nascimento de uma terceira fase, com a mudança política provocada pela morte de Franco e a chamada transição política que abriu espaço para debates e a divulgação de informações antes proibidas. Espanha torna-se um país de “acolhida”, com a proliferação de ditaduras na América. Em 1996, inaugura-se uma quarta fase, com a direção de Juan Malpartida – o primeiro americano a dirigir a revista. Nesta fase, a revista emprega dossiês temáticos com seções de ensaios breves e literatura, além

1.3.2 Os dirigentes da revista em sua primeira fase

Para a melhor compreensão dos motivos que levaram à criação da revista, cabe apresentar a trajetória de seu fundador, Pedro Laín Entralgo, que dirigiu a revista desde sua fundação, em 1948, até 1951. Posteriormente, Luis Rosales substituiu o fundador e esteve à frente da *CH* de 1951 a 1966.

Segundo Maria Helena R. Capelato (2005), o fundador da revista, intelectual e personalidade política, foi membro de um grupo falangista e participou da equipe ministerial do governo franquista, em que ocupou cargo ligado ao Serviço Nacional de Propaganda. Seu posicionamento político pode ser resumido a partir dos seguintes aspectos: crítica à Europa, afirmação da Espanha católica e defesa do estado totalitário, como um meio de solução para os problemas da Europa.

Inscreveu-se na Falange em agosto de 1936, e, como ele mesmo esclareceu, sua filiação foi motivada pelos discursos de José Antônio Primo de Rivera, que propunha resoluções para os cinco grandes problemas da vida espanhola: o religioso, o econômico, o ideológico, o cultural e o regional (LAÍN ENTRALGO, 1976, p. 185).

No período de 1936 a 1937, trabalhou na revista falangista *Arriba España*, sob a direção de Fermín Yzurgiaga. Nesse período, vivia em Pamplona, onde fez alguns amigos que o acompanhariam em toda sua vida intelectual e acadêmica, inclusive na revista *Cuadernos Hispanoamericanos*. Alguns desses amigos são Dionísio Ridruejo, Gonzalo Torrente Ballester, Agustín de Foxá, Luis Rosales, Antônio Tovar, Carlos Jiménez Dias, Ramón Serrano Suñer, Luis Felipe Vivanco, Maria Josefa Viñamata, Ernesto Giménez Caballero, Eugenio d'Ors e outros.

---

de entrevistas e uma sessão de atualidades. A política editorial volta sua edição para um público com formação intelectual média ou superior, que esteja interessado nas “humanidades” e também nas artes visuais. Cf. MATAMORO ROSSI, 2003, p. 91-100.

Quando foi constituído o primeiro governo do novo regime (1938), Ramón Serrano Suñer foi eleito o ministro do interior, nomeando Dionísio Ridruejo chefe do serviço nacional de propaganda e Pedro Laín Entralgo como encarregado da Seção de Edições do Serviço Nacional de Propaganda.

Ao terminar a Guerra Civil Espanhola, Pedro Laín Entralgo propôs ao ministro do interior a publicação de uma revista (*Revista de las Españas*), que não saiu do papel. No entanto, projeto acabou dando forma a outra publicação, *Escorial*, cujo primeiro número foi lançado em novembro de 1940. Dionísio Ridruejo foi escolhido como diretor da nova revista e Pedro Laín Entralgo, sub-diretor. Também fizeram parte da administração dessa revista Luis Rosales e Antônio Marichalar.

O propósito de *Escorial* era: “*Integración de valores; sincero llamamiento a todos los intelectuales y escritores en función de tales y para que ejerzan lo mejor que puedan su oficio*” (LAÍN ENTRALGO, 1976, p. 286). Para executar esse propósito, os diretores do novo periódico se cercaram principalmente dos amigos feitos em Pamplona. Para Laín Entralgo, a revista tentava restaurar a continuidade da cultura espanhola, quebrada pela guerra civil, o que deu visibilidade a alta cultura espanhola.

Em linhas gerais, o modelo adotado pela revista *Escorial* condenava a tradição liberal em favor de uma tradição “ortodoxa”, manifestava uma preocupação com a recuperação dos marcos dos séculos imperiais e apresentava uma crítica à linguagem das vanguardas (AMAT, 2004). A revista circulou de novembro de 1940 até 1950.

Escorial foi dirigida por intelectuais ligados a um grupo falangista dissidente do grupo de Pamplona⁶³, que atuava no ministério do interior, também comandado por um expoente do

---

⁶³ O grupo falangista de Pamplona tinha como líder o sacerdote Fermín Yzuriaga. Este grupo desmembrou-se em três: uma facção limitou-se a política local, outra passou a exercer funções políticas junto ao ministério da educação e uma terceira facção, da qual Pedro Laín Entralgo fazia parte, se organizou em torno de Serrano Suñer, ministro do interior. Cf. CAPELATO (2005).

Movimento, Ramón Serrano Suñer. Tal vínculo assegurava a esse grupo político uma posição importante no encaminhamento das questões relacionadas à propaganda e à agenda cultural. Na divisão de poderes dentro das funções do Estado Novo, o grupo da Falange ligada a Ramón Serrano Suñer tinha a incumbência de produzir a propaganda do novo regime, cabendo também a ele o controle da produção cultural do país.

O final da revista *Escorial* foi sentido por Pedro Laín Entralgo como um fracasso pessoal e foi na fase final dessa revista que surgiu o convite para que ele dirigisse *CH*. A proposta de trabalho desse novo periódico oferecia a oportunidade de abranger a Hispano-América o que estimulou seu fundador⁶⁴. *CH* representou para Laín Entralgo a possibilidade de continuar trabalhando com temas ligados a cultura espanhola com a perspectiva de dialogar e refletir sobre a Hispano-América.

Pedro Laín Entralgo imprimiu em *CH* um padrão editorial de alto nível, com tratamento cuidadoso das matérias e ilustrações e também através da publicação de textos de conteúdo relevante. A revista apresentava inicialmente cinco seções: “*Del ser y del pensar hispánicos*”, que privilegiava a identidade hispânica; “*Nuestro Tiempo*”⁶⁵, cujos temas estavam os ligados à atualidade; “*Arte y poética*”, abordava a literatura, sobretudo a poesia; “*Asteriscos*”, cujo objetivo era divulgar atividades culturais, principalmente aquelas fomentadas pelo ICH; e “*Brujula para leer*”, seção que divulgava leituras sobre vários temas (CAPELATO, 2005, p. 357). Cada revista contava em média cento e cinquenta páginas,

---

⁶⁴ Sobre o convite para dirigir *CH*, Pedro Laín Entralgo escreveu: *Y en esto, fue solicitada mi cooperación para la botadura de una nueva revista, expresiva de la empresa que respecto de nuestras posibilidades hispanoamericanas podíamos proponernos, pese a todo, los escritores intelectuales que habíamos quedado en la España de acá. ¿Por qué no, si este nuevo trabajo no había de mermar sensiblemente el que como universitario yo tenía entre ávidas manos?* Cf. LAÍN ENTRALGO, Pedro. Treinta y cinco años después. **Cuadernos Hispanoamericanos**, n. 400, p. 07-10, octubre 1983.

⁶⁵ É curioso observar que *CA* também continha cinco seções e uma delas como o mesmo nome: “*Nuestro Tiempo*”.

porém alguns números chegavam a trezentas páginas⁶⁶. Inicialmente a revista era bimestral, mas, em janeiro de 1952, passou a ser mensal.

É importante destacar que, a partir do momento em que a vitória dos aliados na II Guerra Mundial foi se definindo, surgiram sinais que demonstravam o interesse do governo franquista de se distanciar da Falange, muito comprometida com a ideologia fascista e claramente favorável ao Eixo.

Nesse novo contexto, o grupo ligado a Serrano Suñer foi sendo afastado paulatinamente do governo e acabou sendo substituído por membros de outra ala falangista, que estava mais vinculada às diretrizes do catolicismo (ibid., loc. cit.).

Em 1950, teve início o movimento de aceitação do governo espanhol pela comunidade política internacional com a chegada do embaixador norte-americano a Madrid. Para Stanley Payne (1974, p. 201), nesse ano, a “*España estaba en pleno florecimiento capitalista. El margen de beneficios de los grupos económicos era elevadísimo y las empresas aumentaban constantemente su capital social*”.

Nessa situação, as críticas ao grupo falangista de Laín Entralgo se acirraram, o que contribuiu para o fechamento da revista *Escorial* (que tinha patrocínio estatal), em 1950.⁶⁷

Chama a atenção o fato de que a autobiografia de Pedro Laín Entralgo (1976) não traz muitas referências sobre a sua atuação como diretor de *CH*. A pouca ênfase dada a esta experiência talvez se explique pelo fato de que as décadas de 1940 e 1950 foram para ele um

---

⁶⁶ É o caso dos números 33 e 34 de setembro e outubro de 1952. Ambos os números foram publicados conjuntamente e faziam uma homenagem a Ramiro de Meztu. Os dois números chegaram a um total de 496 páginas, com ilustrações e fotografias.

⁶⁷ Pedro Laín Entralgo (1976, p. 315-316), em suas memórias, interpretou o afastamento do poder do grupo ao qual pertencia como resultado do triunfo do “franquismo puro” e do “falangismo franquista” sobre o “falangismo tradicional”. Como falangista tradicional, Pedro Laín Entralgo ainda chegou a nutrir esperanças na vitória das forças do eixo sobre os aliados. Tal vitória, supunha Laín Entralgo, poderia produzir uma situação favorável ao falangismo tradicional dentro da Espanha, o que significaria uma vitória sobre o franquismo. Ainda em suas memórias, Laín Entralgo explica que seu apoio ao eixo era resultado de três razões: sua formação intelectual, influenciada pela cultura germânica; a ideia de que o fascismo seria a síntese da luta entre capitalismo e comunismo e sua convicção da vitória alemã na Guerra e, com isso, o advento de uma nova era na humanidade.

período de desilusão política em relação ao que esperava das conquistas da Falange tradicional. Ele assistiu à perda paulatina de poder e prestígio do movimento e, em razão das mudanças de conjuntura no decorrer da Guerra, teve que reconsiderar suas opiniões acerca de nacional-socialismo e do fascismo.

Ele descreveu suas atividades desse período focando três aspectos de suas atividades: como Conselheiro Nacional do Movimento, como diretor da Editora Nacional e como “literário-propagandista” da ideologia falangista, atividade que exerceu através da publicação de artigos e realização de conferências (ibid., p. 274).

Em relação às lembranças dessas atividades, ele afirma (ibid., p. 380):

Década entre 1940 y 1950. Hambre de los humildes, represión política, ‘piojo verde’, fortunas de ocasión, vida en patio de vecindad, mundo camp. [...] En la trama de ese vario contexto vivo yo, voy despidiéndome con alivio de mi anterior aventura falangista, descubro la radical falacia del fascismo, tanto en el orden de los hechos, lo que yo veo, como en el de las ideas, lo que yo pienso, y dentro de mí mismo empiezo a construir definitivamente mi propio yo [...].

Tomando como ponto de partida essas reflexões, podemos afirmar que *CH* foi fundada por um intelectual militante que, apesar de estar a serviço do regime franquista entre 1948 e 1951, já não acreditava no regime e tampouco mantinha suas convicções em relação ao que propusera o projeto político falangista. Ou seja, durante os anos em que dirigiu a revista, Pedro Laín Entralgo viveu a difícil experiência de perda das convicções que o haviam impelido a ingressar nas fileiras do falangismo e, conseqüentemente, assumir a posição dos nacionalistas na Guerra Civil.

Como a revista estava voltada para fora da Espanha, Pedro Laín Entralgo conseguiu desenvolver, com sucesso, suas funções na direção da mesma. Provavelmente considerava que a tentativa de aproximação com a Hispano-América era uma questão mais ampla e, portanto, não diretamente ligada aos confrontos entre franquistas e falangistas. Tratava-se,

acima de tudo, de uma possibilidade de construção de novas formas de relacionamento entre os povos de origem hispânica dos dois lados do Atlântico, o que poderia beneficiar ambos os lados, por meio do resgate do passado glorioso e da consolidação da identidade hispânica. Novamente a Hispano-América surgia para os espanhóis como um caminho de realização que ultrapassava as fronteiras europeias, projetando o país ibérico num patamar elevado no cenário internacional.

O distanciamento de Pedro Laín Entralgo do regime de Franco foi aumentando com o passar do tempo. Em 1951, o intelectual deixa a direção de *Cuadernos Hispanoamericanos* para se dedicar a reitoria da Universidade de Madrid⁶⁸. A partir de então, Luis Rosales assume o comando do periódico.

Em entrevista a Blas Matamoro para a comemoração dos trinta e cinco anos do surgimento de *CH*, Luís Rosales⁶⁹ descreveu sua participação na revista como um processo longo: primeiro foi assessor, depois, secretário e, por último, diretor.

Ele já havia colaborado em periódicos de orientação falangista, *Jerarquia* e *Escorial*, dirigidos pelo grupo falangista ao qual pertencia Laín Entralgo e Ramón Serrano Suñer, que tinham uma postura mais aberta em relação à participação de pessoas de posições políticas diversas. Segundo Rosales, o principal objetivo da revista *Escorial* era promover a cultura espanhola, podendo contar, inclusive, com as contribuições de pessoas contrárias ao regime, desde que colaborassem para a realização desse objetivo central.

---

⁶⁸ Sua gestão como reitor da Universidade contribuiu para a organização das forças universitárias de oposição. Em fevereiro de 1956, alguns universitários haviam organizado o Congresso Universitário dos Jovens Escritores na Universidade de Madrid. Durante esse congresso, alguns universitários constituíram um Conselho Nacional de Estudantes com o objetivo de elaborar para a organização estudantil um estatuto mais democrático. Diante desses acontecimentos, o governo suspendeu o Congresso, o que provocou uma onda de violência na Universidade. Como consequência desses acontecimentos, o ministro da educação Joaquín Ruíz-Giménez foi substituído por Jesus Rubio. Diante desses fatos, Pedro Laín Entralgo (1976, p. 429) decidiu se afastar da Universidade e da vida política do país: “*Por las más graves razones, las que emergen de ese hondón del alma donde la vocación personal y la conciencia ética echan sus raíces, no podía ser; mi actuación oficial en la vida política de España, que cargo también político, no sólo académico, es en definitiva el Rectorado de una Universidad, había terminado para siempre*”.

⁶⁹ Entrevista de Luis Rosales a Blas Matamoro. Conversación con Luis Rosales. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 400, p. 39, octubre 1983.

Ainda conforme Luis Rosales, essas propostas de *Escorial* tiveram continuidade em *CH*. Exemplo disso foi a publicação de poesias de Antônio Machado (escritor não identificado com o regime) em um número especial de *CH*, além de poesias de Federico Garcia Lorca. Para os membros de *Escorial*, a não publicação da produção cultural de personagens espanhóis de destaque, inclusive internacional, representava uma perda para a cultura espanhola. Para enfatizar esta percepção do grupo, Rosales⁷⁰ afirmou:

[...] el rescate de Machado no tenía ninguna connotación política: no se trataba de recuperar a Machado para tal o cual partido. Yo nunca he pertenecido a vida partidaria, y ya Neruda me definía, en 1935, como 'un mortal antipolítico'. No soy político porque creo que el poder es corruptor y que cada uno debe dirigir su vida [...].

Tal afirmação deixa claro o fato de que o segundo diretor de *CH* tinha uma posição bastante diferente do seu antecessor no que se referia à relação entre a vida intelectual e a vida política. Esse posicionamento, provavelmente, contribuiu para a permanência de Rosales por um longo período no comando da revista: 1951-1966.

Sua posição “apolítica” permitia a manutenção de relações com personagens do mundo da cultura marcados politicamente, como Pablo Neruda, por exemplo, identificado com o comunismo. No entanto, o que mais explicitou a postura do diretor de *CH* foi sua amizade com Federico Garcia Lorca, ao qual deu abrigo; o amigo acabou sendo “arrancado” de sua casa para ser fuzilado.

Tal posicionamento não interferia no propósito do diretor de *CH*: empenhar-se na aproximação entre a “Madre Pátria” e suas *hermanas* americanas, contribuindo para a propagação da imagem positiva da Espanha, o que, em última instância, favorecia o regime franquista.

---

⁷⁰ Ibidem.

1.3.3 Cuadernos Hispanoamericanos e a Ibero-América

Na primeira seção, intitulada “*Del ser y del pensar hispánicos*”, do segundo número da revista *CH*, o artigo de abertura esclarecia, em forma de editorial, o propósito da revista da seguinte forma⁷¹:

Dos son los tiempos de nuestro propósito y, por lo tanto, de nuestra proposición. El primero: crear una conciencia histórica-únitária en lo esencial: lengua, fe religiosa, temple ético, afirmación de la persona; diversa en los accidentes intelectuales y políticos a todo lo ancho de esa gran parte de Euroamérica que llamamos Hispanidad. El segundo: mover a los hombres hispánicos, cualesquiera que sean su solar y su edad histórica, a expresar esa conciencia en ideas, palabras, obras visibles y formas de vida válidas para todos los hombres.

Nesse trecho, percebemos que a revista enfatiza a língua e a fé, elementos considerados importantes para a construção de uma identidade comum entre os países da Hispano-América, esta identificada como *Hispanidad*. O primeiro passo, para que a comunidade hispânica pudesse ser constituída, era reconhecer que existiam traços comuns, independentemente da posição intelectual ou política, como algo já dado pela experiência histórica desses povos. A partir do reconhecimento dessa *hispanidad*, tornava-se igualmente essencial assumir essa identidade por meio de ações que a divulgassem.

Dessa forma, *CH* representava uma ferramenta ideológica importante para a integração da Espanha na comunidade de países ibero-americanos, fato que permitiria minimizar o isolamento internacional desse país, como ocorrido durante os primeiros tempos do regime franquista. Ampliar a influência externa da Espanha era a meta dos editores da revista.

Na criação da revista, feita com o objetivo de penetrar no universo intelectual hispano-americano, Pedro Laín Entralgo contou com a participação de antigos colaboradores da revista *Escorial*, como Luis Rosales, e também de novos colaboradores de procedências

---

⁷¹ Editorial. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 2, p.193-195, marzo/abril 1948

distintas: Angel Alvarez de Miranda, José Maria Valverde e Carlitos Martínez Rivas marcaram presença no periódico nessa primeira fase. A participação de intelectuais e escritores hispano-americanos foi bastante valorizada. Pedro Laín Entralgo⁷² menciona os nomes de alguns desses colaboradores em suas memórias:

[...] y con los escritores hispanoamericanos más inmediatamente asequibles a nosotros; esto es con los que por su notoria ideología hispánica, en ocasiones poco o nada afín a los ideales del franquismo, cabía presumir más dispuestos a la colaboración en las páginas de una revista española donde Unamuno y Ortega, valgan como ejemplos dos nombres eximios, no eran y no podía ser menos, acaso eran más, pese a la cotización entonces oficial, que Ramiro de Maeztu y el último García Morente. Al azar copio algunos nombres: César Pico, José Vasconcelos, Eduardo Caballero Calderón, Honorio Delgado, Gonzalo Zaldumbide, Oscar y Alejandro Miró Quesada, Mario Amadeo, Eduardo Carranza, José Coronel Urtecho, Pablo Antonio Cuadra, Julio Ycaza, Osvaldo Lira, Armando Roa [...].

O desafio dos editores era integrar, na revista, colaboradores espanhóis simpatizantes do franquismo ou falangistas num momento de forte condenação externa do regime pelas ligações estabelecidas com o Eixo durante a Guerra.

No que se refere aos colaboradores hispano-americanos, os editores usufruíam do apoio e contavam com a participação deles para legitimar a proposta de construção de uma identidade hispânica, ideia que orientou a criação da revista e que dependia da aproximação entre espanhóis e hispano-americanos, o que sensibilizaria tanto autores como leitores. Além disso, caberia à direção de *CH* demonstrar que a revista não era um instrumento de dominação cultural similar aos que a antiga Metrópole usava na Colônia para assegurar o seu domínio.

Fazia parte da estratégia de atração dos colaboradores hispano-americanos a nomeação do argentino Mario Amadeo como co-diretor da revista, para atuar junto a Pedro Laín Entralgo. Sua contratação se deu a partir do número 5 (setembro/outubro de 1948). Nesse número, seu nome já aparecia na contra-capas como co-diretor.

---

⁷² LAÍN ENTRALGO, Pedro. Treinta y cinco años después. **Cuadernos Hispanoamericano**, Madrid, n. 400, p. 07-10, octubre 1983.

Sob a direção de Luis Rosales, a revista passou a ter uma seção nova, intitulada “¿Adonde va Hispanoamérica?”, publicada no final do exemplar, após o índice e em folhas azuis. Essa seção foi publicada, sem interrupção, entre 1951 e 1955 e a primeira aparição ocorreu no número 20 (marzo/abril 1951), sendo justificada da seguinte forma:

Siendo origen de atención primordial para nosotros los movimientos culturales de Hispanoamérica, reproducimos a continuación los manifiestos más importantes publicados en los últimos meses sobre el destino común de los pueblos hispánicos, y abrimos una sección en nuestra revista, destinada únicamente a recoger todas aquellas aportaciones que sobre el tema tengan a bien ofrecernos nuestros lectores.

Com isso, os editores pretendiam chamar a atenção para ações que estivessem relacionadas à construção de um destino comum entre espanhóis e hispano-americanos. O primeiro artigo divulgado nessa seção foi o de autoria de Mario Amadeo, cujo título era: *Bases para una política hispanoamericana*. Nesse texto, o autor apresentou uma análise das forças externas que os países hispano-americanos deveriam enfrentar no mundo pós-guerra, ou seja, Estados Unidos e Europa.

O autor sugeria ainda, enfaticamente, que as nações hispano-americanas se organizassem na forma de um bloco regional com um sistema jurídico único, capaz de coordenar as ações externas das repúblicas membros, e também um sistema de consultas, que poderia ser inspirado no modelo panamericano.

Nesse bloco, a Espanha teria um papel importante, já que poderia ser convidada a participar no sistema de consultas sem fazer parte efetiva da comunidade regional. Nesse sentido, Mario Amadeo⁷³ advertía: “*Pero la comunidad hispánica que queremos no puede concebirse sin la presencia espiritual de España. Y esto es lo que interesa en definitiva*”.

---

⁷³ AMADEO, Mario. Bases para una política hispanoamericana. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 20, s. p., marzo/abril 1951.

Assim, para o autor, a organização dos países da Ibero-América deveria contar com a presença da Espanha. Ideia esta que convergia com as expectativas da política externa espanhola, no sentido de vencer o ostracismo a que estava sujeita.

A seção “¿Adonde va Hispanoamérica?” foi interrompida a partir de 1955. Não coincidentemente, mas em decorrência do fato de que a Espanha foi aceita na ONU, ou seja, integrada à comunidade internacional, objetivo primordial da criação da revista.

Essa seção ainda foi publicada em alguns outros números, como o de fevereiro de 1956 e janeiro e fevereiro de 1957. Porém, em abril de 1957, seu espaço foi ocupado por uma nova seção, intitulada “*Hispanoamerica a la vista*”.

2 A COMUNIDADE HISPÂNICA DOS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: CONFLITOS EM TORNO DAS DESIGNAÇÕES

O objetivo deste capítulo é analisar as discussões realizadas pelos intelectuais colaboradores das duas revistas sobre o significado de Ibero-América. Por expressar uma ligação entre os países abaixo do Rio Grande - incluindo o Brasil - e os da Península Ibérica, o termo Ibero-América será privilegiado em relação a outros que também definem esta comunidade. Procuraremos averiguar o que pretendiam esses intelectuais ao sugerir essa ligação entre os países de origem ibérica, situados dos dois lados do Atlântico.

Esses intelectuais se defrontaram com a questão sobre o lugar que a Ibero-América deveria ocupar no mundo no Pós-Guerra e como os países dessa região se posicionariam frente aos EUA e a Espanha.

A Guerra Civil espanhola havia causado forte impacto na região, provocando polêmicas em torno das posições pró ou contra a Espanha. Após a Segunda Guerra Mundial, a relação da Ibero-América com a Espanha voltou a ser posta em questão, principalmente por aqueles intelectuais que condenavam o governo franquista.

Neste contexto, vieram à tona nas revistas *CA* e *CH* discussões sobre a identidade ibero-americana, tendo como parâmetros tanto o “irmão do norte” como a “mãe pátria”.

Quando *CA* apareceu (1942), seus colaboradores consideraram que aquele seria o momento ideal para a afirmação da Ibero-América. As maiores potências mundiais estavam envolvidas na guerra e havia espaço para que os ibero-americanos se apropriassem do seu próprio destino. Jesús Silva Herzog⁷⁴, no primeiro número da revista, expôs essa preocupação da seguinte forma:

---

⁷⁴ SILVA HERZOG, Jesús. Lo humano, problema esencial. *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 01, p. 09-16, ene/febr 1942.

Finalmente, es preciso que los iberoamericanos nos preparemos para el futuro inmediato en cuanto la guerra termine. Si Alemania triunfa intentará la germanización de nuestra América, y cosa semejante sucederá si obtienen la victoria otras potencias. Nosotros debemos defendernos, debemos vaciarnos en moldes propios, sin que, por supuesto, nos neguemos a aceptar corrientes ideológicas de fuera, cuando ellas se adapten a nuestra realidad y sean ventajosas para nuestro desenvolvimiento. Tengamos conciencia de nuestras analogías históricas, de las semejanzas en varios de nuestro problemas; tengamos conciencia de nuestra personalidad como naciones que tienen características privativas, porque unidos los de Iberoamérica en un propósito común, con la eficaz cooperación intelectual de los españoles ilustres que han encontrado asilo en nuestras patrias después del desastre de la República, nos será posible actualizar el sueño de Bolívar e influir por vez primera en forma decisiva en el drama de la historia universal.

Silva Herzog destaca, nesse primeiro artigo da revista, para o futuro que a Ibero-América deveria enfrentar no Pós-Guerra. Em seu apelo à necessidade de “nos defendermos”, demonstrava receio quanto à autonomia cultural da América Ibérica. Para ele, qualquer lado que vencesse o conflito poderia assumir uma postura agressiva em relação aos países da região. A principal arma que a Ibero-América poderia utilizar em sua defesa era sua união em torno daquilo que era comum a todos os países, ou seja, a origem histórica caracterizada pela colonização ibérica e os obstáculos ao desenvolvimento econômico e social destes.

Outro dado importante nesse trecho do artigo de Silva Herzog diz respeito à participação dos espanhóis exilados em solo americano que poderia contribuir para o desenvolvimento das nações ibero-americanas. Foi com essa preocupação que *Cuadernos Americanos* foi criada.

No entanto, a união só seria efetivamente alcançada se, a partir das afinidades, as nações se abrissem em prol de seu devir histórico. A discussão sobre o que constituía a Ibero-América se tornou, assim, uma das “missões” de CA. No terceiro número da revista, na seção

Presencia del Pasado, foi publicado um texto, com característica de editorial, que especifica essa preocupação dos editores da revista⁷⁵:

El verdadero propósito de CUADERNOS AMERICANOS no podría definirse mejor: favorecer el conocimiento de América. Embarcarse en tal empresa es, a juicio nuestro, el modo más eficiente, si no el único, que se halla al alcance de muchos millones de seres humanos para realizar de un modo integral y concreto aquellas ansias de superación e incluso de legítimo bienestar material y espiritual que la especie ha depositado en cada uno de sus individuos.

[...]

CUADERNOS AMERICANOS que nunca se propusieron realizar una obra meramente literaria o académica sino que se concibieron como un instrumento apto para responder a las exigencias creadoras de un humanismo continental, hace un llamamiento a las personas e instituciones directamente interesadas en este asunto. Antes de que se modifique o desaparezca la actual coyuntura favorable, antes de que vuelva a subir la marea histórica que impida toda construcción, deben darse aquellos pasos decisivos que hagan imposible retroceder en la resolución del problema [...].

Podemos tomar esse artigo como uma declaração de intenções da revista. O intento de estimular o conhecimento da América no seu conjunto evidencia uma proposta de atuação em um espaço transnacional para fortalecer a identidade ibero-americana numa perspectiva continental.

Esse objetivo estava vinculado à segunda meta indicada no citado artigo: alcançar o bem estar material e espiritual desse coletivo. Todavia, esse ideal só poderia concretizar-se após a investigação das causas dos problemas comuns e, a partir delas, da busca soluções de natureza política, econômica e social⁷⁶.

Na referida citação ficava explícito o propósito dos editores, de que a nova publicação não seria apenas uma revista literária ou acadêmica e sim um elemento de intervenção na

⁷⁵ [s.a.]. Conocimiento de America. **Cuadernos Americanos**, México, D.F., n. 03, p. 117-121, may/jun 1942, destaques no original.

⁷⁶ Carlos Altamirano (2005, p. 23), ao comentar sobre a inclinação da nossa literatura para discussão da identidade, afirma: “A través de esta problemática, la que se activa alrededor de la pregunta, explícita o implícitamente formulada, por nuestra identidad colectiva, pueden hacerse una serie de calas en nuestra literatura de ideas. La tarea de definir quiénes somos ha sido a menudo la ocasión para el diagnóstico de nuestros males, es decir, para denunciar las causas de deficiencias colectivas”.

sociedade, a partir de uma perspectiva humanista e continental. Segundo Liliana Weinberg, a preocupação em vincular o humano, o cultural e o material, anunciada desde o início da revista, persistiu ao longo de sua primeira fase, orientada por um sentido amplo de cultura e pela ideia de que cabia aos intelectuais da revista assumir o papel de divulgar os altos valores da cultura superior para que os povos da Ibero-América não fossem excluídos dos avanços da civilização (WEINBERG, 2010, p. 249).

Antes que se modificasse ou desaparecesse a conjuntura favorável, pessoas ou instituições “diretamente interessadas nesse assunto” eram “chamadas” para colaborar nesse sentido. Havia na manifestação dessa intenção um senso de oportunidade, de identificação do momento como único para a realização da tarefa anunciada. A ânsia de agarrar a oportunidade histórica era um alerta para que ela não fosse perdida.

Embora tenha sido lançada seis anos depois, *Cuadernos Hispanoamericanos* também expressava em seus primeiros artigos uma preocupação com a busca de um conhecimento mútuo entre ibero-americanos e espanhóis. No entanto, em 1948, o clima da Guerra Fria anunciava outras questões para o mundo pós II Guerra Mundial. Nesse cenário, o governo espanhol contava com os ibero-americanos para vencer seu isolamento político e propor uma união para o estabelecimento de uma terceira via.

Pedro Lain Entralgo⁷⁷, no segundo número da revista *CH*, denunciou a falta de conhecimento que os ibero-americanos tinham da Europa e os europeus da Ibero-América. Para ele, fazia parte da missão da revista:

El primero: crear una conciencia histórica unitaria en lo esencial: lengua, Fe religiosa, templo ético, afirmación de la persona; diversa en los accidentes intelectuales y políticos a todo lo ancho de esa gran parte de Euroamérica que llamamos Hispanidad. El segundo: mover los hombres hispánicos, cualesquiera que sean su solar y su edad histórica, a expresar esa conciencia en ideas, palabras, obras visibles y formas de vida válidas para todos los hombres.

⁷⁷ LAÍN ENTRALGO, Pedro. Vieja Europa Joven América. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 02, p. 193-195, marzo/abril 1948.

Por esse motivo, a revista deveria divulgar os aspectos comuns aos povos hispânicos⁷⁸ e assim criar uma consciência, ou seja, um conhecimento de que partilhavam os mesmos atributos essenciais de cultura, como a língua e a fé. A partir da criação dessa consciência, seria possível uma ação conjunta. Com esta perspectiva, Pedro Laín Entralgo⁷⁹ terminava esse artigo: “*Amigos de Buenos Aires, de México, de Bogotá, de Lima, de Santiago: vamos a mirar, juntos, nuestro inconcluso pretérito y los caminos del incierto porvenir [...]*”.

O primeiro passo na direção de uma união, que permitiria o desenvolvimento conjunto, estava no conhecimento do que havia de comum entre esses povos. As duas revistas, embora partissem de perspectivas diferentes, tinham como objetivo criar unidade entre os países, permitindo uma ação conjunta. *CA* buscava fomentar uma união entre os países ibero-americanos e a Espanha exilada. *CH* visava a aproximação entre os países ibéricos da América e a Espanha peninsular. Para atingir seus propósitos, as duas revistas buscavam fortalecer os pontos de identidade entre esses povos.

Para corroborar a ideia de homogeneidade, era importante ressaltar os pontos de identidade. Para Alfonso Reyes⁸⁰, os elementos comuns dos povos ibero-americanos seriam:

1. o fato de terem primeiro existido como realidade geográfica, antes da humana;
2. mesma experiência histórica do colonialismo;
3. simultaneidade dos movimentos de independência, concomitantemente ao desenvolvimento do liberalismo;
4. absorção pelas culturas ibero-americanas de influências estrangeiras;
5. existência de um diálogo harmonioso entre os países.

⁷⁸ “Hispanicos” no sentido de Hispânia, nome pelo qual os romanos designaram a Península Ibérica.

⁷⁹ LAÍN ENTRALGO, Pedro. *Vieja Europa Joven América*. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 02, p. 193-195, marzo/abril 1948.

⁸⁰ REYES, Alfonso. *Posición de América*. **Cuadernos Americanos**, México, D.F., n. 02, p. 07-23, marzo/abril 1943.

Estas características trariam à comunidade ibero-americana uma experiência histórica que ajudaria a explicar a similitude dos problemas enfrentados. Tal identificação poderia engendrar o estabelecimento de uma nova forma de fazer política desses países, pensada em termos de bloco regional.

Essa comunidade ibero-americana, mesmo apresentando traços comuns, não poderia ser analisada como algo simples. A complexidade desse bloco foi indicada pelos traços de heterogeneidade que Alfonso Reyes também apontou. Para ele, o principal ponto de diferenciação estava na língua. Conforme Reyes⁸¹: “*Es innegable que las diferencias de lengua establecen hiatos; innegable que cada lengua se funda en una metafísica o representación del mundo*”. No entanto, as línguas praticadas na América apresentavam também alguns pontos de contato que permitiam uma razoável comunicação. O português representaria uma teia permeável ao espanhol; o francês era praticado pelos homens cultos; as línguas indígenas constituíam uma relíquia arqueológica, e o sentido continental era trazer os povos que falavam essas línguas a comungarem da língua nacional. A dificuldade da comunicação estava entre as línguas latinas e a anglo-saxã⁸².

Quando Alfonso Reyes escreveu sobre a dificuldade dos povos da América em se comunicar em inglês não era tão somente do aspecto linguístico que ele tratava. Estava implícita a falta de comunhão, entre os países de língua latina e os de língua anglo-saxônica, nos objetivos a alcançar, pois os caminhos a serem trilhados pelos países abaixo do Rio Grande eram em busca de um desenvolvimento econômico e social que, para acontecer, deveriam se chocar com os interesses dos vizinhos do norte⁸³.

Identificar as homogeneidades e as heterogeneidades da América fazia parte da estratégia na alegação de uma política comum que abrigasse os países ibero-americanos,

---

⁸¹ Ibid.

⁸² Ibid.

⁸³ A relação entre as duas Américas (a latina e a anglo-saxã) será melhor explorada no quarto capítulo.

excluindo, porém, os países do norte. Em 1949, Octávio Paz afirmou ser pertinente aos povos em crescimento se perguntarem o que são e como efetivar sua realização. Para o escritor mexicano⁸⁴, “*Despertar a la historia, significa adquirir conciencia de nuestra singularidad, momento de reposo reflexivo antes de entregarnos al hacer [...]*”.

Despertar para as realizações das potencialidades da Ibero-América só seria possível se houvesse uma conscientização do seu papel histórico. Para isso, era necessário que esses povos tivessem pleno conhecimento do que eram e do que queriam.

Em geral, as duas publicações procuraram refletir sobre o que essa comunidade imaginada tinha em comum. Os sub-tópicos desse capítulo foram determinados pelos assuntos mais frequentes: o nome pelo qual a região deveria ser identificada, o espírito hispânico, a *hispanidad* e a vinculação da América com a Europa.

2.1 Iberoamérica, hispanoamérica, América Latina ou Indo-América?

Hoje nos parece consensual usarmos o termo América Latina para designar a comunidade de países situada geograficamente abaixo do Rio Grande. Todavia, há bem pouco tempo não era assim. O nome América Latina foi objeto de contestação e houve uma intensa discussão sobre esse termo, pois, para alguns intelectuais, era necessário adotar um outro nome, como forma de resistência à denominação imposta por estrangeiros.

Segundo Arturo Ardao (1993, p. 21-22), a ideia e o nome da América foram construídos em três etapas. Na primeira, em 1492, logo após a chegada de Colombo, quando

---

⁸⁴ PAZ, Octavio. El labirinto de la soledad. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 17-30, sep/oct. 1949.

não havia ainda uma ideia clara sobre o novo mundo e seu nome, a América recebeu o nome de *Índias*, que correspondia à percepção de que ela representava a continuação do continente asiático. Em uma segunda etapa, esta percepção de continuidade desapareceu e, a partir da carta de Américo Vespúcio em 1503, a referência à nova terra passou a ser *Nuevo Mundo*. Na conclusiva etapa, o nome América foi sugerido, em 1507, pelo geógrafo Martín Waldseemüller e finalmente adotado.

Quanto ao continente ao sul do Rio Grande, o termo América Latina foi utilizado a partir do século XIX, primeiramente por escritores franceses, que passaram a distinguir no Novo Mundo duas grandes áreas caracterizadas por povos com culturas distintas: a saxônica e a latina. Como mostra Arturo Ardao (1993, p. 29):

De un modo insensible, el reconocimiento de una América latina, pasa a ser la afirmación de la América Latina. Aplicada primero la denominación a la América Española, o Hispanoamérica, se transforma naturalmente luego en la denominación de la totalidad de la América de lenguas española, portuguesa y francesa.

Até as primeiras décadas do século XX, o termo América Latina era usado na Espanha, sem nenhuma contestação. Contudo, dois fatos no início do século marcaram a polêmica criada em torno da denominação do continente⁸⁵. O primeiro em 1914, durante debate sobre o nome ideal que deveria designar a América, ocorrido no Congresso de História e Geografia Hispano-Americanas, realizado em Sevilha. O congresso chegou à conclusão de que o nome mais apropriado para designar os países de fala espanhola do continente americano seria *Hispanoamérica* ou América Hispana. A justificativa apontada recaía sobre o fato de que a Espanha havia criado a personalidade desta parte do continente, tão presente nas suas manifestações políticas, culturais ou religiosas (SEPÚLVEDA, 2005, p. 350).

---

⁸⁵ É importante lembrar que esses dois fatos ocorreram durante o período da Primeira Guerra Mundial, momento em que a França lançava sua campanha na América em busca de suporte moral e econômico para sustentar sua luta contra a Alemanha. A campanha francesa contava com as atividades do *Comité France-Amerique* e a edição da revista *América Latina*, que começou a ser publicada em 1915.

O segundo fato ocorreu em 1918, quando Menéndez Pidal escreveu uma carta para o periódico *El Sol*, dirigido por Félix Lorexo, em que questionava o título de uma de suas seções denominada América Latina. O periódico acatou as reivindicações de Menéndez Pidal e alterou o nome da seção para Ibero-América (ARDAO, 1993, p. 179-186).

Feita esta breve referência às mudanças de nomes, apresentaremos artigos que discutiram a questão da denominação adequada para designar a comunidade de países americanos, geograficamente localizados ao sul dos EUA.

O nome dessa parte do continente não era apenas uma questão semântica, pois estava intimamente ligada à preocupação dos intelectuais em relação à identidade dos povos que nela viviam. Como procuraremos mostrar, tal identidade estava relacionada a projetos políticos concernentes ao presente e ao futuro da região.

A discussão em torno dos nomes também revelava diferentes perspectivas a respeito da vinculação que se pretendia estabelecer com outros países ocidentais. As designações Ibero-América e Hispano-América explicitavam o desejo de que o primeiro vínculo identitário deveria ser estabelecido com os países da Península Ibérica. De conotação mais abrangente, o termo América Latina relativizava a origem ibérica e a Espanha, principalmente.

2.1.1 *Cuadernos Americanos*: o debate sobre o nome

Dentre os intelectuais colaboradores de *CA* que discutiram a nomenclatura pela qual deveria ser definida a comunidade de países ibero-americanos, destaca-se a contribuição dos espanhóis Ramon Iglesia, Francisco Ayala, José Gaos e Álvaro Fernández Suárez. Entre os

ibero-americanos, encontramos Haya de la Torre, Rafael Heliodoro Valle, Manuel Moreno Sánchez, Luís Alberto Sanchez. Do primeiro grupo, serão analisadas as abordagens realizadas por Francisco Ayala e José Gaos⁸⁶; dentre as contribuições dos ibero-americanos, ou seja, do segundo grupo, analisaremos as posições do Haya de La Torre e de Luís Alberto Sanchez.

Francisco Ayala⁸⁷ afirmou que a falta de um nome adequado para a comunidade ibero-americana era resultado do próprio desconhecimento⁸⁸. Segundo ele, as denominações que faziam alusão ao bloco ibero-americano eram questionáveis por portarem intenções políticas que conduziavam a realidade para uma ou outra direção. Para o escritor espanhol, termos como Hispano-América, Ibero-América, Latino-América, Indo-América eram questionáveis e, portanto, insatisfatórios. Uma denominação neutra, na opinião de Francisco Ayala, seria “zona ibérico criollo-indiánica”, pois contemplaria os principais grupos sociais presentes na região. Todavia, a expressão não constituía um nome.

Para Francisco Ayala, a solução seria buscar a nossa autenticidade, já que, segundo ele, o mal dos ibero-americanos estava no fato de que falsificavam seu ser histórico, adotando ideias postíças e sem sentido, que seriam respostas a enigmas ausentes na nossa consciência. Um exemplo desse falseamento estava na ausência de uma análise profunda sobre o momento e os desdobramentos do fim do império espanhol na América. Segundo o escritor espanhol, as análises feitas eram simplistas, porque geralmente consideravam o caminho do fim do império

---

⁸⁶ Por sua vez, Ramon Iglesia fez uma resenha sobre o livro de Stefan Zweig **Amerigo, a comedy of errors in history**. New York: The Viking Press, 1942, em que ressalta o erro de Zweig em atribuir a Américo Vespúcio os créditos sobre o desbravamento do continente. Cf. IGLESIA, Ramon. Comedia de equivocaciones. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, may/jun 1942, p. 157-160. O artigo de Álvaro Fernández Suárez buscou enfatizar a vinculação da Ibero-América com o Ocidente, atribuindo o nome de *Suroccitania*, ou seja, a parte meridional da civilização ocidental. Cf. FERNANDEZ SUAREZ, Álvaro. Expectativa y futuro de un continente sonámbulo. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, sep/oct 1952, p. 7-23.

⁸⁷ AYALA, Francisco. La coyuntura hispanica. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, jul/ago 19432, p. 69-98.

⁸⁸ Francisco Ayala era escritor. Exilou-se na Argentina, onde passou dez anos trabalhando e colaborando na revista *Sur* e no diário *La Nación*. Foi co-fundador da revista *Realidad*. Na década de 1950, passou a viver em Porto Rico e depois nos EUA, onde lecionou Literatura espanhola nas universidades de Princeton, NYU e Chicago. Em 1960, retornou, pela primeira vez, a Espanha e, aos poucos, se reintegrou a vida literária espanhola. Em 1976, instalou-se definitivamente em Madrid.

à construção de novos Estados Nacionais algo natural. Para o autor, na realidade, esta era uma solução que contemplava os interesses das novas potências europeias do século XIX. A aceitação apressada dos valores nacionalistas não levou em consideração que, para a América espanhola, o nacionalismo significava desintegração, enquanto que, para os países europeus, era sinônimo de união. Consequentemente, a divisão do império espanhol em nações autônomas teria conduzido os ibero-americanos a uma posição de satélites das potências internacionais emergentes.

Na visão de Francisco Ayala, os países ibero-americanos, apesar de formarem um corpo histórico, atuavam no plano da política internacional de forma individual. A dificuldade em encontrar um nome adequado e representativo para os países ibero-americanos decorria da impossibilidade de se reconhecerem e serem reconhecidos externamente como um bloco político coeso.

Francisco Ayala privilegiava o processo histórico para a compreensão da Ibero-América⁸⁹. Essa preocupação com a história no processo de identificação ibero-americana foi reforçada por José Gaos⁹⁰.

Para Gaos, a história se desenrola sobre a geografia física e humana sem receber características deterministas destas. Ao contrário: é a história que, antes, impõe suas próprias formas àquelas geografias. No artigo que abordou a nomenclatura da Hispano-América, o

---

⁸⁹ Para Francisco Ayala, as bases da cultura comum ibero-americana e espanhola foram forjadas no momento da Contra-Reforma, momento que marcou a ruptura do pensamento hispânico com o europeu.

⁹⁰ José Gaos (1900-1969): filósofo espanhol, discípulo destacado de Ortega y Gasset. Durante o período de 1936-1939, exerceu o cargo de reitor da Universidade de Madrid. Era membro do PSOE desde 1931. Foi um dos intelectuais convidados por Daniel Cossío Villegas para o Colégio de México no final da Guerra Civil Espanhola. Criou o termo “*transterrado*”, em substituição a *exilado*, para definir sua situação política em relação à Espanha, que teve que deixar. Obteve a nacionalidade mexicana em 1941. Os estudiosos da História das Ideias na Hispano-América atribuem a José Gaos uma influência fundamental no desenvolvimento do pensamento e da filosofia hispano-americana, principalmente na mexicana. A José Gaos se atribui: a revalorização do pensamento de Samuel Ramos; incentivador de Leopoldo Zea e também do grupo *Hiperión*; impulsionador da pesquisa sobre a história do pensamento filosófico hispano-americano através de seminários, orientações de teses de doutorado, cursos universitários e publicações. José Gaos também é considerado como um dos mais importantes divulgadores do pensamento de Ortega y Gasset na América (DUSSEL, MENDIETA, BOHÓRQUEZ, 2011, p. 835-836).

autor evidenciou o passado comum dos povos americanos com os europeus ao adotar muitas vezes o termo Euro-América. Destacou também que os países americanos faziam parte de um bloco cultural que superava o espaço das suas antigas metrópoles. Para o filósofo espanhol, os países americanos eram, acima de tudo, ocidentais e por isso a primeira identificação dos americanos seria como *Occidente*.

No entender de Gaos, a América estava ligada a Europa não apenas por suas antigas metrópoles, mas também por aquilo que do velho continente estava presente na América. Assim, o termo Ocidente englobava toda a América e Europa, pois o autor⁹¹ considerava incompleta a referência de apenas uma dessas partes sem levar em consideração a outra:

*Para designar estas entidades así integradas se dice corrientemente, por ejemplo, España y América española o España e Hispanoamérica, o Europa y América. Pero estas denominaciones tienen la inexactitud de que su composición antes encubre que expresa las entidades correspondientes en la unidad que las hace ser. La denominación de Occidente es la única del grupo que expresa con exactitud la respectiva entidad [...]*⁹².

Dentro do conjunto de países que formavam o Ocidente, os países do continente americano de origem hispânica e a Espanha formavam um grupo específico, o que, para Gaos, poderia ser identificado no termo *Hispanoamérica*. Diferentemente do uso corrente do termo, em que *Hispanoamérica* refere-se apenas aos países americanos, para Gaos, esse termo incluía também a Espanha⁹³.

⁹¹ GAOS, José. Localización histórica del pensamiento hispanoamericano. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, jul/ago 1942, p. 63-86.

⁹² Ibid., p. 65.

⁹³ “[...] En todo caso, lo que se acaba de apuntar en esta nota habrá mostrado o confirmado que los hechos son más complejos de lo que parece percibirse o pensarse corrientemente, a juzgar por el instrumental onomástico de que se ha dispuesto hasta aquí y el uso que hasta aquí se ha hecho de él y que por tanto debe dividirse y completarse este instrumental como se ha propuesto y hecho en lo que se acaba de apuntar, ya que los términos de América ibérica, española, portuguesa, inglesa, no se prestan a designar las entidades integradas por las formadas en este continente y las que fueron sus metrópolis, como se prestan a hacerlo los otros términos, de Iberoamérica, Hispanoamérica, etc”. GAOS, José. Localización histórica del pensamiento hispanoamericano. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 67, jul/ago 1942.

Nesse artigo de José Gaos, percebemos dois desafios: o primeiro, ressignificar o termo *hispanoamérica*, buscando uma reflexão sobre a ligação entre América espanhola e a Espanha; o segundo, reforçar, simultaneamente à reflexão, a ideia de que os países americanos, principalmente os de origem ibérica, pertenciam ao Ocidente e, portanto, não eram marginais a ele.

Os países americanos de fala espanhola e a Espanha constituíam, para Gaos, um mesmo espaço histórico, iniciado na Modernidade, com a formação do Império espanhol, espaço histórico que se sobrepunha ao geográfico por ser marcado por experiências comuns. No século XVIII, iniciou-se nas três partes da *Hispanoamérica* (a continental, a insular e a peninsular), o movimento da Ilustração, que trouxe à tona a busca comum pela identidade de suas origens, direção e destino. Na Espanha, esse movimento de renovação cultural fazia a crítica e a revisão do passado imediato marcado pela decadência. Nas colônias espanholas de então, esse movimento de renovação cultural atuava pela independência “espirtual” e política em relação à metrópole. Para Gaos⁹⁴, “*A priori puede afirmarse que uno y otro se originaron en la evolución propia de metrópoli y colonias. A posteriori se sabe que el gran movimiento da Ilustración fue concurrente origen común de ambos*”.

O movimento da Ilustração, apontado por José Gaos, se fez decisivamente político e triunfou nas colônias do continente no início do século XIX. Nas colônias insulares, ele triunfou no final do mesmo século. Na Península, esse mesmo movimento persistiu e cresceu durante os séculos XIX e XX e se aprofundou como movimentos constitucionais, liberais e republicanos, que terminaram na Primeira e Segunda República. Todavia, como movimento político ainda não havia triunfado.

---

⁹⁴ Ibid., loc.cit.

Para Gaos⁹⁵, “*España es la última colonia de sí misma, la única nación hispanoamericana que del común pasado imperial, queda por hacerse independiente, no sólo espiritual, sino también políticamente*”. Porém, a “velha Espanha” não subsistia somente na Península, mas também nas antigas colônias, na medida em que partidários hispano-americanos da velha ordem, embora não advogassem um programa de restauração do império, buscavam reanimar valores políticos do antigo regime, inclusive com o apoio à Espanha franquista⁹⁶.

Neste artigo, o autor também ressalta a necessidade da parte americana da Hispano-América ajudar na independência da Espanha em relação à velha ordem, da mesma forma que as antigas colônias insulares receberam apoio para sua independência das nações hispano-americanas continentais.

José Gaos buscou evidenciar a vinculação entre as Hispano-Américas americana e europeia. Para o intelectual, ambas compartilhavam a mesma vertente cultural articulada não por uma geográfica física, mas histórica, a qual nomeou “espaço histórico”. Esse espaço histórico que constitui a Hispano-América estaria inserido num contexto maior, que é o Ocidente, e como tal deveria ser conhecido. José Gaos tinha a preocupação em lutar para que o pensamento hispano-americano deixasse de ocupar um posto marginal dentro da comunidade intelectual ocidental.

Para entender essa preocupação, é preciso levar em consideração o contexto em que ele estava inserido quando publicou o artigo. José Gaos, como exilado, vivia então a experiência de ser obrigado a ficar fora do espaço público da sua pátria e afastado também da

---

⁹⁵ Ibid., p. 70.

⁹⁶ Para José Gaos (ibid., p. 69): “*La vieja España imperial no venía existiendo solo en la Península. Dada la correlación entre metrópoli y colonia dentro del Imperio, puede decirse que sólo desde el momento en que empezó a existir en América, empezó a existir en España. En todo caso, prácticamente, venía existiendo en metrópoli y colonias desde los comienzos de éstas. (...) Más aún porque en las colonias vivían partidarios de la metrópoli o del Imperio, de lo que una y otro representaban para ellos espiritual, social, materialmente, que resultaban los predominantes de hecho*”.

história que estava sendo construída naquele espaço. Sentia o que era estar à margem da sociedade, que o havia expulsado, e, concomitantemente, sobrevivia a essa anulação, tentando influenciá-la.

O entendimento do filósofo espanhol de que a América espanhola e a Espanha faziam parte de um mesmo conjunto o levou a se considerar não como exilado, mas sim como transterrado. A América representava o espaço da Hispano-América, onde as raízes liberais e republicanas do pensamento espanhol haviam se efetivado. Nesse ponto, sua história pessoal e a análise que fazia da situação política da Hispano-América, principalmente a espanhola, se mesclam. A Espanha franquista abandonada, ainda que pertencente ao espaço histórico hispano-americano, era aquela ainda presa ao passado imperial e em processo de distanciamento histórico das outras nações hispano-americanas. A Hispano-América que o acolheu, não na condição de exilado, mas de transterrado, era aquela defensora da liberdade. O intelectual não havia saído da Hispano-América, mas da fração daquele espaço histórico comum, que ainda estava presa ao passado decadente em direção à fração republicana e marginal.

Com efeito, quando se exilou no México, Gaos tomou consciência da situação marginal que o pensamento hispano-americano estava submetido pela cultura ocidental. Para ele, o modo ocidental de pensar condenava o que não estava estabelecido dentro dos seus parâmetros. Na obra que construiu no exílio, Gaos buscou integrar o pensamento hispano-americano ao ocidental, destacando que, justamente por estar à margem do pensamento ocidental, ele poderia se constituir como chave de crítica à tradição europeia e ocidental⁹⁷. José Gaos buscava mostrar que não havia uma incompatibilidade entre a cultura hispano-americana e a ocidental, pois, antes, ambas faziam parte do mesmo conjunto. Por isso,

---

⁹⁷ Cf. MONCLÚS ESTELLA, Antonio. José Gaos y el significado de “Transterrado”. In: ABELLÁN, MONCLÚS, 1989, p. 33-75.

afirmou que a denominação de Ocidente era válida para indicar a vinculação cultural existente no espaço histórico hispano-americano.

Notamos que tanto para Francisco Ayala quanto para José Gaos o processo de independência da América espanhola era crucial para pensar a identidade e a nomeação da comunidade hispano-americana. Para Francisco Ayala, o processo foi de fracionamento e desunião e resultou, concomitantemente, no enfraquecimento político e na perda de prestígio internacional. José Gaos fez uma análise um pouco diferente ao apontar que a independência política foi resultado de um movimento que, na busca por liberdade, rompia com as instituições ligadas ao imperialismo arcaico. Nesse sentido, apenas a Espanha continuava presa aos valores do antigo Império e, por isso, era a última colônia que precisava se libertar de si mesma. Ambos, de formas distintas, afirmavam que a Hispano-América ocupava uma posição marginal no cenário internacional.

Para Francisco Ayala, a solução passava por uma unidade de ações políticas; para José Gaos, era necessário investigar a história do pensamento hispano-americano e, através de sua autenticidade, procurar o encaminhamento político. Os dois artigos foram publicados durante a Segunda Guerra Mundial, período em que a América praticava a política da “Boa Vizinhança”, os conflitos de interesses entre as duas Américas estavam aplacados e a queda do General Franco ainda era esperada. Os artigos procuraram mostrar os vínculos da Hispano-América com a Espanha exilada, e a distância que deveria ser mantida da Espanha imperialista e decadente do General Franco. Questões como a fé, raça ou a língua não foram destacadas pelos espanhóis.

Se, para esses espanhóis, colaboradores da revista mexicana, as questões da língua e da raça não eram prioritárias, para a definição da parte não saxônica da América, para outros

intelectuais ibero-americanos, também colaboradores, como Haya de La Torre⁹⁸ e Luís Alberto Sanchez⁹⁹, esses elementos eram importantes e deveriam ser valorizados e explicitados.

Haya de La Torre, nos seus artigos publicados em *Cuadernos Americanos*, referia-se à América não saxônica como *Indoamérica*. Embora ele não tenha escrito nenhum artigo específico sobre o tema da denominação na revista, ficava claro, pelas suas contribuições, a opção por assim denominar os países situados abaixo do Rio Bravo.

A defesa de Haya de la Torre pelo termo *Indoamérica* era decorrente de suas reflexões para construir uma identidade continental e da formulação de conceitos autênticos dotados de significações políticas. Para o intelectual, os termos Hispano ou Ibero-América remetiam ao passado colonial e, portanto, eram anacrônicos. O termo América Latina estava vinculado ao processo de independência no século XIX e precisava ser superado. O novo termo *Indoamérica* estaria relacionado ao momento de transformações no continente, que havia começado com a Revolução Mexicana e deveria representar a busca por caminhos alternativos de desenvolvimento social (HAYA DE LA TORRE, 1986, p. 909-921).

O termo defendido pelo político peruano recebeu críticas, porque muitos entendiam que ele contemplava apenas uma parte da população americana, que, em alguns países, era minoria. Haya de la Torre respondia a essas críticas afirmando que o termo *Indoamérica* não estaria representando apenas a população de origem autóctone do continente, mas também a

---

⁹⁸Víctor Raúl Haya de la Torre (1895-1979): Político peruano, fundou a APRA (Aliança Popular Revolucionária) em 1924 durante seu exílio no México. Escreveu o livro **El imperialismo y el APRA** em 1928 que só foi editado em 1936, no Chile. Sua vida política foi pontuada por perseguições e exílios e seu início foi marcado por uma orientação marxista, que, progressivamente, foi perdendo força para a social-democracia. Abandonou a ideia de revolução para defender a democracia representativa. Também desenvolveu uma doutrina denominada “espaço-tempo histórico”, em que defendia a necessidade de relativizar o esquema marxista do desenvolvimento teleológico da história, segundo as circunstâncias espaço-temporais de cada sociedade. Haya de La Torre era amigo de Jesús Silva Herzog. Em 1928, o fundador da APRA foi acolhido por Silva Herzog, que o contratou como pesquisador no Instituto de Investigações Econômica, ligado a Secretaria da Fazenda mexicana.

⁹⁹Luís Alberto Sanchez também foi colaborador de *CA* e usava o termo *Indoamérica* em seus artigos. Luís-Alberto Sanchez foi escritor, advogado, historiador, jornalista e político peruano. Como um dos líderes do PARA, o peruano chegou a ser senador, vice-presidente da República e três vezes reitor da Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

mestiça. Além disso, o prefixo “indo”, como havia sido criado pelos espanhóis, abarcava também o branco.

Para Haya de la Torre, o nome *Indoamérica* representava uma mudança semântica atrelada a busca por um novo caminho social e político, independente dos teóricos europeus¹⁰⁰.

Tanto nos artigos de Haya de La Torre como nos de Luís Alberto Sanchez, o termo *Indoamérica* incluía o Brasil. Para ambos, o principal elemento de unificação entre os países americanos de língua espanhola e o Brasil estava nos problemas comuns enfrentados por países que se caracterizavam pela presença predominante de raças consideradas inferiores (índios e negros) frente ao domínio dos países ocidentais, sobretudo dos Estados Unidos.

As análises realizadas por José Gaos, Francisco Ayala e Haya de la Torre sobre o nome mais adequado para representar a comunidade de países situados abaixo do Rio Grande apresentavam uma característica comum: a constatação de que a Ibero-América precisaria criar suas próprias considerações sobre sua realidade, considerações que refletiriam em uma originalidade de pensamento (preocupação de José Gaos), de política regional (destacada por Francisco Ayala) e em uma nova linguagem política (valorizada por Haya de la Torre).

A revista espanhola também manifestou preocupação com a denominação que deveria prevalecer para designar a comunidade de países situados abaixo do Rio Grande. Os artigos, ao mesmo tempo em que tratavam de mostrar a legitimidade do termo “*Hispanoamérica*”, também enfatizavam o caráter falacioso da expressão América Latina ou Latino América.

A revista¹⁰¹ posicionou-se sobre o tema por meio de um artigo que condenava o uso político que estava sendo travado em torno da questão. Para *CH*, o problema era cultural e as

---

¹⁰⁰ Haya de la Torre (1986, p. 912): “El ‘nuevo lenguaje político de Indoamérica’ tendrá, pues, que salirse de la repetición textual y servil de los teóricos de la Justicia Social y de la Libertad de los pueblos europeos, para hablar con otros vocablos, que son antiguos pero que renuevan en estas tierras la perentoriedad de nuestros asuntos propios.[...]”.

discussões derivadas da contenda deveriam também conter argumentos culturais. Sobre isso o artigo afirmava¹⁰²:

Si la discusión estuviera entablada en un terreno meramente histórico o lingüístico o – digamos generalizando – cultural, aquí no había comentario; pero es el triste caso que nombres, y lo que ellos tienen de bandera, sirven ahora para dar cartel a complicadas posiciones políticas. Por este motivo, esta glosa se atenderá – luchando contra toda utilización política – a términos nada más que culturales, y culturales serán siempre sus argumentos, su dialéctica y sus fines.

[...]

¿Cuestión de nombres? No: cuestión de historia gloriosa pasada, de difícil historia presente y, sobre todo, de común y esperanzada historia futura.

Segundo este artigo, se a questão da denominação da América estivesse apenas no plano linguístico ou cultural, não seria objeto de reflexão. Todavia, como revelava interesses políticos, obrigava a revista a se manifestar.

A revista pretendia usar argumentos culturais para atacar o uso político que estaria movendo a defesa por outros termos diferente daquele convencionado pelos espanhóis peninsulares. Portanto, podemos considerar que a revista também estava assumindo uma postura política, ao usar elementos linguísticos e culturais para legitimar o termo Hispano-América, ao invés de Indo-América ou América Latina.

A postura política da revista é reforçada principalmente quando afirma que a questão do nome estaria ligada ao que se pretendia construir para o futuro. Por conseguinte, não era apenas um vínculo histórico que o nome deveria evocar, mas também um projeto de futuro comum, que, para viabilizar-se, precisava de ações políticas dos governos, apoiadas pela população dos respectivos países envolvidos.

Para autores como Agustín Basave, eram os inimigos da Espanha que defendiam a utilização de outras nomenclaturas para Hispano-América como, por exemplo, América

---

¹⁰¹ Cf. ¿Latinoamerica? ¿Iberoamerica? ¿Hispanoamerica? **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 19, p. 149-151 jan/feb 1951.

¹⁰² Ibid.

Latina¹⁰³. Embora não nomeasse tais inimigos, podemos conjecturar que seriam os mesmos que pretendiam inviabilizar ou prejudicar a realização de uma união entre Espanha e os países da Ibero-América¹⁰⁴. Nesse sentido, poderiam ser os EUA, os hispano-americanos contrários ao governo franquista e os exilados espanhóis em ação na América¹⁰⁵.

A justificativa para o nome de *Hispanoamérica* baseava-se principalmente em elementos como a história, a raça e a fé. Os colaboradores de *CH* consideravam a Espanha a responsável pela promoção da unidade e coesão numa multiplicidade de povos indígenas que viviam no continente americano. A Espanha teria propiciado uma estrutura básica para as populações americanas, de forma que pudessem se desenvolver no mundo cristão.

Importante observar que, para legitimar o termo hispano-americano, os colaboradores de *CH* citavam autores ibero-americanos reconhecidos internacionalmente, como Rodó, Mariano Picón Salas, Rafael Heliodoro Valle e outros¹⁰⁶.

Um exemplo de legitimação do termo, presente no editorial já citado, é a referência ao autor uruguaio José Enrique Rodó. O artigo trazia a seguinte abordagem¹⁰⁷:

Y, como bien señala Rodó, dentro de lo hispánico caben juntos e íntegros lo español y lo luso. Pues lo ibero y lo hispánico se hallan entre sí como la materia y la forma, y ambas comunes para España y Portugal. Lo ibero, en efecto, es como la infraestructura, lo espontáneo, lo étnico y temperamental subyacente en lo español y lo portugués; lo hispánico, en cambio, es la alta estructura, la determinación cultural, la forma histórica de lo español y lo luso.

¹⁰³ Agustín Basave y Fernández del Valle (1923-2006) foi filósofo, escritor, catedrático e jurista mexicano. Publicou mais de trinta livros sobre filosofia e direito. Era considerado um filósofo católico. Sua participação na revista provavelmente ocorreu durante o período em que realizou seu doutorado em Direito pela Universidad Complutense de Madrid.

¹⁰⁴ Cf. BASAVE, Agustín. Significado de la Hispanoamericanidad. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 28, abril 1952, p. 100-102.

¹⁰⁵ A evocação dos inimigos de Espanha como responsáveis pelo uso de outro termo para Ibero-América também foi realizada em outro artigo assinado pelas iniciais E. C. R: No es cuestión de nombres, pero... **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 31, julio 1952, p. 163-164.

¹⁰⁶ Cf. DELGADO, Jaime. Algo sobre América Latina. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 14, mar/abr 1950, p. 257-264; E.C.R. No es cuestión de nombres, pero... **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 31, julio 1952, p. 163-164 e C (Enrique Casamayor). Aunque el nombre es lo de menos. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 38, febrero 195, p. 248-249.

¹⁰⁷ Cf. ¿Latinoamerica? ¿Iberoamerica? ¿Hispanoamerica? **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 19, p. 149-151, ene/feb 1951.

Nesse editorial, Rodó foi mencionado para reforçar a ideia de que não havia diferença entre lusos e espanhóis, ou seja, entre países de fala hispânica e de fala portuguesa. Tanto portugueses quanto espanhóis e seus respectivos descendentes faziam parte de um mesmo conjunto, que tinha atrás de si uma história de glórias, um presente difícil e um futuro de esperança. Não era apenas uma questão de nomes, era, sobretudo, de projeto político integrador para a realização de um futuro comum, tendo como base legitimadora a história passada, que traria as mesmas esperanças de uma história a se fazer.

A inclusão de autores ibero-americanos como autores de artigos ou fontes de citação na defesa do termo *Hispanoamérica* dava maior legitimidade ao projeto de integração cultural e política dos países participantes dessa comunidade. Não se tratava apenas de nomes, mas, sim, do reconhecimento de uma identidade comum que pudesse avalizar políticas externas conjuntas.

Os artigos publicados pela revista em defesa do nome *Hispanoamérica* tinham a preocupação política de reforçar laços entre os dois lados do Atlântico, na constituição de uma comunidade política baseada na história, na língua e na fé.

2.1.2 América Latina: resistências ao uso do termo

A resistência da maioria dos autores, tanto de *Cuadernos Americanos* quanto de *Cuadernos Hispanoamericanos*, em usar o termo América Latina está relacionada à oposição à designação encampada pelos norte-americanos. Os colaboradores de ambas as revistas adotaram como diretriz a norma de que “quem deve dizer o que somos, somos nós mesmos”.

Todavia, ficou evidente a dificuldade em encontrar uma “auto-definição” que contemplasse os vários segmentos que faziam parte da Ibero-América e, ao mesmo tempo, que definisse sua alteridade em relação à Espanha e aos EUA.

Cuadernos Hispanoamericanos alimentou essa discussão, principalmente porque estava em questão sua aceitação nos países americanos. Para defender a posição de “umbilical” com os “irmãos” das Américas, autores ibero-americanos que publicavam na revista usavam o termo hispanoamérica, ao invés de latinoamérica.

Observamos que, para a maioria dos intelectuais que escreviam nas duas revistas, havia a preocupação em incluir o Brasil na designação do nome da região. Germán Arciniegas¹⁰⁸ representou uma exceção, pois, para este autor, a Espanha era mais familiar aos países da América Indoespanhola do que o Brasil:

Los indoespañoles vivimos dándole la espalda al Brasil. Ni su literatura, ni su historia, ni su arte nos son familiares. Seguimos interesándonos más por cosas de España que por las de nuestro gran vecino en el sur. La propia semejanza de las dos lenguas nos aleja. Nadie estudia portugués porque es demasiado fácil. Nadie lo lee, está fuera de las líneas de menor resistencia. En el fondo, porque es difícil. Los mismos argumentos explican la actitud de recíproca indiferencia que en este caso mantiene el Brasil.

Para Arciniegas, havia uma grande indiferença entre os americanos de fala espanhola e o Brasil. Segundo o autor, a falta de interesse era derivada, em parte, por uma falta de identificação, sobretudo em relação à língua, um dos elementos de identidade de um povo. A língua representava um obstáculo para a integração entre o Brasil e os países de língua espanhola.

Nos artigos publicados nas duas revistas que tinham o propósito de refletir sobre o nome da região não saxônica do continente americano, podemos indicar a existência de quatro propostas: um nome genérico, que relativizasse a vinculação da América em relação a suas

---

¹⁰⁸ ARCINIEGAS, Germán. Las cuatro Américas. *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 03, may/jun 1949, p. 7-17.

antigas metrópoles; um nome que explicitasse o caráter indígena na formação da população local; um nome que tivesse a função de evidenciar o passado histórico e um que marcasse as diferenças linguísticas e históricas.

Podemos associar essa nomenclatura a projetos políticos diferentes, que estavam sendo elaborados em relação à Ibero-América no cenário político que se delineava no mundo após a Segunda Guerra Mundial; projetos estes que visavam fortalecer a posição dos ibero-americanos, para conquistar maior independência e importância no cenário internacional.

Os maiores críticos ao termo América Latina estavam em CH. Jaime Delgado¹⁰⁹ afirmou que as estruturas identitárias da América Ibérica, como a fé e a língua, foram executadas pelos espanhóis. Para o intelectual, a França e a Inglaterra só teriam chegado àquela parte do continente americano no século XIX, principalmente por meio de relações comerciais e superficiais¹¹⁰. Por isso, seria injusto com a Espanha e incorreto historicamente estender a identificação dos países hispano-americanos a outros, como a latina França.

Enrique Casamayor¹¹¹ afirmava que, se fosse para ser exato na acepção literal do termo “latino”, haveria que se incluir o Canadá, por sua parte francófona, e os EUA, pelos estados do sul também de cepa francesa e pelos estados da Califórnia e Texas, em virtude das raízes raciais, culturais e linguísticas hispânicas. Por outro lado, se fosse considerada a questão política, Porto Rico deveria ficar excluído do conjunto latino já que era dominado pelos EUA¹¹².

Tanto Jaime Delgado quanto Enrique Casamayor argumentavam na defesa do nome Hispano-América, usando não apenas os fatores que identificavam a comunidade ibero-

¹⁰⁹ Jaime Delgado (1923-1993): escritor e historiador americanista. Especializado em história política contemporânea da América Hispana. Franquista e falangista. Desempenhou o cargo de delegado provincial do Ministério de Informação e Turismo em Barcelona (1962-1964).

¹¹⁰ DELGADO, Jaime. Algo sobre América Latina. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 14, mar/abr 1950, p. 257-264.

¹¹¹ Enrique Casamayor: Secretario de *Cuadernos Hispanoamericanos*.

¹¹² C (Enrique Casamayor). Aunque el nombre es lo de menos. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 38, febrero 1953, p. 248-249.

americana com a Espanha, mas também, e principalmente, os fatores que deveriam afastar o termo América Latina para denominar aquela comunidade. O termo América Latina, seguindo essas análises, seria um símbolo da vulnerabilidade dos países americanos não saxões à França e aos EUA. Já Hispano-América era a resistência.

Em CA, também havia os que explicitavam sua preferência por Hispano-América em detrimento de América Latina. Era o caso de Rafael Heliodoro Valle¹¹³. Este autor, em artigo escrito para a revista CA em 1944, usou o termo América Latina e não América Hispânica. Em nota, ele afirmou que¹¹⁴: “*De acuerdo con la convocatoria del certamen de “Tomorrow”, revista norteamericana, que ha premiado este escrito, aparece “América Latina” en vez de América Española, que es el término más apropiado*”. A nota indica que, para os norte-americanos, havia uma normatização quanto ao termo mais adequado, designação que os autores que quisessem ter seus textos publicados deveriam acatar.

Essa hipótese é reforçada por Leslie Bethel (2009), quando afirma que, no período do entre guerras e principalmente após a II Guerra Mundial e a Guerra Fria, nos EUA tornou-se convenção denominar os países americanos de fala espanhola, mas também o Brasil e Haiti, pelo termo América Latina. Essa visão oficial do governo norte-americano influenciou outros governos, instituições multilaterais, como a Comissão Econômica para a América Latina das Nações Unidas, ONGs, fundações e universidades nos Estados Unidos e na Europa¹¹⁵.

---

¹¹³ Rafael Heliodoro Valle (1891-1959): escritor, historiador e diplomata hondurenho. Entre 1949 a 1955, foi embaixador de Honduras em Washington. É importante ressaltar que, a partir de 1953, se tornou colaborador de *Cuadernos Hispanoamericanos*.

¹¹⁴ HELIODORO VALLE, Rafael. América Latina en el mundo de la post-guerra. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 07-77, may/jun 1944.

¹¹⁵ A Comissão Econômica para a América Latina das Nações Unidas CLA/CEPAL, fundada em 1948, foi a primeira organização internacional responsável pela “América Latina”.

Entretanto, entre os artigos pesquisados, encontramos um texto de autoria do mexicano Manuel Moreno Sánchez¹¹⁶, no qual o termo América Latina foi justificado da seguinte forma:

Un conjunto de países cuyas economías no se encuentran coordinadas ni son interdependientes; pero que mantienen no obstante una misma voluntad de actuación histórica fundamental por más que en muchas cuestiones concretas no estén acordes unánimemente. Ante todo, América Latina es una región geográfica, un conjunto de regiones económicas que tiene, en conjunto, caracteres semejantes en el pasado y el presente. Para nosotros, ahora, es una gran zona del Continente Americano, que en términos generales se extiende al sur del Río Bravo y en que existen pueblos originados por la influencia española, portuguesa, francesa, inglesa y norteamericana, donde otros países europeos tienen todavía colonias, territorios sin categoría política definida y quizás en camino de alcanzar un perfil social e histórico.

Da leitura deste texto, podemos concluir que o termo América Latina foi privilegiado pelo autor por definir, de uma forma mais abrangente, os países que estão localizados ao sul dos EUA. Os pontos em comum entre esses países diziam respeito à situação econômica do presente, fruto de experiências históricas do passado. Nesse caso, é possível supor que a posição econômica “periférica” da região no âmbito do capitalismo internacional parece ter influenciado a escolha do vocábulo sugerido para identificar os países de origem ibérica.

Devemos ressaltar que a nomenclatura América Latina não encontrou defensores em ambas as revistas. Ao contrário: o termo foi criticado como não sendo representativo da identidade dessa parte do continente. A revista *CH* em nenhum momento do período estudado publicou algum artigo com o termo, o que indica uma diferença de postura das duas revistas em relação à denominação América Latina.

Percebemos o uso do termo América Latina entre alguns colaboradores de *CA*, principalmente depois do início da Guerra Fria, quando a política da Boa Vizinhança já não existia, e os EUA se tornavam uma ameaça à independência política e econômica dos países

---

¹¹⁶ MORENO SÁNCHEZ, Manuel. El Imperialismo en America Latina. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 54-66, jul/ago 1948.

situados ao sul do Rio Grande. O termo América Latina foi se fortalecendo à medida que os intelectuais ibero-americanos constataavam a posição periférica de seus países na geopolítica mundial.

CH tinha como propósito aproximar os países ibero-americanos da Espanha franquista, ressaltando os elementos que fortaleciam uma ligação entre eles, como a história, a fé e a língua. Dessa forma, o termo Hispano-América continuava sendo um símbolo da união.

CA, concomitantemente à busca por soluções sobre a identidade dos países situados ao sul dos EUA, também vivenciou significativas transformações políticas no cenário internacional. Entre 1942, ano de publicação do primeiro exemplar, até 1955, os colaboradores da revista mexicana vivenciaram o fim da II Guerra, o fim da Política da Boa Vizinha, o início da Guerra Fria, a perda da importância da América não saxônica para os EUA, o golpe da Guatemala, articulado pelos norte-americanos, e a aceitação do governo de Franco pela ONU.

Todos esses fatos levaram *CA* a valorizar a questão do subdesenvolvimento econômico e social e a posição geográfica vizinha aos EUA como fatores importantes para a identificação dos países. O termo América Latina passou a ganhar importância por simbolizar essas condições. Por outro lado, as antigas metrópoles adequaram suas políticas ao novo cenário. Portugal mostrava-se preocupado com o destino das suas colônias africanas, e a Espanha, após a admissão na ONU, tinha a preocupação de reforçar sua posição na Europa.

A Ibero-América foi se tornando cada vez mais América Latina, enfraqueceu seus vínculos com a Europa, para melhor enfrentar a ameaça americana.

2.2 A discussão sobre as duas Espanhas em *CA* e *CH*

As justificativas para divulgação de *CA* e *CH* estavam ligadas à crença em uma comunidade transnacional, que reuniria os países antes incorporados como parte dos impérios ibéricos no continente americano. No entanto, a maneira de conceber essa comunidade ibero-americana ganhava contornos diferenciados pelas várias interpretações construídas e apresentadas nas duas revistas. Não se observa visões homogêneas no espaço das publicações aqui estudadas, pois, numa mesma publicação, encontramos variadas representações da identidade ibero-americana.

Numa primeira abordagem sobre *CA*, observamos que havia um esforço em detectar as semelhanças entre os ibero-americanos e os espanhóis. No entanto, os republicanos que colaboravam com *CA* tentavam desqualificar as possíveis aproximações entre os americanos de origem ibérica e os espanhóis franquistas, apontando a Espanha Franquista como símbolo do passado a ser superado.

Por outro lado, em *CH*, as justificativas para a constituição de um bloco de países afinados culturalmente e politicamente se pautavam em valores considerados intrínsecos a Espanha peninsular, que estariam presentes também na Ibero-América: a fé católica e o anticomunismo.

A ideia da existência de duas “Espanhas” (Franquista e Republicana) ultrapassou a esfera das discussões sobre o espaço nacional e ganhou destaque na discussão de aspectos transnacionais: a discussão estava orientada pela tentativa de definir qual era a Espanha que poderia ser considerada mais afinada com a Ibero-América, o que significava a probabilidade de definir uma possível parceira entre a Espanha e os países ibero-americanos, tanto no plano da cultura quanto no da política.

Segundo Pedro Bosch-Gimpera¹¹⁷, era difícil estabelecer exatamente o que era ou quem era o espanhol. Ao questionar as teses que atribuíam uma unidade ao povo espanhol, ele destacou os aspectos da história espanhola, pouco estudados, como a sociedade pré-romana, que poderiam contribuir para a identificação de traços genuinamente espanhóis. Combatendo a tese dos que defendiam uma unidade no espírito espanhol, centralizada na figura da unidade católica, das lutas de reconquista e da convergência nos reis católicos, o autor salientava o fato de que, paralelamente às perseguições contra judeus e islâmicos, a Espanha também havia gerado Frei Bartolomé de Las Casas e outros que defendiam a conversão pela persuasão ao invés do uso da violência¹¹⁸.

A tradição de liberdade espanhola também foi defendida por Justo Caballero¹¹⁹ que, para justificar seu ponto de vista, citou o poeta Francisco de Quevedo, Cervantes e, como Pedro Bosch-Gimpera, também lembrou de Las Casas. Para responder aos que insistiam na tradição de intolerância, como a praticada pela inquisição na Espanha, Justo Caballero afirmou que essa instituição enfrentou resistências por parte da sociedade em geral e só se fortaleceu sob o governo da casa de Áustria e, posteriormente, na dinastia Bourbon. Além desses fatores, Justo Caballero citou ainda a legislação que visava proteger os indígenas, promulgada por Carlos V, após as denúncias de Frei Bartolomé de Las Casas¹²⁰. Essa legislação, na opinião desse autor, indicava uma sensibilidade, única para a época, em relação aos povos das Américas.

---

¹¹⁷ Historiador espanhol, exilado no México. Especializado em pré-história, história antiga e medieval. Foi professor na Universidade de Barcelona até 1939. De 1941 até sua morte (1974), foi professor na UNAM, na Escola Nacional de Arqueologia. Também foi professor na Universidade da Guatemala (1945-1947) e diretor da Divisão de Filosofia e Humanidades da UNESCO (1948-1953). Adquiriu a nacionalidade mexicana em 1971.

¹¹⁸ BOSCH-GIMPERA, Pedro. Para la comprensión de España. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 154-174, ene/feb. 1943.

¹¹⁹ Espanhol exilado no México. Publicou dicionário sobre Quixote.

¹²⁰ CABALLERO, Justo. La Libertad, tradición española. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 169-196, jul/ago 1947.

O objetivo desses autores espanhóis exilados no México era fundamentar a visão de que a Espanha exilada era a verdadeira Espanha, a que mantinha diálogo com as Américas na luta pela liberdade. A outra era a da “Legenda Negra”, construída e estimulada pela Falange, que valorizava uma história de intolerância, caracterizada pela violência praticada desde a inquisição até as execuções sumárias realizadas pelo governo franquista.

Esta visão dualista não se restringia à posição dos exilados espanhóis. O venezuelano Mariano Picón-Salas expandiu, para a América, a ideia de que os homens que haviam lutado contra o domínio espanhol e a favor da liberdade política americana haviam enfrentado a Espanha “negra”. O venezuelano considerava ainda que essa Espanha franquista tinha representantes na história ibero-americana que deveriam ser combatidos. Para estes simpatizantes do franquismo, adeptos da censura e ditadura, a Espanha peninsular poderia ser a “madre pátria”, e Franco, o “padrasto da pátria”¹²¹.

Entre os espanhóis que estavam ligados à C.H, também havia uma dualidade em relação à Espanha: a Guerra Civil Espanhola era concebida como um momento trágico, mas fundamental para que a verdadeira Espanha nacionalista e vitoriosa vivesse, e a outra, a republicana e derrotada, fosse extirpada.

Manuel Fraga Iribarne¹²² comentou a polêmica que existia em torno dessas “duas Espanhas”, esclarecendo que não estava disposto a alimentar tal discussão. Nesse sentido, afirmou¹²³:

O, en otros términos, y volviendo a los dos Españas. Estoy dispuesto a admitir que no son iguales, que la una vale más, infinitamente más, que la otra; que sólo hay una España verdadera y que la otra es la yedra, parásito que crece sobre la encina secular. Pero no estoy dispuesto a admitir

¹²¹ PICÓN-SALAS, Mariano. Madre Patria y Padastro Patria. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 67-72, jul/ago, 1949.

¹²² Político espanhol. Foi nomeado secretário geral do Instituto de Cultura Hispânica em 1952. Exerceu o cargo de ministro da Informação e Turismo no período de 1962-1969.

¹²³ FRAGA IRIBARNE, Manuel. Las Españas. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 31, p. 174-175, julio 1952.

cualquier clasificación, a un lado y a otro, que a cualquiera o a cualesquiera les interese establecer para su uso (y usufructo) personal.

Para o autor, só existia uma Espanha, a “verdadeira” (a nacionalista); esta valia mais do que a outra, a republicana, que crescia como parasita. No entanto, considerava esse debate fora de propósito e superado após a vitória dos nacionalistas. Além disso, advertia que se lembrar dos derrotados era uma forma de dar visibilidade a eles, e a melhor maneira de fazer desaparecer a Espanha parasitária era não alimentá-la, inclusive deixando de lado a discussão.

Nessa mesma linha de recusa ao debate sobre a dualidade espanhola, o historiador espanhol Vicente Palacio Atard argumentou que o povo espanhol estava à margem dessa discussão, fomentada por minorias interessadas em alimentar o ódio entre os espanhóis¹²⁴.

Palacio Atard, como outros colaboradores de *CH* procurava apaziguar os conflitos e minimizar as tensões¹²⁵. Nesse sentido, afirmava que o problema havia surgido com o sentimento de inferioridade do povo espanhol, sentimento este despertado pela modernidade europeia. No entanto, naquele momento (1950), como a modernidade europeia dava mostras de fracasso e esgotamento, o sentimento de inferioridade não tinha mais razão de existir, assim como a discussão sobre as duas Espanhas perdia sentido. O autor concluía que a Espanha vivia um momento que “[...] *se nos ofrece a los españoles la posibilidad de mirar el pretérito de nuestro país desde un ángulo que permite nuevas perspectivas.*”

Pedro Lain Entralgo via a divisão das duas Espanhas como resultado do embate entre os tradicionalistas desconhecadores e inimigos do seu tempo e os progressistas hostis ao seu

¹²⁴ PALACIO ARTAD, Vicente. El problema de España y la Historia. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 16, p. 41-50, jul/ago 1950.

¹²⁵ Vicente Palacio Atard era historiador. Em 1942, começou sua carreira docente como professor auxiliar. Entre 1957 a 1986, foi professor titular da Cátedra de História Contemporânea da Espanha na Universidade de Madrid. Na década de 1960, criou os primeiros seminários sobre a Guerra Civil Espanhola e fundou os **Cuadernos Bibliográficos de La Guerra de España – 1936-1939**.

passado¹²⁶. Segundo o autor, a Espanha havia sido palco de lutas travadas entre essas duas posições, o que dificultava sua saída do século XIX. Esse era o maior problema espanhol para o líder falangista, para quem essa disputa já não tinha mais sentido, porque o mundo e a Espanha haviam mudado.

Em uma tentativa de aproximação da Espanha peninsular com a americana, alguns autores buscaram mostrar que a antiga Metrópole Ibérica da conquista e colonização do Novo Mundo já não existia mais. Nesse sentido, o autor espanhol Adolfo Fojo Colmeiro¹²⁷ afirmou:

La España actual, la que en pleno siglo XX aspira a ocupar un puesto más dentro de la comunidad de pueblos hispánicos, ya no es aquélla: es hija de ella; tan hija como puedan serlo la república Argentina o Venezuela. (...) Los españoles ya no somos conquistadores ni colonizadores; somos eso sí, descendientes de los descubridores y civilizadores, de la España madre que llevó a América nuestra cultura y nuestra fe [...].

Para Fojo Colmero, a divisão entre as supostas duas Espanhas não fazia mais sentido naquele momento e, por isso, defendia a comunhão em torno de uma mesma perspectiva de futuro e ação conjunta¹²⁸.

Se, para os colaboradores de *CH*, a Espanha peninsular era “filha” da Espanha conquistadora, para os colaboradores de *CA* como José Gaos, o país ibérico, comandado por Franco, era, na realidade, a última das colônias hispânicas. Gaos afirmava que era preciso libertar a Espanha cativa e essa era a luta dos espanhóis que, inspirados nos americanos que fizeram suas independências acreditando na liberdade e na autonomia dos povos, deveriam seguir orientados por esses mesmos valores e propósitos. É importante destacar que havia um discurso no qual a “Espanha Negra” encontrava seus semelhantes na América.

¹²⁶ LAÍN ENTRALGO, Pedro Lain Entralgo. Hispanidad y modernidad. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n.0 2, p. 289-295, mar/abr, 1948.

¹²⁷ FOJO COLMEIRO, Adolfo. Hermana España. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 22, p. 35-39, jul/ago, 1951.

¹²⁸ Essa análise é reforçada pelo artigo do mexicano Agustín Basave Jr, para quem a Espanha como irmã da América hispânica, teria com esta grandes afinidades, como a língua, a formação cultural e a religião cristã. Para Agustín Basave Jr, era necessário haver um conhecimento maior entre os países, no sentido de familiarização com os problemas políticos e sociais. Cf. BASAVE Jr., Agustín. Hispanismo Lirico e Hispanismo positivo. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 29, p. 229-230, mayo 1952.

Identificamos em *CA*, um esforço para convencer os leitores de que os espanhóis exilados e hispano-americanos estavam juntos, contra as ditaduras dos dois lados do Atlântico.

Como a direção da revista *CA* era compartilhada por espanhóis republicanos exilados e mexicanos, nota-se uma preocupação, por parte desses dois grupos, em salientar pontos comuns existentes entre eles. Essa análise da identidade deveria, por outro lado, trazer uma diferenciação entre o regime comandado por Franco e o de seus aliados.

Os exilados espanhóis, desde o primeiro número da revista, expressaram suas divergências em relação a seus compatriotas peninsulares no que concerne às relações com os ibero-americanos. Joaquín Xirau¹²⁹ mencionou, no artigo *Humanismo Español*¹³⁰, um espírito humanista espanhol comum a todas as nações hispânicas, acreditando que, por meio desse, os hispânicos poderiam se manifestar naquele momento em que o mundo vivia uma situação tão delicada. Referia-se a todas as nações da Espanha, citando Cervantes, Unamuno, Luis Vives, Valdés, Conde de Aranda e os libertadores das nações hispano-americanas como expressões desse espírito humanista.

No entanto, para Joaquín Xirau, o humanismo espanhol – verdadeiro espírito do povo hispânico – só tinha sentido se fosse vivido em liberdade. Para ele, esta comunidade de espírito, composta pela Espanha republicana e todas as nações do nosso mundo americano, tinha lutado por sua independência e por sua dignidade. Portanto, só “em liberdade e em espírito” seria possível uma autêntica comunidade¹³¹. E, dessa forma, concluía que a “outra” Espanha, a de Franco, não poderia fazer parte dessa comunidade, porque seria o elemento desagregador devido à negação da liberdade. A ausência de liberdade, para o autor, constituía o obstáculo ao livre desenvolvimento do espírito das nações americanas.

---

¹²⁹ Filósofo espanhol. Estudou na Universidade de Barcelona. Sofreu influência de seu professor Manuel Bartolomé Cossío, em Madrid, García Morente e Ortega y Gasset. Foi Professor de filosofia nas universidades de Barcelona, Salamanca e Zaragoza. Pertencia ao grupo chamado "Escola de Barcelona". Após a guerra civil, foi para o exílio e lecionou na Universidade Nacional do México.

¹³⁰ XIRAU, Joaquín. Humanismo español. **Cuadernos Americanos**, México, D.F., n.01,p. 153, jan/fev. 1942.

¹³¹ Ibid., loc. cit.

Tal arrazoado sugere que o próprio espírito republicano, caro aos libertadores americanos, estava em desacordo com o arcabouço mental e ideológico da Espanha franquista, defensora da Monarquia Católica.

2.2.1 “*Hispanismo*” e “*Hispanidad*”

Dando continuidade à perspectiva de comunidade hispânica dividida entre os espanhóis nacionalistas na Espanha e republicanos na América, mencionamos o artigo do espanhol Francisco Carmona Nenclores, publicado no terceiro volume da revista *CA*, do ano de 1942, no qual conceitua os termos “*hispanismo*” e “*hispanidad*”. Tal diferenciação era fundamental para a identificação das filiações políticas presentes nas práticas culturais que circulavam no mundo ibero-americano.

A princípio, parece que os dois termos têm significados específicos, dependendo da posição ideológica de quem os emprega. No entanto, percebemos em vários textos, autores se referindo a *hispanismo* com o mesmo sentido de *hispanidad*.

Carmona Nenclores, alertando para a utilização equivocada dos termos, retomou uma pesquisa sobre o conceito de “*hispanismo*”, publicada em 1929 na *Revista de las Españas*, órgão da União Ibero-americana. Para o autor, esse termo especificava um conjunto de fenômenos político-sociais derivados da presença da Espanha na América. Ele lembrou ainda que o resultado da pesquisa apresentava a seguinte definição: “seria *hispanismo* aquilo que desde o ponto de vista material ou ético contribuísse para que os países ibero-americanos alcançassem o limite máximo do seu nível histórico próprio”.

No entanto, Carmona Nenclares¹³² entendia que o termo *hispanismo* era um vocábulo comparável a *romanismo* pelas seguintes razões:

Ibéria, provincia romana fue una de las del occidente latino que absorbió inmediatamente, al menos en su borde mediterráneo, los elementos románicos (derecho de ciudadanía, administración y ejército, fundación de ciudades y régimen municipal, religión y lengua). [...] España adquirió, gracias a la romanización, conciencia de su personalidad. Tomó ser histórico. Séneca representa, por eso, la primera presencia, concreta e individualizada, del alma ibérica. Tal es el sistema de ideas que debe articularse para entender el sentido del HISPANISMO. Lo que recibió de Roma – incluyendo el cristianismo -, lo transmitió al Nuevo Mundo.

Na perspectiva do autor, as relações Espanha-América se baseavam na absorção, por parte dos americanos, de instituições, língua e religião espanholas. Essa absorção teria tornado possível que, no Novo Mundo, uma consciência histórica própria ganhasse força e impulsionasse o surgimento de novas nações, que absorveram os elementos originários de Roma, transportados para a América através da Espanha.

Carmona Nenclares seguia afirmando que as independências realizadas pelos crioulos eram parte essencial do *hispanismo*, compreendido como um processo de incorporação, mas, ao mesmo tempo, de negação dos valores “hispanicos”, o que acabou fornecendo as armas contra a dominação espanhola.

Na sua conceituação sobre *hispanismo*, o autor não faz qualquer menção a valores e elementos culturais que os espanhóis teriam adquirido dos americanos durante o processo de dominação e posteriormente a ele. Disto, podemos concluir que *hispanismo*, na visão de Francisco Carmona Nenclares, dizia respeito, unicamente, aos elementos trazidos da Espanha para a América, onde encontraram recepção.

---

¹³² CARMONA NENCLARES, Francisco. Hispanismo e Hispanidad. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 45, mayo/junio, 1942, destaque no original.

Já o termo *hispanidad* aparecia, nos comentários do autor¹³³, vinculado ao franquismo e à maneira conservadora de conceber as relações entre a América e a Espanha:

Valiéndonos de los principios de que nos ha provisto indagaremos el contenido ideológico y moral de la hispanidad. Definida por el documento que ha creado su significación actual (decreto de la Gaceta Oficial, de Madrid, instaurando el Consejo de la Hispanidad), sería la reivindicación de Ibero-América para España. Pero no para cualquier España sino para la España teocrática-falangista triunfadora de la guerra civil. Reivindicación espiritual, en principio; reivindicación material en cuanto los factores internacionales sean propicios. España se auto-declara Imperio y reclama su ex Imperio. La hispanidad representa, por lo menos, un retroceso a la situación anterior a 1800. Nada menos. El fascismo ibérico aspira a suprimir el tiempo.

Hispanidad, portanto, era um termo que o autor relacionava aos espanhóis retrógrados. Para eles, a Espanha representava a grande líder espiritual, que estava em uma posição hierárquica superior dentro da comunidade hispânica.

Podemos perceber que, no artigo de Francisco Carmona Nenclares, estava implícita uma crítica à política do governo franquista para a América, posta em prática pelo “Consejo de la Hispanidad”, criado em 1940.

Em relação às definições dos dois termos, lembramos que Reinhart Koselleck (2011, p. 103) mostrou a importância das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feita pelos homens de uma dada época, para a compreensão dos conflitos sociais e políticos do passado.

A diferenciação proposta por Carmona Nenclares entre *hispanismo* e *hispanidad* mostra claramente seu posicionamento contrário aos espanhóis franquistas, que reclamavam a herança dos valores “superiores” introduzidos pelos conquistadores e colonizadores no Novo Mundo. Esses valores superiores, que o autor traduzia por justiça, liberdade e democracia, estavam relacionados à República derrotada na Guerra Civil Espanhola. Portanto, os verdadeiros representantes da herança espanhola na América eram conservados e praticados

---

¹³³ Ibid., p. 51.

pelos “transterrados” e não pelos partidários de Franco. As ações decorrentes da *hispanidad* – como as postas em prática pelo “Consejo de Hispanidad” e, posteriormente, pelo “Instituto de Cultura Hispánica” – caracterizavam-se pela falsidade, porque não representavam as heranças autênticas (leia-se românicas) do verdadeiro espírito espanhol¹³⁴.

Segundo o autor Raúl Morodo (1985), o primeiro intelectual que usou o termo *hispanidad* foi Miguel de Unamuno, que atribuiu ao termo o significado histórico-geográfico de Hispania. No entanto, o mito da *hispanidad*, usado na configuração do ideal hispânico ligado à raça hispânica e cavaleiro cristão, foi sistematizado por Ramiro de Maeztu, em seus artigos sobre a *hispanidad*, publicados na revista *Acción Española*. Posteriormente, esses artigos deram origem ao livro *Defensa de la Hispanidad*, cuja primeira edição é de 1934. O autor utilizava esse termo para designar a integração de uma cultura comum aos povos de América, África, e Oceania, através da ação civilizatória da Espanha.

Também em *CH* houve uma breve explanação sobre a diferenciação dos vocábulos *hispanismo* e *hispanidad*. O espanhol Enrique Casamayor, ao saudar uma nova edição da *Enciclopedia Universal Herder*, destacou o tratamento que a versão castelhana da enciclopédia dispensou aos dois vocábulos¹³⁵. Nela, o termo hispano-americanismo foi definido como uma doutrina que valorizava o vínculo de união entre todos os países da Hispano-América e Espanha. Esse vínculo estaria baseado numa unidade idiomática, cultural e religiosa. Na citada enciclopédia, *Hispanidad* evocava a ideia de império e sugeria a possibilidade de a Espanha retomar o posto de guia espiritual da comunidade americana,

---

¹³⁴ *Hispanismo* e *hispanidad* também foram objetos de preocupação dos colaboradores da revista *Repertorio Americano*. Segundo Alexandra Pita González, esses dois conceitos se tornaram pontos chave de discussão na revista costa-riquense (durante a Segunda Guerra Mundial.) sobre o futuro cultural e político dessas repúblicas. Cf. PITA GONZÁLEZ, 2009b.

¹³⁵ CASAMAYOR, Enrique. Una buena enciclopedia universal. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 50, p. 309-311, febrero 1955.

como tinha sido no seu passado glorioso¹³⁶. A *hispanidad* sugeria também unidade transnacional, baseada num programa inspirado nas ideias falangistas; supunha-se que tal unidade superaria a divisão interna marcada pela Guerra Civil.

À revista espanhola¹³⁷, que tinha como missão integrar o mundo hispânico, cabia a divulgação da *hispanidad* na Hispano-América, seguindo esse roteiro:

1º - *El pensamiento español de todos los tiempos*;
 2º - *El pensamiento europeo, interpretado por una conciencia hispánica*;
 3º - *El pensamiento hispanoamericano, difundido así entre todos los países que componen el mundo hispánico*.

Não podemos deixar de ressaltar que a política de *hispanidad*, dirigida para favorecer as relações com os países ibero-americanos, se converteu, desde o final da Segunda Guerra Mundial, em um dos elementos primordiais utilizados pela diplomacia franquista (DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, 1998, p. 111).

Laín Entralgo se referia, por diversas vezes, à *hispanidad* para justificar a política de aproximação pretendida pela Espanha através de *CH*

É interessante observar a participação de ibero-americanos na defesa do mito da *hispanidad*. Foi divulgada na revista a palestra intitulada *Estirpe de La Hispanidad*, proferida pelo catedrático da Universidade Mayor de San Marcos, de Lima, Dr. José Barco Peña, na Universidade Central de Madrid¹³⁸. Nessa palestra, o catedrático peruano traçou um programa que deveria ser divulgado nos países ibero-americanos, para que a *hispanidad* não fosse um mero conteúdo declamatório. Fazia parte desse programa o ensino adequado da História da

¹³⁶ A “vontade de império” fazia parte do programa da Falange. No terceiro ponto do programa falangista, redigido em novembro de 1934, aparece o seguinte: “*Tenemos voluntad de Imperio. Afirmamos que la plenitud de España es el Imperio. Reclamamos para España un puesto permanente en Europa. NO suportamos ni el aislamiento internacional, ni la mediatización extranjera. Respecto a los países de Hispanoamérica, tendemos a la unificación de la cultura, de los intereses económicos y de Poder. España alega su condición de eje espiritual del mundo hispánico como título de preeminencia en las empresas culturales*”. Cf. DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, 1988, p. 33, destaque no original.

¹³⁷ **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 50, p. 276-278, febrero 1954.

¹³⁸ BARCO PEÑA, José. *Estirpe de la Hispanidad*. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 07, p. 152-154, jan/feb. 1949.

Espanha, desde a conquista da América, em todos os centros docentes americanos, assim como a divulgação de conteúdos por todos os meios para atingir as massas. Além disso, caberia não só estimular o intercâmbio comercial e material, mas também o ideológico, de forma a se estabelecer uma verdadeira corrente intelectual entre os espanhóis de ambos os mundos.

Outro exemplo de preocupação com a divulgação do mito foi a declaração feita por Don Ramón Beteta, então Secretário da Fazenda do governo mexicano, presidido por Miguel Alemán Valdés. Ramón Beteta¹³⁹ afirmou: “*España nos enseñó a amar a Jesus Cristo. [...] Nos trajo una religión que habla de la paz entre los hombres y de la regla de oro, que ordena no hacer a los demás lo que para nosotros mismo no queramos...*”

Essa declaração foi usada na revista para destacar as mudanças em curso no México relacionadas ao enfraquecimento da oposição à Espanha de Franco e para reconhecer à contribuição positiva dada pela Espanha ao país por parte de setores da sociedade mexicana.

A defesa da *hispanidad* contribuiu para fortalecer projetos políticos conservadores e nacionalistas. Fundamentados em valores como a religião, a moral e a cultura tradicionalista, políticos de direita, tanto da Hispano-América quanto da Espanha, se valiam desses preceitos para persuadir sua clientela (CAPELATO, 2003).

A divulgação do espírito da *hispanidad* também era considerada forte aliada na luta contra o avanço comunista. O professor da Universidade de Granada, F. Gil Y Tovar, no artigo *Hispanoamérica ante el comunismo*¹⁴⁰, fez um balanço da situação dos partidos comunistas ibero-americanos e da importância da comunidade hispânica para evitar sua expansão:

---

¹³⁹ Essa declaração foi realizada por Don Ramón Beteta no City Hall de Los Angeles, durante as comemorações da independência do México. Cf. MEOUCHI Edmundo (E.M).. Última hora de la hispanidad. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 17, p. 315-316, sep/oct, 1950.

¹⁴⁰ GIL Y TOVAR, F. Hispanoamérica ante el comunismo. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 14, p. 287-293, marzo/abril 1950.

Son, pues, hoy por hoy, los pueblos de la Hispanidad – y a pesar de la fertilidad de su suelo para la siembra del comunismo-, los que menos comunistas cuentan. A las declaraciones de ilegalidad ya viejas en Portugal y España, se han sumado las de Nicaragua, Santo Domingo, Brasil, Costa Rica, Chile, Colombia y Perú .

[...] Hay que decidirse a la integración si se quiere aludir la desintegración; a la manutención de las fuerzas del espíritu si se quiere luchar contra la materialización; y hay que ir a la comunidad ara no dejarse ganar por el comunismo.

Além de antídoto contra o perigo comunista que rondava os países ibero-americanos, a *hispanidad* era invocada como elemento de integração dos povos contra o perigo vermelho. O governo franquista lançava mão desse recurso para enfrentar o isolacionismo a que fora submetido após o final da guerra.

A política externa do regime franquista deu resultados e, em 1953, a Espanha foi aceita na UNESCO, primeiro passo para ser aceita na ONU, o que aconteceria em 1955. Na revista *CA*, o espanhol Mariano Ruíz-Funes comentou os votos dos países hispano-americanos¹⁴¹ que colaboraram para o ingresso da Espanha nesses órgãos internacionais e, ao mesmo tempo, denunciou o estímulo que o governo franquista dava para as ditaduras na Ibero-América¹⁴²:

Sería injusto olvidar los votos favorables hispano-americanos. El Caudillo es el artífice imperial de la hispanidad. La hispanidad es un supuesto bélico. La integran varios antis, entre ellos la antidemocracia y el antiliberalismo. La hispanidad ha sido el pretexto de una penetración imperialista en la América española, con propósitos de dominación, no de diálogo. Tal proyecto no ha fracasado. España, que exporto espíritu a este continente, exporta ahora falangismo. El miedo ha vencido a la libertad, [...]. Los regímenes de opresión, que van ganando los países de este hemisferio, deben mucho al franquismo. Su inspiración ha pesado en los votos de la Unesco, por un movimiento de gratitud. España estaría en ella por derecho propio. La España de Falange ha entrado por derecho de conquista.

¹⁴¹ A América Latina representava dois quintos dos votos – 20 entre 51 – nas Nações Unidas, o que fazia dela um importante bloco de eleitores. Cf. BETHELL, ROXBOROUGH, 1996, p. 46.

¹⁴² RUIZ-FUNES, Mariano. Falange en la Unesco. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 86-90, ene/feb 1953.

Na avaliação do autor, a *hispanidad*, arquitetada pela falange espanhola, conseguira penetração na sociedade hispano-americana e contribuíra para a derrocada dos regimes democráticos no continente.

Com a entrada da Espanha na ONU, o objetivo que tinha levado órgãos do governo franquista à criação da revista *CH* havia sido alcançado: o isolacionismo espanhol estava superado. A partir de então, a revista passou a visar outros objetivos: a luta contra o comunismo e a aliança com as potências ocidentais.

CA também sofreu alterações a partir de 1955. A pauta da revista passou a abordar os golpismos militares, as intervenções estrangeiras na Ibero-América, as mudanças nos campos da cultura, ciência, economia e política, deixando de lado as questões ligadas ao exílio dos espanhóis; o espaço dedicado aos vínculos com os espanhóis diminuiu, sendo ocupado por questões dos países ibero-americanos.

Leopoldo Zea afirmou que o conteúdo da revista foi mudando com o tempo e com a história do mundo. Dentro destas mudanças, a única permanência foi o nome da revista e a preocupação com os problemas do desenvolvimento econômico, social, cultural e político da Ibero-América¹⁴³.

2.3 Ibero-América, entre a cultura Ocidental e a cultura Hispânica

Os homens que criaram *CA* tinham em comum um sentimento aberto de oposição e luta contra ideias e governos de inspiração nazi-fascistas, que, naquele momento (1942),

---

¹⁴³ ZEA, Leopoldo Zea. Cuadernos Americanos cincuenta años después. **Cuadernos Americanos**- nueva época, México D.F., n. 31, p. 11-15, ene/feb 1992.

havam levado o mundo ao pior conflito bélico até então visto. Muitos intelectuais decretaram que aquele estado de beligerância e intolerância foi fruto da cultura ocidental, e que, portanto, esta estava em decadência. Era preciso repensar o mundo e a forma de viver para que novas tragédias humanas fossem evitadas.

Para fugir daquele apocalipse, muitos europeus, como os republicanos espanhóis, escolheram a América espanhola como destino, e lá passaram a discutir o futuro que a civilização ocidental teria depois que o conflito houvesse terminado. Para os americanos, aquela era a oportunidade da Ibero-América sair da condição de figurante no cenário internacional e assumir o papel de protagonista. Tanto europeus fugidos da guerra, como americanos, ansiosos por um mundo em que a América tivesse papel de destaque, principalmente a Ibero-América, começaram a pensar e a discutir como deveria ser construído esse futuro. A América passava a ser o futuro e a salvação da cultura ocidental para esses dois grupos.

Embora a revista *CH* tenha iniciado a sua circulação em 1948, portanto depois do fim da guerra, a situação da Espanha ainda era incerta, já que o país sofria o isolamento imposto pelas Nações Unidas. Para romper o isolamento, seus intelectuais também voltavam sua atenção para a América, como a herdeira e salvadora da Espanha.

América se tornava, para os intelectuais que giravam em torno das duas revistas, a concretização de uma promessa que havia se iniciado na Modernidade, com os descobrimentos. Vários artigos foram escritos defendendo a América como a salvadora da cultura ocidental, a herdeira e continuadora daquela cultura e também como o lugar de inspirações utópicas.

2.3.1 América: herdeira, salvação e utopia da cultura Ocidental

Logo na abertura do primeiro número de *CA*, há um mapa da América, e, na parte de cima, a seguinte frase de Rubén Darío: “*América es el porvenir del mundo*”. Abaixo do mapa, foi transcrita uma frase de Francisco Pi Y Margall: “*América, tu eres mi esperanza, tú estás llamada a salvar al mundo*”.

A apresentação da revista com duas frases, uma de autor ibero-americano e outra de autor espanhol, é bastante significativa. Na revista, que era feita por representantes do mundo hispânico oriundos dos dois lados do Atlântico, havia a expectativa de que ela representasse a Ibero-América, considerada esperança do futuro. Os condutores de *CA*, tanto os espanhóis como os hispano-americanos, acreditavam que o tempo da Ibero-América havia chegado.

Nos textos publicados por *CA*, havia, por parte dos intelectuais, uma inquietação em relação à continuidade da Cultura Ocidental e sua relação com a Ibero-América. Também era questionado o papel e a responsabilidade dos ibero-americanos na salvação e perpetuação dessa cultura.

É importante definir o que é a cultura ocidental. Os textos publicados nas revistas não fizeram nenhuma explanação sobre sua definição, mas nota-se claramente que diz respeito à Europa. Para esse estudo, adotaremos a definição de Leopoldo Zea (1955, p. 08 apud FERNÁNDEZ RETAMAR, 1993, p. 157), para quem o mundo ocidental significava um conjunto de povos que, na Europa e na América, haviam realizado os ideais culturais e materiais da modernidade, ideais estes que se fizeram patentes a partir do século XVI. Em outro momento, ele resume o capitalismo como o mundo ocidental.¹⁴⁴

---

¹⁴⁴ ZEA, Leopoldo. **América en la conciencia de Europa**. México: [s.e.], 1955.

Leopoldo Zea¹⁴⁵ foi um dos autores que identificou o problema da continuidade da Cultura Ocidental. Para ele “*La crisis actual de la Cultura Occidental, la que ha llevado a Europa a la actual situación, ha planteado, como no había sucedido antes, el problema de la continuidad de dicha cultura*”. Pela primeira vez, a Cultura Ocidental corria o risco de perder sentido e deixar de ser referência mundial. Para o autor, a crise europeia afetava a América - já que a forma de viver americana era também herdeira da europeia - e colocava nosso continente ante o dilema de se ver arrastado pela crise ocidental ou oferecer uma alternativa para ela. O problema, para Zea, era uma questão já antiga: se os ibero-americanos, como herdeiros da cultura ocidental, teriam capacidade para construir uma cultura própria.

Leopoldo Zea considerava a América como herdeira da Cultura Ocidental, mas advertia sobre a necessidade dos ibero-americanos construírem caminhos próprios que servissem de alternativa e continuidade àquilo que receberam.

Nesse mesmo artigo, Leopoldo Zea destacava que a cultura americana não era herdeira apenas da cultura ocidental, já que possuía outras influências. Sobre as peculiaridades dos americanos, Zea afirmou:

*El hombre americano debe actuar como tal, es decir, de acuerdo con sus propias circunstancias. Y estas circunstancias muestran el carácter colonial de lo que llama su cultura. Somos por un lado americanos y por otro europeos. No podemos renunciar a ninguna de estas partes de nuestro ser sin falsearnos. No podemos renunciar a nuestra occidentalidad, como tampoco a nuestra americanidad; pero lo que sí podemos afirmar es que “somos occidentales de América, no de Europa”. Nuestra cultura es la Cultura Occidental, esto no podemos negarlos; pero para que dicha cultura se auténticamente nuestra, es menester que se americanice.*¹⁴⁶

A América poderia oferecer caminhos para a cultura ocidental, mas sem deixar de ser americana. Para isso, primeiro precisava se conhecer e saber que era uma outra coisa que não

¹⁴⁵ ZEA, Leopoldo. América como problema. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 126-130, nov/dez 1944.

¹⁴⁶ Embora na citação exista uma clara referência a Ortega y Gasset, não farei nesse momento considerações a essa questão específica.

Europa e nem tampouco apenas americana. O principal problema, para Zea, era a tentativa ibero-americana de buscar adaptar suas circunstâncias à uma concepção de mundo herdada da Europa, e não desenvolver sua própria visão do mundo. Esse era um problema antigo, uma vez que a origem da América já havia sido marcada por projetos que não eram próprios¹⁴⁷.

Zea apontava para a necessidade de que a Ibero-América oferecesse uma alternativa para a Cultura Ocidental em crise, uma alternativa baseada em suas características e a partir de suas circunstâncias. Esse caminho alternativo deveria ser construído, porque, até o momento, os ibero-americanos não tinham apresentado uma maneira própria de entender o mundo.

Essas reflexões foram importantes porque conduziam à conclusão de que os intelectuais deveriam, por serem pensadores de sua realidade, procurar sua autenticidade e independência, além de buscar suas próprias respostas para um mundo em mudança.

Dentro dessa perspectiva da necessidade de criar um pensamento próprio, Jesús Silva Herzog afirmava que havia chegado o tempo da Ibero-América criar novos valores para o mundo ocidental. Pensando a América como salvação e criação de um novo humanismo, Jesús Silva Herzog¹⁴⁸ declara ainda:

[...] No parece lógico conforme a la experiencia histórica que el foco de la civilización y la cultura sea para siempre, por todos los siglos, europeo. Después de la tragedia inaudita, las naciones del Viejo Continente están trituradas y desechadas; y es ahora, al Continente Americano, recostado sobre dos océanos, al que le toca recoger y conservar los auténticos valores de Occidente y esforzarse por superarlos, creando nuevos valores, creando un nuevo humanismo consistente en que todos los hombres llenen sus necesidades biológicas, económicas y sociales, que todos tengan igualdad de oportunidades para educarse y alcanzar su mejoramiento en el campo material y en el ancho horizonte de los valores del espíritu.[...]

---

¹⁴⁷ ZEA, Leopoldo Zea. En torno a una filosofía americana. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 63-78, may/jun. 1942.

¹⁴⁸ SILVA HERZOG, Jesús Silva ¿Y después de la guerra qué? **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 19, nov/dic 1945.

Salvar a Cultura Ocidental implicaria uma ação de reconhecimento da sua importância e também uma ação de superação através da criação de novos valores. A contribuição americana estaria na busca pela democratização das oportunidades econômicas e culturais. Para Silva Herzog, não era mais aceitável que a velha Europa fosse o epicentro da cultura humana. Era necessário que, nesse momento histórico, a América levantasse a bandeira de novos valores que incluíssem a justiça social.

Nesse caminho de identificar o problema da cultura ocidental para oferecer uma saída ao mundo, a Ibero-América foi levada a refletir sobre si mesma. A revista *CA* e seus intelectuais pretendiam ocupar o espaço de liderança tanto para a Ibero-América quanto para a Europa¹⁴⁹.

Nas contribuições de Jesús Silva Herzog e principalmente de Leopoldo Zea, notamos uma influência de José Gaos, que julgava o estudo das próprias circunstâncias essencial para atuar sobre ela¹⁵⁰. Havia, por parte de Gaos e de seus discípulos, um movimento de valorização do pensamento hispano-americano que objetivava a busca de soluções originais para seus próprios problemas.

Nesse sentido, notamos que, para alguns pensadores de *CA* que admitiam o vínculo da Ibero-América com a civilização ocidental, era preciso estabelecer a crítica a essa herança. A crítica era feita no sentido de que a participação ibero-americana na civilização ocidental era mais passiva do que ativa. Estes intelectuais julgavam que os ibero-americanos

---

¹⁴⁹ Esse papel da revista *CA*, como divulgadora da identidade americana, é destacado numa nota, uma espécie de editorial, sem assinatura, publicada no terceiro número de 1942 da seguinte forma: *El verdadero propósito de CUADERNOS AMERICANOS no podría definirse mejor: favorecer el conocimiento de América*. Destaque no original.

¹⁵⁰ José Gaos foi discípulo de José Ortega y Gasset que formulou o seguinte pensamento: *Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo*. Cf. ORTEGA Y GASSET, 2007, p. 77.

tradicionalmente imitavam sem reflexão os padrões ocidentais, e, por isso, chegara o momento de desenvolverem seu próprio “gênio criador”¹⁵¹.

Em alguns artigos sobre a América como salvadora da cultura ocidental, apareceu o problema da divisão da América em duas: a Anglo-Saxã e a Ibero-América. Leopoldo Zea reforçou a ideia da divisão americana, destacando que a contribuição do continente americano à Cultura Ocidental deveria levar em consideração as duas Américas. Além da cooperação com a Cultural Ocidental, as duas Américas deveriam promover o intercâmbio de ideias, porque havia muito o que aprender uma com a outra¹⁵².

Como representante da América anglo-saxã, o escritor norte-americano Waldo Frank também colaborava com CA, e manifestou sua opinião sobre o papel da América no contexto do nascimento da revista¹⁵³. Para Waldo Frank¹⁵⁴, “*nuestra tarea hoy es salvar la continuidad de la civilización occidental*”. Todavia, existia um desconhecimento mútuo entre ambas as Américas que deveria ser superado, pois uma necessitava do que a outra tinha. Para Waldo Frank, as duas Américas faziam parte do mesmo sonho do “Novo Mundo”, como um lugar ideal para um novo homem. Ainda conforme Waldo Frank:

Este ideal engendra armonías de temperamento y de naturaleza entre los pueblos americanos que son más fuertes que las diferencias de lengua, de

¹⁵¹ Cf. COSÍO VILLEGAS, Daniel. Los problemas de América. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 02, p. 7-22, mar/abr 1949. Fazia também parte desse esforço em estabelecer um pensamento próprio, que refletisse, a partir de suas circunstâncias, os ensaios publicados por Octavio Paz em CA. Octavio Paz, ao tratar dos aspectos que caracterizam o mexicano, atuava no sentido de contribuir para a consciência das próprias características. Cf. PAZ, Octavio. El Labirinto de la Soledad. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 17-30, oct/nov 1949 e PAZ, Octavio. El Labirinto de la Soledad II. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 79-92, ene/feb 1950.

¹⁵² ZEA, Leopoldo. América como problema. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 126.130, nov/dic 1944.

¹⁵³ Waldo Frank (1889-1967): norte americano de família judia de Nova York, é um escritor esquecido no seu país e desconhecido no Brasil, embora conhecesse sua história cultural e intelectual e tivesse visitado este país em duas ocasiões. Waldo Frank se considerava de esquerda e, nos anos de 1930, apoiou o Partido Comunista norte-americano. Caiu no ostracismo com a perseguição macartista no país. Em relação à América, Waldo Frank tentou construir uma unidade, estabelecendo ligações entre as culturas ibérica e anglo-saxônica; entre o norte e o sul. Victoria Ocampo, no primeiro número da revista *Sur*, dedica o periódico ao escritor norte-americano, reconhecendo nele o grande incentivador da criação da revista. Além de ter contribuído em revistas como *Sur* e *Amauta*, Waldo Frank escreveu vários livros sobre a América Hispânica.

¹⁵⁴ FRANK, Waldo. Los dos medios mundos americanos. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 38, may/jun 1942.

raza y de modo de vivir. [...] Este sueño de un nuevo mundo común, es una herencia. Pero también es una energía. Y una energía integral como la sangre. Es una sangre espiritual que hace hermanos a Bolívar y a Jefferson, a San Martín y a Lincoln. Es una sangre espiritual que hermana al campesino de la pampa, al minero de los Andes, al farmer de Nebraska, al mecánico de Detroit, al estudiante de Michigan y al estudiante de Santiago [...].

O ideal presente na noção de Novo Mundo não estaria circunscrito a apenas parte do continente, mas referia-se a todo ele, independente da língua ou da cultura, esta entendida como modo de vida. O importante, para Waldo Frank, era perceber que a esperança e a salvação da cultura ocidental viriam de toda a América. Para reforçar esse pensamento, Waldo Frank colocava lado a lado personagens caros ao nascimento das repúblicas americanas, como Bolívar, Tomás Jefferson, San Martín e Lincoln, personagens que representavam a realização do sonho da independência. O autor trabalhou nos aspectos em comum entre as duas Américas, partindo da descoberta do Novo Mundo, passando pelos seus libertadores, até chegar ao ponto de inflexão da história ocidental daquele momento, para afirmar que uma necessitava do que a outra tinha, o que contribuiu para reforçar a ideia de que, ao partilhar o mesmo espaço, dividiam também o mesmo destino.

Percebemos que Leopoldo Zea, Jesús Silva Herzog e Waldo Frank partilhavam do pensamento de que a América era herdeira da Cultura Ocidental. Como herdeiro, o continente do Novo Mundo tinha responsabilidades na continuidade dessa cultura, e aquele era o momento de efetivar esse compromisso. Devemos ressaltar que Leopoldo Zea e Jesús Silva Herzog salientaram que a América deveria contribuir partindo da reflexão sobre suas próprias circunstâncias, e, nesse sentido, propor a valorização de novos ideais.

A América do Norte não poderia ser desprezada, e pensar sobre as relações entre as Américas era inevitável. Vale observar que os artigos destacados até aqui foram publicados entre 1942 e 1945, período em que as relações políticas e econômicas entre os EUA e a Ibero-

América estavam pautadas pela Política da Boa Vizinhança. No contexto dessa política, havia certo otimismo entre os intelectuais sobre futuras parcerias das duas Américas quanto ao término do conflito mundial, o que possibilitava pensar a América trilhando um único caminho.

Havia aqueles que enxergavam um excesso de esperança no continente americano. Antonio Castro Leal¹⁵⁵, na resenha que fez sobre o livro de Alfonso Reyes *Ultima Tule*, afirmou que essa esperança não se cumpriria nunca, não por culpa dos americanos, mas em virtude da extensão da esperança criada pelos europeus¹⁵⁶.

Na modernidade, o continente americano havia se constituído no imaginário europeu como um lugar de infinitas possibilidades, onde lendas, projetos, sonhos e utopias poderiam se concretizar. Essa projeção contaminou a maneira como os americanos viam a si mesmos, de forma que a não realização dos ideais europeus provocava um sentimento de inferioridade¹⁵⁷.

Em virtude das projeções realizadas para a América, os povos do continente teriam desenvolvido a cultura do “Estado Profético”, ou seja, o cumprimento dos sonhos e das esperanças estaria sempre sendo “anunciado” para o futuro, sendo esse um continente de espera. Nesse sentido, alguns intelectuais exerciam o papel de anunciadores dessa profecia, mantendo-a viva¹⁵⁸.

---

¹⁵⁵ Antonio Castro Leal, advogado mexicano, foi o décimo quarto reitor da UNAM. No início do século, fez parte do grupo chamado “Os sete sábios”, junto com Alberto Vázquez del Mercado, Alfonso Caso, Manuel Gómez Morín, Vicente Lombardo Toledano, Teófilo Olea y Leyva e Jesús Moreno Baca. Este grupo se propunha continuar a renovação cultural iniciada pelo Ateneo de la Juventude Mexicana.

¹⁵⁶ *Ultima Tule*, livro de Alfonso Reyes publicado em 1942, trata dos temas aqui apresentados, ou seja, a América como esperança europeia. CASTRO LEAL, Antonio. América, Nueva e Ultima Tule. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 02, p. 57-60, 1943.

¹⁵⁷ Segundo José Gaos, “América era o último lugar sobre a terra para a utopia material humana”. A ideia que se tinha sobre América nutria a “utopia” do homem moderno como sendo aqui o lugar do “futuro histórico”. Um futuro que poderia nunca se realizar, fazendo com que a América permanecesse eternamente como espaço para a “utopia” moderna. GAOS, José. Significación Filosófica del pensamiento hispano-americano. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 02, p. 63-86, marz/abr 1943.

¹⁵⁸ Essas ideias foram formuladas por MASSUH, Víctor. América, profecía y conocimiento. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 85-97, oct/nov 1949.

2.3.2 América: herdeira da cultura Hispânica

Em *CH*, a principal referência não é a cultura ocidental e sim a hispânica. A revista procurava evidenciar os traços que ligavam América e Espanha, destacando a herança recebida pela Ibero-América da “Madre Pátria” e, a partir dela, a relação histórica existente entre ambas. A Cultura Ocidental não era negada, mas era relativizada em favor da hispânica.

Enquanto os colaboradores de *CA* discutiam a crise da Cultura Ocidental e sua repercussão na América, os autores publicados em *CH* buscavam reforçar a vinculação entre Ibero-América e Espanha. Um argumento trabalhado com esse objetivo foi o de que Espanha e Europa não partilhavam do mesmo padrão cultural, além de terem diferenças estruturais.

O fato de a Espanha amargar o isolamento político imposto após o término da guerra propiciou que vários colaboradores de *CH* enxergassem na Europa um comportamento hostil em relação à Espanha. Nesta perspectiva, o momento político tornava evidente um antagonismo antigo, nascido com a Reforma protestante. O principal defensor dessa visão na revista espanhola foi Oswaldo Lira¹⁵⁹. Para este autor, o momento em que viviam fazia parte das consequências desencadeadas pela ruptura no mundo europeu com a Reforma Protestante. A Reforma provocou a separação da Espanha do mundo europeu. Por sua vez, a Contra-Reforma foi a afirmação da Espanha sem a Europa.

---

¹⁵⁹ Oswaldo Lira (1904-1996): sacerdote chileno, católico, conservador e professor de filosofia. Nos anos 1940, morou na Espanha, onde colaborou com várias revistas: *CH*, *Revista de Ideas Estéticas*, *Alferez* e *Revista de Filosofía*. Antes do golpe de estado em 11 de setembro de 1973, que terminou com a vida de Salvador Allende, o padre Oswaldo Lira havia procurado demonstrar, através do diário *El Mercurio*, a comprovação da ilegitimidade desse “governo de natureza marxista em que promovia a luta de classes”. Cf. **Diario Noticias Electrónicas**, 4 diciembre 1998.

Segundo Oswaldo Lira, Europa e Espanha caminhavam trilhas distintas e até mesmo opostas, fator que evidenciava um caráter “extra-europeu” para a Espanha¹⁶⁰. Por isso, falar de Europa não era falar de Espanha. Dessa forma, a Hispano-América seria herdeira de uma cultura hispânica e não europeia. Na opinião do religioso chileno, europeus, como os franceses e os italianos, poderiam ter influenciado no desenvolvimento hispano-americano, mas nada comparado ao que a Espanha havia realizado na América.

A Espanha teria recebido o material indígena e acrescentado a ele a essência, o “espírito” hispânico, elemento responsável pela formação e formatação apresentada pelos países ibero-americanos. Um dos traços fundamentais desse espírito era a fé, derivada da Espanha e não da Europa. Essa fé também teria contribuído para certa homogeneidade entre os países hispano-americanos, representada pela *hispanidad*¹⁶¹.

Portanto, um elemento que evidenciava a herança recebida da Espanha pela Ibero-América era a fé católica, que a diferenciava da Europa e dos EUA, representantes do mundo ocidental.

A ideia de que a Espanha e a Europa haviam se separado no período da Reforma e Contra-Reforma tinha outros defensores¹⁶². Nessa linha de argumentação, a Europa não conseguia compreender a cultura hispânica por ser exterior a ela, e, ao mesmo tempo, a decadência que a Cultura Ocidental vivia não era compartilhada pela Espanha. A Espanha não estava em crise; ao contrário, os colaboradores de *CH* sustentavam que a decadência europeia evidenciava a solidez da cultura hispânica.

---

¹⁶⁰ LIRA, Oswaldo. Visión de España. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 03, p. 407-439, may/jun 1948.

¹⁶¹ LIRA, Oswaldo. Hispanidad y mestizaje. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 08, p. 279-286, mar/abr 1948.

¹⁶² Outro colaborador que tinha a mesma opinião sobre a separação entre Espanha e Europa era o espanhol professor de filosofia cristã e vinculado a Opus Dei A. Millan Puelles. Cf. MILLAN PUELLES, A. Problemas y misión de Europa. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 21, p. 417-420, may/jun 1951.

Diferentemente da ideia que *CA* apresentava de que a Ibero-América deveria salvar a cultura ocidental, em *CH*, os países ibero-americanos deveriam se manter integrados com a Espanha, unidos por fatores como sangue, fé, idioma e história, para não serem corrompidos por valores decadentes, oriundos de povos exteriores a *hispanidad*.

Todavia, havia elementos, construídos conjuntamente ao longo da história por espanhóis e europeus, que permaneciam válidos. Naquilo que a Espanha pudesse ser considerada europeia, a Hispano-América também o seria. “América espanhola é Europeia enquanto Espanha é Europeia”. A Espanha seria a ponte entre América e Europa e serviria como divulgadora dos traços europeus que estivessem de acordo com sua própria estrutura cultural.

Em vários momentos, os colaboradores de *CH* negaram que a Espanha almejasse ocupar uma posição hierárquica superior aos demais povos hispânicos. Eles afirmavam que ela, assim como as outras nações, era herdeira daquela Espanha imperial conquistadora. Com isso, tentavam responder aos principais ataques dos adversários da sua ação junto aos povos ibero-americanos, declarando que a Espanha já não era a “Madre Pátria” e sim “la hermana”.

No entanto, a própria revista admitia para a Espanha o papel de intermediadora entre a Europa e a Ibero-América. Alguns colaboradores de *CH* defendiam a ideia de que a principal diferença entre os povos europeus e americanos estava no fato de que os primeiros poderiam ser representados pela cultura, museus, monumentos e história. Já os segundos, os povos americanos, eram representados pela natureza¹⁶³. A Espanha era a única que poderia traduzir esses dois universos, pois ocupava uma posição privilegiada em relação aos países americanos e europeus, porque somente ela poderia transitar pelos dois “mundos”. Como verdadeira guardiã da *hispanidad*, ela daria a medida do que poderia ser assimilada pela Ibero-América.

---

¹⁶³ Cf. COTE LEMUS, Eduardo. La tierra prometida. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 57, p. 382-385, septiembre 1954 e CABALLERO CALDERÓN, Eduardo. Hispanoamérica en sus novelistas. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 64, p. 45-58, abril 1955.

Nas análises realizadas pelos colaboradores de *CH* sobre os vínculos entre Ibero-América, Espanha e Europa existia a preocupação com o desejo de originalidade, expresso por parte de alguns intelectuais ibero-americanos. Percebemos aqui uma reação àquilo que os intelectuais de *CA* defendiam, ou seja, a busca pela autenticidade e autonomia de pensamento.

Pedro Lain Entralgo afirmou que temia que a originalidade almejada pelos hispano-americanos fosse “historicamente” inviável e impossível de ser realizada. Como exemplo dessa originalidade, ele citou o indigenismo baseado num critério racial que prescindiria da herança europeia ou hispânica. Sobre a busca da originalidade ibero-americana, Pedro Lain Entralgo¹⁶⁴ destacou:

[...] No hay originalidad fecunda sin un diálogo vivo con lo que fue y – por supuesto – con lo que está siendo. Lo cual, entiéndase bien, no equivale a sostener que el pensador hispano-americano haya de ser necesariamente imitador o epígono de Aristóteles, Descartes, Kant o Heidegger, sino afirmar que sólo conociéndolos logrará alcanzar una originalidad filosófica verdadera y eficaz.

Para quien pretenda eficacia en la Historia Universal, la ligereza del propio pasado es sólo un error o una ficción ilusoria. Grecia, el París medieval y el Concilio de Trento son tan “pasado” en Madrid y en Londres como en el Cuzco [...]

Segundo o fundador de *CH*, a originalidade ibero-americana, para ser viável, deveria buscar na Europa seus pressupostos e, ao mesmo tempo, atentar para a história europeia. Caso contrário, ela estaria sujeita a não produzir resultados.

A proclamada busca por originalidade de alguns intelectuais ibero-americanos suscitou também a desconfiança de que seria incentivada por influências religiosas, sociais, econômicas e políticas estrangeiras, sobretudo dos EUA. Nesse ponto estaria a maior ameaça¹⁶⁵.

¹⁶⁴ LAÍN ENTRALGO, Pedro. Bizantinismo europeo y Bizantinismo americano. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 18, p. 329-343, nov/dic. 1950.

¹⁶⁵ Cf. DELGADO, Jaime ¿Ni indigenismo ni hispanismo? **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 56, agosto 1954.

O pensamento autônomo e independente dos ibero-americanos não encontrava acolhida entre os colaboradores de *CH*. Ao contrário: provocava desconfiança sobre a validade intelectual dos mesmos e despertava ainda o receio de que a Espanha poderia perder sua ascensão intelectual em favor de outra potência externa.

Este capítulo procurou expor as principais discussões realizadas por intelectuais ibero-americanos e espanhóis sobre temas polêmicos ligados a identidade ibero-americana. Tais discussões giraram em torno da denominação ideal dessa parte do continente americano, e do tipo de relação existente entre Ibero-América, Espanha e Europa.

Percebemos que as discussões realizadas pelos intelectuais ligados a *CA* tinham o desejo de aprofundar o conhecimento sobre o que era a Ibero-América, com a perspectiva de alcançar o bem estar material e cultural. Alguns desses intelectuais apontaram que o efetivo conhecimento da América só seria possível se as fórmulas europeias fossem abandonadas em favor de teorias próprias, autônomas e originais, pois as propostas teóricas elaboradas pelos europeus não serviam para a América. As ideias para o desenvolvimento ibero-americano deveriam ser pensadas a partir de suas próprias circunstâncias.

Por outro lado, em *CH*, os intelectuais trabalhavam para que os laços entre a Espanha e a Ibero-América fossem estreitados com base em valores ligados a *Hispanidad*. Para *CH*, os ibero-americanos eram herdeiros da cultura hispânica e não da Cultura Ocidental. Diante disso, os intelectuais dessa revista condenavam os esforços daqueles intelectuais ibero-americanos que propunham uma busca por um pensamento autônomo que não envolvesse a Espanha.

Para os intelectuais ligados a *CH*, a Espanha e a Ibero-América tinham um passado comum e era com base nisso que deveriam construir um futuro.

3 A HISPANOAMÉRICA E AS “OUTRAS” AMÉRICAS

Um dos objetivos que as duas revistas se propunham era fomentar e divulgar o conhecimento sobre a Ibero-América e suas características peculiares, no sentido de fortalecer uma identidade comum. Partindo disso, este capítulo busca analisar de que maneira segmentos da comunidade ibero-americana, como o indígena e o afro-americano, foram apresentados pelos periódicos.

No capítulo anterior, foram destacadas as relações entre Ibero-América, Espanha e Europa. Um dos aspectos observados é que, por parte dos intelectuais ligados a *CA*, havia a busca de um pensamento original e autêntico sobre a Ibero-América. Este capítulo busca identificar a formulação desse pensamento em relação aos indígenas e afro-americanos em *CA*, e compreender como esses segmentos da população ibero-americana eram entendidos tanto por *CA* como por *CH*.

Também faz parte do objetivo deste capítulo averiguar a inclusão do Brasil nas respectivas revistas, de forma a compreender de que forma os intelectuais que colaboravam em ambos os entendiam e pensavam o Brasil e sua integração na comunidade hispano-americana.

3.1 A Outra América: a Portuguesa

O objetivo deste item é refletir sobre como a “outra” América, a portuguesa, foi apresentada nas duas revistas. As principais questões são: averiguar se o Brasil era pensado de

forma integrada com os outros países hispano-americanos e como ele foi representado por intelectuais hispano-americanos.

Percebemos que, para as duas revistas, o Brasil fazia parte da Ibero-América, mas sua identidade não se confundia com a dos hispano-americanos, apesar da origem ibérica comum. Dentre as singularidades que diferenciavam os brasileiros dos demais ibero-americanos, não só nas duas revistas analisadas, mas no conjunto dos escritos da época, constava o território/natureza, a cultura, fruto de uma mescla de raças, e a composição étnica (que incluía afro-americanos e indígenas não considerados como parte dos povos definidos como pré-colombianos).

3.1.1 As singularidades da América portuguesa: Brasil, país do futuro?

Este item abordará pontos levantados pelos intelectuais que escreviam em ambas as revistas a respeito do Brasil, visto como o país do futuro por uns e das possibilidades, por outros. Também será investigado se os problemas brasileiros foram analisados dentro de uma perspectiva global – inseridos na comunidade dos outros países na América não saxônica ou de forma individual. Por último, será analisada, a partir dos indicativos apontados nas revistas, a questão da inserção dos intelectuais brasileiros no mercado editorial hispano-americano.

A relação entre Brasil e a América hispânica sempre foi problemática, uma vez que as diferenças são bem mais visíveis do que as semelhanças. Maria Ligia Prado (2001), num estudo sobre esta questão, referiu-se à dificuldade de se pensar a América Latina a partir do

Brasil e salienta ainda a importância do “despertar de uma visão brasileira com relação a essa outra América, tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante”.

O Brasil é o maior país da América do Sul em termos territoriais e populacionais e faz fronteira com quase todos os outros países da América meridional. No entanto, a nação de origem e língua portuguesa tem um histórico particular em relação a seus vizinhos de origem hispânica. “O Brasil afirmou-se e afirma-se como América Latina em diversas e variadas manifestações políticas, mas também nega sua identidade ibérica, ignorando, desqualificando e formando estereótipos negativos relacionados ao mundo hispano-americano” (ibid., p. 20).

Se o Brasil sempre teve uma postura contraditória em relação aos seus vizinhos, o mesmo pode se dizer deles em relação ao Brasil. Tendo em vista esta complexidade identitária, procuraremos mostrar a forma como os periódicos aqui estudados abordavam o Brasil em relação ao conjunto da América Latina, sobretudo no que se refere à questão da identidade.

Ao todo, identifiquei sete temas discutidos nas revistas, nos quais o Brasil foi abordado: Brasil como o país do futuro; aspectos físicos do país; produção literária brasileira; política internacional e política interna; personagens da vida brasileira; música, artes e filosofia.

A maior parte desses artigos, publicada em *CA*, foi escrita por brasileiros ou por estrangeiros que fixaram residência no Brasil, seja por imigração, seja por fuga de perseguição política. Os autores brasileiros que escreveram para a revista foram: Newton Freitas, Gilberto Freyre, Otto Maria Carpeaux, Luiz Heitor Correa de Azevedo, Hanna Levy, Lidia Basouchet, Renato de Mendonça e Caio Prado Jr.. Já em *CH*, encontramos apenas o texto de um autor brasileiro, Renato de Mendonça, que também havia publicado em *CA*.

Como o objetivo é identificar e compreender a visão externa sobre o Brasil, esse estudo privilegiou os artigos produzidos por estrangeiros e também por estrangeiros que fixaram residência no Brasil

3.1.2 Imagens do Brasil em *CA* e *CH*

Embora *CA* tenha publicado muitos artigos de autores brasileiros, vale enfatizar que nenhum deles teve textos publicados na *Nuestro Tiempo*, a primeira seção da revista, que se dedicava a assuntos considerados mais relevantes no momento. Os autores brasileiros eram convidados para escreverem sobre assuntos relacionados diretamente ao Brasil, mas não opinavam sobre a política internacional ou sobre as relações interamericanas. O Brasil também não foi objeto de nenhum artigo que tenha sido publicado naquela primeira seção da revista. Esta constatação nos leva a considerar que o Brasil se integrava na comunidade hispano-americana não como um país central mas sim como um país periférico.

Um assunto que mereceu repercussão em *CA* foi o livro *Brasil – o país do futuro*, de autoria de Stefan Zweig¹⁶⁶. O texto mostrava uma visão positiva do Brasil, visto como terra da tolerância racial e de muitas possibilidades por causa de sua rica natureza e de extensão territorial. Na sua visão otimista, o autor criava utopias a partir do Brasil.

---

¹⁶⁶ ZWEIG, Stefan. **Brasil**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1942.

O artigo que tratou diretamente do assunto foi o do mexicano José Luis Martinez, que leu essa obra como registro da esperança que o Novo Mundo produzia em relação ao Velho Mundo em decadência¹⁶⁷.

Zweig destacava o Brasil como o país do futuro dentro do Continente, porque tinha as melhores chances de se tornar uma potência regional e mundial. Tratava-se de um olhar estrangeiro que atribuía ao país de origem portuguesa um futuro promissor. O autor mexicano corroborou a profecia ao confirmar os motivos que possibilitavam nela acreditar.

José Luis Martinez concordava com Zweig ao vaticinar sobre o futuro brasileiro e apontar as seguintes razões: o país era um dos maiores em extensão territorial do mundo, possuía uma das mais importantes reservas naturais para o futuro da humanidade, suas possibilidades eram ilimitadas, o grau de tensão social era menor, os contrastes menos veementes, os homens eram mais amáveis e viviam mais pacificamente, e, portanto, mais humanamente¹⁶⁸.

Nesse “testamento” (designação do historiador mexicano ao livro de Zweig), o que sobressai é o desejo de um judeu europeu, desiludido com os horrores praticados no velho mundo, de que na “terra brasilis”, à qual atribuía qualidades de “terra prometida”, prosperasse um mundo melhor, mais justo. O escritor não se preocupou com as desigualdades sociais, a miséria, a discriminação que caracterizavam o país idealizado. Nesse sentido, interessa-nos discutir como essa visão otimista foi divulgada pelos intelectuais ibero-americanos que acreditavam na realização desse futuro mais justo e harmônico. O artigo de José Luis Martinez, tomado como exemplo, permite concluir que o otimismo sobre o futuro, embora

---

¹⁶⁷ José Luiz Martinez (1918-2007): Acadêmico, diplomata, historiador, editor e humanista mexicano. Exerceu vários cargos públicos.

¹⁶⁸ LUIS MARTÍNEZ, José. América y el testamento de Zweig. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 107-110, may/jun 1942.

focalizasse o Brasil, foi lido por ibero-americanos como uma possibilidade que abarcava todos os países da América Latina, expressão do Novo Mundo.

Apesar da esperança em um futuro mais democrático e próspero, os intelectuais de CA estavam preocupados em procurar caminhos que levassem a realização dessas “promessas” que o Novo Mundo acalentava. Assim, é importante observar em que medida os problemas e as potencialidades brasileiras foram destacadas.

O período da Segunda Guerra Mundial foi importante para a reflexão sobre a comunidade de países ibero-americanos porque forçou as nações a se posicionarem no conflito e, no caso do Brasil, a adotar uma postura de participação direta na contenda. Enquanto apenas os EUA participavam da Guerra, esta parecia mais distante. À medida que outras nações, como o Brasil e o México, declararam guerra ou romperam relações com as forças do eixo foi se construindo a ideia de que havia uma unidade ibero-americana em relação à Guerra¹⁶⁹.

Essa unidade manifestada na guerra facilitou a identificação dos países, inclusive do Brasil, como um bloco. E foi como bloco que intelectuais criticaram a atitude contraditória que a Ibero-América tinha sobre a democracia. Lutavam pelo fim da tirania na Europa, mas adotavam práticas ditatoriais nos seus respectivos países. Haya de la Torre¹⁷⁰ fez uma enfática crítica a essa postura ibero-americana:

Así, vemos enfilados en un mismo bando “democrático” a los legítimos gobiernos populares de Colombia, Costa Rica, México, etc. Y a los estranguladores de la Democracia de Guatemala, de Nicaragua, de El Salvador, Santo Domingo y Perú. Así vemos que el gobierno dictatorial del Brasil “hace la guerra” exterior al nazi-fascismo y la guerra interior a todo intento de restauración de las libertades cívicas y humanas, que considera

¹⁶⁹ CA não ficou à margem da Segunda Guerra Mundial, publicando inclusive o discurso de declaração de guerra realizado pelo presidente mexicano Manuel Ávila Camacho em 22 de mayo de 1942. Cf. ÁVILA CAMACHO, Manuel. México en Guerra. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 7-15, jul/ago 1942.

¹⁷⁰ HAYA DE LA TORRE, Victor Raul ¿Hay que ganar la guerra por la democracia aun en alianza y compromiso con los enemigos de la democracia? **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 21-25, jan/fev 1943.

englobadas en este elástico término de execración reaccionaria: el peligro comunista [...].

A identificação do Brasil como um país com práticas e problemas semelhantes aos demais, reforçava a ideia de que se partilhava da mesma comunidade política que os outros países hispano-americanos. Essa era também era a visão de Jesús Silva Herzog.

Jesús Silva Herzog julgava o Brasil como integrante de um mesmo bloco que as outras nações hispânicas do continente americano, já que enfrentava problemas econômicos, políticos e sociais parecidos. Para Herzog¹⁷¹, a maior de todas as dificuldades que a comunidade ibero-americana deveria enfrentar era a dependência dos outros países, principalmente dos EUA: “*Ya sabemos que la época actual no es de plena independencia de los países; es de interdependencia política y económica. [...] Interdependencia, sí; dependencia, no*”. Juntos, os ibero-americanos deveriam enfrentar o novo cenário buscando o desenvolvimento dessa comunidade, que estava unida por laços identitários e de dependência externa.

A identificação por problemas, interesses e atuações tinha um aspecto mais objetivo e menos contraditório que a defesa de uma identificação apenas por traços como língua, religião ou cultura. Era pela via das afinidades de interesses que a identificação do Brasil com os outros países da Ibero-América foi sendo construída em CA. Essa identificação ficou mais evidente no período Pós-Guerra em virtude da posição hegemônica dos EUA em relação aos demais países americanos.

No entanto, nem todos os que escreviam na revista mexicana defendiam a ideia de que o Brasil pertencia ao mesmo bloco identitário que os demais países ibero-americanos. Esse

---

¹⁷¹ SILVA HERZOG, Jesús ¿Los Estados Unidos o la Unión Soviética? **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03,p. 7-18, may/jun 1950.

era o caso do colombiano Germán Arciniegas, para quem o Brasil possuía características que o colocava numa categoria diferente¹⁷².

Na perspectiva do autor colombiano, os principais traços que diferenciavam o Brasil dos outros países Latinos Americanos eram a língua e as experiências históricas. A respeito das dificuldades linguísticas, Arciniegas afirmava que existia uma indiferença entre os países americanos de fala espanhola e o Brasil. Sobre esse assunto, declarou¹⁷³: “*Nadie estudia portugués porque es demasiado fácil. Nadie lo lee, está fuera de las líneas de menor resistencia. En el fondo, porque es difícil. Los mismos argumentos explican la actitud de recíproca indiferencia que en este caso mantiene el Brasil*”. A língua seria um ponto fundamental para o distanciamento e para a indiferença nas relações entre Brasil e os outros países não-saxões da América.

Para Germán Arciniegas, existiam quatro Américas: a Indo-Espanhola, os EUA, o Canadá e o Brasil¹⁷⁴. Ainda segundo suas reflexões, o Brasil possuía mais identidade com o Canadá do que com a Indo-Espanha ou EUA. Os fatores dessa identidade entre Brasil e Canadá eram: Experiência monárquica, grande extensão de terra a ser desbravada e processos de rupturas sem traumas (Independência no Canadá e República no Brasil). Devemos salientar que o colombiano não descartava a possibilidade de uma unidade americana realizada entre as “quatro Américas”.

O escritor, nos seus artigos em que refletia sobre o Brasil, também dava ênfase ao caráter continental do país. Para ele: “*No está bien decir que el Brasil sea una nación: es un continente que está por explorar y producir. Se mueve dentro de un vasto margen de*

---

¹⁷² Germán Arciniegas (1900-1999): historiador e escritor colombiano, partidário do APRA.

¹⁷³ ARCINIEGAS, Germán. Las cuatro Américas. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 7-17, may/jun 1949.

¹⁷⁴ Ibid.

posibilidades”¹⁷⁵. O escritor colombiano concordava com o pensamento de que o Brasil ainda caminhava dentro de um mar de possibilidades, pois já havia produzido muitas riquezas, como diamante e café, além de possuir reservas de carvão, petróleo, manganês e hidráulicas. Porém, sua maior riqueza, aquela que ainda estava por ser explorada, era os cinquenta e três milhões de habitantes. Uma população maior que a do resto da América do Sul e que estava mal vestida, mal alimentada, mal alojada e mal de saúde. Para Arciniegas, essa população garantiria um mercado consumidor para a industrialização brasileira que deveria ocorrer. Contudo, uma inquietação encerra o artigo de Arciniegas: para onde vai o Brasil: “¿*Hacia dónde se moverán? ¿Hacia la democracia? ¿Hacia el cementerio de la libertad?*”.

O autor revelava incertezas sobre o futuro do Brasil, relacionadas à capacidade de exploração das suas potencialidades e aos rumos da sua política interna. As peculiaridades e possibilidades brasileiras despertavam nos seus vizinhos sul-americanos uma preocupação, já que isso poderia representar um risco para o desenvolvimento democrático e econômico da região.

Não havia outros intelectuais que partilhassem do mesmo ponto de vista de Germán Arciniegas sobre o Brasil. Na maior parte dos artigos que tratavam do Brasil, publicados pela revista, a opinião seguia a linha adotada por Jesús Silva Herzog: o Brasil era um país ibero-americano que enfrentava as mesmas dificuldades e desafios. O maior perigo, para os intelectuais afinados com a posição de Silva Herzog, não vinha do “gigante do sul” mas do grande irmão do norte.

A identidade hispânica defendida por *Cuadernos Hispanoamericanos* era baseada principalmente na fé católica e na língua espanhola. Embora o Brasil não tenha como língua o

---

¹⁷⁵ ARCINIEGAS, Germán. Brasil: Un Continente dentro del continente. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 36-56, jul/ago 1952.

espanhol, era também considerado membro da hispanidade. Por hispânico, *CH* entendia a Península Ibérica e, por consequência, o Brasil, por causa de seu passado colonial português.

Nesse sentido, nota-se uma diferença em relação aos ibero-americanos de *CA*, como Jesús Silva Herzog, para quem a identidade era construída a partir dos problemas e objetivos comuns. Para os espanhóis de *CH*, parte dos problemas e objetivos comuns era consequência da identidade.

Nenhum dos colaboradores de *CH* manifestou dúvida sobre o pertencimento ou não do Brasil na comunidade hispânica, como aconteceu com Germán Arciniegas em *CA*.

A maior parte dos artigos sobre o Brasil em *CH* trata da literatura e de escritores. Ganhou destaque na revista espanhola, assim como havia acontecido com *CA*, o livro de Stefan Zweig intitulado “*Brasil*”. Dois artigos comentaram aspectos deste país a partir do livro de Zweig: um deles ressaltou os pontos positivos, e o outro destacou aspectos negativos da antiga colônia portuguesa na América.

Gregorio Marañón,¹⁷⁶ em *CH*, corroborou as previsões otimistas de Stefan Zweig ao ressaltar as benesses do Brasil já no presente¹⁷⁷. Em seu artigo publicado em 1954, Marañón enfatizou os aspectos positivos da sociedade brasileira, principalmente das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Marañón havia sido convidado pelo governo brasileiro para um intercâmbio na área médica e, por isso, no seu artigo, destacava os méritos da medicina brasileira que, segundo o médico espanhol, havia alcançado um notável desenvolvimento e que, naquele momento, atravessava uma transformação entre a medicina clássica e a moderna. Ele destaca o hospital da Santa Casa do Rio de Janeiro e o Hospital das Clínicas de São Paulo como exemplos de espaços onde se realizavam pesquisas de alto nível nacional e

---

¹⁷⁶ Médico, cientista, historiador e escritor espanhol.

¹⁷⁷ MARAÑÓN, Gregorio. Brasil, país del presente. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 53, p. 131-144, mayo 1954.

internacional, bem como ressalta a magnitude de algumas cidades universitárias (visitou três em construção no Rio, São Paulo e Recife).

Além do desenvolvimento científico, acadêmico e cultural brasileiros, o autor fez menção à questão racial, abordada com o objetivo de mostrar como o Brasil resolvia as diferenças étnicas: no melhor espírito de comunhão e convivência pacífica. Quanto aos aspectos negativos, os problemas eram minimizados e, se não estavam resolvidos, estavam sendo bem encaminhados.

Já Leonardo Rubio García¹⁷⁸ publicou artigo em *CH* em 1955, no qual se opôs à visão otimista expressada por autores como o anteriormente mencionado. Usou dados da mortalidade brasileira para contestar a visão ufanista do país ibero-americano. Segundo Rubio García, os seguidores do testamento de Zweig levavam mais em conta o potencial do país do que os problemas econômicos e sociais vividos no momento.

O autor chamava a atenção para o grande número de doenças (tuberculose, febre tifóide, difteria) relacionadas a condições de vida e higiene precárias, fazendo um contraponto ao potencial de país do futuro. Referia-se ao Brasil como um país de doentes, onde faltavam trabalhadores, não pela oferta excessiva de postos de trabalho, mas por excesso de mortes de pessoas em idade produtiva.

Rubio Garcia contestava a visão promissora que se tinha do Brasil, mas demonstrava esperança em relação à Ibero-América em geral. Nesse sentido, declarou que “[...] *las enormes riquezas naturales y las vastas posibilidades de Iberoamérica*” a tornava digna de converter-se no “*Continente de la esperanza*”. O autor transferia para a comunidade Ibero-americana as esperanças e possibilidades que Stefan Zweig havia previsto para o Brasil.

---

¹⁷⁸ RUBIO GARCÍA, Leonardo. Problemas del Brasil como país del futuro. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 62, p. 264-266, febrero de 1955.

Diante disso, podemos inferir que o autor acreditava mais na potencialidade da Ibero-América do que na efetivação dessas promessas pelo Brasil

Além dos artigos que abordavam as possibilidades brasileiras, percebemos a publicação de textos que tratavam de questões pontuais do Brasil, questões relacionadas ao desenvolvimento econômico e político. Os artigos normalmente tratavam os problemas de forma superficial, sem maiores considerações sobre a estrutura sócio-econômica do país.

Como exemplo, podemos citar o artigo sobre a questão da Amazônia, assinado por Manuel Lizcano¹⁷⁹. Nesse artigo, o autor criticava a situação de abandono que a região padecia mas celebrava o parlamento brasileiro, por ter aprovado o Fundo de Valorização Econômica do Amazonas, com o objetivo de promover o desenvolvimento agrícola da região amazônica e garantir a produção alimentícia que poderia abastecer o Brasil e o mundo. Segundo Lizcano: *“este paso dado por el Brasil, una más entre las varias potencias mundiales que disponen de inagotables recursos a estos efectos, representa un verdadero servicio a la humanidad”*¹⁸⁰. Para Lizcano, o Brasil tomava, finalmente, uma atitude de proteção da região amazônica contra a ameaça estrangeira

Nesse sentido, observamos uma diferença de abordagem em relação a CA. Na revista mexicana não houve nenhum artigo que tratasse de um problema específico do Brasil. Questões como política, democracia, desenvolvimento econômico e social eram abordadas dentro de um panorama maior, no qual o Brasil estava inserido com os outros países ibero-americanos.

Em CH, os problemas que mereciam um tratamento coletivo referente à comunidade ibero-americana eram aqueles decorrentes do conflito de interesses gerado pela interferência

---

¹⁷⁹ Sociólogo espanhol, da geração do pós Guerra Civil chamada por ele mesmo como “geração perdida”. Manuel Lizcano organizou os primeiros Foros Iberoamericanos (Bogotá 1973; La Rábida 1975) que podem ser considerados precursores das atuais Cumbres Iberoamericanas.

¹⁸⁰ LIZCANO, Manuel. Se abre al mundo hambriento la cuenca del Amazonas. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 51, p. 404-405, marzo 1954.

norte-americana na região, ou o perigo comunista que rondava os hispânicos e que poderia ameaçar sua condição de membro da comunidade hispânica. Os demais problemas eram analisados de forma isolada, de modo a evidenciar as deficiências do país em particular sem levantar questões como, por exemplo, a herança colonial.

3.1.3 O Brasil no mercado editorial ibero-americano

A literatura é uma forma de conhecer o pensamento e a vida de um país, e é desta forma que entendemos a publicação de artigos que tratam da literatura brasileira nas duas revistas no período estudado. A divulgação de obras literárias brasileiras, além de propiciar conhecimento, também foi pensada como um facilitador da integração brasileira no cenário ibero-americano.

Um aspecto de destaque nesses artigos foi o modernismo brasileiro, assunto sobre o qual escreveram artigos para a CA Otto Maria Carpeaux¹⁸¹ e Lúcia Basouchet.

Para Otto Maria Carpeaux, o modernismo caracterizava-se como uma literatura de valor próprio, expressão original de grandes poetas que representavam uma nação e uma tradição poética. O problema, para o crítico literário, consistia no fato de que nossa literatura era pouco divulgada por “ser prisioneira de uma língua pouco conhecida”. Para Carpeaux, o mundo perdia muito ao ignorar a literatura brasileira¹⁸².

Lúcia Basouchet deu ênfase para o fato de que o movimento, a despeito de seu caráter elitista, pois contava com pessoas provenientes da elite cafeeira, teve sensibilidade para

---

¹⁸¹ Otto Maria Carpeaux, austríaco naturalizado brasileiro em 1942. Foi ensaísta, crítico literário e jornalista.

¹⁸² CARPEAUX, Otto Maria. Estudio sobre la poesía brasileña. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 225-248, nov/dic 1946. Esse mesmo autor publicou outro artigo sobre Manuel Bandeira e o modernismo sob o título Notas sobre Manuel Bandeira. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, jul/ago 1945.

representar a população menos privilegiada, ainda que recorrendo a uma tradição que, a princípio, não foi compreendida¹⁸³.

As presenças de Lúcia Besouchet e Newton Freitas em CA estão associadas às atividades que exerceram na Argentina como exilados do Estado Novo¹⁸⁴. Segundo Gustavo Sorá, esses escritores brasileiros, durante residência na Argentina, editaram uma antologia chamada *Diez escritores del Brasil* e uma coleção de livros, chamada “Problemas Americanos”. Para essas publicações, eles tiveram o apoio do Escritório Comercial do Brasil em Buenos Aires, órgão dependente do Ministério do Trabalho (SORÁ, 2003).

As publicações que os brasileiros organizaram na Argentina não tiveram êxito, no entanto o trabalho de divulgação da literatura brasileira alcançou outros mercados, como o espanhol, por exemplo. O livro *Literatura del Brasil* dos autores brasileiros, editado pela argentina Editorial Sudamericana em 1946, foi divulgado por resenha de Enrique Casamayor em CH¹⁸⁵. Neste texto, o autor espanhol afirma:

No es de ahora, ciertamente, la escasez en España del libro brasileño. El negocio editorial no ha tomado cuerpo aún en las grandes empresas económicas del país, por lo que los textos científicos o literarios impresos en el Brasil no han tenido la debida difusión por Hispanoamérica. (...) Con los pocos ejemplares llegados en los últimos diez años, España ha despertado al interés por este nuevo mundo cultural, joven y palpitante, traduciendo a sus mejores poetas y editando obras de estudio.

O autor espanhol expôs a distância que separava o leitor ibérico da literatura brasileira, fato que agravava o desconhecimento sobre as coisas do Brasil. Interessante observar que foi através de uma editora argentina que a literatura brasileira alcançou o mercado espanhol e

¹⁸³ BASOUCHET, Lúcia. La literatura brasileña y el movimiento modernista. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 260-268, nov/dic 1949.

¹⁸⁴ Newton Freitas publicou os seguintes artigos em CA: FREITAS, N. Anita Garibaldi. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 218-243, jul/ago 1945; _____. Eça de Queiroz (En el centenario de su nacimiento). **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 286-294, ene/feb 1946; _____. Los rios del Brasil. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 69-83, sep/oct 1944. Este último artigo é uma parte do livro **Los ríos del Brasil** que havia sido publicado pela coleção “Problemas Brasileiros” sob sua direção em Buenos Aires.

¹⁸⁵ CASAMAYOR, E. Literatura brasileña. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 16, p. 144, jul/ago 1950.

também a rede de circulação da revista *CH*. Este é um ponto fundamental porque revela uma forma de inserção das atividades intelectuais brasileiras dentro de um sistema que permitia a circulação de ideias no mundo hispano-americano.

A limitada circulação de obras brasileiras e a necessidade de conhecer esse “gigante” ibero-americano provocaram a publicação de livros que apresentavam aspectos da cultura brasileira no mercado espanhol. Uma das iniciativas mais significativas desse movimento foi a tradução e a publicação de livros de autores brasileiros para o público hispano-americano e espanhol. Enrique Casamayor¹⁸⁶ destacou o esforço de editoras espanholas em publicarem livros que tratassem do Brasil:

[...] Brasil es una joven potencia de aún posibilidades, cuyo fruto asombra a quien las descubre. [...] En el campo de la creación literaria del Brasil se tiene en Europa limitada información. Portugal mismo no puede enorgullecerse de poseer una abundante bibliografía. Por ello, es mucho más digno de estimación el esfuerzo de varias editoriales españoles al publicar libros como Pequeña historia del Brasil, por el Instituto de Cultura Hispánica; una Antología de poetas brasileños de ahora, editada en Barcelona, y éste tan próximo de Tres poetas del Brasil, impreso en Madrid y traducido y prologado por dos brasileños: Leónidas y Vicente Sobrino Porto, y por la escritora española Pilar Vázquez Cuesta.

Nesse artigo de Enrique Casamayor para *CH*, percebemos a existência de uma preocupação em afirmar que havia pouca informação e conhecimento sobre a “potência brasileira de muitas possibilidades”. Verificamos inclusive o esforço de um órgão oficial, como o Instituto de Cultura Hispánica, em se aproximar e compreender melhor o Brasil, país considerado pelos espanhóis como membro da comunidade hispânica.

No entanto, não foram somente a Argentina e a Espanha que se interessaram por publicar livros que pudessem amenizar o desconhecimento ou a distância em relação ao Brasil. Os mexicanos também adotaram medidas significativas nesse sentido.

---

¹⁸⁶ CASAMAYOR, Enrique. Tres poetas del Brasil. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 18, p. 462, nov/dic 1950.

Na década de quarenta, a editora mexicana *Fondo de Cultura Económica* lançou uma coleção chamada *Tierra Firme*, cujo objetivo era publicar obras originais que pudessem contribuir para a “sensibilização dos problemas da América” (SORÁ, 2010). Havia um espaço de intercâmbio entre a editora e a revista *CA*, de forma que os livros publicados pela coleção *Tierra Firme* geravam um artigo ou uma resenha na revista. Também houve casos em que autores eram convidados para escreverem para a coleção ainda que não tivessem livros publicados pela editora, como aconteceu com Caio Prado Jr..

Até 1956, a editora havia lançado oito livros de autores brasileiros pela coleção *Tierra Firme*¹⁸⁷ e mais 12 livros em outras coleções¹⁸⁸.

É importante salientar que a publicação de livros pelo *Fondo de Cultura Económica* representava uma iniciativa integrada com o projeto de *CA*, resultado de uma ação desencadeada por intelectuais ibero-americanos que pensavam o Brasil como parte integrante dessa comunidade. Para que o Brasil fosse reconhecido como “um igual” precisava, antes de tudo, ser conhecido, pois o desconhecimento provoca afastamentos e rejeições. A divulgação de autores, livros e questões sobre o Brasil e os brasileiros tinha como meta despertar a curiosidade dos hispano-americanos, além de suscitar o envolvimento dos intelectuais brasileiros no circuito cultural hispano-americano. Essa era uma tentativa de trazer o Brasil para mais perto dos outros países não saxônicos, com o intuito de fortalecer a comunidade ibero-americana em relação à Europa, mas, e principalmente, em relação aos EUA.

---

¹⁸⁷ Sergio Buarque de Holanda, *Raíces del Brasil*; Otávio Tarquínio de Sousa, *José Bonifácio emancipador del Brasil*; Artur Ramos, *Las poblaciones del Brasil*; Edison Carneiro, *Guerra de los Palmares*; Gilberto Freyre, *Interpretación del Brasil*; Josué de Castro, *La alimentación en los trópicos*; Oneyda Alvarenga, *Música popular brasileña*; Manuel Bandeira, *Panorama de la poesía brasileña*.

¹⁸⁸ José de Alencar, *El sertanejo*; Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*; Graça Aranha, *Canaán*; Machado de Assis, *Memorias póstumas de Brás Cubas*; Oswaldo Gonçalves Lima, *El maguey y el pulque em los códigos mexicanos*; Fernando de Azevedo, *Sociología de la educación*; Arthur Ramos, *Las culturas negras en el Nuevo Mundo*; Diego de Menezes, *Pontes de Miranda*; Cyro dos Anjos, *El amanuense Belmiro* e Graciliano Ramos, *Angústia*. Cf. SORÁ, 2010, p. 562.

Havia no cenário editorial ibero-americano a intenção de divulgar obras brasileiras numa tentativa de diminuir o desconhecimento e o distanciamento entre o Brasil e os outros países hispano-americanos. No entanto, os intelectuais brasileiros não estavam representados significativamente em nenhuma das duas revistas.

3.2 O afro-americano e sua (in)visibilidade nas revistas *CA* e *CH*

Este item pretende abordar como o afro-americano foi representado nos dois periódicos aqui estudados, bem como investigar se houve, por parte dos intelectuais que trataram do assunto, preocupações em analisar a população ibero-americana a partir de um pensamento original e autêntico.

Com exceção do Brasil e de Cuba, a presença dos descendentes africanos nas outras partes da Ibero-América parece inexistente, principalmente se tomarmos como referência os artigos que trataram desse tema em *CA* e *CH*. Em nossas pesquisas realizadas nas duas revistas, constatamos que, entre 1942 e 1955, o tema afro-americano foi destaque, em *CA*, em apenas nove artigos. *CH*, por sua vez, publicou, entre 1948-1955, apenas quatro artigos sobre o assunto¹⁸⁹. Esse número é reduzido, principalmente se considerarmos que, além de Brasil e Cuba, houve ingresso de africanos no período colonial também na Colômbia, México, Peru, Venezuela e muitos portos do Caribe¹⁹⁰.

¹⁸⁹ Destes nove artigos em *CA*, cinco eram de autoria de Fernando Ortiz.

¹⁹⁰ Luiz Felipe de Alencastro, em seu livro *O Trato dos Viventes*, aponta uma estimativa de africanos desembarcados na América Espanhola no período de 1526-1870: aproximadamente 1.662.400. Entre 1551 a 1640, de um total de 268.664 africanos, Cartagena recebeu 50,2; Vera Cruz 26%, Buenos Aires 16,3% e os outros portos do Caribe: 7,3%. O Brasil, nesse período, recebeu aproximadamente 4.029.800. Cf. ALENCASTRO, 2000, p. 69 e apêndice n. 7, p. 375.

Essa população africana misturou-se com a indígena e a europeia, contribuindo, assim, para a constituição da população ibero-americana. Por isso, o silêncio sobre ela diz muito, no sentido de que uma parcela da sociedade ibero-americana não foi reconhecida, identificada e assumida como relevante.

Para alguns autores, a herança africana foi esquecida e/ou obscurecida pela presença indígena e mestiça, sobretudo nos países onde estas populações eram majoritárias.

Segundo Ben Vinson e Bobby Vaughn (2004, p. 16), a presença africana no México não foi admitida como algo salutar e sim como algo prejudicial:

Las características negativas asociadas a la negritud por muchos años se consideraron perjudiciales para la nación y poco dignas de ser discutidas para no manchar el futuro de México. El propio José Vasconcelos creía que aunque los negros habían formado parte de la población mexicana, su único legado había sido la enfermedad y el mal de la sensualidad y de la inmoralidad, en contraste con los grandes beneficios culturales e intelectuales que habían transmitido los europeos y los indígenas.

Pela citação, percebemos que, para alguns setores ibero-americanos, a presença africana estava associada a aspectos negativos e nocivos dessa sociedade. Essa visão negativa pode ter contribuído para sua pouca visibilidade e desconhecimento.

O silêncio sobre a importância da presença africana na América Ibérica já havia sido identificado por alguns colaboradores das revistas. Román Beltran, por exemplo, na resenha que fez para CA do livro de Arthur Ramos *Las culturas negras en el Nuevo Mundo*¹⁹¹ lamentou que o assunto fosse tratado de forma ampla em alguns países, como Brasil, Cuba e Estados Unidos, e fosse praticamente ignorado em outros, como no México e em outras regiões americanas de colonização espanhola.

Havia o reconhecimento, por parte do autor, da necessidade de estudos mais aprofundados sobre a presença africana na América. O mundo Atlântico, segundo ele, deveria

---

¹⁹¹ BELTRAN, Román. África en América. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 02, p. 184-189, mar/abr 1944.

ser mais bem analisado nas suas principais relações, ou seja, não só América e Europa, mas também América, Europa e África.

O ponto de início dessa análise é a representação do afro-brasileiro em CA. Este ponto de partida foi pensado porque uma das principais características da identidade brasileira é a presença marcante do negro na sociedade.

No entanto, o que averiguamos é que esta característica teve pouca abordagem em CA: somente três artigos trataram da presença africana na antiga América Portuguesa: Waldo Frank, ao descrever Minas Gerais¹⁹², Román Beltran, na resenha sobre o livro de Arthur Ramos, *Las culturas Negras en el Nuevo Mundo*, publicado pela Fondo de Cultura Económica em 1943¹⁹³; e o terceiro, também uma resenha, realizada por Julio Le Riverend sobre o livro de Edison Carneiro *Guerra de los Palmares*, publicado pela Fondo de Cultura Económica em 1947¹⁹⁴. Deve-se ressaltar que os dois livros objetos das resenhas aqui referidos faziam parte da coleção que a editora Fondo de Cultura Económica promovia para a divulgação e integração brasileira na comunidade ibero-americana.

Waldo Frank, ao enaltecer o estado brasileiro de Minas Gerais, destacou a presença dos negros e sua integração na sociedade mineira. O escritor norte-americano afirma ter ficado impressionado com a beleza dos homens e mulheres afro-brasileiros e com a altivez e doçura que transmitiam. Na comparação que fez entre os afro-americanos brasileiros e norte-americanos declarou: “¿Por qué esta diferencia tan grande entre el negro explotado de Brasil y el negro explotado de Estados Unidos? Porque el del norte ha conocido la codicia y la voracidad de sus amos y el del sur la codicia y la voracidad, pero la ternura también”¹⁹⁵.

¹⁹² FRANK, Waldo. Minas Geraes. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 229-237, ene/feb 1944.

¹⁹³ BELTRAN, ibid.

¹⁹⁴ LE RIVEREND, Julio. Un episodio de la historia de Afroamerica. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 198-202, ene/feb 1947.

¹⁹⁵ FRANK, Waldo, op. cit., p. 231.

Para Waldo Frank, a principal distinção entre o negro norte-americano e o brasileiro estava na ternura que os sul-americanos haviam recebido de seus exploradores. Essa afirmação derivava da ideia de democracia racial, desenvolvida por Gilberto Freyre, e aqui repetida pelo escritor norte-americano. Portanto, o artigo que citou a questão do afro-brasileiro em *CA* o fez sob a influência da democracia racial, conceito no qual os conflitos raciais são atenuados pela suposta tolerância.

As representações sobre o Brasil tendem a fazer referência sobre a questão negra, inclusive para diferenciar o Brasil das outras repúblicas ibero-americanas. Como percebemos, foram poucos os textos em *CA* que trataram do tema, e aqueles que abordaram o assunto o fizeram de forma superficial e indireta (caso das resenhas).

Cuba também é outro país conhecido pela presença negra na sua população, retratada por meio dos textos de Fernando Ortiz¹⁹⁶.

Fernando Ortiz foi o autor que mais escreveu artigos para a *C.A* sobre a questão negra¹⁹⁷. Um ponto relevante para o autor cubano era o significado e a pertinência da palavra *raça*. Ortiz defendia que não era adequado aplicar esse vocábulo para seres humanos, pois seu significado havia se perdido nos maus usos políticos e sociais que havia sido feito dele¹⁹⁸.

Se a palavra havia sido corrompida no decorrer do tempo, seu significado poderia ser considerado como nulo para discriminar a humanidade. Nesse ponto, Fernando Ortiz recordava José Martí, para quem não havia raças humanas. Essa distinção havia sido concebida por teóricos sem correlação direta com a natureza. Entre os homens, existiam

---

¹⁹⁶ Especificamente sobre os negros em Cuba, Fernando Ortiz escreveu dois artigos: *La tragedia de los ñañigos. Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 04, p. 79-101, jul/ago 1950 e *La guitarra y los negros. Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 03, p. 162-168, may/jun 1955.

¹⁹⁷ Fernando Ortiz teve sete participações em *CA* no período de 1942 a 1955. Escreveu sobre o discurso do presidente da Guatemala Arévalo e na mesa redonda sobre o imperialismo. As outras cinco participações foram artigos sobre a questão negra.

¹⁹⁸ Sobre o vocábulo *raza*, Fernando Ortiz afirmou: “*La raíz semítica de “raza” es la voz árabe ra’s, que significa “cabeza”, “origen” y, por extensión metafórica, “tronco de generación”. El vocablo pasó del sur de España al resto de la Península para significar “res” y “raza” de ganado*”. Cf. ORTIZ, Fernando. *Raza, voz de mala cuna y de mala vida. Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 05, p. 77-107, sep/oct 1945.

diferenças sociais e econômicas, mas não antropológicas. Ortiz seguia afirmando que, mesmo que a ideia de raça fosse aceita, seria impossível encontrar uma raça pura, porque todas estavam miscigenadas, sendo essa a principal característica do ser humano.

Dentro dessa perspectiva da miscigenação, é que outros autores abordaram o tema do afro-americano, como Fernando Romero¹⁹⁹, por exemplo, para quem a fusão de raças era uma característica do continente americano, lugar onde ocorria a união dos mais diversos grupos humanos, como os indígenas, ibéricos, africanos, germanos, judeus, europeus e gente de todas as regiões do mundo. A diferença entre os ibero-americanos e os norte-americanos estava no preconceito racial, que no país do norte era acentuado²⁰⁰.

Fernando Romero e Fernando Ortiz compartilhavam a opinião de que a questão racial estava subordinada a questão social²⁰¹. A principal discriminação entre a população ibero-americana acontecia por causa da situação econômica e social, não por causa da cor da pele. Segundo Ortiz, não se tratava de incompatibilidade de sangue e sim de conflito econômico²⁰².

Essa tendência em considerar a questão racial como problema social e econômico ganhou força nas primeiras décadas do século XX, quando movimentos de operários e partidos de esquerda conseguiram certa expansão na América Latina. A maior penetração dos movimentos ligados ao Partido Comunista favoreceu a disseminação da ideia de que negros e brancos pobres faziam parte de uma mesma classe social, a classe dos operários e, por isso, eram explorados²⁰³.

---

¹⁹⁹ Autor peruano.

²⁰⁰ ROMERO, Fernando. Los negros que yo vi. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 02, p. 31-52, 1949.

²⁰¹ Fernando Ortiz, no artigo “Nem racismos nem Xenofobias”, publicado na Revista Bimestre Cubana, XXIV, 1 (jan-fev. 1929) havia afirmado: “As idéias racistas são contraproducentes. O conceito de raça, que é o mais batido e o de maior ingenuidade aparente, é também, sem dúvida, muito prejudicial antes de tudo porque é falso. Não há raça hispânica, nem sequer espanhola. [...] O racismo hispânico é tão nocivo em nosso países da América quanto pode ser o racismo negro ou o racismo índio e mesmo o nórdico ou anglo-saxão, que também agitam alguns naquelas terras. [...]”. In: SCHWARTZ, 2008, p. 672.

²⁰² ORTIZ, Fernando. Martí y las razas de librería. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 185-198, may/jun 1945.

²⁰³ Segundo Jorge Schwartz (2008, p. 664): “em Cuba, assim como no Brasil, apenas no final dos anos 1920, e especialmente na década de 1930, é que surgem manifestações políticas mais concretas em defesa dos direitos

Outra faceta da problemática afro-americana levantada por CA era a comparação do preconceito racial entre os ibero-americanos e os norte-americanos. José Ferrer Canales²⁰⁴, ao analisar, em CA, a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos que, em 17 de maio de 1954, considerou a segregação racial como prejudicial e contrária ao espírito da Emenda XIV da Constituição daquele país, afirmou²⁰⁵:

Para la mentalidad hispánica, la que fulge y se revela en el pensamiento, el espíritu y la acción de Luis Vives y de Giner de los Ríos, de Cervantes, Unamuno y Antonio Machado, de José Martí, Hostos y Benito Juárez, este concepto no es una novedad extraordinaria y ha debido enunciarse por el alto tribunal hace siglos.

Para esse autor porto-riquenho, o preconceito advindo da segregação racial revelava que, se os EUA estavam na dianteira do continente americano em diversas áreas, na questão dos direitos raciais ficavam muito atrás, sendo esse um dos principais motivos para não considerar os EUA como um país democrático.²⁰⁶

Apesar dessa comparação favorável a Ibero-América em relação aos EUA no tocante a questão afro-americana, verificamos que, na revista mexicana, a presença desta problemática foi bastante tímida, ficando restrita a poucos autores e temas. Além dessa pouca presença, os temas racismo e exclusão social do negro foram eclipsados pela luta de classes, passando a ser considerados como decorrentes da exploração capitalista.

---

dos negros. A fundação do Partido Comunista cubano em 1925 contribui para a formação de uma consciência de classe, aglutinando negros e brancos na reivindicação de suas prerrogativas. Tal movimento resulta em progressivo abandono da ideia de “raça” e, ao mesmo tempo, na difusão do conceito de ‘cultura cubana’, na qual o negro passa a ser percebido como membro de uma classe social”.

²⁰⁴ Ensaísta, historiador, jornalista e educador porto-riquenho. Defensor da independência porto-riquenha, na sua obra destacou também o preconceito racial, que por vezes foi vítima (era negro). Cf. texto disponível em: <http://www.prpop.org/biografias/j_bios/jose_ferrer_canales.shtml>. Acesso em: 30 outubro 2012.

²⁰⁵ FERRER CANALES, José. Una decisión jurídica (la cuestión racial en la escuela norteamericana). **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 50-51, nov/dic 1955.

²⁰⁶ Segundo o autor porto-riquenho (ibid., loc. cit.), o mundo estava com os olhos fixos nos EUA: “[...] *nación que no podrá hablar con autoridad moral ante los pueblos, especialmente ante los de oriente, acerca de democracia y auténticos postulados libertarios hasta no libertarse a sí misma, hasta no ordenar su vida interior y elevar el hombre negro al plano de la más alta dignidad ciudadana*”.

Outro fator importante a ser destacado é a ideia hegemônica de que a miscigenação racial, presente na sociedade ibero-americana, havia resolvido os problemas da discriminação racial por meio da fusão das raças, num processo de harmonização social.

Em *CH*, a presença do afro-americano é menor do que em *CA*. Portanto, assim como na revista mexicana, podemos considerar que este tema não despertava interesse nos colaboradores da revista espanhola. Isso também pode ser atribuído ao desconhecimento sobre o assunto, por isso é importante perceber de que forma os colaboradores da revista concebiam o negro na Ibero-América.

Os artigos publicados sobre o tema referiam-se, na sua maior parte, sobre Cuba, sobre o negro nos EUA e sobre o conceito de raça e racismo.

Cuba era considerado o país mais negro da América de língua espanhola, e esse ponto foi objeto de diferenciação do país em relação aos demais. A proporção da população negra em Cuba só era comparável ao Brasil, fazendo desse um ponto importante para a identificação dos dois países.

O artigo do historiador cubano Manuel Moreno Fraginals destacou a relevância dos poetas negros em Cuba do século XIX, tanto na libertação dos escravizados quanto na luta pela emancipação da colônia²⁰⁷. Moreno Fraginals procurou demonstrar que, apesar da inserção e importância do negro na sociedade e história cubana, o preconceito racial o impedia de usufruir de uma cidadania plena²⁰⁸. O negro, portanto, era segregado por uma minoria branca que se considerava superior.

Dentre os colaboradores de *CH*, Manuel Moreno Fraginals foi o intelectual que citou a questão da existência do preconceito racial como limitador da inclusão do negro na sociedade

---

²⁰⁷ Manuel Moreno Fraginals (1920-2001): historiador, ensaísta, escritor e professor cubano. Entre 1947 e 1949, foi bolsista no Instituto de Cultura Hispânica. Sua obra mais famosa é *El Ingenio*, publicada em 1964.

²⁰⁸ MORENO FRAGINALS, Manuel. El problema negro en la poesía cubana. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 03, p. 518-530, may/jun 1948.

ibero-americana. Em geral, a posição dos outros colaboradores era de atenuar o racismo e exaltar a integração das raças através da miscigenação.

Como exemplo da relativização do racismo na sociedade ibero-americana, podemos citar o artigo de Manuel Fraga Iribarne²⁰⁹. Para o político espanhol, a ideia de uma raça pura era mito, pois era da natureza do homem a fusão dos povos. No seu artigo, Fraga Iribarne afirmou que a questão racial servia para ocultar ou disfarçar problemas de outra natureza, como, por exemplo, econômicos. O autor também chamou a atenção para a distinção entre racismo e escravidão, conceitos que, em sua visão, eram distintos. Sobre o tema da escravidão, Manuel Fraga Iribarne²¹⁰ asseverou:

Hemos aludido a estos hechos por su enorme significación y para mostrar que no nos duelen prendas; porque si dura fue la opresión de la raza negra en el mundo hispánico, no tiene comparación con la sufrida en el mundo anglosajón u holandés, y en general, en las colonias protestantes.

Manuel Fraga Iribarne declarava estar de acordo com os teóricos que defendiam que o preconceito racial era decorrente de causas sociais e econômicas. Assim, o racismo contemporâneo poderia ser creditado à experiência da escravidão. Por isso, o político espanhol fez essa diferenciação entre a escravidão realizada pela Espanha e aquela executada pelos países protestantes. Para Fraga Iribarne, a escravidão ibérica teria sido mais suave e, por isso, o racismo decorrente do processo de escravidão também foi mais discreto.

Além de a escravidão ibérica ter sido mais branda, também houve, nas colônias sob domínio espanhol, a experiência da mestiçagem de raças e culturas. Segundo o político espanhol, na Hispano-América havia uma distinção social marcada pelo modo de ser e de viver, diferente dos racismos que discriminam pelas características físicas.

---

²⁰⁹ Manuel Fraga Iribarne (1922-2012) foi um político espanhol. Iniciou suas atividades políticas em 1952, como secretário-geral do Instituto de Cultura Hispânica, e, em seguida, ocupou vários cargos no Ministério da Educação. Também foi Ministro da Informação e Turismo, no período de 1952-1969.

²¹⁰ FRAGA IRIBARNE, Manuel. Razas y Racismo. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 14, p. 215-238, mar/abr 1950.

No entanto, havia um ponto no discurso das diferenças raciais que preocupava Manuel Fraga Iribarne: o comunismo. Para o autor, o comunismo havia levantado a bandeira do antiracismo e, com esse discurso, estava penetrando nas sociedades através parcelas da população negra ou indígena, o que poderia converter milhares de ibero-americanos à doutrina da URSS.

Essa era também a inquietação de outro espanhol, Francisco de Cossío, que escreveu para *CH*²¹¹ um artigo no qual alertava para o crescimento desse perigo, principalmente em Cuba²¹². Para Cossío, o grande problema de Cuba era a população negra que aumentava em maior proporção em relação à mulata ou branca. A explicação do aumento da população negra estava nas leis de imigração, que impediam a entrada de trabalhadores agrícolas espanhóis no país, mantendo uma escassa oferta de mão-de-obra, o que prejudicava a diversificação da produção agrícola, baseada na monocultura da cana-de-açúcar.

A manutenção da monocultura contribuía para a dependência cubana em relação aos EUA, o que permitia alimentar o discurso comunista contra a presença capitalista-imperialista. O autor²¹³ afirmava que, por outro lado, “[...] *cerrando las puertas de la inmigración agrícola, en plazo no lejano, los que dirijan la política de Cuba serán negros. Hay que contar con que los estrategas comunistas se hacen más visibles en la población de color.*”

Por conta do racismo do qual eram vítimas e da exploração econômica a que estavam submetidos por longo tempo, os negros tinham, na visão do autor, “um complexo subconsciente de escravidão”, o que fazia com que eles se tornassem alvos em potencial da pregação dos comunistas.

---

²¹¹ Francisco de Cossío (1887-1975) foi jornalista espanhol.

²¹² COSSIO, Francisco de. Impresiones de mi viaje a Cuba. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 09, p. 552, may/jun 1949.

²¹³ Ibid., loc. cit.

Francisco de Cossío²¹⁴ acreditava que os negros, por meio do comunismo, poderiam representar um grande perigo para a civilização ocidental:

El comunismo lo sabe, y prepara cuidadosamente esta fuerza humana. He aquí un peligro para la civilización occidental. En Angola, mil negros formados en uniforme militar. En Cuba, cincuenta negros apretados dentro de una guagua. En Norteamérica, cinco negros dando saltos por las calles dentro de un Ford.

A utilização de negros pelo comunismo mundial era um perigo que os autores espanhóis identificavam com preocupação. É importante observar que havia uma divergência entre os colaboradores das duas revistas em relação à questão dos negros: enquanto em *CA* os autores estavam preocupados em vincular o problema dos descendentes de africanos à exploração social, os colaboradores de *CH* estavam preocupados com o engajamento dos “negros” ao comunismo mundial. Tais posturas evidenciam o conservadorismo político dos colaboradores de *CH*.

Outro aspecto relevante é o fato de que os autores espanhóis tenham manifestado apreensão diante da proliferação do comunismo em Cuba, em 1949, ou seja, dez anos antes da Revolução Cubana. Cabe lembrar que o “perigo comunista” fez parte integrante do imaginário espanhol desde o início da Guerra Civil, quando os nacionalistas lutaram contra os republicanos, estes estrategicamente identificados como comunistas. Dessa forma, o “perigo comunista” passou a ser evocado pelos espanhóis franquistas em qualquer circunstância de conflito.

Na comparação entre as duas revistas fica a constatação da pouca visibilidade que o afro-americano recebeu nos dois periódicos. Outro ponto em comum foi a relativização dada ao termo raça, pois os intelectuais que trataram desse vocábulo afirmaram que ele carecia de sentido.

---

²¹⁴ Ibid., loc. cit.

Comum também é o aspecto que se refere às afirmações sobre a pretensa harmonia entre as diferentes raças no continente americano, o que, por um lado, reforçava a imagem da colonização ibérica como tolerante em relação aos povos de etnias e culturas diferentes, e, por outro, indicava a ideia de sociedades miscigenadas.

Em *CA*, a questão do afro-americano foi considerada como decorrente de uma questão de classe social, ou seja, a exclusão do negro se dava por causa de seu pertencimento a classe trabalhadora, e era somente pela conscientização da sua situação de exploração social que ele poderia alcançar o gozo de sua cidadania. Já em *CH*, a questão do afro-americano era considerada como um perigo na luta contra o comunismo.

3.3 O Indigenismo como tema exclusivo de *CA*

A busca pela identidade dos países ibero-americanos, desencadeada pela crise europeia e pelo processo de modernização que as repúblicas ibero-americanas estiveram submetidas no início do século XX, trouxe a necessidade de se pensar esses diversos segmentos da Ibero-América que a diferenciavam da Europa e até mesmo dos EUA. Um dos segmentos que foi objeto de discussão e investigação no início do século XX foi o indígena. Era preciso refletir sobre o papel dos indígenas nas sociedades ibero-americanas, sociedades estas que estavam sendo repensadas por seus intelectuais.

Na discussão sobre o projeto de nação, defendido na Ibero-América e realizado em meados do século XX, era preciso incluir o indígena, elemento que muitas vezes era visto como uma entidade separada das nações, apesar de fazer parte constitutiva dela. Era preciso resolver esse dilema, superar essa contradição.

Autores que refletiram sobre esse tema apresentaram suas ideias em *CA*, enquanto, em *CH*, a questão foi praticamente ignorada.

Em CA, o indigenismo foi muito debatido porque se tratava de uma questão primordial para os hispano-americanos. Quando a revista mexicana começou a circular em 1942, já havia acontecido o I Congresso Indigenista Interamericano²¹⁵, no qual foi elaborada uma série de recomendações que deveria ser implementada pelos países que ratificaram as decisões do Congresso. Uma das medidas foi a criação do Instituto Indigenista Interamericano, órgão que tinha como função colaborar nas políticas indigenistas dos seus Estados membros e promover trabalhos de pesquisa para o desenvolvimento dessas comunidades.

O Congresso e a criação do Instituto expressaram uma preocupação sobre a questão indígena que vinha se manifestando desde o final do século XIX, tanto por parte de intelectuais quanto de políticos ibero-americanos. Tal preocupação se intensificou nas primeiras décadas do século XX²¹⁶.

As discussões sobre o tema ganharam, a partir da criação do Instituto, caráter transnacional, envolvendo principalmente representantes do México, Peru, Bolívia, Guatemala e Paraguai, mas pensada em termos mais amplos, de Ibero-América. As propostas feitas nos Congressos Indigenistas Interamericanos e as ações do Instituto Indigenista Interamericano tinham como perspectiva exercer influência num espaço que não era delimitado por fronteiras nacionais, fronteiras estas que deveriam transcender os limites territoriais das nações ibero-americanas, com vistas à realização de uma atuação conjunta²¹⁷.

---

²¹⁵ Até 1985, foram organizados nove Congressos: I – Pátzcuaro 1940; II – Cuzco 1949; III - La Paz 1954; IV - Guatemala 1959; V - Quito 1964; VI - Pátzcuaro 1968; VII - Brasília 1972; VIII - Mérida 1980; IX - EUA 1985. O I Congresso Indigenista Interamericano foi ratificado por 17 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, El Salvador, EUA, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru e Venezuela. Cf. **Instituto Interamericano de Direitos Humanos**. Disponível em: <www.iidh.ed.cr>. Acesso em: 20 julho 2012.

²¹⁶ Juan M. Ossio (2008) identificou dois momentos de indigenismo no Peru. O primeiro, preocupado principalmente com o progresso e com os obstáculos que as nações indígenas poderiam representar para esse progresso, destacou os nomes de Juan Bustamante e Ramón Castilla. O segundo momento indigenismo era menos pragmático e sua influência foi muito além da política, alcançando a literatura, artes plásticas, músicas e, sobretudo, as ciências sociais e a política. Os principais nomes desse segundo indigenismo no Peru foram: Manuel González Prada e José Carlos Mariátegui.

²¹⁷ “El término transnacionalismo no tiene una definición fija y final. Los expertos en las áreas de estudios culturales, religiosos, de migración, ciencias políticas, sociología y antropología utilizan el término para

Alguns aspectos desse debate sobre a questão indígena foram publicados na revista CA. Pretendemos mostrar como o tema foi analisado por seus colaboradores.

O espanhol Juan Comas definiu o indigenismo como um movimento social preocupado com a precária situação material e espiritual dos indígenas americanos²¹⁸. Esse movimento tinha o objetivo de melhorar a vida desses povos, incorporando-os à cidadania nos respectivos países. Com a inclusão, os níveis social, econômico e cultural dessa população poderiam aumentar, o que transformaria esses povos em produtores e consumidores²¹⁹.

Para Juan Comas, a principal preocupação do movimento indigenista era incorporar os povos indígenas à vida civil e cultural dos países onde estavam localizados²²⁰. Além de Comas, o também espanhol Pedro Comas Calvet²²¹ já havia escrito em CA sobre a necessidade de se conhecer a realidade indígena para resolver os problemas sociais das distintas repúblicas do continente. Segundo Pedro Comas, os políticos e sociólogos ibero-americanos deveriam buscar resoluções próprias para as questões sociais ibero-americanas, e entre elas as que estavam relacionadas ao indigenismo. Para resolver essas questões, não era possível importar soluções criadas pela Europa para resolver o problema do proletariado europeu²²².

---

explicar situaciones diferentes, en contextos diferentes. Transnacionalismo, en su sentido más general, se refiere a actividades, organizaciones, ideas, identidades y relaciones económicas y sociales que con frecuencia atraviesan y trascienden fronteras nacionales". Cf. STEIGENGA, GIRÓN S., 2008.

²¹⁸ Juan Comas: antropólogo e escritor espanhol que, com a Guerra Civil, exilou-se no México, onde desenvolveu atividades sobre a realidade dos povos indígenas mexicanos.

²¹⁹ COMAS, Juan. Panorama Continental del indigenismo. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 147-166, nov/dic 1950.

²²⁰ Indigenismo é um tema bastante discutido e comentado. Guillermo de la Peña (1994, p. 416-418) definiu o termo da seguinte forma: "*Indigenismo* foi o nome que se deu a essa mescla de análise social e planejamento político que pretendia mobilizar a população índia num processo de edificação nacional. O Indigenismo defendia invariavelmente os direitos dos índios sobre a terra que cultivavam, não só porque fora deles historicamente, mas também, fundamentalmente, porque sua dependência dos latifundiários constituía um fator de pobreza e exclusão que os impedia de tornar-se cidadãos com igualdade de direitos. No entanto, o *indigenismo* proclamava também a necessidade de que os índios se tornassem plenamente membros da sociedade nacional, isto é, perdessem sua identidade índia. Nas palavras do principal ideólogo indigenista do México, Manuel Gamio, a incorporação dos índios era uma obrigação urgentíssima de todo governo progressista".

²²¹ Pedro Comas Calvet, espanhol exilado na Colômbia.

²²² COMAS CALVET, Pedro. Acción tutelar de la República de Colombia sobre su población indígena. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 183-195, sep/oct 1946.

O indígena era uma realidade ibero-americana e sua situação era fruto de um projeto político republicano, que não o havia incluído, do ponto de vista social, político ou econômico, na nova ordem pós-independência. Era preciso, portanto, reverter essa situação de abandono e isolamento que essa camada da sociedade ibero-americana vivia. É interessante notar que ambos os autores espanhóis sensibilizaram-se com a situação do ameríndio.

No artigo de Pedro Comas Calvet, o intelectual também salientava que a ação do Estado deveria chegar até as tribos mais distantes dos grandes centros, no sentido de integrá-las, de forma lenta e segura, aos benefícios da vida moderna. A principal ação consistia em aproximar os indígenas do Estado e integrá-los nessa instituição encarregada de reger a vida civil das repúblicas.

Havia também os que faziam críticas às ações do Estado em relação ao indigenismo, como fez Tomás Cordova Sandoval, escritor mexicano, que publicou artigo sobre o tema em CA. Para o autor, o movimento indigenista (no México) havia alcançado dimensões desproporcionais e demagógicas. A crítica referia-se a um excesso de paternalismo dos governos da Revolução Mexicana, que, segundo ele, havia culminado no governo Cárdenas. Assim, a política desses governos em relação ao indigenismo revelava uma visão preconceituosa para com o indígena, ao não levar em conta sua capacidade de caminhar sozinho. No entanto, apesar dos exageros da política indigenista, esta ainda era, segundo o autor, a única maneira de promover o desenvolvimento do indígena mexicano²²³.

Cordova Sandoval criticou também aqueles que reivindicavam um caráter essencial da população ameríndia, fator que contribuiria para o isolamento dessa população. Sobre outros críticos da política indigenista, o mexicano afirmou²²⁴: “*Olvidan que la historia y el tiempo no pueden detenerse, pues, incluso sin la intromisión extranjera de la Conquista, los indios*

²²³ CORDOVA SANDOVAL, Tomás. Indios, criollos y mestizos. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 112-126, nov/dic 1951.

²²⁴ Ibid.

habrían evolucionado en cuatro siglos y serían, de seguro, distintos en la actualidad". O indígena, para Cordova Sandoval, tinha o direito de usufruir dos benefícios da modernização, pois, mesmo que não tivesse tido contato com os europeus no processo da conquista, encontraria formas de melhorar sua qualidade de vida. Não era possível, em nome da não contaminação do indígena pelos males da civilização ocidental, mantê-lo afastado das conquistas sociais e econômicas a que tinha direito.

Nesse artigo, averiguamos a dificuldade em equilibrar uma política indigenista que fugisse do paternalismo e da ideia de que o indígena era incapaz de se autogerir e que realizasse, ao mesmo tempo, uma política pública de inclusão.

O intelectual e educador peruano Uriel García escreveu um texto para *CA* criticando a visão redutora do indigenismo²²⁵. Para o autor, as campanhas indigenistas empreendidas tanto por literatos como por representantes dos governos, fosse através de institutos ou de congressos, não haviam produzido resultados práticos. O autor se referia à ineficácia das ações dos homens "civilizados", no sentido de resolver o problema indígena. García fazia menção também à tradição da *hispanidad*, sob os auspícios da falange, contrária aos interesses dos povos aborígenes. Ele acreditava que a efetiva inclusão da população indígena no conjunto da sociedade peruana somente ocorreria por meio do *neoindianismo*, ou seja, da cultura mestiça. Nesse sentido, García²²⁶ afirmou:

*Con todo, el problema de la unidad y de la emancipación nacional, que comprenda a todos los pueblos y sectores sociales aún dependientes, sólo se podrá resolver por el neoindianismo o cultura mestiza, del mismo contenido socialista y más cabal, que comprenda a campesinos y a obreros, a todos los peruanos que tienen la doble tradición histórica. Sólo dentro del ritmo mestizo de la cultura se podrá realizar la liberación de la **peruanidad**, oprimida por el hispanismo y recortada por el indigenismo utópico.*

---

²²⁵ Uriel García (1884-1965): pedagogo, ensaísta e intelectual peruano que defendeu uma corrente do indigenismo.

²²⁶ GARCÍA, Uriel. Problemas de sociología peruana. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 02, p. 46-68, marz/abr 1950, destaque no original.

A mestiçagem proposta por Uriel García não tinha caráter biológico, mas cultural. O mestiço não era definido pela raça, mas pela consciência de que pertencia a uma cultura que incluía a indígena e a *criolla*. A proposta de Uriel García se diferenciava da que era defendida por indigenistas favoráveis ao isolamento do indígena para a preservação de sua identidade. O intelectual peruano propunha a mestiçagem cultural como forma de superar o dualismo entre *criollos* e indígenas.

Sem mencionar a mestiçagem cultural, mas defendendo a capacidade social e intelectual do indígena, José Lopez-Portillo²²⁷ escreveu em *CA* um artigo no qual salientava o fato de que aceitar o índio como incapaz seria admitir a sua inferioridade racial. O indígena, segundo argumentava o autor²²⁸, precisava esquecer o seu passado de sofrimentos e incorporar o novo: “*No lo rebajemos a la categoría depreciable de elemento dócil en politiquerías bajas y de campanario*”. Lopez-Portillo usava o termo *politiquerías* para se referir a um tipo de indigenismo que exercia tutoria sobre o indígena, retirando deste sua autonomia nos processos decisórios. Portanto, sua crítica se dirigia à visão preconceituosa e estereotipada do ameríndio que impregnava o indigenismo. Por esse motivo, destacou em seu artigo o desrespeito à capacidade política e social do indígena.

Outra questão que atravessou esse debate sobre indigenismo e políticas sociais voltadas ao indígena dizia respeito à definição de quem poderia ser considerado índio nas sociedades ibero-americanas. O historiador peruano Emilio Romero²²⁹ defendeu, em artigo publicado em *CA*, o critério utilizado em 1940 pelo *Censo General de Población* mexicano, que considerou como indígenas aqueles habitantes do território mexicano que falavam exclusivamente línguas originais, e que por isso não tinham acesso à cultura mexicana

---

²²⁷ Engenheiro, historiador e acadêmico mexicano. Pai do presidente mexicano que levou o mesmo nome.

²²⁸ LOPEZ-PORTELLO, José. La incapacidad del indio. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 150-162, jan/feb 1944.

²²⁹ Emilio Romero (1899-1993): historiador e escritor peruano.

moderna. Para Romero²³⁰, o mesmo critério poderia ser utilizado no Perú: “*El indio que usa zapatos, come pan, sabe leer y duerme en catre ya no es indio. Y esta es la condición a la que marchan los indios en su éxodo a las ciudades*”. Tal perspectiva de identidade estava relacionada à inserção social.

Emilio Romero acreditava que, a partir do desenvolvimento das nações, o que incluía desenvolvimento urbano, a integração do índio nas cidades tendia a aumentar e, dessa forma, as suas práticas culturais iam se mesclando às práticas da cultura *criolla*, sem necessariamente abandonar seus costumes, práticas, crenças ou idioma.

Retomando Juan Comas, em artigo já mencionado, cabe esclarecer que este autor também demonstrou preocupação com a definição do indígena pelos indigenistas e afirmou que a maior parte dos antropólogos e outros indigenistas haviam chegado a um acordo no seguinte sentido: descartar o critério biológico para definir o indígena. Para o autor, a aceção mais adequada era a que foi formulada por Alfonso Caso²³¹, que Comas²³² citava no artigo:

Es indio, todo individuo que se siente pertenecer a una comunidad indígena; que se concibe a sí mismo como indígena; porque esta conciencia de grupo no puede existir sino cuando se acepta totalmente la cultura del grupo, cuando se tiene los mismo ideales éticos, estéticos, sociales y políticos del grupo; cuando se participa en las simpatías y antipatías colectivas y se es, de buen grado, colaborador en sus acciones y reacciones. Es decir, que es indio el que se siente pertenecer a una comunidad indígena.

Segundo essa definição, o indígena era aquele que estava inserido na comunidade indígena e partilhava dos costumes e dos valores dessa cultura. O indígena poderia falar e compreender a língua espanhola, mas fazia parte de outro universo. Os indigenistas, na perspectiva de Juan Comas, deveriam contribuir para esse diálogo, respeitando o indígena

---

²³⁰ ROMERO, Emilio. Meditaciones indigenistas entre Patzcuaro y Cuzco. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 22-35, ene/feb 1949.

²³¹ Alfonso Caso (1896-1993): importante arqueólogo mexicano. Trabalhou nas escavações do Monte Albán e publicou várias obras referentes às culturas mixteca, zapoteca e mexicana.

²³² COMAS, Juan. Panorama Continental del indigenismo. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 147-166, nov/dic 1950.

como interlocutor à altura dos hispano-americanos. Essas duas posturas em torno da questão indígena foram manifestadas em *CA* e suscitaram um debate importante sobre o tema.

Na mesma revista, foi discutida a questão da terra e sua importância para sobrevivência indígena. Havia um consenso sobre o fato de que *discutir sobre o ameríndio necessariamente significava discutir a questão agrária*²³³.

O uruguaio Alberto Zum Felde afirmava que era dever moral e político dos ibero-americanos a assimilação da massa indígena andina à civilização americana, tirando aquela do estado de servidão e prostração em que vivia²³⁴. A terra era questão primordial para que a “restauração da humanidade indígena fosse possível”²³⁵. Somente resolvendo o problema agrário seria possível integrar o indígena à vida da sociedade americana.

O problema da posse de terra do indígena ibero-americano relacionava-se com a existência de latifúndios e de formas de exploração da terra baseada na monocultura e no trabalho, se não escravo bem próximo disso.

A preocupação não era apenas dar terras, mas principalmente garantir condições de trabalho na terra e também de competição no sistema comercial²³⁶. Outro ponto de destaque é a preocupação com a saúde e com a educação, fatores fundamentais para o pleno desenvolvimento de qualquer comunidade. Interessante verificar que essas deficiências também eram comuns nas zonas rurais da maior parte dos países ibero-americanos, como no Brasil, por exemplo, independente da etnia. O que nos leva a admitir que os principais problemas da identidade ibero-americana e a definição de quem somos estão relacionados

---

²³³ “Todavia, como Mariátegui já havia declarado com vigor, a questão da desapropriação dos latifúndios estava relacionada estreitamente com a ‘questão indígena’, isto é, com o reconhecimento das injustiças feitas aos povos indígenas, que, em países, como a Bolívia, o Peru, o Equador e a Guatemala, e em certas regiões da Colômbia e do México, ainda constituíam a maioria da população”. DE LA PEÑA, 1994, p. 416.

²³⁴ Alberto Zum Felde (1890-1976): ensaísta, filósofo e dramaturgo uruguaio.

²³⁵ ZUM FELDE, Alberto. La tragédia del índio en suramerica. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 129-141, may/jun 1943, tradução nossa.

²³⁶ O pintor peruano F. Cossio del Pomar (1889-1981) também escreveu em *CA* sobre o problema da exploração indígena por latifundiários. COSSIO DEL POMAR, F. Apuntes sobre el indio peruano y su vida. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 161-174, nov/dic 1944.

com a partilha dos bens produzidos por essa sociedade, passando pela forma como estão distribuídas as propriedades e a produção.

Em *CH*, como foi dito anteriormente, o tema indigenista esteve praticamente ausente, o que demonstra o distanciamento dos espanhóis dos problemas do indigenismo, tema que muito preocupava os autores hispano-americanos.

Como o assunto foi amplamente debatido nos dois primeiros *Congressos Indigenistas* que aconteceram em 1940 e 1949, era de se esperar que os colaboradores de *CH*, publicação que surgiu com o objetivo de aproximar hispano-americanos, demonstrassem interesse em participar dos debates sobre assuntos importantes que ocorriam no Continente povoado pela “Madre Espanha”²³⁷.

O que se pode inferir a respeito da pouca atenção dispensada à questão indigenista pelos espanhóis que publicavam em *CH* é que esse tema estava muito distante dos problemas vividos pelos espanhóis que tentavam reconstruir o seu país, destruído pela guerra e isolado da comunidade ocidental, isolamento este imposto em represália ao regime franquista.

Mas, além dessa tentativa de explicação relacionada ao contexto espanhol da época, cabe indagar: “o que significa o indígena para os colaboradores da revista?”. Acreditamos que, embora a questão identitária fosse muito importante para os responsáveis de *CH*, que apelavam para ela no sentido de ganhar apoio dos “irmãos” americanos, o índio representava o “outro”, ou seja, aquele que não pertenceria à comunidade hispânica nem no passado, nem no presente e nem no futuro.

A posição do fundador de *CH*, Pedro Lain Entralgo, a respeito do indigenismo nos ajuda a compreender o porquê dessa questão não ter muito espaço nas páginas da revista.

---

²³⁷ Os Congressos indigenistas foram assunto em dois artigos publicados em *CH*: PARDO, Antonio. El Congreso Indigenista de Cuzco. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid., n. 05/06, p. 144-146, sep/dic 1948, sobre o congresso que aconteceria no ano seguinte em Cuzco. Outro artigo destacando os congressos foi o de DÍEZ MEDIANA, Fernando. Los derechos esenciales del índio americano. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 59, p. 232-235, noviembre 1954, que abordava o III Congresso Indigenista Interamericano, ocorrido em La Paz naquele ano.

Pedro Lain Entralgo considerava o indigenismo como parte do projeto de originalidade intelectual que os ibero-americanos tencionavam construir. Para ele, a originalidade hispano-americana era temerária e impossível de ser realizada, porque prescindia da contribuição europeia, o que, historicamente, poderia se constituir como um erro.

De acordo com o fundador de *CH*, o dever do espanhol não era adaptar a realidade ao indígena, mas trazer os indígenas para o nível da “História Universal” do seu tempo, por meio da fé católica e da língua espanhola²³⁸. A inclusão do indígena seria realizada à medida que ele se adaptasse aos padrões da civilização.

Dentro dessa postura dos espanhóis conservadores sobre a questão indígena, destaca-se a participação de Antonio Pardo, que publicou três artigos sobre o assunto na revista espanhola²³⁹. Para Antonio Pardo²⁴⁰, o índio americano constituía o problema mais urgente na maioria dos países ibero-americanos. Ele defendia o indigenismo nos seguintes termos:

De la Independencia a nuestros días, el indigenismo ha sido mal entendido. No se trata de resucitar una civilización, ya caducada y sin posibilidades creadoras, sino de proporcionar al indígena una situación digna, dentro de la civilización, facilitándole un mejoramiento económico y cultural, que le dignifique y restablezca una confianza en el vivir, sacándole de inercia ancestral en que haya sumido.

O autor acreditava que o indigenismo era a melhor maneira que o ibero-americano teria para resolver o problema, ou seja, criar as condições para incluir os índios na forma de vida predominante nos países da Ibero-América. Não era possível deixar que as comunidades indígenas vivessem como quisessem, e era preciso intervir e assegurar essa inclusão. No entanto, argumentava o autor, o melhoramento das condições de vida indígena viria pelas

²³⁸ Segundo José Luis Abellán, este dever ser do espanhol que menciona Pedro Laín Entralgo consistia em fazer do indígena contemporâneo o equivalente ao que foi Inca Garcilaso. Cf. José Luis Abellán, “La evolución por el humanismo: Pedro Laín Entralgo”. In: RUIZ-GIMÉNEZ; ABELLÁN; MONCLÚS, 1989, p. 207-284.

²³⁹ Encontramos uma única referência sobre o autor como fundador da Falange em Torrente.

²⁴⁰ PARDO, Antonio. El Congreso indigenista de Cuzco. **Cuadernos Hispanoamericano**, Madrid, n. 05/06, p. 144-146, nov/dic 1948.

mãos do branco civilizado, já que a civilização ameríndia era atrasada e não tinha capacidade de se desenvolver por si mesma.

Referindo-se ao II Congresso Indigenista Interamericano de Cuzco, que aconteceria em 1949, comentou a Carta Pastoral escrita pelo Cardeal Arcebispo Primado de Lima, e Arcebispos de Trujillo, Cuzco e Arequipa, e encaminhada aos organizadores do Congresso. Na carta, os religiosos chamavam a atenção dos congressistas para a importância que a Igreja dispensava aos valores espirituais, valores estes que deveriam ser levados em conta pelos participantes do Congresso.

Segundo Antonio Pardo, os religiosos haviam destacado que somente os valores espirituais poderiam lutar contra o materialismo ateu, dissociador, que transformava o indígena em um elemento perigoso para a sociedade e a tranquilidade dos povos. O colaborador de *CH* reproduziu partes da carta dos religiosos fazendo elogios e endossando as posições nela contidas e, baseado no alerta dos religiosos, condenou os que usavam o indígena como força política, insuflando revoluções ou outros atos políticos.

Antonio Pardo²⁴¹ evocou as Leis das Índias, com o intuito de demonstrar o retrocesso nos direitos indígenas. Num artigo que escreveu sobre a situação do indígena na Guatemala enfatizou a precariedade em que ficou a propriedade do indígena logo após a independência do país. Sobre esta questão, argumentou:

Pero hay algo más, y fundamental. La propiedad territorial del indígena se basó, desde el siglo XVI, en títulos escritos otorgados por la Corona de España, que convertían a los indios en propietarios legales de su tierra cultivada, dando origen, en muchas zonas, a una organización económica de pequeños propietarios.

Este estado de cosas, que subsistió con los primeros años de la emancipación del país, cayó fulminado hacia 1870 por el presidente Barrios, que anuló estos títulos de propiedad y llegó hasta ordenar la destrucción de los documentos en que estaban registrados. [...] Así quedó destruida una situación legal establecida por la Corona de España. No es

---

²⁴¹ PARDO, Antonio. Situación actual del indígena en Guatemala – Una conferencia de Franz Termer en Madrid. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 25, p. 111-112, enero 1952.

raro pues, que desde entonces se haya incubado cierto recelo del indio hacia las clases rectoras del país.

O autor destacou a questão legal que envolvia a propriedade de terras indígenas sob o domínio espanhol. Não era apenas a concessão para uso, também havia a confirmação, através de documento público, que reafirmava o direito àquela propriedade. A destruição dessa situação foi executada por um presidente republicano, representante dos novos “donos do país”. A medida adotada justificava, na opinião do autor, o receio dos indígenas guatemaltecos em relação aos dirigentes do país.

Os responsáveis pela situação de miséria dos ameríndios, mais do que os espanhóis, eram aqueles que haviam dominado a comunidade ibero-americana. A elite dirigente havia trazido mais prejuízos aos aborígenes que os próprios espanhóis. Há certo orgulho em afirmar que as Leis das Índias eram mais favoráveis aos indígenas que as atuais. Podemos considerar tal comportamento dos hispanos como uma forma de questionar a *Legenda Negra* e devolver aos ibero-americanos a responsabilidade pelo atraso e miséria dos indígenas.

Neste capítulo, foram estudadas as presenças do Brasil, do negro e do indígena nas revistas *CA* e *CH*, dentro de uma investigação sobre a identidade ibero-americana, defendida pelos intelectuais colaboradores dos dois periódicos.

A principal característica apontada pelas revistas sobre o Brasil refere-se ao seu tamanho e potencialidades. As revistas mantinham posturas diferentes para identificarem o Brasil como pertencente à comunidade ibero-americana. Para *CA*, essa identidade era construída a partir dos problemas que tinham em comum com os outros países da região, portanto do presente. Para *CH*, a identidade era derivada da origem ibérica pelo passado colonial português e, portanto, do passado.

Uma estratégia importante na divulgação da antiga colônia portuguesa no mundo ibero-americano foi a publicação de obras literárias que circularam no espaço americano e também espanhol, sendo que alguns desses livros receberam resenhas das revistas.

A questão do negro brasileiro foi analisada através do mito da democracia racial desenvolvido por Gilberto Freire. A convivência harmônica entre as raças foi apontada como característica da Ibero-América, possível graças a miscigenação, estimulada pelas antigas metrópoles ibéricas.

A crença na convivência harmônica das raças não garantiu visibilidade aos negros nas revistas. Nos poucos artigos em que se discutiu a questão do negro na América, ela foi entendida pelos colaboradores de *CA* como um problema social e econômico e não racial. O caminho para os negros conseguirem sua inclusão na sociedade era a conscientização da sua classe social. Em *CH*, essa problemática era entendida como um fator perigoso, que poderia ser utilizado com o intuito de propagar o comunismo na região. Por isso, essa problemática deveria ser combatida pelos valores hispânicos.

A questão indígena, ao contrário da negra, foi um tema bastante debatido em *CA*. Os autores se preocupavam com o indigenismo e com a discussão de vários temas ligados a essa questão. Um dos temas discutidos e que dividiu opiniões foi sobre quem deveria ser considerado indígena. Houve, por parte dos intelectuais que participaram desse debate, a preocupação em formular um pensamento próprio e original para a questão.

Em *CH*, a discussão sobre a questão indígena foi tímida, principalmente porque havia um entendimento por parte de membros dirigentes da revista de que o indígena ainda não comungava da mesma situação histórica que os hispanos, e que, por isso, deveria ser elevado a aquele patamar. No entanto, mereceu destaque a atuação de um colaborador que publicou a maior parte dos artigos que trataram da questão. Para Antonio Pardo, a questão indígena era

urgente na maioria dos países hispano-americanos e deveria ser resolvida principalmente pela fé.

A opinião da revista espanhola sobre os indígenas sustentava que a responsabilidade das misérias econômica, social e cultural do indígena era da elite ibero-americana, que não soube integrar o indígena naquela sociedade.

4 CA E CH FRENTE ÀS RELAÇÕES PENDULARES ENTRE IBERO-AMÉRICA, ESTADOS UNIDOS E ESPANHA

Nos capítulos anteriores, foram apresentadas discussões realizadas pelos colaboradores de ambas as revistas a respeito dos elementos importantes para a compreensão do que se entendia como identidade ibero-americana e também do vínculo dessa região com a Espanha e EUA.

Este capítulo busca identificar como *CA* e *CH* se posicionaram a respeito das relações políticas entre Ibero-América e EUA e entre a Ibero-América e a Espanha. Para essa análise, realizamos um pequeno histórico do movimento de aproximação e distanciamento da Ibero-América em relação à Espanha e aos EUA.

Neste capítulo, serão analisadas a posição das revistas sobre a política norte-americana para a Ibero-América, a evolução da situação espanhola no panorama internacional, bem como a proposta de união entre os países ibero-americanos para a construção de uma terceira via num mundo bipolarizado entre os EUA e a URSS.

O fio condutor para esta análise das relações entre a Ibero-América e os EUA no período da Guerra Fria foi construído a partir do golpe na Guatemala. Esse fato definiu, para os intelectuais ligados as duas revistas, qual seria a política norte-americana para a região, e, a partir desse entendimento, as propostas de uma terceira via se fizeram mais intensas.

Paralelamente ao endurecimento das relações entre EUA e Ibero-América, percebemos também uma aproximação entre os EUA e a Espanha, país este que caminhava para sua aceitação na ONU.

4.1 Relação pendular entre Ibero-América e EUA

Um ponto de união entre as nações ibero-americanas foi a identificação dos EUA como o “outro”, a alteridade, diante do qual as características próprias da cultura ibérica ganhavam mais sentido. A animosidade dos ibero-americanos contra os estadunidenses decorria da política exterior praticada pelos norte-americanos já no século XIX. Este sentimento de antipatia ganhou força na Espanha, com a Guerra Hispano-americana em 1898. Este fato marcou a aproximação dos países ibero-americanos dos dois lados do Atlântico contra a política exterior norte-americana, conforme salienta Maria Helena Capelato (2003):

(...) 1898 representou um momento conjuntural dentro do mundo hispânico que deu lugar a um diálogo enriquecedor entre escritores de uma e outra margem do Atlântico. Em sua grande maioria, os intelectuais do final do século XIX questionaram os valores de uma cultura expansiva — a anglo-saxã — cuja impetuosa modernidade se impôs sobre a tradição humanista da cultura latina que esteve na base da cultura ibérica. A discussão que se travou em torno da cultura saxã versus cultura latina serviu para unir espanhóis e hispano-americanos.

A postura agressiva dos Estados Unidos, que já havia se manifestado quando se apropriaram de parte do território mexicano em meados do séc. XIX e, em 1898, quando passaram a dominar Cuba e Puerto Rico, provocou reação de grande parcela da população das nações ibero-americanas, o que resultou na união em torno de suas origens, história e traços culturais comuns contra o estrangeiro, o intruso: o saxônico. A guerra de independência de Cuba, ao invés de afastar a Espanha das suas antigas colônias americanas, a aproximou, para combater um inimigo comum, o norte-americano, responsabilizado pela perda de suas últimas colônias e pelo domínio que passou a ter sobre elas.

As relações entre os ibero-americanos e os EUA estavam, até então, marcadas pela Doutrina Monroe, que imprimia nos estadunidenses a postura de polícia do continente.

As intervenções dos Estados Unidos na América eram variadas, segundo Halperin Donghi (2005, p. 203-209). Algumas vezes, baseavam-se numa espécie de puritanismo político de caráter protetor e pedagógico; já outras, como na Guerra Hispano-Americana e na proclamação da República Panamá, de caráter agressivo e bélico.

Na Espanha, a oposição aos EUA foi mais intensa na parte dos setores conservadores, até mais do que a dos progressistas. No decorrer do século XIX até a metade do XX, a imagem dos EUA e de seu povo anglo-saxão, propagada pelos conservadores espanhóis, era retratada com as seguintes características: materialismo, individualismo, traços decorrentes do protestantismo, preceito que contrapunha os valores da cultura católicos dos povos ibéricos²⁴².

Existia, até a Guerra Civil Espanhola, uma convergência entre escritores ibero-americanos sobre a oposição aos norte-americanos, com o intuito de contrapor a cultura anglo-saxã à cultura ibérica e valorizar esta em detrimento daquela. A partir de 1936, a divisão provocada pelo conflito entre nacionalistas e republicanos repercutiu na América e uma parte considerável dos intelectuais ibero-americanos apoiou os republicanos espanhóis contra os nacionalistas. Nesse novo contexto, a aversão contra os EUA se arrefeceu.

O governo franquista passou a ser associado aos governos de Hitler e Mussolini, e juntos vistos como a “representação do mal” que deveria ser combatida. Para lutar contra a instalação de novos regimes alinhados com o eixo nazi-fascista, foram criados “Frentes Anti-Fascistas” na América que obtiveram o apoio e militância de destacados intelectuais ibero-americanos.

Os Estados Unidos, nesse novo contexto, passaram a contar com a simpatia de autores que antes condenavam sua política para a Ibero-América. Essa mudança de atitude em relação

---

²⁴² Cf. FERNÁNDEZ DE MIGUEL, Daniel. **El antiamericanismo en la España del primer franquismo (1939-1953)**: El ejército, la Iglesia y la Falange frente a Estados Unidos. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/historia/ortega/5-05.pdf>>. Acesso em: 20 julho 2012.

aos Estados Unidos estava relacionada a dois fatores: a política da Boa Vizinhança²⁴³ e a entrada na guerra dos norte-americanos ao lado dos aliados.

Foi nesse contexto de mudança de perspectiva sobre os EUA, que a revista *Cuadernos Americanos* começou a ser publicada. No número de estreia da nova publicação, o mexicano Manuel J. Sierra fez um balanço das relações entre a Ibero-América e os Estados Unidos, mostrando como depois da conquista de territórios mexicanos, de Puerto Rico e das Filipinas, os dirigentes norte-americanos revelaram um interesse especial pelo desenvolvimento de intercâmbios comerciais entre EUA e os demais países americanos²⁴⁴. Segundo o autor²⁴⁵, os Estados Unidos haviam revelado ideais bolivarianos após a I Guerra Mundial, que foram sabotados por políticos estadunidenses. No entanto, Franklin D. Roosevelt promoveu a aproximação entre as duas Américas quando defendeu, durante VII Conferência Internacional de Montevideú, o princípio da não intervenção. A propósito dessa questão, Manuel J. Sierra declarou:

El impulso iniciado hizo sentir su vigor en todos los órdenes; la Enmienda Platt desapareció; el control financiero en Haití también; se prometió a Filipinas su independencia. Roosevelt puso su mayor empeño en despertar una sensación de igualdad para decidir sobre los asuntos comunes entre su país y las Repúblicas Americanas. Así nació la política del Buen Vecino, expresión que el Presidente de los Estados Unidos encontró como la más adecuada para sintetizar sus propósitos.

Nesse texto, podemos observar que alguns sinais emblemáticos do controle norte-americano sobre o continente, como a Emenda Platt e o controle financeiro do Haiti, foram considerados superados, o que sugeria a intenção da “boa vontade” dos norte-americanos. A

²⁴³ A política da Boa Vizinhança foi estabelecida pelo Presidente Franklin Delano Roosevelt (1933-1945). Em seu discurso de posse, o presidente referiu-se aos parâmetros que serviriam de bússola para as relações interamericanas: “no Campo da política mundial, quero consagrar este país à Política da Boa Vizinhança – o vizinho que respeita firmemente a si próprio e, por isso, pratica o respeito aos direitos dos outros -, o vizinho que respeita suas obrigações e a santidade dos compromissos assumidos”. Trecho do discurso da posse de Franklin Roosevelt, em 4 de março de 1933.

²⁴⁴ Manuel J. Sierra, professor de direito internacional mexicano, foi representante do México nos encontros panamericanos.

²⁴⁵ J. SIERRA, Manuel. De Monroe a Roosevelt - La Política del Buen Vecino. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, ene/feb1942.

América sem divisões, como indicava Manuel J. Serra, teria a oportunidade de retomar o ideal bolivariano de unidade e ocupar o lugar que a Europa tivera até então. A “salvação” do mundo a partir da América não dizia respeito apenas a ideias e valores, mas principalmente a aspectos materiais, incluindo o bélico, já que, no ano em que o artigo foi publicado, os EUA iniciavam sua participação direta no conflito mundial.

A política norte-americana perante os estados ibero-americanos e a luta norte-americana, através da guerra, contra o nazi-fascismo, levou Haya de La Torre a defender a intervenção como uma forma positiva de fazer política. Em 1943, ele afirmou²⁴⁶:

[...] Lo que nos lleva, consecuentemente, a afirmar que no toda intervención es imperialista y que hay una buena y una mala intervención. Buena, la que sirve a un gran ideal social y humano, internacional y salvador, como es la causa de la Democracia. Mala cuando es el uso de la fuerza de un gran país al servicio de su ambición de conquista y en defensa de los intereses de sus oligarquías militares políticas o financieras.

Segundo o político peruano, os EUA estavam fazendo na Europa uma boa operação para barrar a má intervenção nazi-fascista; boa porque significava uma política do país interventor realizada acima dos interesses próprios do país que tinha o intuito de libertar outros povos de invasões estrangeiras motivadas pela ganância e ódio.

Esse artigo escrito pelo líder aprista, considerado um dos maiores críticos e combatentes do imperialismo norte-americano em relação aos países latino-americanos, é muito significativo para mostrar a grande mudança de posição sobre o vizinho do Norte²⁴⁷. Haya de La Torre propunha uma revisão no conceito de intervenção e acreditava que era necessária, após a guerra, a organização de uma entidade mundial de nações, coordenada por grupos regionais ou continentais, para supervisionar as “boas intervenções”.

²⁴⁶ HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl, Intervención e imperialismo. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 7-12, jul/ago 1943.

²⁴⁷ APRA – Aliança Popular Revolucionária Americana, fundada pelo peruano Haya de La Torre em 1924, quando este estava exilado no México. Um partido que tentou abordar uma doutrina indo-americanista e anti-imperialista. Durante a década de 1920, o APRA teve seções em vários países da Ibero-América, mas, aos poucos, foi se restringindo ao Peru.

A revisão sobre a boa intervenção não se restringia à política; era válida também para a economia, na opinião do autor que afirmou: “*Vale recordar, asimismo, que tampoco sería exacto afirmar que todo intervencionismo económico o financiero de un Estado rico en otro menos desarrollado implica intervención imperialista*”²⁴⁸. A intervenção financeira controlada pelo Estado que necessitasse de capitais para o desenvolvimento do seu país não era mais considerada, pelo autor, como um atentado contra sua soberania. Mas sugeria que a intervenção econômica deveria ser coordenada por meio da organização de um Comitê financeiro, cuja função seria assegurar um equilíbrio econômico, baseado na “boa democracia” e na “boa vizinhança”.

Haya de La Torre, no artigo em foco, tinha em mente a situação da Ibero-América depois da guerra. Por esse motivo, ao se referir à necessidade de um comitê financeiro livre de imperialismos que assegurasse o desenvolvimento regional, sugeriu a organização de um Comitê financeiro interamericano. Acreditava que, após a guerra, a soberania dos Estados estaria superada pela interdependência dos países, baseada no princípio da *buena intervencion*. Portanto, acreditava também que a Ibero-América estaria inserida nessa nova forma de organização, e não mais baseada no conceito de soberania que contribuiu para a justificativa da guerra.

Haya de La Torre, como se pode inferir a partir de seu texto, supunha que, nos tempos posteriores ao término da Segunda Guerra Mundial, as relações interamericanas seriam pautadas pelos interesses comuns acima dos particularismos, e os EUA teriam papel fundamental nesse sentido. Seguindo o discurso de Víctor Raúl Haya de La Torre, a importância dos Estados seria secundária, porque predominariam os interesses regionais.

Mariano Picon-Salas também confiava na manutenção da política da Boa Vizinhança entre os EUA e a Ibero-América após o final da Guerra. Em seu artigo publicado em 1943 na

---

²⁴⁸ DE LA TORRE, Haya, op. cit.

CA, o escritor venezuelano afirmou que era necessário um plano econômico para o continente no pós-guerra²⁴⁹:

Hay pues, por hacer, como una necesidad ineludible para la post-guerra, el plan económico de nuestro Continente. Él debe acelerar la valorización de nuestro Continente. Él debe acelerar la valorización de la potencial riqueza suramericana; coordinar la producción de las dos inmensas áreas continentales; poblar las zonas sin hombres, permitir que Sur América aproveche la experiencia y el maravilloso aparejo técnico de los Estados Unidos en agricultura, sanidad pública, organización industrial. El desarrollo creciente y la independencia política de América; lo que puede evitar que la zona sur de nuestro Continente sea campo propicio para la intriga extranjera. La era del Imperialismo será sustituida, así, por la era de la cooperación.

Na perspectiva do autor, o momento do pós-guerra representaria a possibilidade de integração de ambas as Américas, permitindo que a do Sul aproveitasse o que a do Norte tinha em termos de técnica para a agricultura, saúde e indústria. Isso garantiria o desenvolvimento da Ibero-América e, conseqüentemente, sua independência econômica e política. O imperialismo da América seria substituído pela cooperação. Nesse espírito de cooperação, a América poderia salvar a “*concepción universalista de libertad y humanidad que era el signo más valido de la Cultura de Occidente*”²⁵⁰.

Tanto Haya de La Torre quanto Mariano Picon-Salas e Manuel J. Sierra tinham expectativas otimistas para o continente americano após a Segunda Guerra Mundial. Baseados em uma política de aproximação e cooperação posta em prática pelos EUA, sob a direção de Franklin D. Roosevelt, a América poderia, enfim, realizar o sonho das utopias projetadas em épocas anteriores.

Nesse momento em que a guerra ainda não estava definida, o discurso da América como esperança e salvação do Ocidente se referia às duas partes do continente, tanto a do Norte como a do Sul. E, como vimos, autores sul-americanos incorporaram essa esperança de

²⁴⁹ PICON-SALAS, Mariano. Sentido de la Buena Vecindad. **Cuadernos Americanos**, México D.F., nº 01, p. 12-20, ene/feb 1943. Observação: o autor escreveu em Nothampton, Massachussetts.

²⁵⁰ Ibid.

superação e substituíram a crença na política imperialista norte-americana pela crença na política de cooperação e intercâmbios, inclusive no campo cultural. O artigo de Mariano Picón-Salas revelava uma expectativa de maior circulação para a cooperação intelectual e intercâmbio do trabalho científico.

4.1.1 Política da Boa Vizinhança ou Imperialismo?

No entanto, as dúvidas sobre a integração americana não tardaram a surgir em CA. Já em 1944, Rafael Heliodoro Valle²⁵¹ afirmou que alguns especialistas em economia ibero-americana temiam que um triunfo dos Estados Unidos na Guerra aumentasse seu poder imperialista, o que faria com que o vizinho do norte não considerasse a ajuda que os latino-americanos haviam dado para ganhar a guerra, tanto em relação à oferta de matérias-primas, como em vidas humanas. Segundo o escritor hondurenho²⁵², era fundamental que os países americanos conseguissem o apoio da população norte-americana para que a política da boa vizinhança perdurasse e rendesse frutos após o término do conflito: *“Necesitamos entendernos de verdad con los Estados Unidos, no sólo de gobierno a gobierno, sino de pueblo a pueblo, para que la Política del Bueno Vecino vaya adelante”*. Para Heliodoro Valle, o apoio popular era necessário, já que os governos passariam e a opinião pública poderia ser a principal conselheira para os futuros governantes.

---

²⁵¹ Poeta, ensaísta, professor universitário e diplomata hondurenho. Entre 1948 e 1955, exerceu o cargo de diplomata do seu país em Washington. Colaborou com a revista espanhola *Cuadernos Hispanoamericanos* no período de 1953 a 1957.

²⁵² HELIODORO VALLE, Rafael. América Latina en el mundo de la post-guerra. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 7-17, may/jun 1944. Em nota, o autor esclareceu que por uma exigência da revista norte-americana, em que o artigo foi publicado pela primeira vez, ele usou o termo América Latina. Ele considerava mais apropriado América Espanhola.

Jesús Silva Herzog também manifestou suas preocupações em torno do futuro das relações entre as duas Américas. Para ele, o grande responsável pela política da boa vizinhança era Roosevelt, ideia que se pode notar a partir da seguinte afirmação: *“El Presidente Roosevelt es, como ya antes se expuso, un demócrata sincero y un amigo leal de las otras naciones del Continente; pero Roosevelt no será siempre Presidente de los Estados Unidos y no todos los que en Estados Unidos tienen influencia política por su fuerza económica, piensan lo mismo que Roosevelt”*²⁵³. Portanto, não havia garantia de que a política adotada pelo Presidente Roosevelt em relação à América Latina seria continuada e, além disso, outros políticos norte-americanos não tinham a mesma opinião sobre a política externa sobre o resto do Continente.

O mexicano Manuel J. Sierra, diferentemente do que havia publicado em 1942, apresentou na mesma revista, anos depois, em 1945, outro artigo no qual fez um retrospecto da posição norte-americana nos congressos Pan-Americanos a partir de 1889, mostrando a posição intervencionista de caráter imperialista que os EUA haviam adotado perante as outras repúblicas americanas²⁵⁴. Em 1942, Manuel J. Sierra ressaltou a disposição do diálogo por parte dos norte-americanos, porém, no de 1945, o intelectual destacou a tendência imperialista na política externa norte-americana. O que teria motivado a mudança de opinião do autor nesse curto espaço de tempo?

Acreditamos que, com a proximidade do final da guerra e a previsível derrota do Eixo, o receio de que os EUA, saindo fortalecido por sua atuação no conflito, poderiam voltar a intervir na América Ibérica. No final do artigo de 1945, Sierra adverte que, se as repúblicas

---

²⁵³ SILVA HERZOG, Jesús. Crisis humana y post-guerra. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 14-31, sep/oct 1944.

²⁵⁴ J. SIERRA, Manuel. La conferencia de secretarios de relaciones celebrada en México. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 02, p. 50-64, mar/abr 1945.

americanas quisessem ser fortes e respeitadas, não deveriam abandonar o caminho aberto de cooperação mútua no Continente, com base no respeito à soberania.

Ao concluir, ele afirmava acreditar no destino dos americanos como uma família pacífica de nações, com o objetivo comum de lutar pela paz e progresso de todos os povos. Sierra, assim como Herzog, enfatizava o esforço que deveria ser feito no sentido de se manter o caminho que havia sido aberto pela política da boa vizinhança dos EUA. Perder esse canal de comunicação e negociação poderia levar a uma fragmentação da América e ao enfraquecimento da parte meridional do continente. Exortava os que pensavam a política a lutar pela manutenção do espaço construído naquele período, entre a Grande Depressão e o final da Segunda Guerra Mundial.

Em 1945, Roosevelt morreu, fato lamentado em *CA*. Jesús Silva Herzog publicou um artigo intitulado *La muerte de un hombre continental*, no qual afirmou que essa morte causara consternação entre todos os homens que lutavam pela criação de um mundo novo, amantes da justiça e da liberdade²⁵⁵. O mexicano também lembrou que, em um discurso realizado em 12 de outubro de 1944, Roosevelt havia mencionado os laços que uniam as repúblicas americanas em uma comunidade de bons vizinhos, ressaltando a necessidade de permanecerem firmes. A dimensão dada ao Presidente Roosevelt pelo diretor de *CA* era a de um homem continental, ou seja, importante referencia para as duas Américas. Como pairava o receio de que a política do presidente norte-americano não fosse continuada, Silva Herzog relembrou o discurso de Roosevelt.

No ano de 1945, a revista *CA* revelava a preocupação dos intelectuais responsáveis por ela e de seus colaboradores com o futuro dos países da América, caso triunfasse a política imperialista em detrimento da política da Boa Vizinhança. Havia receios de que o diálogo

---

²⁵⁵ SILVA HERZOG, Jesús. La muerte de un hombre continental. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 75-79, may/jun 1945.

fosse substituído pela imposição, como ocorria antes da política rooseveltiana e, por isso, havia constantes manifestações reafirmadoras da importância de uma política de negociação.

Em 1946, Gustavo Polit²⁵⁶ declarou que, desde a Conferência de Chapultepec, realizada entre fevereiro e março de 1945, já era possível perceber que havia uma modificação na orientação política dos EUA para com a América Ibérica. De acordo com o autor:

La actitud política del actual gobierno norteamericano es asimismo contraria a nuestros deseos y opuesta a la práctica y a las promesas del anterior gobierno de Roosevelt. La intervención solapada cada vez más frecuente, en los asuntos interiores de nuestros países a visos de combatir doctrinas “exóticas”, ha creado hoy en América Latina un fuerte y bien cimentado sentimiento de nacionalismo político, que por lo demás, augura éxito para los planes de industrialización y de independencia económica, que todos hemos buscado hace ya cien años.

Polit afirmava que a mudança da política norte-americana caminhava em direção à intervenção, contrariando os interesses das nações ibero-americanas. No entanto, essa política estadunidense levava as repúblicas americanas a cultivarem um sentimento nacionalista, que contribuiria para que essas nações procurassem desenvolver sua própria industrialização, buscando sua independência econômica.

De uma política de cooperação esperada e acalentada nos primeiros anos da II Guerra seguia a desconfiança de que ela não seria mais possível. Neste caso, começou a surgir, na revista, uma tendência de ênfase na necessidade de buscar outras formas de desenvolvimento. Tal tendência nacionalista foi apoiada pelos colaboradores da revista, a partir da crença de que os desenvolvimentos econômico e social serviriam de obstáculos à retomada da má intervenção norte-americana no resto do Continente.

A importância da questão pode ser avaliada pela visibilidade que ganhou em CA. Em 1947, a revista realizou uma *mesa rodante* sobre o tema *Imperialismo y Buena Vecindad*. Participaram da discussão: Jesús Silva Herzog, Mariano Picón-Salas, Joaquín García Monge,

---

²⁵⁶ POLIT, Gustavo. Variaciones sobre el tema de la buena vecindad. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 24-42, sep/oct 1946.

Fernando Ortiz, Waldo Frank, Ezequiel Martínez Estrada e Daniel Cosío Villegas. Através desse tema, os participantes expressaram o que entendiam por imperialismo e política da boa vizinhança e fizeram análises sobre a relação dos países americanos com os EUA²⁵⁷.

O primeiro a se manifestar foi Jesús Silva Herzog, que entendia o imperialismo como fruto do capitalismo. Para o autor, os Estados Unidos, mesmo com toda boa vontade do Presidente Roosevelt, permaneceria sendo comandado por industriais, banqueiros e comerciantes, que defendiam seus próprios interesses.

A política da boa vizinhança estava ancorada na amizade dos povos, no respeito mútuo, na justiça, na igualdade, na cooperação econômica interamericana e no ideal de que todos os habitantes do continente teriam o direito a gozar das vantagens do progresso da civilização. No entanto, Silva Herzog considerou que essa política, na realidade, havia sido apenas um acessório, porque as sociedades americanas continuavam capitalistas, e o sistema sempre geraria o imperialismo. O intelectual concluía que a política da boa vizinhança não havia alterado nenhuma estrutura econômica que pudesse garantir o desenvolvimento dos ibero-americanos.

Mariano Picón-Salas criticou o imperialismo econômico norte-americano, pois, sendo os Estados Unidos os principais distribuidores dos produtos para os demais países da América, eles fixavam os preços que melhor lhes convinham, sem que se pudesse buscar outra instância internacional para arbitrar a questão.

Segundo o autor²⁵⁸, do ponto de vista cultural, o que os Estados Unidos ofereciam não interessava aos ibero-americanos, já que “(...) *nuestra concepción de la vida y de la cultura que desde muchos puntos de vista antagoniza con la que predomina en los Estados Unidos*”. O autor considerava haver mais distâncias que aproximações entre os EUA e a Ibero-

---

²⁵⁷ SILVA HERZOG, Jesús et al. Mesa Rodante, “Imperialismo y Buena Vecindad”. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 64-90, set/out. 1947.

²⁵⁸ Ibid.

América, tanto pelos interesses econômicos conflitantes quanto pela forma de viver e compreender o mundo.

O autor costa-riquenho Joaquín García Monge destacou o perigo do imperialismo cultural ao qual a juventude estaria mais exposta²⁵⁹. Para o editor da revista *Repertorio Americano* e colaborador de CA, era importante que os jovens aprendessem inglês, mas sem descartar ou diminuir a influência do que é próprio da cultura ibero-americana. García Monge²⁶⁰ defendia:

Que caigamos por desunidos, por débiles, por pobres, pero no de incautos, de tontos. Hagamos patrias, no colonias. Tenemos que salir de esta condición subalterna, ya secular, en que hemos vivido respecto del Imperio Anglo-Sajón. [...] Una Unión poderosa de Repúblicas Hispanas en el Mundo: tal debiera ser nuestra fundamental aspiración de hombres, más que vivir al amparo del poderoso que nos quiere buenos vecinos.

García Monge salientou a necessidade de a América Latina tomar a iniciativa e o controle do seu próprio destino, superando, assim, essa condição de subalterno dos imperialismos anglo-saxões. Era preciso haver a união entre as repúblicas hispânicas do continente americano.

Na opinião do autor cubano Fernando Ortíz, seria impossível os governantes de um país, que não se preocupava com o bem estar de seu próprio povo e perseguia pessoas motivados pelo racismo, se importarem com a felicidade econômica de seus vizinhos.

Ortiz destacou ainda que os EUA desejavam formar um exército para a defesa do continente contra hipotético ataque de seus inimigos de fora do Continente. Porém, para o autor, antes de pensar em sua defesa, os países americanos deveriam promover uma reforma tanto na cultura quanto na economia, de forma a articular as produções, consumo, conveniências e dignidades de todos os povos da América.

---

²⁵⁹ Joaquín García Monge (1881-1958): escritor, jornalista e editor costa-riquenho. Foi um intelectual de grande projeção na América Central na primeira metade do século XX. Em 1919, fundou a revista *Repertorio Americano*.

²⁶⁰ SILVA HERZOG, Jesús et al., op. cit.

O norte-americano Waldo Frank reiterou o que Jesús Silva Herzog havia afirmado: a Política da Boa Vizinhança não havia desafiado os fundamentos econômicos do capitalismo, ou seja, manteve intactos os interesses do monopólio norte-americanos. O autor²⁶¹ declarou ainda sobre Política da Boa Vizinhança: *“Puede decirse, además, que ha ocasionado más perjuicio que bien, puesto que mantuvo la falacia de un cambio de imperialismo a interacción democrática”*.

Frank concluía que a política adotada por Roosevelt para a América do Sul havia sido responsável por transformar em interação democrática aquilo que na realidade era imperialismo. Por esse motivo, ele apoiava a ideia de uma união entre os povos ibero-americanos nos seguintes termos²⁶²:

¿Y cuál la de Hispanoamérica? [...] El primer paso de una verdadera alianza deberá consistir, por tanto, en la unión de las repúblicas Hispanoamericanas: en la solución de sus propias diferencias mediante una profunda unión económica, cultural y política. Entonces, y sólo entonces estarán en situación de paridad con nosotros; entonces y sólo entonces es posible Panamérica.

Em suma, a única forma de estar em igualdade com os Estados Unidos era a união dos povos ibero-americanos, pois isso fortaleceria os aspectos culturais e políticos das repúblicas americanas. Sem essa união, os países ao sul do Rio Grande estariam sempre em desvantagem em relação a seu vizinho do norte.

O escritor e ensaísta argentino Ezequiel Martínez Estrada defendeu a ideia de que o imperialismo e o fascismo eram palavras que derivavam da mesma origem: a revolução industrial, liderada e estruturada pela Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. Portanto, esses fenômenos, como o imperialismo e o fascismo, faziam parte de um mesmo sistema e poderiam conviver no mesmo universo.

---

²⁶¹ Ibid.

²⁶² Ibid.

Martínez Estrada considerava que o fascismo franquista vitorioso representava um potencial aliado do imperialismo econômico e, por isso, era um perigo para a Ibero-América. A Espanha, na visão de Martínez Estrada, poderia ser um instrumento valioso na manutenção da “ordem”, sobretudo se apoiada pelos setores católicos, através de sua influência nos países hispânicos.

Daniel Cossío Villegas começou sua argumentação respondendo que não acreditava ser possível a convivência de uma política da boa vizinhança com as práticas imperialistas dos EUA. No entanto, os problemas que advinham do relacionamento entre os Estados Unidos e os demais americanos não eram somente decorrentes da riqueza do nortista e da pobreza dos demais. Para o autor mexicano²⁶³, havia divergências de outra natureza, que ele expôs no trecho a seguir: “*Y nace también de que ellos, ricos, y nosotros, pobres, somos distintos por muchos otros conceptos y razones que los de la riqueza y el poder*”. Podemos considerar que, para o autor, além dos aspectos econômicos, a cultura e a identidade ibero-americanas também eram elementos que nos diferenciavam dos norte-americanos.

Cossío Villegas, da mesma maneira que García Monge e Waldo Frank, acreditava que o caminho a ser percorrido pelas repúblicas ibero-americanas era o da união na defesa comum de seus interesses.

Cabe esclarecer que “o caminho a ser percorrido” passava por duas vias: a primeira se referia ao fato de que os países latino-americanos deveriam entender-se melhor entre si, resolver suas diferenças para fortalecer a união e se fazerem ouvir pelo vizinho do norte; a segunda via dizia respeito ao debate sobre os problemas que deveriam ser enfrentados, com o intuito de conseguirem a união imprescindível e estabelecer o diálogo uníssono com os EUA.

A propósito dos resultados dessa *mesa rodante*, podemos destacar que havia concordância sobre a constatação de que a política dos Estados Unidos frente a seus vizinhos

---

²⁶³ SILVA HERZOG, Jesús et al., op. cit.

não era de boa vizinhança, mas de caráter imperialista; ou seja, ocorria a imposição dos interesses norte-americanos em relação aos demais países da América Ibérica, principalmente no aspecto econômico. No entanto, como procuramos mostrar, da parte de Mariano Picón-Salas e Joaquín García Monge, havia também preocupações com a questão cultural, também alvo da dominação ianque.

Em resumo, a Política da Boa Vizinhança foi condenada e considerada um disfarce para as principais intenções dos EUA, porque não tinha a intenção de garantir a independência dos ibero-americanos. A conclusão final do debate foi que o objetivo da política norte-americana consistia apenas em amortizar os conflitos decorrentes de uma prática imperialista.

Por esse motivo, a opinião majoritária apontou para a necessidade de uma união dos povos que se sentiam desprotegidos nessa relação, ou seja, uma união entre os povos ibero-americanos. Para isso, era fundamental que eles resolvessem suas diferenças, se fortalecem como grupo, para serem ouvidos pelos norte-americanos e poderem dialogar em condições de igualdade com os EUA.

Definitivamente, as esperanças de aproximação e de possibilidade de uma política comum com os Estados Unidos, ideais que haviam sido acalentadas durante os anos de guerra, chegavam ao fim. Restava apenas o propósito de trabalhar por uma união entre os ibero-americanos para enfrentar o “gigante do norte”.

CA também denunciava a interferência política e econômica dos EUA nos países ibero-americanos. Politicamente, a presença norte-americana era observada na região por meio do apoio às ditaduras e aos golpes militares e pela evidente exploração econômica, sobretudo no que dizia respeito às corporações norte-americanas ligadas à exploração mineradora ou agrária, como era o caso da United Fruit Company em Honduras e na Guatemala, ou através da presença de grandes grupos ligados a indústria e setor financeiro.

Anos mais tarde, em 1957, T. E. Alvarez²⁶⁴ publicou um artigo-síntese sobre as mazelas da América Ibérica, resultantes das interferências de caráter imperialista tanto no plano econômico como político, com repercussões no campo social e cultural. Alvarez referia-se a revoluções, quarteladas, presença do latifúndio com apoio de conglomerados norte-americanos, usurpação de recursos naturais. Ele salientava também a participação da Igreja e setores reacionários que impediam o desenvolvimento autônomo da região, bem como a relação entre a diplomacia e os regimes ditatoriais. Para o autor²⁶⁵:

La explotación del nacional por el extranjero, el monopolio de la tierra por unas cuantas familias y corporaciones, la influencia del clero, la ausencia de industrias, el atraso de la educación y el abandono y extremada pobreza en que vegetan las masas, constituyen el campo fértil en que prospera el militarismo.

O imperialismo era abordado, no artigo, a partir de sua relação direta com o latifúndio e com a presença de grupos empresariais norte-americanos em diversos ramos da economia. A exploração econômica do ibero-americano pelo norte-americano contribuía, conforme procurava mostrar o autor, para a manutenção do subdesenvolvimento em vários setores da sociedade, no agrário, no industrial, no tecnológico, e era responsável pelo escoamento de recursos do país, que poderiam ser aplicados no combate à pobreza e ao analfabetismo, assim como na melhoria no serviço de saúde pública. Além disso, segundo o autor, tal conjuntura, marcada pelas carências sociais, favorecia os golpes militares, que resultavam na presença de ditadores civis ou militares na região.

Na revista mexicana, os EUA eram acusados de defender o liberalismo e a democracia apenas em seu próprio território. Para os outros povos, os direitos essenciais, consagrados

---

²⁶⁴ Em virtude da abreviação do nome, não foi possível recolher dados sobre o autor.

²⁶⁵ E. ALVAREZ, T. El drama de la América Latina. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 7-63, jul/ago 1953. Esse artigo abriu a revista e teve cinquenta e seis páginas.

desde a Revolução Francesa, eram considerados inadequados à mentalidade dos povos de origem ibérica²⁶⁶.

4.1.2 A “irmandade” hispânica

O contexto do pós-guerra foi marcado, como procuramos mostrar, pela decepção de intelectuais ibero-americanos sobre a possibilidade de mudança da política dos EUA em relação à América Latina. Porém, o cenário também não favorecia a Espanha, cujo regime, combatido pelos responsáveis e colaboradores da revista *CA*, enfrentava dificuldades para se consolidar, tanto por razões internas (dificuldades econômicas enfrentadas por um país arrasado pela guerra), como externas, como o isolamento político imposto pelos demais países devido a sua identificação com os países do Eixo, derrotados no conflito.

Foi nesse ambiente desfavorável que surgiu a revista espanhola *CH*, como indicamos no primeiro capítulo desta tese.

Procuraremos demonstrar, a seguir, como a revista, no seu início, se posicionou em relação aos EUA, principal responsável pelo isolamento internacional do regime franquista. Lembramos que a revista passou a existir com o objetivo de promover a aproximação da Espanha com os países ibero-americanos. No entanto, conquistar leitores na Ibero-América, para fazer frente ao boicote promovido por países europeus e os EUA, significava enfrentar a concorrência de sua opositora *CA*, criada anos antes e já consolidada através do espaço conquistado entre os opositores do regime franquista.

---

²⁶⁶ ZEA, Leopoldo. ¿Bondad norteamericana e ingratitud mundial? **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 99-119, ene/feb 1955; ALBERTO SANCHEZ, Luis. También tenemos derecho. **Cuadernos Americanos**, nº 1, p. 32-42, marz/abr 1951.

Portanto, aqui nos deparamos como uma questão peculiar, ou seja, entender como as duas revistas, marcadas por posições políticas opostas e orientadas por ideologias dispares, se identificaram, ou não, com a crítica aos norte-americanos.

Começaremos por mencionar alguns artigos de autores conservadores, identificados com o franquismo, que fizeram censuras à política dos EUA em relação à América Ibérica.

No segundo número da revista espanhola, o nicaraguense Julio Ycaza Tigerino publicou artigo no qual reforçava a ideia de que a política estabelecida entre os EUA e os países ibero-americanos não havia passado de subjugação política e econômica aos norte-americanos. O autor nicaraguense, identificado com as correntes de pensamento conservador, alertou para o perigo de que, na Ibero-América, a bandeira nacionalista fosse entregue aos defensores do comunismo²⁶⁷. Esse nacionalismo à esquerda, provocado pela política imperialista norte-americana, poderia ser usado para expandir, no continente, os ideais revolucionários, o que poderia desembocar em outra guerra.

Manuel Lizcano²⁶⁸, também crítico da política dos EUA, procurou mostrar que a principal forma de intervenção norte-americana na América Ibérica era a econômica²⁶⁹:

La verdad es que, mientras a principio de siglo podía a los Estados Unidos tener manos libres para desembarcar tropas en cualquier República situada al sur del río Grande, hoy le resulta muchísimo más eficaz y discreto, para derribar un Gobierno, bajar cinco centavos la cotización del estaño, el petróleo o el cobre.

Segundo o autor, os EUA, na condição de principal comprador dos produtos comercializados pelos latino-americanos, tinham o poder de desestabilizar qualquer governo na Ibero-América, dominando-o e fazendo com que tanto os interesses do Estado quanto os

²⁶⁷ YCASA TIGERINO, Julio. La verdadera emancipacion de la America Hispana, **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 2, p. 269-288, marz/abr 1948.

²⁶⁸ Manuel Lizcano (1918-2005): sociólogo espanhol. Pertenceu ao que ele denominou como “geração perdida” da pós Guerra Civil Espanhola. Organizou os primeiros Foros Iberoamericanos (Bogotá 1973; La Rábida 1975) que podem ser consideradas como precursores das atuais Cumbres Iberoamericanas.

²⁶⁹ LIZCANO, Manuel. La economía de América Hispana y la próxima Conferencia Interamericana de Caracas. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 43, p.104-107, julio 1953.

dos industriais norte-americanos fossem privilegiados em detrimento, inclusive, das necessidades mais básicas das populações ibero-americanas.

Em *CH*, as maiores críticas às políticas norte-americanas para Ibero-América estavam relacionadas às análises das conferências interamericanas, realizadas a partir de 1948.

Para os representantes da revista espanhola, os temas das Conferências giravam em torno de três eixos: comunismo, colonialismo e comércio. A disposição da Ibero-América em rejeitar o comunismo era celebrada pela revista, no entanto as tentativas dos Estados Unidos em conseguir firmar acordos militares envolvendo os outros países na defesa em uma eventual guerra contra a URSS era condenada. Para os autores que defenderam esse ponto de vista em *CH*, estava claro que os ibero-americanos não deveriam integrar-se no conflito produzido pelos EUA, nem mesmo fornecer meios militares, financeiros ou qualquer outra ajuda, caso a guerra contra a URSS fosse declarada, pois essa era uma causa dos EUA e não dos ibero-americanos.

O segundo e o terceiro temas estão relacionados. As condições comerciais impostas pelos norte-americanos aos ibero-americanos representavam formas colonialistas de interação. Os vizinhos do sul eram vistos como fornecedores de matérias-primas, geralmente monoculturas, que tinham um só comprador, como nos pactos coloniais.

Além desses aspectos já mencionados, outro aspecto das Conferências foi bastante comentado nos artigos da revista espanhola: a posição de independência da Argentina. O nicaraguense Julio Ycaza Tigerino²⁷⁰, já mencionado neste trabalho, destacou, na Conferência de Bogotá, tanto a atitude do Chanceler quanto a do presidente do Banco Nacional Argentino:

[...] Un grupo de once naciones, encabezadas por Argentina, se opuso terminantemente al plan norteamericano de convertir a la Unión Panamericana en un sistema político al servicio de su lucha por la hegemonía del mundo. El canciller argentino declaró sin ambages que

---

²⁷⁰ YCAZA TIGERINO, Julio. Hispanoamérica triunfa en Bogotá. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 02, p. 319-320, feb/mar 1948.

Argentina se oponía al imperialismo comunista, pero también al imperialismo capitalista. (...) El presidente del Banco Argentino, Maroglio, declaró que la Argentina estaba dispuesta a ayudar económicamente a los demás países hispanoamericanos sustituyendo a los Estados Unidos en este papel. La vigorosa República del Plata se enfrenta así a los Estados Unidos, arrastrando tras de sí, con indiscutible derecho, de auténtica hermandad, a las demás naciones hispanoamericanas.

O enfrentamento dos interesses norte-americanos foi destacado como exemplo que deveria ser seguido por todas as nações ibero-americanas. O autor enfatizava o fato de que a Argentina se opunha ao comunismo, mas também ao imperialismo norte-americano, oferecendo, inclusive, substituir os recursos norte-americanos pelos do país do Prata para garantir a independência da região²⁷¹.

Esse feito de autêntica “irmandade” era incentivado pelos editores e colaboradores de *CH* que viam ali uma oportunidade de destacar a *hispanidad* como elemento motivador de uma nova política dos países ibero-americanos com os Estados Unidos, principalmente levando em consideração que a Argentina era a maior parceira da Espanha naquele momento.

Esse foi também o sentido do artigo de Enrique Warleta Fernandez²⁷², que analisou a Conferência Interamericana de Caracas em 1954²⁷³ e ressaltou a *hispanidad* como uma força capaz de motivar a união entre os ibero-americanos:

El Panamericanismo nació siendo una semicolonización de veinte naciones por una nación poderosa; más que una unión de pueblos libres, venía a ser la sumisión de unos cuantos pueblos débiles hacia su poderoso vecino. Pero con el transcurso de los años ha surgido una fuerza innegable, que podemos llamar la Hispanidad, en el sentido de que estos pueblos, antes sumisos, han adquirido una personalidad vigorosa, fundamentada en su espíritu, en su

²⁷¹ Com o isolamento imposto ao governo franquista pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial, Franco foi obrigado a buscar alternativas para sua sobrevivência. O único parceiro que encontrou foi Perón. O apoio argentino permitiu ao governo espanhol burlar o cerco que lhe havia sido imposto, convertendo-se no principal fiador da ditadura espanhola. Argentina livrou a Espanha de uma situação de penúria enviando produtos alimentícios, como trigo. Ao mesmo tempo, assegurou ao regime franquista um parceiro internacional que poderia facilitar a volta do país ibérico à comunidade internacional. Cf. DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, 1988, p. 132.

²⁷² Espanhol. Colaborava com o periódico *Revista de Educación*, subordinada ao Ministério da Educação.

²⁷³ WARLETA FERNANDEZ, Enrique. Comunismo, economía y colonialismo en la Conferencia Interamericana de Caracas. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 54, p. 318-330, junho 1954. Neste artigo, o autor faz uma retrospectiva das outras Conferências desde 1889, inclusive das conferências extraordinárias.

tradición y, sobre todo, en su unión; hoy, los pueblos hispanoamericanos están, en la Hispanidad, unidos y apoyados, y representan, desde hace tiempo, un bloque que ya tiene una postura y una personalidad definida en el campo internacional.

Na revista espanhola, as conferências de Bogotá (1948) e Caracas (1954) foram investigadas de forma a denunciar o controle dos EUA sobre as discussões e resoluções. Os autores aproveitaram a ocasião para fomentar a ideia de rompimento com o caráter de subserviência dos povos ibero-americanos perante os EUA, principalmente porque estes povos tinham uma origem, uma história e uma cultura comuns, elementos que serviam de base, juntamente com a presença da Espanha como líder espiritual desse novo caminho, para a possibilidade de união em torno da *hispanidad*.

A revista não pregava o rompimento com os EUA, mas sim uma relação orientada pelo espírito da *hispanidad*, que garantiria a igualdade entre os povos do norte e do sul. Nesse sentido, ela recusava as propostas *panamericanas*, ou nomeadas como *interamericanas*, que orientavam os debates das Conferências.

4.2 As revistas e o golpe na Guatemala

Ao noticiarem os acontecimentos relativos ao golpe da Guatemala, as revistas apresentaram interpretações com o propósito de intervir na realidade e motivar seus leitores a se posicionarem sobre os fatos. Muitas vezes, as propostas de intervenção não eram explícitas, mas cabe tentar decifrar o sentido das interpretações contidas nos artigos.

Uma das principais preocupações de CA girava em torno dos governos de caráter autoritário, tanto no continente americano quanto na Espanha. Neste item da tese, não discutirei a Espanha, que será abordada em outro tópico.

Geralmente os artigos associavam a existência de ditaduras com a prática imperialista e a exploração baseada no latifúndio e na monocultura, no analfabetismo e no subdesenvolvimento econômico e social.

Para o venezuelano Domingo Alberto Rangel²⁷⁴, o panorama social da Ibero-América estava se modificando desde a Primeira Guerra Mundial com o surgimento de novos centros urbanos e com uma incipiente indústria de transformação. No entanto, a situação da vida no campo permanecia marcada pelas características de produção colonial. Diante desse quadro de alterações e permanências, o movimento social se organizava e, conseqüentemente, sofria represálias daqueles que não queriam deixar o poder²⁷⁵.

Segundo Domingo Alberto Rangel, as ditaduras que haviam se estabelecido no continente americano eram frutos de um embate entre os detentores históricos dos poderes político e econômico de um lado e de outro militantes, como o próprio Alberto Rangel, das lutas populares. Para o venezuelano, esse embate seria constante daí por diante, já que as forças populares não iriam retroceder, e os poderosos usariam todas suas armas para manter seus privilégios.

É importante observar que, para esse venezuelano, era fundamental a correta interpretação das ditaduras contra as quais estavam lutando. Esta interpretação seria papel dos intelectuais, portanto a revista tinha um papel fundamental nesse cenário²⁷⁶. Por meio do

---

²⁷⁴ Domingo Alberto Rangel: jornalista e economista. Escreveu várias obras dedicadas a explicação do desenvolvimento do capital na Venezuela. Foi militante da Acción Democrática. Depois do Golpe que destituiu Rómulo Gallegos em 1948, esteve exilado na Bolívia e na Costa Rica.

²⁷⁵ ALBERTO RANGEL, Domingo. Una interpretación de las dictaduras latinoamericanas. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 05, p. 33-42, sep/oct 1954.

²⁷⁶ Nesse mesmo número da revista foram transcritos discursos realizada em uma homenagem a Rómulo Gallegos, por seus 70 anos de idade e também pelos 25 anos da obra *Doña Bárbara*. Rómulo Gallegos havia se

periódico, os intelectuais poderiam fornecer subsídios para as lutas populares, discutindo e aprofundando os verdadeiros sustentáculos do poder.

No caso de *CH*, não fazia parte de seu programa se indispor com nenhum governo ibero-americano, por isso não encontramos na revista qualquer tentativa de crítica a governos considerados ditatoriais ou mesmo a governos mais comprometidos com as questões populares.

As divergências entre as duas revistas ficam mais claras na análise do episódio do golpe na Guatemala. Por razões diferentes, ambos os periódicos se colocaram contrários aos agentes que propiciaram o golpe.

O motivo detonador do golpe na Guatemala em 1954 foi a United Fruit Company, empresa norte-americana que explorava a produção de frutas tropicais, como banana e abacaxi. No continente americano, essa empresa possuía terras na Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Honduras, Jamaica Nicarágua e Panamá.

Na Guatemala, a empresa dominava aproximadamente 7% das terras cultiváveis do país. O choque de interesses entre a multinacional norte-americana e o governo guatemalteco teve início quando o presidente da Guatemala, Jacob Arbenz Guzmán, decidiu colocar em prática a reforma agrária aprovada pelo Congresso Nacional em 1952.

A primeira expropriação contra a empresa norte-americana aconteceu em março de 1953. A partir desse momento, a United Fruit Company buscou ajuda do governo norte-americano, para que intercedesse na defesa de seus interesses. Nesse mesmo ano, assumiria o poder nos EUA o Partido Republicano, que elegeu o Presidente Dwight Eisenhower e o vice-presidente Richard Nixon. O Secretário de Estado desse governo era John Foster Dulles e o

---

exilado no México depois do golpe que o depôs da presidência da República da Venezuela em 1948. Discursaram em sua homenagem: Andrés Brouque, Raúl Roa, Luis Nicolau D'Olivera, o ex-presidente do México Lázaro Cárdenas. A revista ainda acrescentou manifestações de outros intelectuais em homenagem ao ex-presidente venezuelano.

chefe da Agência Central de Inteligência, Allan Dulles. Este último estava diretamente envolvido com os negócios da empresa norte-americana, já que havia exercido o cargo de advogado na mesma.

Em 1952, a revista espanhola já noticiava as dificuldades que a United Fruit Company poderia encontrar na Guatemala. Por meio de uma pequena nota e sob as iniciais de *CH*, a revista dava conta da passagem de um ciclone pelo país, em setembro de 1951, o que havia devastado parte das fazendas da companhia norte-americana. Diante desse evento, a empresa demitiu cerca de quatro mil empregados e “havia rumores de que a Company abandonaria o país por já não ganhar o que ela considera suficientemente satisfatório”²⁷⁷.

Percebe-se certa ambiguidade na nota. O ciclone mencionado pode ser tanto um fenômeno da natureza quanto a posse do Presidente Jacob Arbenz Guzmán, responsável pelo envio, ao Congresso Nacional, do Projeto de Reforma Agrária em terra improdutivas, projeto este aprovado em 1952. Essa percepção de ambiguidade é reforçada por outra nota, dentro do mesmo artigo²⁷⁸, sobre a situação de Honduras:

Si en Guatemala no le han ido muy bien las cosas a la United Fruit Company, no se puede decir lo mismo de Honduras, donde esta poderosa empresa de explotación ha conseguido del Gobierno hondureño nuevas y amplias concesiones para el año en curso de 1952, que ha sido aceptadas en su mayoría.

O que não ia bem para a United Fruit Company eram as suas relações com o governo guatemalteco, e não a passagem de um ciclone, evento comum na região. Na citação acima transcrita, constatamos que a revista sublinha a solidez da empresa em Honduras, país onde conseguiu benesses do governo local. Situação esta diferente da Guatemala, onde a empresa ameaçava sair. Nessa relação entre a U. Fruit Company e os governos da Guatemala e de Honduras, há uma crítica velada à atuação da empresa, que sempre esteve preocupada

²⁷⁷ CH Crónica Centroamericana desde el Salvador. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 29, p. 223, mayo 1952, tradução nossa.

²⁷⁸ Ibid.

somente com seus próprios interesses. Essa crítica convergia com o que *CH* pensava da atuação dos Estados Unidos nas repúblicas ibero-americanas, ou seja, o apoio do país norte-americano aos governos da região estava diretamente relacionado aos seus interesses econômicos.

A partir de 1953, as relações entre a Guatemala e os Estados Unidos tornaram-se conflituosas e na *X Reunião da Confederação Intereamericana*, realizada em março de 1954, em Caracas, a delegação norte-americana propôs uma moção de repúdio à tentativa de instalação de qualquer governo de tendência comunista na região. O controle de um Estado americano por forças comunistas seria visto como uma ameaça à soberania e integridade dos demais Estados americanos. A proposta recebeu apenas um voto contra, o da Guatemala, e duas abstenções, Argentina e México. As outras delegações aprovaram a iniciativa.

Os EUA, respaldados pela moção de repúdio aprovada nessa Conferência, deram início à articulação do golpe que derrubaria Jacob Arbenz Guzmán. Para isso, contaram com o apoio da Nicarágua e de Honduras, países que se prepararam para uma invasão na Guatemala. Em julho de 1954, o presidente, eleito democraticamente na Guatemala, foi deposto, e Carlos Castillo Armas, apoiado pelos EUA, assumiu em seu lugar.

Esse fato foi apresentado pela revista espanhola por meio dos artigos que analisavam *X Conferência de Caracas*. Através desses textos, podemos perceber a posição de seus representantes e colaboradores sobre o golpe da Guatemala.

Em agosto de 1954, a revista *CH* publicou artigo de José A. Villegas Mendonza sobre a repercussão da referida Conferência na imprensa norte-americana²⁷⁹. O autor relatou que

---

²⁷⁹ José A. Villegas Mendonza era correspondente de *CH* na ONU. Seus artigos eram publicados na seção “¿Adonde va Hispano-América?”, sob a forma de diários. A primeira parte foi publicada em fevereiro de 1954, sob o título *American Diary*. Ele apresentou sua coluna da seguinte forma: “*Las notas de mi American Diary recogen mis reacciones de hispanoamericano viviendo en los Estados Unidos. No son impresiones sino vivencias del American way of life. Como vivo en compañía de numerosos estudiantes y profesores extranjeros provenientes de diversos ámbitos culturales, recojo a veces también mis diálogos con ellos. El tema central de mis comentarios es el ‘mundo hispánico’, que en la hora actual se juega solidariamente en su destino en la*

leu, em 15 de março, as declarações feitas pelo secretário de Estado Dulles ao regressar de Caracas para Washington. Segundo Villegas²⁸⁰, o secretário de Estado, ao mencionar a declaração anticomunista de Caracas, enfatizou que: “[...] *Convierte en política internacional de este hemisferio una porción de la Doctrina Monroe, que había sido por mucho tiempo dejada al olvido*”.

O colaborador de *CH* salientou o fato de que, ao mencionar a Doutrina Monroe, o Secretário de Estado cometeu um deslize, porque, para os ibero-americanos, aquela política não havia sido esquecida, mas sim enterrada. Segundo seus contatos com outros jornalistas, aquela frase foi pronunciada para agradar a população norte-americana, pois a Doutrina Monroe representava “um símbolo que nunca perdia sua validade para política exterior”²⁸¹.

Villegas criticou a menção da Doutrina Monroe por Jonh Foster Dulles principalmente porque ela não havia se traduzido em ações político-estratégicas. Para o autor, a declaração anticomunista de Caracas tinha pouco significado, uma vez que considerava dever dos EUA propor uma agenda diplomática, estratégica e anticomunista, com ações concretas que pudessem barrar o comunismo na América: “(...) *Esa inspiración no necesitamos buscarla en el pasado, sino tal vez en un ejemplo más cercano, que puede sugerirnos muchas aplicaciones políticas: la pérdida de China, hoy en manos comunistas*”²⁸².

O maior problema, neste caso, não era a evocação de uma prática política como a Doutrina Monroe, mas a falta de uma ação mais efetiva para conter a propaganda comunista na Ibero-América. Tal ação, segundo o autor, deveria vir acompanhada de discussões, da compreensão da questão indígena e dos nacionalismos, temas avaliados como problemáticos e, portanto, com possibilidade de serem explorados pelos comunistas.

---

cultura occidental”. Cf. VILLEGAS MENDONZA, José A. American Diary (I). **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 50, febrero 1954.

²⁸⁰ VILLEGAS MENDONZA, José A. American Diary (II). **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 56, p. 279-286, agosto 1954.

²⁸¹ Ibid.

²⁸² Ibid.

A Espanha poderia ajudar nessa ação e isso era lembrado constantemente na revista. O fortalecimento da *hispanidad* era sempre assinalado como uma forma eficaz de combater a propagação do comunismo na região.

Os responsáveis pela revista tinham como meta convencer os ibero-americanos e os norte-americanos de que sozinho os EUA não conseguiriam deter o comunismo no continente. A Espanha poderia assumir a liderança nessa luta nos países ibero-americanos. *CH* fez um levantamento do número de comunistas nos países ibero-americanos e constatou que apenas 3,3% da população eram filiadas aos partidos comunistas. Uma percentagem baixa, mas o fato destacado pela revista é que havia potencial para que esses números subissem²⁸³, principalmente entre camponeses pobres e indígenas, parcelas da população que viviam à margem da sociedade²⁸⁴.

Além da situação dos camponeses pobres e dos indígenas excluídos, também se alertava, na revista, para a possibilidade do nacionalismo provocar o sentimento de anti-imperialismo contra os EUA, que poderia ser despertado pelas ações dos norte-americanos em vários momentos e em vários países da América Ibérica. Essas ações mitigavam as declarações da Doutrina Monroe, desacreditada na região. Esse sentimento poderia ainda contaminar as minorias dos países, provocando o que Vintila Horia classificou como “guatemalização” da Ibero-América²⁸⁵.

---

²⁸³ GIL Y TOVAR, F. Hispanoamérica ante el comunismo. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n 14, p. 279-293, marz/abr 1950.

²⁸⁴ A revista fez também um levantamento sobre a projeção das populações anglo-saxã, russo-eslava e hispano-americana e demonstrou que, a partir de 1974, a maior população desses grupos seria a dos hispano-americanos. BLANCO LOIZELIER, Enrique. La Poblacion en el futuro de las áreas hispano-americana, anglo-sajona y ruso-eslava. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 04, p. 97-118, jul/ago 1948.

²⁸⁵ Vintila Horia nasceu na Romênia, formou-se em direito e, no momento da Segunda Guerra Mundial, atuava como diplomata. Foi preso pelos nazistas e liberado após o final da guerra. Em virtude da sovietação da Romênia, Vintilio Horia resolveu não voltar mais a seu país de origem. Passou pela Itália e Argentina e estabeleceu-se na Espanha. Tornou-se um destacado intelectual franquista. Foi professor na Universidade Complutense de Madrid e catedrático na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Alcalá de Henares.

Segundo Vintila Horia (intelectual romeno radicado na Espanha e defensor do franquismo), entre a população da Guatemala não havia um número expressivo de comunistas. O comunismo havia conquistado apenas uma minoria, que manipulava o Presidente Arbenz Guzmán. Essa minoria era nacionalista, desejava que o país se tornasse independentes dos Estados Unidos e estava cansada de esperar por uma melhora nas condições de vida dos menos favorecidos do país. Esse era o perigo: a contaminação comunista por um pequeno grupo que teria acesso ao poder.

O correspondente espanhol na ONU, José A. Villegas Mendonza, ao analisar o problema da Guatemala nas Nações Unidas afirmou que a simpatia despertada por esse país devia-se ao fato de ele ser visto como uma vítima da política agressora norte-americana²⁸⁶.

Para Villegas, a principal técnica dos comunistas era a simplificação do problema, o que contribuía para a segunda tática, ou seja, a exploração do apoio existente na Ibero-América às políticas anti-imperialistas, principalmente em relação aos EUA.

No caso da Guatemala, a revista manteve uma posição a favor da condenação de um governo com tendências comunistas; mas, ao mesmo tempo, manifestou-se contra a política de exploração de camponeses e indígenas da região ibero-americana por empresas estrangeiras, fator que poderia servir como combustível para os propagadores do comunismo. A política proposta pelos norte-americanos para a Ibero-América também era considerada inadequada e ineficaz. Na realidade, a revista defendia a tese de que a prevenção ao comunismo deveria ser feita através do fortalecimento da *hispanidad*, traço identitário construído historicamente entre as nações ibero-americanas e a Espanha, que tinha como base a fé católica, base esta impossível de ser vivida sob a bandeira do comunismo. A ênfase na

---

²⁸⁶ VILLEGAS MENDONZA, J. A. American Diary (V). **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 59, p. 237-240, noviembre 1954.

hispanidad tinha o objetivo de justificar a liderança da Espanha na Ibero-América, principalmente na batalha contra o comunismo no continente.

Se os responsáveis por *CH* viam no governo da Guatemala a infiltração de comunistas, os colaboradores de *CA* viam nesse fator uma possibilidade de independência e desenvolvimento autônomo do país. Em *CA*, as preocupações com o destino da Guatemala começaram a se intensificar durante a transferência do cargo da presidência da República de Juan José Arévalo para Jacob Arbenz Guzmán. Era a primeira transição de dois presidentes eleitos democraticamente na Guatemala e o plano era que Arbenz desse continuidade às reformas iniciadas por Arévalo.

As medidas adotadas por Juan J. Arévalo já haviam desagradado a elite patronal e latifundiária do país, que fez oposição raivosa ao governo²⁸⁷. Arévalo contou com o apoio de industriais e de parte das forças armadas para levar seu governo adiante e fazer o seu sucessor, que vinha do exército.

CA publicou o discurso de despedida do cargo de Arévalo e, no número seguinte, também divulgou a repercussão desse texto, através de entrevistas feitas com Max Aub, Luis Cardoza y Aragón, Alfonso Caso, Rómulo Gallegos, Andrés Eloy Blanco, Joaquín García Monge, Enrique Muñoz Meany, Fernando Ortiz, Jesús Silva Herzog e Leopoldo Zea²⁸⁸.

Sobre o discurso de Juan José Arévalo, esses intelectuais concordavam sobre a necessidade de que as reformas na Guatemala tivessem continuidade, o que só seria possível com a permanência da democracia. Existia a preocupação com relação à governabilidade do próximo presidente eleito, já que os inimigos da Guatemala iriam continuar tentando

---

²⁸⁷ As principais medidas adotadas por Juan J. Arévalo: acabou com os trabalhos forçados impostos aos indígenas; formalizou a posse de terras de pequenos camponeses; regulamentou a duração e a exploração do arrendamento rural; legalizou os direitos trabalhistas, como a carga da jornada semanal, descanso dominical, férias remuneradas, salário mínimo, direito de greve e de sindicalização.

²⁸⁸ JOSÉ ARÉVALO, Juan. Discurso al dejar el poder. *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 03, p. 7-18, may/jun 1951; AUB, Max et al. El discurso de Arevalo (encuesta). *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 04, p. 70-90, jul/ago 1951.

desestabilizar o próximo governo, que deveria colocar em prática as mudanças aprovadas durante a Presidência de Arévalo.

Para os colaboradores de CA, esses inimigos das reformas guatemaltecas estavam ligados ao imperialismo norte-americano, que já havia destruído as democracias em quase toda a Ibero-América. Para alguns desses intelectuais, o imperialismo norte-americano era uma derivação do fascismo, pois ambos os regimes (fascismo e imperialismo) eram fases do capitalismo. Outra característica dos agentes do imperialismo norte-americano era o fato de que eles não eram inimigos apenas da Guatemala, mas de todos os outros países da América.

É importante destacar a declaração de Rómulo Gallegos, escritor que foi eleito presidente da Venezuela e deposto por um golpe em 1948. Ele falou tanto como ex-presidente vítima dos inimigos da democracia na Ibero-América como intelectual preocupado com a sua época.

Rómulo Gallegos expressou, sobre aqueles tempos, a angústia gerada pela fragilidade da democracia e pelos obstáculos para os avanços das conquistas sociais na Ibero-América. Para o autor, essa angústia era compartilhada por todos que assumiam a responsabilidade de pensar e agir na tentativa de alterar essa realidade de injustiças social, política e econômica que afetava a maioria dos ibero-americanos. Ele convocou os intelectuais a não serem apenas observadores ou comentadores dos fatos ocorridos, mas a participarem dos acontecimentos. Era necessário que eles assumissem o compromisso de lutar contra os inimigos falaciosos que se diziam defensores da democracia e dos direitos do homem.

Percebemos uma angústia, por parte desses homens, na tentativa de conter ou evitar a ameaça que pairava sobre uma experiência histórica em curso na Guatemala, já que era certo, na concepção desses intelectuais, que os EUA iriam interferir de alguma forma, caso seus interesses fossem ameaçados.

A revista tomou posição a favor do governo guatemalteco, assumindo uma postura favorável aos programas de reformas sociais, muitas vezes associados ao socialismo. Não podemos definir a revista como socialista, nem afirmar que fazia propaganda dos ideais socialistas. O que podemos dizer é que ela criticava abertamente o imperialismo norte-americano. Alguns dos seus colaboradores tinham posições mais à esquerda que outros, mas a revista, ainda assim, não fazia a defesa do regime soviético.

Uma parceira de CA nessa luta foi a revista *Repertório Americano*. O editor dessa revista costa-riquenha, Joaquín García Monge, colaborou nessa matéria sobre o discurso de Arévalo e, inclusive, afirmou que iria levar, para a revista que dirigia, a mesma proposta: dar visibilidade a situação de perigo que vivia a Guatemala. Em carta dirigida a Jesús Silva Herzog sobre o discurso do ex-presidente guatemalteco, García Monge²⁸⁹ afirmou:

Muy buen discurso, lección memorable. Lo he releído. Qué bien ha hecho usted con reproducirlo en la entrega anterior de Cuadernos Americanos. Haré lo mismo en El Repertorio Americano. Conviene ese discurso circule por toda nuestra América, y llegue a todas las Universidades y Centros de Cultura, y sea leído y comentad.

A principal arma que esses homens tinham era a escrita, a palavra. Por isso, era fundamental divulgar, em todos os lugares, o perigo que ameaçava a Guatemala e provocar, na população letrada, a inconformidade diante da situação vivida naquele país da América Central, o que poderia ajudar na sua proteção. Assim, defender o sistema político guatemalteco contribuiria na luta pelo avanço das reformas sociais na Ibero-América, missão que esses homens tomavam como sua.

A angústia de não conseguir deter a ameaça de golpe evidencia-se nas interpretações feitas sobre a X Conferência Interamericana de Caracas, em 1954.

---

²⁸⁹ GARCÍA MONGE, Joaquín. El discurso de Arévalo (encuesta). **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 04, p. 81-82, jul/ago 1951.

O diplomata e político mexicano Isidro Fabela fez uma análise dessa conferência para a CA²⁹⁰. Segundo o autor, o principal objetivo daquela conferência era se constituir como uma manifestação continental anticomunista – vitória dos EUA. Isidro classificou a ação do país do Norte na conferência como a expressão de um macartismo antidiplomático, essencialmente político, o que marcava, em sua opinião, um descenso no princípio de não intervenção, conquista esta do panamericanismo.

As decisões da *X Conferência* não significavam apenas uma ameaça para a Guatemala mas para todos os ibero-americanos, uma vez que, pelo decidido em Caracas, qualquer governo considerado aliado dos comunistas deveria ser extirpado do continente.

Essa postura de polícia anticomunista do continente caracterizava-se, para o diplomata mexicano, como uma séria ameaça à soberania dos outros países. No entanto, era mais séria ainda a contradição existente entre essa postura anticomunista e o fato dos EUA comercializarem com os países do bloco soviético. Os norte-americanos mantinham relações diplomáticas e comerciais com a URSS e todos os seus satélites, sendo que, com a Iugoslávia, tinha “cordiais relações e ajudas econômicas de diversas formas”. Isidro Fabela²⁹¹ afirmou:

Y por contraste ha emprendido una campaña sistemática y ahincada contra Guatemala que cuenta con cuatro diputados comunistas y expide leyes de significación capitalista. Lo que induce a pensar que no son los móviles antisoviéticos los que inspiran y mueven la política norteamericana contra el régimen guatemalteco, sino el cerrado propósito de tumbar a sus gobernantes actuales para substituirlos por otros que sean dóciles a sus dictados.

Para o autor, o que estava por trás do anticomunismo norte-americano em relação à Guatemala não era propriamente o perigo desta vir a ser “uma cabeça de praia” da URSS, mas

---

²⁹⁰ Isidro Fabela desempenhou vários cargos públicos: deputado, secretário de governo em Chihuahua, chefe do departamento diplomático da Secretaria de Relaciones Exteriores. Foi representante diplomático na França, Inglaterra, Espanha, Argentina, Chile, Uruguai, Brasil e Alemanha, além de juiz na Corte Internacional de Justiça em Haia de 1946 a 1952.

²⁹¹ FABELA, Isidro. La Conferencia de Caracas y la actitud anticomunista de México. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 7-44, may/jun 1954.

sim dela vir a ser independente e autônoma em relação aos Estados Unidos. O governo norte-americano era contrário a todos os governos que atuassem em privilégio de seus próprios interesses e não dos interesses do vizinho do norte.

Por isso, o perigo não estava nos comunistas, mas nos norte-americanos. Isidro Fabela seguia afirmando que nenhum governo da Ibero-América era comunista ou gostaria de ser, porque suas tradições e seus costumes inviabilizavam a propagação comunista no continente.

CA defendia a independência dos países ibero-americanos, bem como os desenvolvimentos social, político, econômico e cultural nessa região. O compromisso da revista mexicana era com o futuro e o bem-estar dessa população, que deveria ser conduzida por governos democratas e autônomos. CH tinha o compromisso com a manutenção dos laços da *hispanidad*, e sua preocupação principal era revigorar os laços do passado e inviabilizar tentativas de revoluções que pudessem afastar os ibero-americanos de sua zona de influência.

Embora as duas revistas criticassem e condenassem a política norte-americana para o continente, as razões e os propósitos dessas críticas eram diferentes e antagônicos. Em CA, a identidade que unia os países nessa comunidade ibero-americana reclamava uma ação para aquele momento que buscasse uma independência ainda não alcançada. Em CH, a identidade que fortalecia os laços de união girava em torno da Espanha e dos valores por ela irradiados. Deste modo, a Espanha seria o único país que compreendia as principais características dos ibero-americanos, portanto somente ela poderia ser parceira dessa comunidade na busca por um lugar de destaque no mundo.

4.3 CA e CH frente à situação política da Espanha

Desde o início, a revista *CA* caracterizou-se pela defesa da Espanha republicana, pelo apoio aos exilados e pela denúncia do governo franquista como sendo um regime que usurpou o poder com o apoio de Hitler e Mussolini.

Cabe lembrar que a revista começou a circular em 1942, ano em que EUA entraram efetivamente na guerra com o apoio da maior parte dos governos ibero-americanos, que se definiram pelo lado dos aliados. Para os representantes da revista, era importante que a Espanha de Franco ficasse associada aos inimigos da América (Alemanha, Itália, Japão), contra os quais os americanos lutavam na Europa.

Também era essencial mostrar que a Espanha franquista sonhava com a volta de um império na América, e que, para isso, usaria de todos os recursos para fazer propaganda do seu regime com o intuito de conseguir penetrar no continente. Jesús Silva Herzog²⁹² via nessa propaganda a exaltação da *hispanidad* que os partidários do regime franquista tentavam divulgar no continente:

Y mucho cuidado con lo de la hispanidad porque no es sino fascismo disfrazado. Tolerar esa propaganda es aceptar al enemigo en casa, un enemigo escurridizo, sagaz, desleal y dispuesto a pagar la hospitalidad con el puñal oportuno y traicionero. Mucho cuidado. Esto hay que repetirlo despacio y en voz alta para que lo oigan quienes deben oírlo: algunos personajes políticos de nuestro Continente.

As ações do governo espanhol no continente haviam seduzido alguns intelectuais na defesa da *hispanidad*. Silva Herzog tentava alertar para a ameaça que essa propaganda

---

²⁹² SILVA HERZOG, Jesús. Las democracias y España. *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 01, p. 7-11, ene/feb 1943.

poderia representar, já que o objetivo do governo de Franco, aliado ao fascismo, era restabelecer sua liderança na América Ibérica.

Havia a esperança de que a vitória dos aliados na Guerra provocaria a queda do regime franquista, a volta da liberdade e o fim da ditadura. Muitos colaboradores de CA entendiam a luta dos aliados como a luta pela liberdade contra as ditaduras, incluindo a franquista.

A probabilidade de que Franco seria destituído após o final da Segunda Guerra motivava reflexões sobre como deveria ser a reconciliação entre as duas Espanhas, quando a exilada retornasse. O filósofo espanhol José Ferrater Mora²⁹³ defendia a reconciliação, assim como a punição aos assassinos²⁹⁴:

Defender la reconciliación de los españoles no quiere decir abogar por la impunidad de los asesinos. Si la justicia puede existir sin la misericordia, parece muy improbable que ésta tenga sentido sin aquélla. [...] Cualquiera que sea el que asuma el poder en España se verá obligado, siempre que su política sea expresión de un anhelo nacional, a acordar estas realidades que, conviene repetirlo, poseen, más acá de su incompatible perfil, una común entraña: la justicia y la misericordia; la orientación hacia el futuro y el respeto al pasado o, como preferiría decir, forzando un poco los términos, la tradición y la cirugía. Sólo entonces será posible la coexistencia de la renovación y del rescate, porque sólo entonces se habrá conseguido lo que, según en otra ocasión he advertido, constituye una de las esperanzas del futuro europeo: la reconciliación de la historia con la moral.

Esse artigo foi publicado no último número do ano de 1944, véspera do final da guerra, quando já se sabia que as forças do eixo seriam derrotadas, o que reforçava a confiança na queda do governo franquista. Confiança esta intensificada pela queda da ditadura de Getúlio Vargas no Brasil²⁹⁵.

²⁹³ José Ferrater Mora (1912-1991): filósofo espanhol que, depois da Guerra Civil Espanhola, passou por diversos países, como França, Cuba, Chile. Em 1947, fixou residência nos EUA, onde foi professor no Bryn Mawr College de 1949 até se aposentar, em 1981.

²⁹⁴ FERRATER MORA, José. Algunas cuestiones españolas. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 06, p. 62-77, nov/dic 1944.

²⁹⁵ Para Leslie Bethell e Ian Roxborough (1996, p. 18), em grande parte da América Latina, o período imediato do pós-guerra pode ser dividido em duas fases: a primeira, que começa em 1944, 1945 ou 1946, caracterizou-se por três fenômenos distintos, mas inter-relacionados: democratização, tendência à esquerda e militância trabalhista. Na segunda fase, iniciada de forma geral em 1946, 47, completando-se em 1948, a classe

Com o passar do tempo, as esperanças foram se enfraquecendo e os conflitos da Guerra Fria davam mostras de que os ventos democratizantes, soprados na Ibero-América, abandonavam o Continente.

A partir de 1950, CA começou a noticiar a aproximação entre a Espanha e os Estados Unidos. Os colaboradores da revista viam esse estreitamento de relações com preocupação, principalmente porque isso significaria a aceitação do governo espanhol na comunidade internacional, o que distanciaria a possibilidade de mudanças na política interna na Espanha.

Entre os anos de 1950 e 1953, EUA e Espanha celebraram alguns acordos, como a concessão de empréstimos para os espanhóis, a instalação de bases militares norte-americanas no território espanhol, a assistência econômica e a modernização do exército e da polícia da Espanha²⁹⁶. Em 1952, ocorreu o primeiro passo para o ingresso da Espanha nas Nações Unidas: ela foi aceita na UNESCO.

A participação da Espanha na UNESCO representou a derrota para os espanhóis exilados que ansiavam a queda de Franco. As análises desse fato não tardaram a aparecer em CA, principalmente porque, para entrar na UNESCO, a Espanha contou com o voto favorável de países ibero-americanos. Para o jurista espanhol exilado Mariano Ruiz-Funes²⁹⁷, além dos EUA, a Ibero-América também foi responsável pela aceitação da Espanha na UNESCO: *“Sería injusto olvidar los votos favorables hispanoamericanos. El Caudillo es el artífice imperial de la hispanidad. La hispanidad es un supuesto bélico. La integran varios antis, entre ellos la antidemocracia y el antiliberalismo”*. Para os exilados republicanos espanhóis,

---

trabalhadora organizada estava sob controle Estatal e, em muitos casos, excluídas na política; os partidos comunistas sofriam perseguição e o avanço democrático era contido ou invertido.

²⁹⁶ Em junho de 1950, com o início da Guerra da Coreia, o representante do governo espanhol em Washington declarou que seu governo desejava ajudar os Estados Unidos, inclusive enviando tropas se necessário. Depois de algumas semanas, o senado norte-americano autorizou o primeiro empréstimo ao governo espanhol, para que este importasse alimentos, matérias primas e máquinas.

²⁹⁷ RUIZ-FUNES, Mariano. Falange en la UNESCO. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 86-90, ene/feb 1953.

era uma decepção que a legitimação do governo franquista tivesse sido facilitada pelos governos ibero-americanos.

A perspectiva da revista espanhola era oposta, pois, quando começou a circular em 1948, apenas a Argentina de Perón aceitava ser parceira comercial de Franco. Era vital para o futuro do regime espanhol romper o isolamento imposto pela ONU, onde ficou decidido que os países deveriam retirar suas representações diplomáticas da Espanha. Na ocasião, o diplomata monarquista espanhol José Maria de Areilza²⁹⁸ reconheceu a importância da Argentina para a política externa espanhola²⁹⁹:

Parecía, pues, que en un mundo que tiende a la unidad se iba a romper aquélla en fisuras, excluyendo a España, para servir a oscuros e inconfesables intereses de partido y de maniobras electorales internas. Parecía, asimismo, que en una etapa de colaboración económica internacional, superando las viejas concepciones autárquicas, se empujaba a un país – España – a la asfixia por el bloque y, en consecuencia, al aislamiento económico para defenderse de la cuarentena. Parecía que iba a ser así [...] Pero la inteligencia política de la nueva Argentina adivinó la importancia del aserto y salió al paso del propósito.

Na citação acima, percebemos o reconhecimento, pelos franquistas, da importância do apoio argentino ao governo espanhol, além do elogio a sua independência em relação à política das grandes potências no Pós Segunda Guerra.

A revista espanhola foi noticiando e fazendo referências aos progressos do seu governo junto à comunidade internacional. As notas favoráveis ao país eram motivo de publicação na imprensa internacional, como ocorreu em uma matéria que o *New York Times* fez sobre a Espanha, em fevereiro de 1949, classificando o país como capitalista e baluarte da filosofia anticomunista no continente. A revista espanhola explorou amplamente o sentimento anticomunista do governo franquista.

---

²⁹⁸ José Maria de Areilza, Conde de Motrico (1909-1998): político monarquista e diplomata espanhol. Foi nomeado embaixador espanhol na Argentina no período de 1947 a 1950. De 1954 a 1960, representou a Espanha nos EUA. Foi ministro de assuntos exteriores no primeiro governo da monarquia espanhola após Franco.

²⁹⁹ MARIA DE AREILZA, José. El protocolo Franco-Perón. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 03, p. 460, may/jun 1948.

A revista espanhola ressaltava a posição estratégica da Espanha na comunidade das nações e destacava que o país poderia ser o interlocutor ideal da Europa e EUA na Ibero-América e nos países árabes, principalmente por causa da relação histórica que a Espanha mantinha com essas regiões.

Para mostrar a influência que a nação espanhola tinha no mundo árabe, a revista publicava artigos que destacavam o intercâmbio das culturas árabes e hispânicas desde o período medieval até a atualidade. Reproduzia também citações e entrevistas nas quais personalidades árabes manifestavam essa ligação com a Espanha³⁰⁰:

Más recientemente, en el Líbano, el nuevo jefe de Gobierno, Sami Bey Sulh, al definir la línea política a seguir, decía a los corresponsales de la Prensa anglosajona que esta política era y tenía que ser invariable, pues por razones humanas fundamentales, el Líbano, a la vez que mantiene enlace con los demás países de lengua árabe, ha de seguir “su tradicional amistad con los países hispanoamericanos”. Y que esta amistad es, a su vez, parte de la que une al Líbano con España por tres mil años de civilización, historia y cultura comunes.

A revista procurava convencer os leitores de que a Espanha poderia ser o interlocutor do mundo ocidental no mundo árabe e também na Ibero-América, já que os povos árabes mantinham uma relação histórica e diplomática.

Dessa forma, a Espanha seria importante para apoiar os países árabes junto à ONU. Só que para isso acontecer era necessário que esses países também apoiassem a entrada da Espanha na ONU. A Espanha, os ibero-americanos e os árabes juntos reuniriam condições para se contrapor aos interesses das hegemonias americana e soviética e conseguiriam defender seus próprios interesses na comunidade internacional.

---

³⁰⁰ GIL BENUMEYA, Rodolfo. Los árabes de América en los hispánicos y lo arabico. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 31, p. 43-49, julio 1952.

Essa era avaliação feita por Eugenio Garzo³⁰¹ ao analisar a VIII Conferência Geral da UNESCO, primeira em que a Espanha participava:

Hay que registrar la perfecta comprensión que ha reinado en todo momento entre las Delegaciones hispanoamericanas, española y de los países árabes, merced a la cual se han conseguido acuerdos tan importantes como los que reseñamos a continuación, y que son el más expresivo balance de dicha actuación. [...] la aprobación del idioma español como oficial de la Unesco.

A primeira participação da delegação espanhola possibilitou à Espanha mostrar como ela poderia ser a ponte entre diferentes países, facilitando, assim, a formação de um bloco político que poderia defender os interesses em comum.

4.4 A União Ibero-Americana como estratégia nas negociações internacionais

As duas revistas tiveram como preocupação apontar traços semelhantes entre as diversas nações que compunham a comunidade imaginada ibero-americana. Essa preocupação pode ser explicada pela necessidade que os intelectuais tinham, naquele momento, de refletir sobre a posição que deveriam ocupar no mundo bipolarizado do pós-Guerra. Para os países do continente americano, a situação era mais delicada por causa da posição hegemônica que os Estados Unidos alcançaram durante e após a Segunda Guerra Mundial. Tal posição fragilizava os demais países do continente, tanto do ponto de vista comercial, como do ponto de vista militar.

No início das suas publicações, CA defendia uma parceria mais equilibrada entre os países ibero-americanos e os EUA, e acreditava que isto seria possível por meio da política da

---

³⁰¹ GARZO, Eugenio. España en la Unesco. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 61, p. 112-117, enero 1955.

boa vizinhança. Após o final da Guerra, a esperança cedeu lugar para uma reflexão sobre a necessidade de construir uma política alternativa, capaz de garantir a independência e soberania dos países não desenvolvidos da América.

Nos primeiros números da revista, verificamos uma tentativa de explicar o continente de forma mais global, indicando as analogias históricas como o fato dessa terra ter surgido para os europeus como o lugar que poderia ser o das suas utopias e mitos, como eldorados e terra prometida.

A esperança americana motivou a corrente imigratória, que trouxe, para o continente, povos de diferentes culturas, tanto europeias quanto asiáticas e árabes. Esses imigrantes, juntamente com os povos que aqui viviam, teriam desenvolvido a cultura da recepção e da tolerância.

Na primeira fase, que vai até o final da guerra, a revista tentou ressaltar os traços comuns dos países americanos, incluindo os EUA, com o objetivo de justificar uma possível aliança política e econômica entre todas as nações do Continente, o que garantiria à América unida um papel de liderança mundial.

Com o final da guerra e a decepção em relação aos EUA, os intelectuais que colaboravam em *CA* passaram a enfatizar outros fatores que pudessem assegurar o desenvolvimento humano e material da Ibero-América, independente da potência norte-americana.

A partir dessa preocupação, alguns autores se propuseram a analisar a parceria entre os EUA e a Ibero-América nos anos da guerra. Eles destacaram ainda a importância que o conjunto das economias americanas e a posição estratégica do Continente tiveram para o sucesso dos norte-americanos no conflito. No entanto, era consenso que nenhum país sozinho, nem mesmo os EUA, seria capaz de oferecer essas condições; daí a necessidade de união

entre os países, o que contribuiria para a consolidação da força política e econômica do Continente.

Em vários momentos, intelectuais como Jesús Silva Herzog salientaram a necessidade da união entre os povos ibéricos que enfrentavam problemas comuns e tinham características similares. Entretanto, se a união era o caminho que os ibero-americanos teriam para atingir o desenvolvimento, não se imaginava que esta discussão precisaria ser retomada posteriormente, ou seja, a partir do momento em que a união dos ibero-americanos deveria estar inserida no novo contexto do mundo bipolarizado da Guerra Fria. A partir dessa realidade, marcada pelo conflito entre duas potências, entre elas o “vizinho do norte”, a maior parte dos autores passou a defender um caminho próprio, a ser seguido pelos ibero-americanos, nem alinhado aos EUA nem à URSS.

Jesús Silva Herzog³⁰² foi um defensor dessa terceira via:

Los pueblos de la América Hispánica deben aproximarse, deben defender sus legítimos valores, su modo particular de vida y seguir igual o parecido rumbo. Ni Estados Unidos, ni la Unión Soviética, ni capitalismo norteamericano, ni comunismo ruso. Debemos ser nosotros mismo, sin detenernos, sino marchando hacia adelante en busca de mejores fórmulas de convivencia humana.

Sobre esse mesmo contexto, António García escreveu um artigo defendendo a construção de uma teoria de desenvolvimento para os países atrasados da América, África e Ásia³⁰³. Para o colombiano, não era possível pleitear uma nova posição no mundo sem adotar uma política e um comportamento novos, a interpretação original dos fatos e dos problemas perante a realidade do pós-guerra³⁰⁴.

---

³⁰² SILVA HERZOG, Jesús. ¿Los Estados Unidos o la Unión Soviética? **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 03, p. 7-18, may/jun 1950.

³⁰³ Antonio Garcia Nossa fez parte de intelectuais que realizaram uma crítica importante do que se conhece como a teoria da dependência ao lado de Fernando Henrique Cardoso, Pablo González Casanova, Enzo Faletto, Celso Furtado e outros.

³⁰⁴ GARCIA NOSSA, Antonio. Hacia una teoría de los países atrasados. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 02, p. 24-36, mar/abr 1955.

Os colaboradores de CA avaliavam que os EUA, erigido à posição de grande potência mundial, não tinham interesse no desenvolvimento da Ibero-América e muito menos na construção de uma união das nações ibero-americanas. Para demonstrar essa avaliação, Antonio García comparou o empréstimo de 700 milhões de dólares oferecido pelos EUA à Coreia do Sul ao repasse, durante nove anos, de 209 milhões de dólares aos países latino-americanos. A conclusão de Antonio García era que os interesses geopolíticos norte-americanos se sobrepunham ao interesse pelo desenvolvimento das nações americanas. Contudo, o autor acreditava que os países ibero-americanos poderiam conseguir seu próprio desenvolvimento desde que:

1. aplicassem o planejamento na utilização dos seus recursos;
2. transformassem a estrutura do Estado “feito à imagem e semelhança das classes ricas”;
3. abandonassem o *laissez faire* e o absentismo estatal.

No entanto, era fundamental que os países se organizassem regionalmente para administrar melhor suas produções e escapar das amarras que as grandes potências impunham aos menos desenvolvidos³⁰⁵:

Las naciones atrasadas no pueden defenderse – por medio de las armas – de la agresión de una gran potencia, sino por medio de la organización regional y de la correcta administración de su patrimonio económico: he ahí porque reviste tanta importancia para aquellas naciones la creación de órganos internacionales de aplicación del derecho.

Somente agindo em bloco, os países ibero-americanos teriam condições de impor seus interesses aos interesses das grandes potências, mais especificamente dos Estados Unidos. O peso político da união também era destacado pelos colaboradores de CA.: união que resultaria

---

³⁰⁵ Ibid.

em 20 votos na ONU, o que faria dos latino-americanos o mais importante bloco isolado de eleitores.

Nesse sentido, Manuel J. Sierra³⁰⁶ afirmou: “*El día que como una regla en los debates, se oiga como un solo voto la voz de nuestros 20 países independientes, seremos tomados en mayor cuenta, influyendo positivamente en los resultados generales*”.

Se as vinte nações latino-americanas votassem em bloco, certamente seria mais fácil verem seus interesses melhor representados.

A união das nações ibero-americanas também poderia trazer a vantagem da democratização na América, já que a sustentação de várias ditaduras na região era apoiada pelos Estados Unidos. A organização política democrática e mais independente permitiria que os movimentos sociais usufruíssem de mais liberdade, para defender seus direitos, e tivessem maior oportunidade de serem ouvidos.

Como já foi destacado anteriormente, a revista *CH* tinha o objetivo principal de aproximar o governo espanhol dos ibero-americanos, tentando superar o isolamento diplomático em que o país europeu vivia. Nos primeiros números da revista, houve manifestações de apoio à construção de uma terceira via pelos ibero-americanos. Essa atitude ficou mais evidente no destaque dado à posição argentina, durante as conferências interamericanas de Bogotá e de Caracas³⁰⁷. Entretanto, havia diferenças entre as propostas elaboradas pelos colaboradores da revista mexicana *CA* e as publicadas na revista espanhola *CH*. Essas diferenças tornavam-se evidentes quando se tratava da união ibero-americana, que, nesse caso, teria necessariamente, não só a participação, mas também a liderança da Espanha.

---

³⁰⁶ J. SIERRA, Manuel. Unidad interamericana. **Cuadernos Americanos**, México D.F., n. 01, p. 64-70, ene/feb 1953.

³⁰⁷ A Argentina era considerada a “casa” do movimento pela união das repúblicas ibero-americanas: *Argentina aparece hoy como el hogar de un movimiento de unión cuyo motor es el deseo de los pueblos sudamericanos de sustraerse al dominio económico yanqui. Así es vuelven hacia el Gobierno de Buenos Aires todos los movimientos de tipo nacionalista reivindicador aparecidos en Hispanoamérica en los tipos dos últimos años, para pedirle ejemplo, alientos y subsidios*. LIZCANO, Manuel. Evolución del peronismo. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 47, p. 220-223, noviembre 1953.

Em *CH*, um dos principais divulgadores da união ibero-americana era o argentino Mario Amadeo³⁰⁸, defensor do franquismo que havia sido co-diretor da revista durante a gestão de Pedro Lain Entralgo. Na seção “¿Adonde va Hispanoamérica?”, Amadeo publicou vários artigos nos quais refletia sobre a importância dos ibero-americanos construírem um caminho próprio, independentemente dos Estados Unidos, baseado principalmente nos laços estabelecidos pela ideia da *hispanidad*.

Em 1951, Mario Amadeo, na primeira publicação da seção acima identificada, divulgou manifesto redigido por um grupo composto por argentinos, bolivianos, chilenos, paraguaios, peruanos e uruguaios, no qual se defendia a criação de uma comunidade ibero-americana capaz de promover os intercâmbios cultural, político e econômico. Esse manifesto recebeu o título de *Declaración de Salta*.

Essa declaração rechaçava o imperialismo, o comunismo, a ONU e a OEA e reconhecia os vínculos entre a comunidade ibero-americana, a Espanha e Portugal. Além disso, exigia a independência de Porto Rico e a desocupação de territórios ilegítimamente ocupados, como as Malvinas.

Os itens da *Declaración de Salta* eram muito favoráveis à Espanha porque a reconhecia, juntamente com Portugal, como a nação que tinha condições privilegiadas para tratar das questões referentes à Ibero-América³⁰⁹. Essa declaração foi feita nos seguintes termos:

XVIII – El hispanoamericanismo reconoce solemnemente los vínculos excepcionales que unen a la comunidad hispanoamericana con España y Portugal en cuanto países forjadores de su personalidad. Ambos Estados tendrán cabida, dentro de condiciones especiales, en el seno de la organización hispanoamericana.

---

³⁰⁸ Mario Amadeo era filósofo argentino com simpatia pelas doutrinas fascistas. Era considerado nacionalista católico e defensor da *hispanidad*. Foi embaixador da Argentina no Brasil durante o governo do general Juan Carlos Onganía.

³⁰⁹ AMADEO, Mario. *Declaración de Salta*. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 20, mar/abr 1951.

O principal reconhecimento dos dois países ibéricos baseava-se no fato de terem sido “forjadores” da personalidade ibero-americana. Desse modo, ambos deveriam ter um tratamento diferenciado das outras nações. Os traços identitários eram reivindicados, portanto, para o estabelecimento de uma política conjunta.

Na perspectiva de compreender a Ibero-América, a revista analisava ainda as mudanças políticas operadas naquele espaço. Todavia, não criticava explicitamente nenhum governo, uma vez que a Espanha necessitava do apoio dos países americanos para fortalecimento de seu regime.

CH se preocupava com as rupturas que ocorriam nos governos ibero-americanos, mas de forma muito genérica. Em alguns artigos, observamos que a análise de golpes e revoluções era interpretada como etapa do processo de amadurecimento político das nações ibero-americanas.

Para muitos colaboradores de *CH*, essas crises políticas faziam parte da conscientização da Ibero-América, tanto em relação à sua particularidade quanto às possibilidades de unidade. O trecho que segue³¹⁰ revela a crença numa possibilidade de amadurecimento político da região a partir da unidade:

En esto sentido, la vida política hispanoamericana, tan variada, tan incomprensida, se orienta, entre tropezones y vaivenes, con seguridad absoluta a la madurez, cuya forma será la tan anhelada unidad hispanoamericana.

É interessante observar que a justificativa para a necessidade da união ibero-americana aponta a falta de maturidade como razão para seu atrelamento aos Estados Unidos. Alguns autores que publicavam na revista espanhola defendiam a ideia de que, para conseguir esse amadurecimento político, havia, muitas vezes, a necessidade de revoluções e rupturas

---

³¹⁰ GUTIERREZ GIRARDOT, Rafael. El desarrollo de la política colombiana. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 35, p. 99-102, noviembre 1952.

dramáticas. Tal análise reforçava a tese exposta por Pedro Lain Entralgo, de que a América era um continente jovem e a Europa (incluindo a Espanha), um continente maduro, e que, sendo assim, ambos precisavam um do outro.

Segundo Mario Amadeo, a era dos nacionalismos liberais deveria ser substituída pela dos regionalismos. A pátria sozinha não conseguiria atingir seus objetivos, e, para isso, deveria buscar uma sociedade com nações cujos interesses fossem convergentes. No caso das nações ibero-americanas, a união, além de ser uma arma contra o imperialismo norte-americano, caracterizava-se como uma defesa contra o comunismo, já que as bandeiras nacionalistas, das causas indígenas, dos camponeses e dos operários eram manipuladas por eles.

Interessante que, para dar maior legitimidade à proposta de uma unidade ibero-americana, a revista divulgou como apologistas dessa ideia os nomes de Gabriela Mistral, Rubén Darío, Lucas Alamán e Rodó; além de mártires, como Sandino na Nicarágua³¹¹. Não cabia explicar exatamente de que forma cada um deles apoiaria a ideia de associar a proposta de união a nomes mais ilustres da comunidade ibero-americana.

Apesar da união ibero-americana contar com a participação espanhola, a revista reforçava a ideia de que a Espanha era europeia e por isso tinha o compromisso com o continente em que estava inserida. Assim, a união ibero-americana poderia fortalecer a Espanha na Europa, ao mesmo tempo em que fortaleceria os ibero-americanos em relação aos Estados Unidos³¹²:

Estamos, por eso, profundamente persuadidos de que la posición de España en Europa (y no concebimos una Europa integrada sin la presencia actuante de España) se vería considerablemente reforzada en caso de que proyectara como el bastión europeo de un gran comunidad transnacional. [...] Un grupo hispánico unido en una política exterior estable podría

³¹¹ PERALTA, Jaime. Intentos de Unión Hispanoamericana a través de los Congresos Hispánicos. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 35, p. 179-185, noviembre 1952.

³¹² AMADEO, Mario. Hacia una comunidad hispánica de naciones. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 59, p. 131-140, noviembre 1954.

dialogar mucho más efectiva y cordialmente con los Estados Unidos que un mundo hispánico desunido con una política exterior oscilante.

Vale destacar que a Espanha, mesmo pertencendo a *hispanidad*, era europeia. Nessa citação constata-se outra inquietação que a Espanha passou a ter no decorrer dos anos que seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial: ser aceita numa futura comunidade de nações europeias.

Em 1948, foi criada a Organização Europeia de Cooperação Econômica (OECE), órgão formado por Alemanha, Áustria, Dinamarca, França, Grã Bretanha, Grécia, Holanda, Irlanda, Islândia, Noruega, Portugal, Suécia, Suíça, Turquia e Benelux, com a finalidade de gerir os fundos destinados para a reconstrução europeia pelo Plano Marshall, e a Espanha havia ficado de fora. Desde 1950, vinha sendo gestada a Comunidade Política Europeia, e não havia intenção de convidar a Espanha. Esse tema passou a fazer parte da agenda da revista *CH*, que demonstrou interesse em demonstrar como a Espanha era europeia e como ela era necessária para o continente na defesa contra o comunismo.

Conforme a Espanha passava a ser parceira dos EUA no combate ao comunismo, principalmente na instalação de bases militares norte-americanas em solo espanhol, a sua condição na Europa melhorava. Assim, em 1955, ela é aceita como observadora na OECE, ano também em que ingressou na ONU.

Com a situação política alinhada com os EUA e Europa, a opção ibero-americana perdeu importância. A revista continuou interessada em assuntos hispano-americanos e a defesa contra o comunismo continuou como pauta. Contudo, a necessidade de constituir uma unidade ibero-americana, em que fosse a líder, deixou de ser prioritária.

O golpe na Guatemala evidenciou o posicionamento dos intelectuais das duas revistas sobre as questões do momento, primordialmente com relação aos EUA. Enquanto em *CA* os

intelectuais estavam preocupados com a independência e desenvolvimento dos países ibero-americanos, em *CH* se demonstrava a inquietação com o anticomunismo.

Nesse contexto, a identidade ibero-americana foi reivindicada pelas revistas para legitimar suas posições frente aos EUA e para salientar a busca pela autonomia e desenvolvimento, caso de *CA*. Em *CH*, a identidade comum era lembrada principalmente na luta contra o comunismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade de material que as duas revistas ofereceram para a pesquisa nos obrigou a realizar uma seleção dos artigos priorizando aqueles que tinham maior relevância para o debate em torno da construção das identidades Ibero-Americanas de ambos os lados do Atlântico no período estudado.

Essa seleção nos permitiu definir os temas dos capítulos e, nessa definição, levamos em conta a relevância a eles atribuída nas revistas. Há uma exceção no que diz respeito ao tema dos indígenas e afro-americanos, aspecto que decidimos introduzir após constatação de que havia pouca referência a eles nas duas publicações. Como a problemática das identidades americanas é central nesta pesquisa, consideramos importante compreender o significado de tal silêncio.

Sobre a análise das identidades relacionadas à origem ibérica, cabe esclarecer que a inserção do Brasil era problemática. Em *CA*, só encontramos referências a este país como parte integrante da identidade hispano-americana quando o tema em pauta possibilitasse a identificação por meio do enfrentamento de problemas comuns. Constatamos ainda que a origem portuguesa provocava distanciamento: a partir dessa diferença em relação à herança histórica e cultural, a integração dos brasileiros na identidade Ibero-Americana era cogitada, mas sempre pensada em termos de possibilidade futura.

Procuramos mostrar, ao longo do trabalho, que a preocupação dos idealizadores das revistas em recuperar identidades culturais ibero-americanas construídas no passado tinha o intuito de reforçar a defesa das causas, distintas, que motivaram a criação delas. Essas causas estavam relacionadas à situação da Espanha naquela conjuntura e também às dificuldades enfrentadas pelos europeus no pós-guerra. A discussão sobre a crise europeia estimulou

reflexões dos intelectuais do mundo ibérico sobre a conveniência de valorizar suas heranças culturais naquele momento de fragilidade dos países europeus, que, até então, haviam dado as coordenadas da “Cultura Ocidental”.

Ao analisar esta questão, concluímos que, para os intelectuais vinculados a *CA*, aquele era o momento propício para romper as amarras com o “Velho Continente” e construir um pensamento próprio, sem deixar de levar em conta a herança ibérica que poderia ser recuperada a partir de uma nova visão.

Para os fundadores de *CH*, a crise europeia representava a possibilidade de fortalecimento da Espanha, combatida pela guerra. Com base nessa perspectiva, eles concluíram que a nova publicação deveria assumir o papel de arauto dos valores da *hispanidad*.

Com relação às identidades (*ibero-americana*, no caso de *CA*, e *hispânica*, no caso de *CH*) que orientaram as posições expressas nas duas publicações, procuramos mostrar o significado que elas assumiram no combate entre posições políticas conflitantes. A partir da comparação, que permitiu estabelecer contraponto entre as duas revistas, pudemos constatar a importância dessas publicações como armas de luta entre aqueles que, em relação ao passado recente, se identificavam, uns com os nacionalistas e outros com os republicanos. Nesse sentido, nos permitimos afirmar que ambas as revistas podem ser consideradas heranças da Guerra Espanhola.

Outro tema que se mostrou relevante na pesquisa sobre as duas publicações foi a posição que elas assumiram perante os EUA. Procuramos mostrar que, nas duas revistas, a importância conferida a esse país tinha motivações distintas: os responsáveis por *CA* demonstravam inquietações decorrentes da influência exercida pelo governo norte-americano na Ibero-América; já os responsáveis por *CH* tinham em mente o boicote liderado pela nova potência mundial à Espanha franquista.

No entanto, constatamos, ainda com relação a esse aspecto, que houve mudanças significativas nas duas revistas. Interpretamos essas mudanças como resultado das transformações que ocorreram no cenário internacional a partir do início a Guerra Fria.

Buscamos mostrar, através da análise comparativa, que os movimentos de aproximação e distanciamento das duas revistas em relação aos EUA foram bem distintos. *CA* iniciou suas atividades com uma perspectiva otimista sobre a política da “Boa Vizinhança”, que acenava para a possibilidade de colaboração entre os países americanos após o final da Grande Guerra. Com o término do conflito mundial e o início da Guerra Fria, essa esperança desapareceu e, diante dessa nova realidade, os colaboradores de *CA* passaram a demonstrar interesse em refletir sobre a possibilidade de conceber um caminho próprio para o desenvolvimento da Ibero-América.

Ao analisar a posição da revista nesse novo contexto, constatamos que a denominação do subcontinente sofreu modificação. O nome Ibero-América foi sendo substituído, pouco a pouco, por América Latina. Essa nova designação, no entanto, não pressupunha vínculo com os países de origem latina da Europa, passando a ser utilizada principalmente com o intuito de marcar contrapondo em relação à América Anglo-Saxã.

A partir do final da II GM, *CA* abriu espaço para a discussão sobre os obstáculos aos desenvolvimentos econômico e social da América Latina. Ao abordar esse aspecto, demos destaque à experiência da Guatemala, mostrando como, a partir do golpe ocorrido no país capitaneado pelos EUA, os colaboradores da revista se manifestaram sobre o episódio, referindo-se ao “país do Norte” como o principal obstáculo à superação da miséria e do subdesenvolvimento na América Latina.

A mudança de perspectiva incentivou a defesa de uma política de integração entre os países latino-americanos para fazer frente a problemas comuns. Essa política, segundo

colaboradores da revista, necessitava de uma teoria capaz de apontar elementos importantes para a compreensão do capitalismo-imperialista e caminhos para se contrapor a ela.

Constatamos também a partir da pesquisa dos números correspondentes ao início da Guerra Fria, que o antagonismo em relação aos norte-americanos, evidenciado em *CA*, estava ligado à nova postura dos EUA sobre a Espanha franquista. O apoio da democracia norte-americana à integração da ditadura espanhola nos organismos internacionais foi interpretado, na revista, como uma derrota da democracia, ideal defendido por seus representantes.

No caso de *CH*, percebemos que o processo foi inverso. No início de suas atividades, o periódico defendia a ideia de que as nações Ibero-Americanas deveriam se afastar dos EUA por causa de sua política imperialista e porque a nação americana se orientava pelos valores do protestantismo (individualismo e utilitarismo), que se contrapunham aos princípios do iberismo católico. No entanto, a partir da Guerra Fria, o anti-comunismo justificou a aproximação da democracia norte-americana à ditadura franquista.

Nesse novo contexto, a revista espanhola passou a defender a tese de que a superação dos problemas das sociedades ibero-americanas estava na união desses países com a Espanha, país que deveria ser tomado como modelo de desenvolvimento a partir do padrão europeu.

Interpretamos esse otimismo, expresso em *CH*, como fruto da vitória da Espanha, que em 1955 foi aceita na ONU com apoio de representantes dos países ibero-americanos. Convém ressaltar que o ingresso da Espanha na ONU ocorreu em decorrência do fim do isolamento político do governo franquista, favorecido pelo cenário internacional marcado pela Guerra Fria. Esta vitória, no entanto, representou, para os colaboradores de *CA*, uma dupla derrota: da democracia em geral e dos republicanos espanhóis exilados para os nacionalistas franquistas, que continuavam ocupando o poder na Espanha, agora reconhecida pelos organismos internacionais.

FONTES

Cuadernos Americanos – Universidade Autônoma do México. Período 1942 a 1955.

Cuadernos Hispanoamericanos – Ediciones Culturas Hispánicas. Período 1948 a 1955.

Índice de Cuadernos Americanos – Materias y Autores, 1942-1971, (México, DF, Cuadernos Americanos, 1973).

MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES. **La huella editorial del instituto de cultura hispánica – Ediciones cultura hispánica y otras publicaciones: estudios y catálogo (1944-1980)**. Madrid: Fundación Mapfre Tavera, 2003.

REFERÊNCIAS

ABELLÁN, José Luis; MONCLÚS, Antonio (Coord.). **El pensamiento español contemporáneo y la Idea de América**. Vol II – El pensamiento en el exilio. Barcelona: Editorial Anthropos, 1989.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Videntes**. Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **História de los intelectuales en América Latina**. II Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

_____. **Para un programa de historia intelectual y otros ensayos**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

ALTED, Alicia. **La voz de los vencidos: el exilio republicano de 1939**. Buenos Aires: Aguilar, 2005.

AMAT, Jordi, “Escorial”, **Quimera – revista de literatura**, nº 250, novembro 2004

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

ARDAO, Arturo. **América Latina y la latinidad**. México, D.F.:Universidad Nacional Autónoma de México, 1993.

ARES QUEIJA, Berta; GRUZINSKI, Serge. **Entre dos Mundos**. Fronteras Culturales y Agentes Mediadores. Sevilla: CSIC, 1997.

ARIAS OLMOS, Ana Cecília. **Revistas culturales y la transición: Prácticas políticas y estrategias de intervención cultural – Una lectura comparada de *Punto de Vista* y *Novos Estudos Cebrap***. 2000. 240 f. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

BEIRED, José Luis Bendicho Beired, “Intelectuais, hispanismo e a reformulação da identidade nacional argentina”. In: BEIRED, Jose Luis; BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (Org.). **Política e Identidade Cultural na América Latina**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo, Intelectuais e Identidade nacional na Argentina. **Anais eletrônico do VIII Encontro Internacionl da ANPHLAC**. Vitória, 2008. Disponível em: <http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro08/jose_luis_bendicho_beired.pdf>. Acesso em: 03 julho 2012.

BERTONHA, João Fábio. “Transnazionalismo e diáspora come concetti per capire l’emigrazione italiana: um riesame”. **Archivio Storico dell’emigrazione italiana** (ASEI), 6, 1, p. 133-141, 2010.

BERABA, Ana Luiza. **América Aracnídea: teias culturais interamericanas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a idéia de “América Latina” em perspectiva histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 44, p. 289-321, julho-dezembro 2009.

_____; ROXBOROUGH, Ian. **A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

BLANCO AGUINAGA, Carlos. El Exilio español en México: Acogida y Respuestas. In: PÉREZ ALCALÁ, Eugenio; MEDINA CASADO, Carmelo (Coord.). **Cultura, Historia y Literatura del exilio republicano español de 1939 – Actas del Congreso Internacional “Sesenta años después”** (Andújar, Jaén, 1999). Jaén (España): Universidad de Jaén, 2002, p. 95-112.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Os Intelectuais e o Poder**. Tradução: Marco Aurelio Nogueira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BOBBIO, Norberto et. al. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

CAMP, Roderic Ai. **Los intelectuales y el Estado en el México del Siglo XX**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1988.

CANCLINI, Néstor García (Coord.). **Culturas da Ibero-América**. Diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento. Tradução: Ana Venite. São Paulo, Editora Moderna Ltda, 2003.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Revistas Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos como armas de luta política**. Texto mimeo. Apresentado no Congresso de Americanistas em Sevilha (Espanha), julho de 2006.

_____. Cuadernos Hispanoamericanos – Idéias políticas numa revista de cultura. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005.

_____. A data símbolo de 1889: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. **História**, São Paulo, 22 (2), p. 35-58, 2003.

_____. O “gigante brasileiro” na América Latina: ser ou não ser latino-americano. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Viagem Incompleta – a experiência brasileira (1500-2000)**. A Grande Transação. São Paulo: Editora Senac, 2000, p. 287-316.

_____. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista, 1920-1945**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____; PRADO, Maria Ligia Coelho. **O Bravo Matutino**: Imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CASAÚS ARZÚ, Marta Ele; PÉREZ LEDESMA, Manuel (Ed.). **Redes Intelectuales y formación de naciones en España y América Latina (1890-1940)**. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Volume 2: O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CAUDET, Francisco. **El Exilio Republicano en México**. Las revistas literarias, 1939-1971. Madrid: Fundación Banco Exterior, 1992.

CHACON, Vamireh. **A Grande Ibéria**. Convergências e divergência de uma tendência. São Paulo: Unesp, 2005.

CRESPO, Regina (Coord.). **Revistas en América Latina**: Proyectos literarios, políticos y culturales. México, D.F.: CIALC/Eón Editores, 2010.

DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo. **Império de Papel**: Acción Cultural e Política Exterior. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – CSIC, 1992.

_____, Lorenzo. **Diplomacia franquista y Política cultural hacia iberoamerica 1939-1953**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – CSIC, 1988.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. **Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)**. Buenos Aires: Editorial Biblos, Centro de investigaciones Diego Barros Arana, 2001.

DONGHI, Halperin. **História da América Latina**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DUSSEL, Enrique; MENDIETA, Eduardo; BOHÓRQUEZ, Carmen (Ed.). **El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y “latino” (1300-2000)**: historia, corrientes y filósofos. México, D.F.: Siglo XXI, 2011.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Nuestra América y el Occidente. In: Zea, Leopoldo (Comp). **Fuentes de la Cultura Latinoamericana**. Volume I. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1993.

FERREIRA, Ana Luiza de Oliveira Duarte. Os intelectuais mexicanos de inícios do século XX modernização, democracia e nacionalismo: temas/bases de identidade. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, vol. V, ano 3, n. 1, abril de 2008. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>. Acesso em: 21 dezembro 2012

FOX, Inman. **La Invención de España**. Madrid: Cátedra. 1998.

GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el Fusil**. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, Editores Argentina, 2003.

GONZÁLEZ NEIRA, Ana. Cuadernos Americanos y el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949). Cuadernos Americanos, México, D.F., vol. 1, n. 127, p. 11-30, 2009.

_____. **Cuadernos Americanos y la Hemerografía del Exilio**. 2008. Tesis (doctorado) - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Comunicación, Departamento de Historia, Literatura y Pensamiento de la Universidad San Pablo – CEU, Madrid, 2008.

GRANADOS, Aimer; MARICHAL, Carlos. **Construcción de las identidades latinoamericanas**: ensayos de historia intelectual siglos XIX y XX. México, D.F.: El Colegio de México, 2009.

GROPPA, Bruno. Os exílios europeus no século XX. **Revista Diálogos**, DH/PPH e UEM, Maringá, v. 06, n. 01, p. 69-100, 2002.

GRUZINSKI, Serge. **Las cuatro partes del mundo. História de una mundialización**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Guacira Lopes Louro e Tomaz Tadeu da Silva. São Paulo: DP&A Editora, 2006.

_____. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradução: Liv Sovic e Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. El “Lenguaje político” de Indoamerica. In: **Ideas en Torno de Latinoamérica**. Vol. II. México, D.F.: Coordinación de Humanidades Unión de Universidade de América Latina, Universidad Nacional Autónoma de México, 1986.

HOBBSAWN, Eric. Etnia e Nacionalismo na Europa de hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 271.282.

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Tradução: Maria Celia Pinheiro Machado Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

KOSELLECK, Reinhart, **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Marzari Dinardo Maas, Carlos Almeida Pereira, revisão: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto Editorial e Editora PUC-Rio, 2011.

LAÍN ENTRALGO, Pedro. **Descargo de conciencia (1930-1960)** Madrid: Alianza Editorial, 1976.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MATAMORO ROSSI, Blas, Una ojeada retrospectiva sobre Cuadernos Hispanoamericanos. In: MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES. **La huella editorial del Instituto de Cultura Hispánica – Ediciones Cultura Hispánica y otras publicaciones: estudios y catálogo (1944-1980)**. Madrid: Fundación MAPFRE TAVERA, 2003.

MELGAR BAO, Ricardo. Redes y Espacio Público Transfronterizo. In: CASAÚS ARZÚ, Marta Ele; PÉREZ LEDESMA, Manuel (Ed.). **Redes Intelectuales y formación de naciones en España y América Latina (1890-1940)**. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 2004.

MENEZES, Ulpiano Bezerra. A problemática da Identidade Cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista** (nova série), São Paulo, n. 1, 1993, p. 207-222.

MORODO, Raúl. **Los Orígenes ideológicos del franquismo**: Acción Española. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2007.

ORTIZ, Fernando. Nem racismos nem xenofobias. In: SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas**: polémicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 672.

OSSIO, Juan M. Indígenas e Indigenismo. In: PALACIOS, Marco (Dir.). **História General de América Latina**. América Latina desde 1930. Madrid: Ediciones Unesco, Editorial Trotta, 2008, p. 105-127.

PATÍÑO, Roxana. América Latina – Literatura e crítica em revista (s). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PAYNE, Stanley G. **Falange**. Historia del fascismo español. [s.l.]: Ediciones Ruedo Ibérico, 1974.

PEÑA, Guillermo de la. As mobilizações rurais na América após C. 1930. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina. América Latina após 1930: Estado e Política**. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo, Brasília: EDUSP, Imprensa Oficial, Fundação Alexandre Gusmão, 1994, p. 416-418.

PEREZ MONFORT, Ricardo. **Hispanismo y Falange. Los sueños imperiales de la derecha española**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica. 1992.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e Mexe Nacionalismo**. Paradoxos do Nacionalismo Literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIKE, Frederick. **Hispanismo, 1889-1936**. Spanish conservatives and liberals and their relations with Spanish America. London: University of Notre Dame, 1971.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra. **La Unión Latino Americana y El Boletín Renovación**. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, Universidade de Colima, 2009.

_____. La identidad latinoamericana en el repertorio Americano. In: GRANADOS, Aimer; MARICHAL, Carlos. **Construcción de las identidades latinoamericanas**: ensayos de historia intelectual siglos XIX y XX. México, D.F.: El Colegio de México, 2009.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. **Revista de História**, PPGHS- FFLCH/USP, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2º sem. 2005.

_____. Brasil e a distante América do Sul. **Revista de História**, PPGHS- FFLCH/USP, São Paulo, n.145, p. 127-149, 2001.

RAMA, Carlos. **Historia de las relaciones culturales entre España y la América Latina**. Siglo XIX. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica. 1982.

RAMOS ORTEGA, Manuel J. Las revistas españolas a partir de 1939. **Quimera – Revista de Literatura**, Barcelona, n. 250, noviembre 2004.

RUIZ-GIMÉNEZ, G.; ABELLÁN, J.L.; MONCLÚS, A. **El pensamiento español contemporáneo y la idea de América**. Vol. I – El pensamiento en España desde 1939. Barcelona: Editorial Anthropos, 1989. Pp. 207-284.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**. As conferências Reith de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANCHEZ MONTERO, Rafael et al. **La imagen de España en América. 1898-1931**. Sevilla: CSIC. 1994.

SANZ PARDO, Rosa. **Con Franco hacia el Império**. La política exterior española en América Latina. 1939-1945. Madrid: Publicaciones UNED, 1995.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. Tradução: Rubia Prates Goldoni e Sergio Molina. São Paulo, EDUSP, 2005.

_____. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. **Les discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970, América, Cahiers du CRICCAL**, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle-Paris, n. 9-10, p. 9-16, 1992.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas – polêmicas, manifestos e textos críticos**, SP, EDUSP, 2008.

_____; PATIÑO, Roxana. Introducción. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v.1, n. 208-209, p. 647-650, jul/dez 2004.

SEPÚLVEDA, Isidro. **Sueño de la Madre Patria**. Hispanoamericanismo y nacionalismo. Madrid: Fundación Carolina, Centro de Estudios Hispánicos e iberoamericanos, Marical Pons – Ediciones de História, 2005.

SILVA HERZOG, Jesús. **Una vida en la vida de México**. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1993.

SIMÓN VIDARTE, Juan. **Todos fuimos culpables**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1973.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SANTOS, Boaventura de Sousa. ¿Por que no te callas? **Carta Maior**, São Paulo, 20 novembro 2007. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=3769>. Acesso em: 14 julho 2012.

SOARES, Gabriela Pellegrino. História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). **Cadernos de Pesquisa II** - Projeto Temático/ FAPESP - Cultura e Política nas Américas: Circulação de ideias e Configuração de Identidades. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Humanitas, 2011, p. 87-97.

_____. Novos meridianos da produção editorial em castelhano. O papel de espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México. **Varia Historia**, Belo Horizonte, Vol. 23, n. 38, p. 386-398, jul/dez. 2007.

_____. Diálogos Culturais Latino-americanos na primeira metade do século XX. **Projeto História – polifonia e latinidade**, Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP, São Paulo, n. 32, p. 239-252, jan/jun 2006.

SORÁ, Gustavo. **Traducir el Brasil**. Una antropología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

_____. Misión de la edición para una cultura en crisis. El Fondo de Cultura Económica y el americanismo en Tierra Firme. In: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina, II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX.** Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 537-566.

STEIGENGA, Palma; S., Girón. El transnacionalismo y la movilización colectiva de la comunidad maya en Júpiter, Florida Ambigüedades en la identidad transnacional y la religión vivida. **Migraciones Internacionales**, vol. 4, n. 04, p. 37-71, julio-diciembre 2008.

VINSON, Ben; VAUGHN, Bobby. **Afroméxico.** México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2004.

WEINBERG, Liliana. El encuentro de un escritor y una revista: Alfonso Reyes y Cuadernos Americanos. In: CRESPO, Regina (Coord.). **Revistas en América Latina: Proyectos literarios, políticos y culturales.** México, D.F.: CIALC/Eón Editores, 2010.

_____, Cuadernos Americanos: la política editorial como política cultural. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). **Historia de los intelectuales en América Latina. II – Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX.** Buenos Aires, Katz Editores, 2010, p. 235-258.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira, revisão: Ingrid Basílio e Marai da Penha Faria. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política.** Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 271-294.

ZEA, Leopoldo. **Fuentes de la cultura latinoamericana.** México, D.F.: Fondo de Cultura Económica. 1993.

_____. **El pensamiento latinoamericano.** Barcelona: Editorial Ariel, 1976.

_____. **América como conciencia.** México, D.F.: UNAM, 1972.

ARTIGOS LIDOS POR REVISTA

ANO/ REVISTA	AUTOR	PAÍS DE ORIGEM	TÍTULO DO ARTIGO
CADERNOS AMERICANOS			
1942			
CA Nº 1 JAN/FEV 1942			
	JUAN LARREA	ESPANHA	NUESTRA ALBA DE ORO
	LUIS CARDOZA Y ARAGÓN	GUATEMALA	FLOR Y MISTERIO DE LA DANZA
	JOAQUÍN XIRAU	ESPANHA	HUMANISMO ESPAÑOL
	PEDRO BOSCH-GIMPERA	ESPANHA	DEMOCRACIA Y TOTALITARISMO EN LA HISTORIA
	SEM REFERENCIA NO TEXTO		CONFERÊNCIA DE HABANA
	JOSÉ MEDINA ECHAVARRIA	ESPANHA	CUERPO DE DESTINO
	EUGENIO IMAZ	ESPANHA	TEMPO DE HABLAR
	MANUEL J. SIERRA	MEXICO	DE MONROE A ROOSEVELT “LA POLÍTICA DEL BUEN VECINO”
	JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	LO HUMANO PROBLEMA ESENCIAL
	MIGUEL OTHÓN DE MENDIZÁBAL	MEXICO	LA EVOLUCION DE LAS CULTURAS INDIGENAS DE MÉXICO Y LA DIVISION DEL TRABAJO
CA Nº 2 MAR/ABR 1942			
	ALFONSO REYES	MEXICO	AMÉRICA Y LOS CUADERNOS AMERICANOS
CA Nº 3 MAI/JUN 1942			
	EDITORIAL CUADERNOS AMERICANOS		CONOCIMIENTO DE AMERICA
	FRANCISCO MONTERDE	MEXICO	NUEVA SALIDA DE ARIEL
	LEON FELIPE	ESPANHA	TAL VEZ ME LLAME JONAS
	ERMILIO ABREU GOMEZ	MEXICO	MIRADOR INDIO
	JOSÉ LUIS MARTINEZ	MEXICO	AMÉRICA Y EL TESTAMENTO DE ZWEIG
	F. CARMONA NENCLARES	ESPANHA	HISPANISMO E HISPANIDAD
	RAMÓN IGLESIA	ESPANHA	COMEDIA DE EQUIVOCACIONES
	WALDO FRANK	EUA	LOS DOS MÉDIOS MUNDOS AMERICANOS
	LEOPOLDO ZEA	MEXICO	EN TORNO A UNA FILOSOFIA AMERICANA
CA Nº 4 JUL/AGO 1942			
	MANUEL AVILA CAMACHO	MEXICO	MÉXICO EN GUERRA
	GUILLERMO DE TORRE	ESPANHA	SOBRE UMA DESERCION
	JOSÉ GAOS	ESPANHA	LOCALIZACIÓN HISTÓRICA DEL PENSAMIENTO HISPANOAMERICANO
	JUAN LARREA	ESPANHA	VATICINIO DE RUBEN DARIO
CA Nº 5 SET/OUT 1942			
	F. CARMONA NENCLARES	ESPANHA	LA “ARIANZACION” DE LOS IBEROS O LA PREHISTORIA DEL FRANQUISMO
	NATALICIO GONZALEZ	PARAGUAI	BASES Y TENDENCIAS DE LA CULTURA PARAGUAYA
CA Nº 6 NOV/DEZ 1942			

CADERNOS AMERICANOS
1942**CA Nº 6 NOV/DEZ 1942**

JUAN LARREA	ESPAÑA	HACIA UNA DEFINICIÓN DE AMÉRICA DOS CARTAS
JOSÉ IGNACIO MANTECON	ESPAÑA	DOCE DE OCTUBRE Y NUBLADO FRANCO CONTESTA A ROOSEVELT
SALOMÓN DE LA SELVA	NICARAGUA	LA UNIÓN DE LAS AMÉRICAS
PEDRO BOSCH-GIMPERA	ESPAÑA	RECTIFICACIÓN
JOSÉ GAOS	ESPAÑA	CARACTERIZACIÓN FORMAL Y MATERIAL DEL PENSAMIENTO HISPANOAMERICANO
JOSÉ E. ITURRIAGA	MEXICO	HACIA UNA DEFINICIÓN DE AMÉRICA DOS CARTAS

1943**CA Nº 1 JAN/FEV 1943**

JORGE CARRERA ANDRADE	EQUADOR	EL AMERICANO NUEVO Y SU ACTITUD POETICA
VÍCTOR RAÚL HAYA DE LA TORRE	PERU	¿HAY QUE GANAR LA GUERRA POR LA DEMOCRACIA AUN EM ALIANZA Y COMPROMISO COM LOS ENEMIGOS DE LA DEMOCRACIA?
MARIANO PICON-SALAS	VENEZUELA	SENTIDO DE LA BUENA VECINDAD
WALDO FRANK	EUA	PROPUESTA A PARAGUAY Y A BOLIVIA
PEDRO BOSCH-GIMPERA	ESPAÑA	PARA LA COMPRESION DE ESPAÑA
EMMANUEL PALACIOS	MEXICO	MEDITACION SOBRE EL ALMA INDIGENA
JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	LAS DEMOCRACIAS Y ESPAÑA

CA Nº 2 MAR/ABR 1943

ALFONSO REYES	MEXICO	POSICION DE AMERICA

CA Nº 2 MAR/ABR1943

ANTONIO CASTRO LEAL	MEXICO	AMERICA, NUEVA Y ULTIMA TULE
JOSÉ GAOS	ESPAÑA	SIGNIFICACION FILOSOFICA DEL PENSAMIENTO HISPANOAMERICANO
ALICIA RUHLE GERSTEL	ALEMANHA	PROBLEMAS DE LA DEMOCRACIA
GUILLERMO DE TORRE	ESPAÑA	UNAMUNO Y ORTEGA

CA Nº 3 MAI/JUN 1943

JOSÉ PUCHE	ESPAÑA	LA CIENCIA Y LA ORDENACION DEL MUNDO
JORGE GONZALEZ DURAN		¿HEROES MAYAS?
MARIANO PICON-SALAS	VENEZUELA	BARROCO DE INDIAS
LEOPOLDO ZEA	MEXICO	LAS TRETAS DE LA HISTORIA
JORGE A. VIVÓ	MEXICO	RASGOS TRIBALES Y NACIONALES DEL PROBLEMA INDIGENA
PEDRO COMAS CALVET	ESPAÑA	EL INDIO AMERICANO SU CONDICIÓN JURÍDICA EN LAS CONSTITUCIONES DE COLOMBIA
JOSÉ E. ITURRIAGA	MEXICO	COMTE Y EL PROFIRISMO

CADERNOS AMERICANOS
1943**CA Nº 3 MAI/JUN 1943**

JOSÉ IGNACIO MANTECON	ESPANHA	NO HAY BIEN COMO EL DE LA VISTA
JAVIER MARQUEZ		SOLIDARIDAD CONTINENTAL
ANGEL OSSORIO	ESPANHA	LA TRAHISON DES CLERCS
ALBERTO ZUM FELDE	URUGUAI	LA TRAGEDIA DEL INDIO EN SURAMERICA

CA Nº 4 JUL/AGO 1943

RAFAEL HELIODORO VALLE	HONDURAS	EL QUETZAL, AVE RARA
JULIO TORRI	MEXICO	UNA NOTA SOBRE GALDOS
FRANCISCO GINER DE LOS RIOS	ESPANHA	LA ACTUAL POESIA ESPAÑOLA
ALFONSO REYES	MEXICO	SOBRE GALDÓS
FRANCISCO AYALA	ESPANHA	LA COYUNTURA HISPANICA
LUIS ALBERTO SANCHEZ	PERU	ANVERSO Y REVERSO DE LOS ESTADOS UNIDOS
VÍCTOR RAÚL HAYA DE LA TORRE	PERU	INTERVENCION E IMPERIALISMO.
BARTON PERRY	EUA	¿PARA QUE LUCHAMOS?
JOAQUÍN XIRAU	ESPANHA	DE FILOLOGÍA HISTÓRICA

CA Nº 5 SET/OUT 1943

WALTER PACH	EUA	ARTE MEDIEVAL AMERICANO
PEDRO DE ALBA	MEXICO	TONO Y RUTA DE LA POESIA MEXICANA
ANTONIO CASTRO LEAL	MEXICO	GUILLERMO VALENCIA HA MUERTO
MARIANO RUIZ-FUNES	ESPANHA	A MARCHA SOBRE EUROPA
AGUSTÍN MILLARES CARLO	ESPANHA	LA “NOCHE TRISTE”
JOSÉ FERRATER MORA	ESPANHA	VICO Y LA HISTORIA RENACIENTE
J. M. MIQUEL I VERGÉS	ESPANHA	ASPECTOS DE LAS ANDANZAS DEL PADRE MIER UNA RECTIFICACION HISTORICA
EUGENIO IMAZ	ESPANHA	FILOSOFOS Y MORALISTAS
JOSÉ GAOS	ESPANHA	RENDICION DE ESPIRITU
ENRIQUE DIEZ CANEDO	ESPANHA	WALDO FRANK, MENSAJERO DE AMERICA
VÍCTOR RAÚL HAYA DE LA TORRE	PERU	EL “ROMPAN FILAS” DE LA TERCERA INTERNACIONAL
JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	LA REVOLUCION MEXICANA EN CRISIS
AGUSTÍN YAÑEZ	MEXICO	TRAZA DE LA NOVELA GALDOSIANA [CENTENÁRIO DE GAÓS]
LEOPOLDO ZEA	MEXICO	LA FILOSOFIA EN MEXICO

CA Nº 6 NOV/DEZ 1943

ALFONSO REYES	MEXICO	EL HOMBRE Y SU MORADA
ANGEL DEL RIO	ESPANHA	ASPECTOS DEL PENSAMIENTO MORAL DE GALDÓS
JOSÉ MEDINA ECHAVARRIA	ESPANHA	LA POLITICA Y LA TIERRA

ANO/ REVISTA	AUTOR	PAÍS DE ORIGEM	TÍTULO DO ARTIGO
CADERNOS AMERICANOS			
1943			
CA Nº 6 NOV/DEZ 1943			
	MANUEL SANCHEZ SARTO	ESPANHA	LA POLITICA EXTERIOR DE LOS ESTADOS UNIDOS
	PAUL RIVET	FRANCA	REFLEXIONES SOBRE LA AMERICA LATINA
1944			
CA Nº 1 JAN/FEV 1944			
	WALDO FRANK	EUA	MINAS GERAES
	RODOLFO MENDEZ PEÑATE	CUBA	DEFENSA DE LA INTELIGENCIA
	JOSÉ LOPEZ PORTILLO	MEXICO	LA INCAPACIDAD DEL INDIO
	PEDRO BOSCH-GIMPERA	ESPANHA	LOS UNIVERSITARIOS ESPAÑOLES Y FRANCO
	DANIEL F. RUBIN DE LA BORBOLLA	MEXICO	LOS ORIGENES DEL HOMBRE AMERICANO SOBRE O LIBRO E PAUL RIVET LOS ORÍGENES DEL HOMBRE AMERICANO. EDICIONES CUADERNOS AMERICANOS, 5. MÉXICO, 1943.
	JOSÉ L. COSSIO		SOBRE O LIBRO E PAUL RIVET LOS ORÍGENES DEL HOMBRE AMERICANO. EDICIONES CUADERNOS AMERICANOS, 5. MÉXICO, 1943
	OSCAR MORINEAU	MEXICO	APORTACION DE LA AMERICA LATINA AL MUNDO DE LA POSTGUERRA
CA Nº 2 MAR/ABR 1944			
	ROMÁN BELTRAN		ÁFRICA EN AMERICA
	LEOPOLDO ZEA	MEXICO	LAS DOS AMERICAS
	JOSÉ CARNER	ESPANHA	EL PAN Y LA PALABRA - CELEBRAÇÃO DO SEGUNDO AÑO DE CUADERNOS AMERICANOS
	ENRIQUE CONZÁLEZ MARTÍNEZ	MEXICO	EL PAN Y LA PALABRA - CELEBRAÇÃO DO SEGUNDO AÑO DE CUADERNOS AMERICANOS
	JUAN LARREA	ESPANHA	EL PAN Y LA PALABRA - CELEBRAÇÃO DO SEGUNDO AÑO DE CUADERNOS AMERICANOS
CA Nº 3 MAI/JUN 1944			
	MARIANO PICON-SALAS	VENEZUELA	LO HISPANOAMERICANO DESDE LOS ESTADOS UNIDOS
	ENRIQUE DIEZ CANEDO	ESPANHA	MENENDEZ PELAYO Y ESPAÑA
	RAFAEL HELIODORO VALLE	HONDURAS	AMERICA LATINA EN EL MUNDO DE LA POSTGUERRA
CA Nº 4 JUL/AGO 1944			
	EDUARDO VILLASEÑOR	MEXICO	AMERICA LATINA EN LA ECONOMIA MUNDIAL
	JUAN RAMÓN JIMENEZ	ESPANHA	DIARO DE VIDA Y MUERTE
CA Nº 5 SET/OUT 1944			
	JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	CRISIS HUMANA Y POSTGUERRA (PG.1431)
	ANDRÉS IDUARTE	MEXICO	ADIOS A DON ENRIQUE DIEZCANEDO (PG. -65)
	NEWTON FREITAS	BRASIL	LOS RIOS DEL BRASIL
	SAMUEL RAMOS	MEXICO	INFLUENCIA DE LA CULTURA FRANCESA EN MEXICO (PG. 140153)

CADERNOS AMERICANOS
1944**CA Nº 5 SET/OUT 1944**

RENATO DE MENDONÇA

BRASIL

LOS TRES MAS GRANDES PROSISTAS DEL
BRASIL

SEM REFERENCIA NO TEXTO

POETAS ESPAÑOLES EN AMERICA

CA Nº 6 NOV/DEZ 1944

F. COSSIO DEL POMAR

PERU

APUNTES SOBRE EL INDIO PERUANO Y SU VIDA

GUILLERMO DE TORRE

ESPANHA

GALDOS Y EL SIGLO XIX

FREDERICO ENJUTO Y FERRAN

ESPANHA

REGIMEN COMUNAL DE LA PROPIEDAD
RUSTICA EN AMERICA SEGÚN LAS LEYES DE
INDIAS

LEOPOLDO ZEA

MEXICO

AMÉRICA COMO PROBLEMA (PG. 126130)

JOSÉ FERRATER MORA

ESPANHA

ALGUNAS CUESTIONES ESPAÑOLAS (PG 6277)

EUGENIO IMAZ

ESPANHA

MIGUEL DE UNAMUNO

FRANCISCO GINER DE LOS RIOS

ESPANHA

DE LA CONQUISTA A LA INDEPENDENCIA

1945**CA Nº 1 JAN/FEV 1945**

FRANCISCO AYALA

ESPANHA

NOSOTROS EN LA POSTGUERRA

CA Nº 2 MAR/ABR 1945

JUAN LARREA

ESPANHA

FIN DE LA GUERRA

PIERRE MABILE

FRANCA

CONJUNCION NECESARIA

MANUEL J. SIERRA

MEXICO

LA CONFERENCIA DE SECRETARIOS DE
RELACIONES CELEBRADA EN MÉXICO**CA Nº 3 MAI/JUN 1945**

JESÚS SILVA HERZOG

MEXICO

LA MUERTE DE UN HOMBRE CONTINENTAL

GILBERTO FREYRE

BRASIL

RELACION DE LA LITERATURA MODERNA DE
BRASIL CON LOS PROBLEMAS SOCIALES
BRASILEÑOS

FERNANDO ORTIZ

CUBA

MARTI Y LAS "RAZAS DE LIBRERIA"

CA Nº 4 JUL/AGO 1945

MIGUEL OTHÓN DE MENDIZÁBAL

MEXICO

LOS PROBLEMAS INDIGENAS Y SU MAS
URGENTE TRATAMIENTO

OTTO MARIA CARPÉAUX

BRASIL

NOTAS SOBRE MANUEL BANDEIRA

NEWTON FREITAS

BRASIL

ANITA GARIBALDI

GERMAN ARCINIEGAS

COLOMBIA

AMÉRICA, OBRA DEL PUEBLO

RAFAEL ALTAMIRA Y CREVEA

ESPANHA

SUPUESTA APORTACION ESPAÑOLA A LA
CULTURA ROMANA**CA Nº 5 SET/OUT 1945**

ANDRÉS SERRA ROJAS

MEXICO

TOPICOS DIVERSOS SOBRE LA CARTA
MUNDIAL DE SAN FRANCISCO

FRANCISCO GINER DE LOS RIOS

ESPANHA

RAZON DE MEXICO Y ESPAÑA

FERNANDO ORTIZ

CUBA

"RAZA", VOZ DE MALA CUNA Y DE MALA VIDA

ANO/ REVISTA	AUTOR	PAÍS DE ORIGEM	TÍTULO DO ARTIGO
CADERNOS AMERICANOS			
1945			
CA Nº 5 SET/OUT 1945			
	DIVERSOS		HOMENAGEM A SARMIENTO.
	BERNARDO ORTIZ DE MONTELLANO	MEXICO	EL ARTE DEL TOREO
CA Nº 6 NOV/DEZ 1945			
	JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	¿Y DESPUES DE LA GUERRA QUÉ?
	ANGEL OSSORIO	ESPANHA	RIVADAVIA
1946			
CA Nº 1 JAN/FEV 1946			
	CAIO PRADO JR	BRASIL	FORMACION DE LOS LIMITES MERIDIONALES DE BRASIL
	NEWTON FREITAS	BRASIL	EÇA DE QUEIROZ
	GUSTAVO POLIT	ARGENTINA	LA AMERICA LATINA ENTE EL MOMENTO ECONOMICO
	LUIS CARDOZA Y ARAGÓN	GUATEMALA	GUATEMALA LAS LÍNEAS DE SU MANO
CA Nº 2 MAR/ABR 1946			
	GUILLERMO DIAZ DOIN	ESPANHA	LA POLITICA DE NO INTERVENCION
	MANUEL MARTINEZ BÁEZ	MEXICO	COMEMORAÇÃO ANIVERSARIO DA REVISTA.
	JOSÉ MEDINA ECHAVARRIA	ESPANHA	EL HABITO Y EL MONJE
	ALFONSO CASO	MEXICO	COMEMORAÇÃO ANIVERSARIO DA REVISTA.
	JOSÉ GAOS	ESPANHA	COMEMORAÇÃO ANIVERSARIO DA REVISTA.
CA Nº 3 MAI/JUN 1946			
	JOAQUÍN XIRAU	ESPANHA	TRES ACTITUDES: PODERIO, MAGIA E INTELECTO.
	ALFONSO REYES	MEXICO	EM MEMORIA DE ANTONIO CASO
	SAMUEL RAMOS	MEXICO	LA FILOSOFIA DE ANTONIO CASO
	JOSÉ GAOS	ESPANHA	TRES NOTAS E HISTORIA DEL PENSAMIENTO HISPANOAMERICANO ANTONIO CASO
	JOSÉ FERRER	PORTO RICO	HOSTOS HUMANO
	MARIANO PICON-SALAS	VENEZUELA	EL QUIJOTE EN LA NUEVA CABALLERIA DISCURSO EN LA UNIVERSIDAD DE PUERTO RICO EN LA FIESTA DE CERVANTES Y DE LA LENGUA, 23 DE ABRIL DE 1946
	JULIO CAILLET-BOIS	NÃO SEI	HISTORIA DE LA CULTURA HISPANOAMERICANA
CA Nº 4 JUL/AGO 1946			
	MARIANO RUIZ-FUNES	ESPANHA	FRANCO, HIJO PREDILECTO DE LA IGLESIA
	JUAN HERNÁNDEZ LUNA	NÃO SEI	LA HISPANIDAD DE JOAQUIN XIRAU
	EZEQUIEL MARTINEZ ESTRADA	ARGENTINA	SARMIENTO Y MARTI
CA Nº 5 SET/OUT 1946			
	GUSTAVO POLIT	ARGENTINA	VARIACIONES SOBRE EL TEMA DE LA BUENA VECINDAD

CADERNOS AMERICANOS
1946**CA Nº 5 SET/OUT 1946**

JOSÉ GAOS

ESPANHA

LA PROFECIA EN ORTEGA

J.B. TREND

INGLATERRA

LAS MOCEDADES DE BOLÍVAR

PEDRO COMAS CALVET

ESPANHA

ACCION TUTELAR DE LA PREPUBLICA DE COLOMBIA SOBRE SU POBLACION INDIGENA

CA Nº 6 NOV/DEZ 1946

URIEL GARCIA

PERUANO

PUEBLOS NEOINDIGENAS – UN MERCADO DE ABASTOS

JESÚS SILVA HERZOG

MEXICO

LAS NACIONES UNIDAS E FRANCO

JOSÉ GAOS

ESPANHA

LA PROFECIA EN ORTEGA (II)

OTTO MARIA CARPÉAUX

BRASIL

ESTUDIO SOBRE LA POESIA BRASILEÑA

1947**CA Nº 1 JAN/FEV 1947**

GUSTAVO POLIT

ARGENTINA

LOS MINERALES Y LA INDUSTRIALIZACION

EDMUNDO O’GORMAN

MEXICO

CARTA SOBRE LOS NORTEAMERICANOS

JULIO LE RIVEREND

CUBA

UM EPISODIO DE LA HISTORIA DE AFROAMERICA

CA Nº 2 MAR/ABR 1947

JOSÉ GAOS

ESPANHA

LA PROFECIA EN ORTEGA (III, CONCLUSIÓN)

JULIO CAILLET-BOIS

NÃO SEI

LA POBLACION INDIGENA

DARDO CUNEO

ARGENTINA

EL REALISMO IMAGINERO

AGUSTÍN YAÑEZ

MEXICO

EN EL V ANIVERSARIO DE CUADERNOS AMERICANOS

CA Nº 3 MAI/JUN 1947

LUIZ HEITOR CORREA DE AZEVEDO

BRASIL

LA MUSICA EN EL BRASIL

CA Nº 4 JUL/AGO 1947

FLORENTINO M. TORNER

ARTE PURO Y ESTETICA IMPURA

JUSTO CABALLERO

ESPANHA

LA LIBERTAD, TRADICIÓN ESPAÑOLA

CA Nº 5 SET/OUT 1947

MARIANO PICON-SALAS

VENEZUELA

MESA RODANTE-IMPERIALISMO Y BUENA VECINDAD

FRANCISCO AYALA

ESPANHA

NOTA SOBRE LA CREACION DEL QUIJOTE

JOSÉ GAOS

ESPANHA

APORTACIONES A LA HISTORIA DEL PENSAMIENTO IBERO-AMERICANO

HANNA LEVY

ALEMANHA

PROBLEMAS EN TORNO A LA HISTORIA DEL ARTE BRASILEÑO

EDUARDO NICOL

ESPANHA

CONCIENCIA DE ESPAÑA

RAMÓN IGLESIA

ESPANHA

EL REACCIONARISMO DE LA GENERACION DEL 98

DANIEL COSIO VELLEGAS

MEXICO

MESA RODANTE-IMPERIALISMO Y BUENA VECINDAD

ANO/ REVISTA	AUTOR	PAÍS DE ORIGEM	TÍTULO DO ARTIGO
CADERNOS AMERICANOS			
1947			
CA Nº 5 SET/OUT 1947			
	EZEQUIEL MARTINEZ ESTRADA	ARGENTINA	MESA RODANTE-IMPERIALISMO Y BUENA VECINDAD
	WALDO FRANK	EUA	MESA RODANTE-IMPERIALISMO Y BUENA VECINDAD
	JOAQUÍN GARCÍA MONGE	COSTA RICA	MESA RODANTE-IMPERIALISMO Y BUENA VECINDAD
	JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	MESA RODANTE-IMPERIALISMO Y BUENA VECINDAD
	FERNANDO ORTIZ	CUBA	MESA RODANTE-IMPERIALISMO Y BUENA VECINDAD
CA Nº 6 NOV/DEZ 1947			
	ALFONSO REYES	MEXICO	DE UM AUTOR CENSURADO EM EL “QUIJOTE” (TORQUEMADA)
1948			
CA Nº 1 JAN/FEV 1948			
	JORGE CARRION	ESPANHA	EFFECTOS PSICOLOGICOS DE LA GUERRA DE 47 EN EL HOMBRE DE MEXICO
	LUIS NICOLAU D’OLWER	ESPANHA	AMÉRICA EM LA OBRA DE CERVANTES
	JEAN CAMP	FRANCA	LA CASA DEL CABALLERO LOCO
	ROBERTO IBAÑEZ	URUGUAI	AMERICANISMO Y MODERNISMO
	DANIEL COSIO VELLEGAS	MEXICO	RUSIA, ESTADOS UNIDOS Y LA AMERICA HISPANICA
CA Nº 2 MAR/ABR 1948			
	ANTONIO ALATORRE	MEXICO	MUSICA POPULAR DEL BRASIL
CA Nº 3 MAI/JUN 1948			
	LEOPOLDO ZEA	MEXICO	NORTEAMERICA EM LA CONCIENCIA HISPANOAMERICANA
CA Nº 4 JUL/AGO 1948			
	ARTURO USLAR-PIETRI	VENEZUELA	BOLIVAR
	JUAN LOPEZ-MORILLAS	ESPANHA	UNAMUNO Y SUS CRIATURAS: “ANTOLIN S. PAPARRIGOPULOS”
	PEDRO BOSCH-GIMPERA	ESPANHA	CERVANTES Y UN MOMENTO CRUCIAL DE LA HISTORIA DE ESPAÑA
	MANUEL MORENO SÁNCHEZ	MEXICO	EL IMPERIALISMO EN AMERICA LATINA
1949			
CA Nº 2 MAR/ABR 1949			
	FERNANDO ROMERO	PERU	LOS NEGROS QUE YO VI
	FRANCISCO GINER DE LOS RIOS	ESPANHA	SEPTIMO ANIVERSARIO
	JOSÉ LUIS MARTINEZ	MEXICO	SEPTIMO ANIVERSARIO
	MANUEL SANDOVAL VALLARTA	MEXICO	SEPTIMO ANIVERSARIO
	JULIA RODRIGUEZ TOMEU	CUBA	CUENTOS NEGROS DE CUBA

ANO/ REVISTA	AUTOR	PAÍS DE ORIGEM	TÍTULO DO ARTIGO
CADERNOS AMERICANOS			
1949			
CA Nº 2 MAR/ABR 1949	DANIEL COSIO VELLEGAS	MEXICO	LOS PROBLEMAS DE AMERICA
CA Nº 4 JUL/AGO 1949	MARIANO PICON-SALAS	VENEZUELA	“MADRE PATRIA” Y “PADASTRO PATRIA”
CA Nº 5 SET/OUT 1949	GERMAN ARCINIEGAS	COLOMBIA	EL 12 DE OCTUBRE, O EL GRAN DISPARATE
	OCTAVIO PAZ	MEXICO	EL LABIRINTO DE LA SOLEDAD
	VÍCTOR MASSUH	ARGENTINA	AMERICA, PROFECIA Y CONOCIMIENTO
CA Nº 6 NOV/DEZ 1949	JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	INTERPRETACION DEL DRAMA CONTEMPORANEO
	LIDIA BAROUCHET		LA LITERATURA BRASILEÑA Y EL MOVIMIENTO MODERNISTA
1950			
CA Nº 1 JAN/FEV 1950	ENRIQUE BELTRAN	MEXICO	EL SUICIDIO DEL CONTINENTE
	OCTAVIO PAZ	MEXICO	LABERINTO DE LA SOLEDAD – II – MASCARAS MEXICANAS
CA Nº 2 MAR/ABR 1950	JOSÉ E. ITURRIAGA	MEXICO	OCTAVO ANIVERSARIO
	ANDRÉS ELOY BLANCO	VENEZUELA	OCTAVO ANIVERSARIO
	LUIS E. SANTULLANO	ESPAÑA	OCTAVO ANIVERSARIO
	URIEL GARCIA	PERUANO	PROBLEMAS DE SOCIOLOGIA PERUANA
CA Nº 3 MAI/JUN 1950	TOMÁS CORDOBA SANDOVAL	ARGENTINA	EL LABERINTO DE LA SOLEDAD
	JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	¿LOS ESTADOS UNIDOS O LA UNION SOVIETICA?
CA Nº 4 JUL/AGO 1950	JULIO YCAZA TIGERINO	NICARAGUA	EUROPA E HISPANOAMERICA
	ANDRÉS ELOY BLANCO	VENEZUELA	LA CONFERENCIA DE LA HABANA
	FERNANDO ORTIZ	CUBA	LA “TRAGEDIA” DE LOS ÑÁÑIGOS
CA Nº 5 SET/OUT 1950	LUIS ALBERTO SANCHEZ	PERU	EL CASO DRAMÁTICO DE LA AMERICA HISPANICA
CA Nº 6 NOV/DEZ 1950	JUAN COMAS	ESPAÑA	PANORAMA CONTINENTAL DEL INDIGENISMO
1951			
CA Nº 1 JAN/FEV 1951	JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	TRES COMENTARIOS BREVES
CA Nº 2 MAR/ABR 1951			

ANO/ REVISTA	AUTOR	PAÍS DE ORIGEM	TÍTULO DO ARTIGO
CADERNOS AMERICANOS			
1951			
CA Nº 2 MAR/ABR 1951			
	LUIS ALBERTO SANCHEZ	PERU	TAMBIEN TENEMOS DERECHO
	LEOPOLDO ZEA	MEXICO	NOVENO ANIVERSARIO
	MARIO MONTEFORTE TOLEDO		NOVENO ANIVERSARIO
	MANUEL SANCHEZ SARTO	ESPAÑA	NOVENO ANIVERSARIO
CA Nº 3 MAI/JUN 1951			
	LEOPOLDO ZEA	MEXICO	DIALECTICA DE PA CONCIENCIA EN MÉXICO
	SAMUEL RAMOS	MEXICO	EN TORNO A LAS IDEAS SOBRE EL MEXICANO
	JESÚS SILVA HERZOG	MEXICO	MI CUARTO A ESPADAS
	LUIS CARDOZA Y ARAGÓN	GUATEMALA	SU SIGNIFICACION PARA LA AMERICA LATINA
	MANUEL GONZALEZ RAMIREZ		ANTECEDENTES Y CONCLUSIONES
			CONCLUSIONES ANTECEDENTES Y CONCLUSIONES
	EMILIO URANGA		NOTAS PARA UN ESTUDIO DEL MEXICANO
CA Nº 4 JUL/AGO 1951			
	MARIANO PICON-SALAS	VENEZUELA	AMERICAS DESAVENIDAS
	MARIO A. PUGA		EL INDIO Y LA COCA
	ROBERT E. OSBORNE		LA LITERATURA HISOPANOAMERICANA EN ESPAÑA
CA Nº 5 SET/OUT 1951			
	MAX AUB	ESPAÑA	BASES NORTEAMERICANAS EN ESPAÑA
CA Nº 6 NOV/DEZ 1951			
	JEAN CASSOU		RECORDACION DE UNA EPOPEYA
	TOMÁS CORDOBA SANDOVAL	ARGENTINA	INDIOS, CRIOLLOS Y MESTIZOS
	J. NATALICIO GONZALEZ		AMERICA EN EL MUNDO DE AYER Y DE HOY
1952			
CA Nº 1 JAN/FEV 1952			
	LUIS VILLORO		RAIZ DEL INDIGENISMO EN MEXICO
CA Nº 2 MAR/ABR 1952			
	SILVIO ZAVALA		EL INSTITUTO PANAMERICANO DE GEOGRAFIA E HISTORIA
	GERMAN ARCINIEGAS	COLOMBIA	AMÉRICA DESCUADERNADA
	MARGARITA NELKEN		REVERSO Y ANVERSO DE LA MEDALLA DE ESPAÑA
CA Nº 4 JUL/AGO 1952			
	GERMAN ARCINIEGAS	COLOMBIA	BRASIL – UN CONTINENTE DENTRO DEL CONTINENTE
CA Nº 5 SET/OUT 1952			
	ALVARO FERNANDEZ SUAREZ		EXPECTATIVA Y FUTURO DE UM CONTINENTE SONAMBULO

ANO/ REVISTA	AUTOR	PAÍS DE ORIGEM	TÍTULO DO ARTIGO
CADERNOS AMERICANOS			
1952			
CA Nº 6 NOV/DEZ 1952			
	RAFAEL HELIODORO VALLE	HONDURAS	EL ESPAÑOL DE LA AMERICA ESPAÑOLA
1953			
CA Nº 1 JAN/FEV 1953			
	MANUEL J. SIERRA	MEXICO	UNIDAD INTERAMERICANA
	MARIANO RUIZ-FUNES	ESPAÑA	FALANGE EN LA UNESCO
CA Nº 2 MAR/ABR 1953			
	ARTURO ARNÁIZ Y FREG	MEXICO	DISCURSOS DE ANIVERSARIO
	MAX AUB	ESPAÑA	DISCURSOS DE ANIVERSARIO
	GIL COIMBRA	BOLIVIA	DISCURSOS DE ANIVERSARIO
CA Nº 3 MAI/JUN 1953			
	JUAN CUATRECASAS	ESPAÑA	LA UNESCO EN ESPAÑA
	FRANCISCO CUEVAS CANCINO		FRANKLIN DELANO ROOSEVELT EL HOMBRE
CA Nº 4 JUL/AGO 1953			
	T. E. ALVAREZ		EL DRAMA DE LA AMERICA LATINA
CA Nº 5 SET/OUT 1953			
	RÓMULO BETANCURT		LA OPINION CONTINENTAL FRENTE A LA X CONFERENCIA INTERAMERICANA
	ARTURO TORRES RIOSECO		GRACILIANO RAMOS
CA Nº 6 NOV/DEZ 1953			
	RAFAEL HELIODORO VALLE	HONDURAS	LA UNIDAD INTERAMERICANA
	ANTONIO ALATORRE	MEXICO	GRAÇA ARANHA, NOVELISTA Y PENSADOR
1954			
CA Nº 1 JAN/FEV 1954			
	MAX AUB	ESPAÑA	POESIA ESPAÑOLA CONTEMPORANEA
CA Nº 2 MAR/ABR 1954			
	OCTAVIO PAZ	MEXICO	ANIVERSARIO DE LA REVISTA
	JESÚS DE GALINDEZ		REVOLUCION SOCIO-ECONÓMICA EN IBEROAMÉRICA
	ROBERT G. MEAD, JR		MEDITACIÓN SOBRE LA LIBERTAD INTELCTUAL EN EL MUNDO HISPÁNICO
	RUBÉN LANDA	ESPAÑA	ANIVERSARIO DE LA REVISTA
	LUIS CARDOZA Y ARAGÓN	GUATEMALA	ANIVERSARIO DE LA REVISTA
CA Nº 3 MAI/JUN 1954			
	ISIDRO FABELA		LA CONFERENCIA DE CARACAS Y LA ACTITUD ANTICOMUNISTA DE MÉXICO
CA Nº 4 JUL/AGO 1954			
	GUMERSINDO SÁNCHEZ GISANDO	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELCTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN

CADERNOS AMERICANOS
1954**CA Nº 4 JUL/AGO 1954**

JOSÉ ROVIRA ARMENGOL	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
GORI MAÑÓZ	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
GERARDO RIBAS	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
VALENTÍN DE PEDRO	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
JUAN CUATRECASAS	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
ALEJANDRO CASONA	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
EDUARDO BLANCO AMOR	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
FRANCISCO VERA	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
EDUARDO ZAMACOIS	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
CLEMENTE CIMORRA	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN
CLAUDIO SÁNCHEZ ALBORNOZ	ESPAÑA	RESPUESTA DE INTELLECTUALES ESPAÑOLES EN LA EMIGRACIÓN A JOSÉ LUIS L. ARANGUREN

CA Nº 5 SET/OUT 1954

DOMINGO ALBERTO RANGEL		UMA INTERPRETACIÓN DE LAS DICTADURAS LATINOAMERICANAS

1955**CA Nº 1 JAN/FEV 1955**

ISIDRO FABELA		LOS ESTADOS UNIDOS Y LA AMÉRICA LATINA
LEOPOLDO ZEA	MEXICO	¿ BONDAD NORTEAMERICANA E INGRATITUD MUNDIAL?

CA Nº 2 MAR/ABR 1955

ANTONIO GARCIA		HACIA UNA TEORÍA DE LOS PAÍSES ATRASADOS
RAMÓN XIRAU	ESPAÑA	ANIVERSARIO DE LA REVISTA
RAÚL ROA	CUBA	ANIVERSARIO DE LA REVISTA

CADERNOS AMERICANOS
1955**CA Nº 2 MAR/ABR 1955**

ANTENOR ORREGO

LA CIRCUNSTANCIA DE LA CULTURA AMERICANA – PENSAMIENTO INTEMPORAL Y PENSAMIENTO HISTÓRICO

CAMPIO CARPIO

PERFIL Y DRAMA DE JORGE DE LIMA

PABLO GONZÁLEZ CASANOVA

MEXICO

ANIVERSARIO DE LA REVISTA

CA Nº 3 MAI/JUN 1955

FERNANDO ORTIZ

CUBA

LA GUITARRA Y LOS NEGROS

ALFREDO GALLETI

SEIS NOTAS SOBRE LA CRISIS

JUAN CUATRECASAS

ESPANHA

¿ QUE HA HECHO LA UNESCO EN ESPAÑA?

CA Nº 4 JUL/AGO 1955

ALFREDO L. PALACIOS

BOLÍVAR Y ALBERDI – COMUNIDAD REGIONAL IREBOAMERICANA

CA Nº 5 SET/OUT 1955

JOSUÉ DE CASTRO

CRISIS SOCIAL Y DESEQUILIBRIO ECONÓMICO DEL MUNDO

JOSÉ FERRER

PORTO RICO

UNA DECISIÓN JURÍDICA (LA CUESTIÓN RACIAL EN LA ESCUELA NORTEAMERICANA)

CA Nº 6 NOV/DEZ 1955

ANTENOR ORREGO

LA CONFIGURACIÓN HISTÓRICA DE LA CIRCUNSTANCIA AMERICANA
EL SENTIDO DE UNIDAD EN AMÉRICA COMO EMOCIÓN METAFÍSICA Y COMO TRAYECTORIA VITAL DEL HOMBRE CONTEMPORÁNEO**CADERNOS HISPANO-AMERICANOS****1948****CH Nº 2 MAR/ABR 1948**

FEDERICO SUAREZ VERDEGUER

EL CONCEPTO CONTEMPORANEO DE ESPAÑA

JULIO YCAZA TIGERINO

NICARAGUA

HISPANOAMERICA TRIUNFA EN BOGOTA

JUAN ZOCCHI

ARGENTINA

LA EXPOSICION DEL ARTE ESPANOL CONTEMPORANEO EN BUENOS AIRES

JULIO YCAZA TIGERINO

NICARAGUA

LA VERDADERA EMANCIPACION DE LA AMERICA HISPANA

HECTOR SAENZ QUESADA

ARGENTINA

IDEAS POLÍTICAS DEL GENERAL SAN MARTIN

HONORIO DELGADO

PERUANO

FUNDAMENTOS ONTOLOGICOS DE NUESTRA UNIDAD CULTURAL

SEM ASSINATURA

MÉXICO Y ESPAÑA

EDITORIAL CUADERNOS HISPANOAMERICANOS

VIEJA EUROPA JOVEM AMERICA

CH Nº 3 MAI/JUN 1948

EDUARDO CABALLERO CALDERÓN

COLOMBIA

LO QUE HISPANOAMERICA REPRESENTA EN EL MUNDO CONTEMPORANEO

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1948

CH Nº 3 MAI/JUN 1948

PEDRO LAIN ENTRALGO	ESPAÑA	HISPANIDAD Y MODERNIDAD : DIALOGOS DEL ALMA CONSIGO MISMA
OSVALDO LIRA PEREZ	CHILE	VISION DE ESPAÑA
JULIO YCAZA TIGERINO	NICARAGUA	ESPAÑA, EN EL PLAN MARSHALL Y EL BLOQUE OCCIDENTAL
EDITORIAL CUADERNOS HISPANOAMERICANOS		MAS SOBRE EUROPA Y AMERICA
JOSE MARIA DE AREILZA		EL PROTOCOLO FRANCO-PERON
MANUEL MORENO FRAGINALS		EL PROBLEMA NEGRO EM LA POESIA CUBANA

CH Nº 4 JUL/AGO 1948

JULIO YCAZA TIGERINO	NICARAGUA	JULES ROMAINS DA UNA LECCION DE HISPANIDAD
ENRIQUE BLANCO LOIZELIER		LA POBLACION EM EL FUTURO DE LAS AREAS HISPANO-AMERICANA, ANGLO-SAJONA Y RUSO-ESLAVA
ANGEL ALVAREZ DE MIRANDA		EN TORNO A UNA VISION DE ESPAÑA DESDE EL EXILIO
SEM ASSINATURA		JULES ROMAINS DA UMA LECCION DE HISPANIDAD
ANTONIO MONTARCÉ LASTRA		EL FONDO ESPAÑOL DE LO GAUCHESCO

CH Nº 5/6 SET/DEZ 1948

RODOLFO GIL BENUMEYA		HISPANIDAD Y ARABIDAD
J.M.R.B		EL COMUNISMO EN LA AMERICA HISPANA
PEDRO LAIN ENTRALGO	ESPAÑA	EL ESPIRITU DE LA POESIA ESPAÑOLA CONTEMPORANEA
SÁNCHEZ MONTES		EM TORNO A LA HISPANIDAD
		EL CONGRESSO INDIGENISTA DE CUZCO
CONSTANTINO LÁSCARIS-COMNENO		GANIVET, CARA A LA HISPANIDAD

1949

CH Nº 10 JUL/AGO 1949

LUIS ROSALES		POEMAS E DOS DIBUJOS INÉDITOS
GREGORIO PRIETO		HISTORIA DE UN LIBRO
RAMON DE GARCIASOL		ORTEGA Y GASSET, ESPAÑOL UNIVERSAL
JOSÉ MARIA VALVERDE		EXULES FILII HISPANIAE

CH Nº 7 JAN/FEV 1949

JOAQUIN E. THOMAS		ESTIRPE DE LA HISPANIDAD
ENRIQUE CASAMYOR		ESPAÑA EN EL "NEW YORK TIMES"
GEORGE USCATESCU		RECUPERACION DE LOS VALORES POLITICOS EUROPEOS
T.D.F.		EL INSTITUTO DE HUMANIDADES DE ORTEGA Y GASSET

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1949

CH Nº 7 JAN/FEV 1949

PEDRO LAIN ENTRALGO

ESPANHA

REFLEXIONES EM TORNO A NUESTRA
SITUACION INTELECTUAL

CH Nº 8 MAR/ABR 1949

JOSE MARIA GARCIA ESCUDERO

CRONICA POLITICA

SALOMÓN DE LA SELVA

NICARAGUA

LA HISPANIDAD VISTA POR LOS ITALIANOS

EUGENIO D'ORS

LA UNIDAD DE EUROPA Y LA TRADICION DE
LOS CONGRESOS CIENTIFICOS

SEM ASSINATURA

LA HISPANIDAD, VISTA POR LOS ITALIANOS

MANUEL RIERA

A LA ESCALA DEL MUNDO

OSVALDO LIRA PEREZ

CHILE

HISPANIDAD Y MESTIZAJE

CH Nº 9 MAI/JUN 1949

FELIPE PARDI±AS ILLANES

MEXICO

CARTA DE MÉXICO

FRANCISCO DE COSSIO

ESPANHA

IMPRESIONES DE MI VIAJE A CUBA

1950

CH Nº 13 JAN/FEV1950

A. ALVAREZ DE MIRANDA

EL PENSAMIENTO DE UNAMUNO SOBRE
HISPANOAMÉRICA

CH Nº 14 MAR/ABR 1950

FRANCISCO GIL TOVAR

HISPANOAMERICA ANTE EL COMUNISMO

MANUEL FRAGA IRIBARNE

ESPANHA

RAZAS Y RACISMO

JAIME DELGADO

ALGO SOBRE "AMERICA LATINA"

GABRIEL CUEVAS

CHILE

VISION DE SURAMERICA

RENATO DE MENDONÇA

BRASIL

ESTÉTICA DE LA VIDA. LAS CONCEPCIONES
ESTETICAS DE GRALA ARANHA

CH Nº 15 MAI/JUN 1950

PEDRO LAIN ENTRALGO

ESPANHA

SOBRE EL SER DE ESPAÑA

ANDRÉ SIEGFRIED

PANORAMA DEL CONTINENTE

CH Nº 16 JUL/AGO 1950

EDMUNDO MEOUCHI

MEXICO

NUESTROS HEROES MEXICAOS Y NOSOTROS

VICENTE PALACIO ATARD

EL PROBLEMA DE ESPAÑA Y LA HISTORIA

JAIME DELGADO

DOS IDEAS DEL LIBERTADOR SAN MARTÍ

E.C. PP

LITERATURA BRASILEÑA

CH Nº 17 SET/OUT 1950

FERNANDO MURILLO RUBIERA

TRES TEMAS EM UM LIBRO DE LAIN

BARTOLOME MOSTAZA

RUSIA FRENTE AL AHORA DEL MUNDO

EDMUNDO MEOUCHI

MEXICO

ULTIMA HORA DE LA HISPANIDAD

LUIS ROSALES

ANTE UMA ESTETICA VITAL –
CONSIDERACIONES SOBRE EL ULTIMO LIBRO
DE ORTEGA

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1950

CH Nº 18 NOV/DEZ 1950

MANUEL FRAGA IRIBARNE

ESPANHA

BOLÍVAR Y LA IDEAL FEDERAL

ANTONIO TOVAR

ANTONIO TOVAR: IDEA DE AMÉRICA

PEDRO LAIN ENTRALGO

ESPANHA

BIZANTINISMO EUROPEO Y BIZANTINISMO AMERICANO

ENRIQUE CASAMYOR

TRES POETAS DEL BRASIL

1951

CH Nº 19 JAN/FEV 1951

LUIS CALDERON VEGA

40 AÑOS DE REVOLUCIONA MEXICANA (1910-1950)

SEM ASSINATURA

LATINOAMERICA? ¿IBEROAMERICA?
¿HISPANOAMERICA?

LO QUE EL VIENTO SE LLEVO

SALVADOR LISSARRAGUE NOVOA

CRISTIANISMO Y CULTURA EUROPEA

MANUEL FRAGA IRIBARNE

ESPANHA

EL PROBLEMA POLITICO DE NUESTRO TIEMPO

ARMANDO ROA

CHILE

ESPAÑA Y AMÉRICA

CH Nº 20 MAR/ABR 1951

MARIO AMADEO

BASES PARA UMA POLITICA
HISPANOAMERICANA

L. G. A.

LOS DERECHOS ARGENTINOS SOBRE LAS
MALVINAS

MELCHOR FERNANDEZ ALMAGRO

ALFONSO REYES Y SU “TERTULIA DE MADRID”

ANTONIO MACHADO

DIVAGACIONES SOBRE LA CULTURA

SEM ASSINATURA

DECLARACIÓN DE SALTA

A. L. C.

EL INTELLECTUAL Y SU MISION

PP. AZULES

DECLARACIÓN DE SALTA

CH Nº 21 MAI/JUN 1951

RICARDO KREBS

CHILE

REFLEXIONES SOBRE LA CULTURA
HISPANOAMERICANA

JOSE LUIS L. ARANGUREN

PENSAMIENTO CATOLICO EN ESPAÑA

ANTONIO MILLAN PUELLES

PROBLEMA Y MISION DE EUROPA

A. A. LAGO CARBALLO

NOTAS A LA IV REUNION DE CANCELLERES EM
WASHINGTON

JOSE LUIS L. ARANGUREN

PEQUEÑA CRITICA DE NUESTRAS REVISTAS

CH Nº 22 JUL/AGO 1951

ADOLFO FOJO COLMEIRO

HERMANA ESPAÑA

CH Nº 23 SET/OUT 1951

CAMILO BARCIA TRELLES

POLITICA EXTERIOR DE PORTUGAL – EM EL 25º
ANIVERSARIO DE SU NUEVO RÉGIMEN

JOSÉ MARIA GONZALEZ-ESTEFANI

NOTAS EM TORNO AL PROBLEMA DE AMERICA

CH Nº 24 NOV/DEZ 1951

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1951

CH Nº 24 NOV/DEZ 1951

CARLOS ROBLES PIQUER

UMA VISION MARXISTA DE HISPANOAMERICA

1952

CH Nº 25 JAN 1952

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

LA UTOPIA AMERICANA DE ALFONSO REYES

ENRIQUE CASAMYOR

OUTRA VEZ NUESTRAS REVISTAS

JOSE LUIS BUSTAMANTE Y RIVERO

EL FENOMENO NACIONALISTA EM
IBEROAMERICA

A. PARDO

SITUACIÓN ACTUAL DEL INDIGENA EM
GUATEMALA. UMA CONFERENCIA DE FRANZ
TERMER EM MADRID

CH Nº 26 FEV 1952

ERNESTO GARZÓN VALDÉS

LA NACION EM HISPANOAMERICA

ENRIQUE CASAMYOR

CRONIQUELLA DEL AÑO MUERTO DE 1951

CH Nº 27 MAR 1952

FRANK ANTHONY LOPEZ

ESTADOS UNIDOS Y ESPAÑA

CH Nº 28 ABR 1952

AGUSTÍN BASAVE

SIGNIFICADO DE LA HISPANOAMERICANIDAD

ANTONIO CARRO MARTINEZ

CONTACTOS PSICOLOGICOS Y POLITICOS DE
ESTADOS UNIDOS COM IBEROAMERICA

CH Nº 29 MAI 1952

SEM ASSINATURA

CRONICA CENTROAMERICANA DESDE EL
SALVADOR

EDMUNDO MEOUCHI

MEXICO

DOS DEMAGOGIAS DISTINTAS SOBRE LA OBRA
DEL GRABADOR JOSE GUADALUPE POSADA

LUIS DIEZ DEL CORRAL

EUROPA, CAMPESINA

ENRIQUE CASAMYOR

HISPANOAMERICA, EM EL ESPEJO DE SU
NOVELA

JAIME PAHISSA

RELACION ENTRE EL FOLKLORE MUSICAL
ESPAÑOL Y EL ARGENTINO

AGUSTÍN BASAVE

HISPANISMO LIRICO E HISPANISMO POSITIVO

CH Nº 30 JUN 1952

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

LA NUEVA HISTORIA DE AMÉRICA

ORESTES FERRARA

LA FORMACION DE EUROPA

S. A.

ESPAÑA, HACIA OCCIDENTE Y ORIENTE

MANUEL LIZCANO

A REMO HACIA LAS INDIAS

CH Nº 31 JUL 1952

DIONISIO RIDRUEJO

EXCLUYENTES Y COMPRENSIVOS

MANUEL LIZCANO

ADVERTENCIA A LA TERCERA FUERZA

PEDRO LAIN ENTRALGO

ESPANHA

POESIA, CIENCIA Y REALIDAD

E. C. R.

ESPAÑÓLES “NEUTRALES” Y ESPAÑÓLES

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1952

CH Nº 31 JUL 1952

SALVADOR LISSARRAGUE NOVOA		CULTURA INCOMUNICADA
RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT		SOLEDAD DE MEXICO, SOLEDAD DE HISPANOAMERICA
SALVADOR LISSARRAGUE NOVOA		EL PROBLEMA DE TUNEZ Y LOS PUEBLOS ARABES
RODOLFO GIL BENUMEYA		LOS ARABES DE AMERICA EM LOS HISPANICO Y LO ARABICO
C.H.		EL ESPAÑOL EM FILIPINAS
MANUEL FRAGA IRIBARNE	ESPANHA	LAS ESPAÑAS
MANUEL POMBO ANGULO		LA UNIDAD COMBATIDA
RODRIGO FERNANDEZ-CARVAJAL		RADIOGRAFIA DE LA RESTAURACION
E. C. R.		NO ES CUESTION DE NOMBRES, PERO ...
MANUEL LIZCANO		LA IGLESIA DE HISPANOAMERICA, EM VANGUARDIA SOCIAL
RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT		BOLIVAR Y LA UNIDAD DE HISPANOAMERICA

CH Nº 32 AGO 1952

MANUEL LIZCANO		COLECTIVIZACION DE LA CULTURA Y ASIMILACION DEL INDIO
RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT		DOS TEMAS EM LA LITERATURA HISPANOAMERICANA
SEM ASSINATURA		LA REVOLUCIÓN DEL ALTIPLANO
JUAN A. LIAÑO		LAS RELACIONES COMERCIALES ENTRE ESPAÑA E HISPANOAMERICA
C.H.		POR UNA EUROPA UNA
RICARDO GULLON		EL ESPIRITU EUROPEO
RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT		MARIANO AZUELA, A LOS CUATRO MESES DE SU MUERTE

CH Nº 35 NOV 1952

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT		EL DESARROLLO DE LA POLITICA COLOMBIANA
CARLOS TALAMAS		EISENHOWER, PRESIDENTE
JAIME PERALTA PERALTA		INTENTOS DE UNION HISPANOAMERICANA A TRAVES DE LOS CONGRESOS HISPANICOS

CH Nº 36 DEZ 1952

CARLOS TALAMAS		ESPAÑA EM LA U.N.E.S.C.O.
MANUEL LIZCANO		COLOMBIA, HACIA UM MUNDO NUEVO
ANGEL LOSADA		DOS OBRAS INEDITAS DE FRAY BARTOLOME DE LAS CASAS

1953

CH Nº 37 JAN 1953

TORTUATO FERNANDEZ MIRANDA		ACTITUD ANTE CLARÍN

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1953

CH Nº 37 JAN 1953

BERNARD FAY

NUESTRO TEMPO COMO FIN DEL
RENACIMIENTO

JOSE ARTIGAS

CLARIDAD Y CONFUSIÓN EM EL CONCEPTO DE
EUROPA

CH Nº 38 FEV 1953

SEM ASSINATURA

IBEROAMERICA EM 1952

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

LA REVOLUCIÓN DE BOLIVIA Y SU ESTATURA
ESTRATÉGICA

JOSE LUIS L. ARANGUREN

LA EVOLUCION ESPIRITUAL DE LOS
INTELECTUALES ESPAÑOLES EM LA
EMIGRACION

FRANCISCO ALEN SAINZ

EDUARDO MALLEA, ESPAÑOL DE SUDAMÉRICA

ENRIQUE CASAMYOR

AUNQUE EL NOMBRE ES LO DE MENOS ...

JOSE A. VILLEGAS MENDOZA

LA GUERRA CULTURAL EN HISPANOAMÉRICA

CH Nº 39 MAR 1953

GUILLERMO DIAZ-PLAJA

LENGUAJE, VERSO Y POESÍA EM JOSÉ MARTÍ

MIGUEL CRUZ HERNANDEZ

LA MISION CULTURAL DE ORTEGA

CH Nº 41 MAI 1953

EMILIO LLEDO

ALFONSO REYES TRADUCE LA ILIADA

MANUEL FRAGA IRIBARNE

ESPANHA

CONGRESOS IBEROAMERICANOS

MANUEL LIZCANO

ORIENTACIONES DOCTRINALES DEL NUEVO
REGIMEN MEXICANO

VINTILIA HORIA

EL LATIDO DE EUROPA

MANUEL LIZCANO

HUMANITARISMO SIN POLÍTICA

GLICERIO ALBARRAN PUENTE

LA UNIDAD DE AMERICA ESPAÑOLA

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

EL PENSAMIENTO DE RODO

LA VIDA DE LAS REVISTAS

EL PENSAMIENTO POLITICO DE LUCAS ALAMAN

SOBRE EL ESTILO HISPANICO DEL PENSAR

CH Nº 42 JUN 1953

DOMINGO CIRICI VENTALLO

PANORAMA LITERARIO DE GUATEMALA

MANUEL LIZCANO

¿SE DESPLAZA EL CENTRO DE GRAVEDAD DE
LA CULTURA HISPANICA?

C.H.

SIETE MIL HUELGUISTAS CHILENOS,
APOYADOS POR SU OBISPO

VINTILIA HORIA

GUSTAVE THIBON Y DONOSO CORTES

MANUEL LIZCANO

INDIVIDUALIDADE Y PERSONALIDAD DE
HISPANOAMERICA

CH Nº 43 JUL 1953

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1953

CH Nº 43 JUL 1953

O. M.

DE UN AÑEJO PROBLEMA LITERARIO: 98 Y
MODERNISMO. UNIDAD Y DIALECTICA DE LOS
DOS MOVIMIENTOS

VINTILIA HORIA

UMA VISITA EJEMPLAR

MANUEL LIZCANO

LA ECONOMIA DE AMERICA HISPANA Y LA
PROXIMA CONFERENCIA INTERAMERICANA DE
CARACAS

E.C.

EL VII CURSO DE PROBLEMAS
CONTEMPORANEOS DE SANTANDER

CH Nº 44 AGO 1953

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

LA OBRA DE ANDRES BELLO

MANUEL LIZCANO

CIENTO VIENTO MILLONES DE CAMPESINOS
POBRES

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

JORNADAS DE LENGUA Y LITERATURA
HISPANOAMERICANAS EN SALAMANCA

LIUBIMIRO MALES

LA NACION ARGENTINA EM SUS ORIGENES
ETNICOS

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

JOSE DE LA CUADRA

MARIANO TUDELA

LO QUE LA AGRICULTURA
HISPANOAMERICANA DEBE A LA IGLESIALUIS GALLEGOS VALDES, CRITICO DE
LITERATURA

CH Nº 45 SET 1953

ANGEL ALVAREZ DE MIRANDA

MEDITERRANEO Y MUNDO HISPANO

RAMÓN IGLESIA

ESPANHA

EL CUSRO DE LAIN SOBRE "LA CIENCIA DE LA
NATURALEZA EM EL MUNDO MODERNO"

MANUEL LIZCANO

PROBLEMAS DEMOGRÁFICOS DEL MÉJICO
MODERNO

ENRIQUE MANERA

PROBLEMAS MILITARES DE NUESTRO TIEMPO

JOSÉ ANGEL VALENTE

LA POESÍA BRASILEÑA

HERNANDO VALENCIA

EL AMERICANO EN PARIS

RAFAEL HELIODORO VALLE

HONDURAS

HERNAN CORTES EM SU ÁMBITO

RAMON CRESPO PEREIRA

EL CUSRO DE LAIN SOBRE "LA CIENCIA DE LA
NATURALEZA EM EL MUNDO MODERNO"

CH Nº 46 OUT 1953

J. ALVAREZ ESTEBAN

LIRICA ANDALUZA EN LA TRADICION
ARGENTINA

JOSE A. VILLEGAS MENDOZA

ESPAÑA, EM LA NUEVA ESTRATEGIA DE
OCCIDENTE

C.H.

BECAS DE ESTUDIOS PARA TRABAJADORES

JOSÉ MARIA SOUVIRON

DECADENCIA DE UM PREMIO

JOSÉ MARIA VALVERDE

PALABRAS MENORES, DE PEDRO LAIN
ENTRALGO

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1953

CH Nº 46 OUT 1953

RICARDO A. LARCHAM

EL ENSAYO EN CHILE EN EL SIGLO XX

C.H.

LECCIÓN DE HISPANIDAD EN CHILE

F. N.

LA REVALORIZACIÓN DEL CAMPESINO

CH Nº 47 NOV 1953

JOSE CORONEL URTECHO

HISPANOAMERICA Y EUROPA

ALFREDO CARBALLO

LA NOVELA INDIGENISTA Y LA POLITICA

JOAQUÍN CAMPILLO

NOTAS SOBRE MARTI, TRATADISTA DE ARTE

C.H.

EL DESQUITE DE LOS NEGROS

MANUEL LIZCANO

EVOLUCION DEL PERONISMO

ENRIQUE CASAMYOR

DOS GRANDE TRIUNFOS DE ESPAÑA

ALFONSO SASTRE

INTRUSISMO EN LA LITERATURA

JOSÉ MARIA SOUVIRON

LA VERDAD SOPECHOSA

CH Nº 48 DEZ 1953

DINO SINDACO

¿QUÉ ES ESTA EUROPA?

MANUEL LIZCANO

¿CUÁNTOS CABEN EN IBEROAMERICA?

RODRIGO FERNANDEZ-CARVAJAL

IGLESIA Y REFORMA SOCIAL EN BOLIVIA

VINTILIA HORIA

ESPAÑA Y LA ECONOMIA

SEM ASSINATURA

PIEDAD CONTRA MALDAD

F.A. FREIHERR VON DER HEYDTE

EL PROBLEMA DE LOS BRACEROS MEJICANOS
ILEGALES ALLENDE EL RIO BRANCO

C.H.

SUPERACION DE LA IDEA EUROPEA

GASPAR BAYON CHACON

EL INSTITUTO CHILENO-HISPANICO

MANUEL LIZCANO

DIFUSION DE LA CULTURA Y CULTURA SOCIAL
DE LAS MASAS

SEM ASSINATURA

SE CONSOLIDA VIGOROSAMENTE LA
SITUACION ARGENTINAPENETRACION PROTESTANTE EN LA
AMAZONIA PERUANA

1954

CH Nº 49 JAN 1954

JOSÉ MARIA SOUVIRON

LAS GAFAS AHUMADAS

VINTILIA HORIA

SIGNIFICACION DE UN TRATADO

MANUEL LIZCANO

SE INTENSIFICA LA PENETRACION CULTURAL
FRANCESA

DULCE MARIA LOYNAZ

INFLUENCIA DE LOS POETAS CUBANOS EM EL
MODERNISMO

MARIANO LATORRE

FERNANDO SANTIVAN, EL HOMBRE, EL
ESCRITOR

MANUEL LIZCANO

LAS RELACIONES ECONOMIAS DE ESTADOS
UNIDOS CON IBEROAMERICA

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1954

CH N° 49 JAN 1954

AQUILLES DAUPHIN-MEUNIER

EXPERENCIAS Y PERSPECTIVAS DE UNA UNION ECONOMICA EUROPEA

CH N° 50 FEV 1954

LUIS FELIPE VIVANCO

GABRIELA MISTRAL, NADA MAS QUE EM SU PALABRA

EUGENIO GARZO

EL INFORME MILTON EISENHOWER

JUAN VELARDE FUERTES

ASPECTOS ECONOMICOS DE LA EUROPA ACTUAL

ENRIQUE CASAMYOR

LAS REVISTAS ESPAÑOLAS ANTE 1954

VINTILIA HORIA

OCCIDENTE Y ORIENTE

MIGUEL ZELAYETA

AMÉRICA EN 1953

VINTILIA HORIA

PROTESTANTISMO Y COMUNISMO EN COLOMBIA

MIGUEL LIZCANO

POR UNA AGENCIA INTERIBEROAMERICANA DE INFORMACION

ENRIQUE CASAMYOR

UNA BUENA ENCICLOPEDIA UNIVERSAL

JUAN GASCÓN

LA "COOPERACION" EM EL PENSAMIENTO DE ORTEGA Y GASSET

CH N° 51 MAR 1954

LUIS ARTIGAS

ESPAÑA EN LA UNESCO

EMILIO CARILLA

AMADO ALONSO, EM LA ARGENTINA

EDUARDO CABALLERO CALDERÓN

COLOMBIA

CRITICA DEL ESTADO AMERICANO

VINTILIA HORIA

PIRATAS DE AYER Y DE HOY

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

"IMAGINO MUNDI", NUEVA REVISTA ARGENTINA

RAUL PUIGBO

LAS POSIBILIDADES DEL COMUNISMO EN HISPANOMERICA

MANUEL LIZCANO

SE ABRE AL MUNDO HAMBRIENTO LA CUENCA DEL AMAZONAS

JUAN VELARDE FUERTES

LA ECONOMIA ESPAÑOLA Y EL PRIMER CONGRESO NACIONAL DE LA FALANGE

EUGENIO GARZO

LA PARADOJA DE PUERTO RICO

CH N° 52 ABR 1954

MANUEL ALONSO GARCIA

LA NUEVA LEGISLACION SOCIAL ARGENTINA

GUILLERMO DE TORRE

ESPANHA

PRESENCIA DE PEDRO SALINAS

ANGEL FERREIRA CORTES

LAS MALVINAS, GIBRALTAR, LAS GUAYANAS: REIVINDICACIONES DE PUEBLOS HISPANICOS

LEANDRO RUBIO GARCÍA

LA AMERICA HISPANA Y LOS ESTADOS UNIDOS

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1954

CH N° 52 ABR 1954

ALFREDO CARBALLO

HOMENAJE A AMADO ALONSO

RAMON MARTIN HERRERO

SAN MARTIN, SOLDAD ESPAÑOL

CH N° 53 MAI 1954

JOSE MARIA OTS CAPDEGUI

ESPAÑA EN AMERICA, POLITICA DE POBLACION

EUGENIO GARZO

UN NUEVO ESTADO AMERICANO

MANUEL ALONSO GARCIA

CODIGO DEL TRABAJO DEL INDIGENA
AMERICANO

ACERCA DE LA VOCACION POLITICA

JOSE IGNACIO ESCOBAR

ESPAÑA Y LA COMUNIDAD POLITICA EUROPEA

GREGORIO MARAÑON

BRASIL, PAIS DEL PRESENTE

CH N° 54 JUN 1954

SEM ASSINATURA

LAS DOS DOCTRINAS MONROE

EDUARDO ZEPEDA

NOVISIMA POESIA NICARAGUENSE

EDMUNDO MEOUCHI

MEXICO

MEXICO Y LO MEXICANO

VINTILIA HORIA

INDOAMERICANISMO Y REALIDAD

FERNANDO DÍEZ DE MEDINA

MARIANO PICON SALAS Y LOS DIAS DE
CIPRIANO CASTRO

SEM ASSINATURA

EL OBRERO, EN LA DEMOCRACIA SOCIAL

EMILIO LLEDO

GARCIA LORCA, EM ALEMAN

ENRIQUE WARLETA FERNADEZ

ESPAÑA Y LA CONFERENCIA DE CARACAS

JUAN FRANCISCO MARSAL

LAS CONSTITUCIONES DE LA REPUBLICA
ARGENTINA

ENRIQUE WARLETA FERNADEZ

COMUNISMO, ECONOMIA Y COLIANIALISMO
EM LA CONFERENCIA INTERAMERICANA DE
CARACAS

CARLOS LACALLE

LA COOPERACION INTERNACIONAL Y EL
MUNDO HISPANICO

CH N° 55 JUL 1954

EDMUNDO MEOUCHI

MEXICO

GRAHAM GREENE, EN MEJICO

CARLOS MARTINEZ DE CAMPOS

UM VISTAZO A SUDAMERICA

CEFERINO I. MAESTU

LA CONFERENCIA INTERAMERICANA DE
CARACAS

CH N° 56 AGO 1954

RAFAEL HELIODORO VALLE

HONDURAS

BIBLIOGRAFIA DE HENAN CORTES

EUGENIO GARZO

CRISTÓBAL, COLON, EM WASHINGTON

FERNANDO MURILLO RUBIERA

LA ESTRUCTURA INTERNACIONAL DEL FUTURO

JOSE A. VILLEGAS MENDOZA

AMERICAN DIARY (II)

JUAN RAMÓN JIMENEZ

ESPANHA

EPISTOLARIO DE JUAN RAMON JIMENEZ

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1954

CH Nº 56 AGO 1954

CARLOS PEREGRIN F. OTERO

IDEA DE LA BOLIVIANIDAD

JAIME DELGADO

¿ NI INDIGENISMO NI HISPANISMO?

C. C.

SOBRE ALDEBARAN, DE UNAMUNO

CH Nº 57 SET 1954

JOSE A. VILLEGAS MENDOZA

AMERICAN DIARY (III)

EUGENIO GARZO

EL CASO HAYA DE LA TORRE

RAFAEL HELIODORO VALLE

HONDURAS

SALAMANCA , EM LA AMERICA ESPAÑOLA

LUIS FARRE

UNAMUNO, WILLIAM JAMES Y
KIERKEGAARD(1)

JOSÉ ANGEL VALENTE

AMERICA Y EUROPA

EDUARDO COTE LAMUS

LA TIERRA PROMETIDA

CH Nº 58 OUT 1954

LUIS FARRE

UNAMUNO, WILLIAM JAMES Y
KIERKEGAARD(CONCLUSION)

LEANDRO RUBIO GARCÍA

LAS AMERICAS Y LA INTERCOMUNICACION
CULTURAL

FRANCISCO E. TROSSO LARRE

LOS ESTADOS UNIDOS DE NORTEAMERICA:
UMA GRAN INCITACION

RUDOLF GROSSMANN

BALANCE ESPIRITUAL DE LA MODERNA
HISPANOAMÉRICA

MANUEL ALONSO GARCIA

EL ESCRITOR URUGUAYO JUAN ZORRILLA DE
SAN MARTIN Y UNAMUNO

JOSE A. VILLEGAS MENDOZA

AMERICAN DIARY (IV)

CH Nº 59 NOV 1954

MARIO AMADEO

HACIA UMA COMUNIDAD HISPANICA DE
NACIONES

JOSE A. VILLEGAS MENDOZA

AMERICAN DIARY (V)

VINTILIA HORIA

EL COMUNISMO EN HISPOAMERICA

FERNANDO DÍEZ DE MEDINA

LOS DERECHOS ESENCIALES DEL INDIO
AMERICANO

JUAN VELARDE FUERTES

LA UNIFICACION ECONOMICA EUROPEA

LEANDRO RUBIO GARCÍA

POLITICA Y COMERCIO EN HISPANOAMERICA

CH Nº 60 DEZ 1954

SIMON FEDIUK

LA ACTITUD Y EL PENSAMIENTO POLITICO DE
CERVANTES

JOSE SANSON TERAN

LA REFORMA DE LA CARTA DE LAS NACIONES
UNIDAS

ERNST ROBERT CURTIUS

MIGUEL DE UNAMUNO, “EXCITATOR HISPANIE”

1955

CH Nº 61 JAN 1955

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1955

CH Nº 61 JAN 1955

JOSE IGNACIO ESCOBAR

EL ORDEN SUPRANACIONAL

JAIME DELGADO

LA NOVELA MEXICANA DE LA REVOLUCION

EUGENIO GARZO

ESPAÑA, EN LA UNESCO

CH Nº 62 FEB 1955

OTTO DE AUSTRIA-HUNGRÍA

MISION DEL INTELECTUAL EM EL MUNDO
MODERNO

JAIME DELGADO

LA REFORMA MEXICANA

LEANDRO RUBIO GARCÍA

PROBLEMAS DEL BRASIL COMO PAIS DEL
FUTURO

PILAR VAZQUEZ CUESTA

UMA GRAN POETA DESAPARECIDO: JORGE DE
LIMA

CH Nº 64 ABR 1955

SALVADOR M. DANA MONTAÑO

IDEAS QUE RECLAMAN LA ATENCION DE LOS
ARGENTINOS DE HOY

EDUARDO CABALLERO CALDERÓN

COLOMBIA

HISPANOAMERICA EM SUS NOVELISTAS

JOSÉ LUIS HÍPOLA

LA CONFERENCIA ECONOMICA
INTERAMERICANA DE RIO DE JANEIRO

CH Nº 65 MAI 1955

RICHARD JAEGER

ESPAÑA Y EUROPA

RAFAEL LAIN ESPARZA

OCHO POETAS MEXICANOS

CH Nº 66 JUN 1955

LEANDRO RUBIO GARCÍA

NUEVOS CAMINOS DE LA ECONOMIA
IBEROAMERICANA

PABLO ANTONIO CUADRA

DOS MARES Y CINCO POETAS(LA NUEVA
POESÍA DE HISPANOMERICA, A TRAVES DE
CINCO POETAS)

CH Nº 67 JUL 1955

OTTO DE AUSTRIA-HUNGRÍA

EL MES DIPLOMATICO: LOS ESTADOS UNIDOS
Y LA SITUACION INTERNACIONAL

CH Nº 68/69 AGO/SET 1955

OTTO DE AUSTRIA-HUNGRÍA

EL MES DIPLOMATICO: REVOLUCIONES Y
VIOLENCIAS

RAFAEL GUTIERREZ GIRARDOT

ESPAÑA E HISPANOAMERICA, ETICA -APUNTES SOBRE
LA HISPANIDAD

JOSÉ ANGEL VALENTE

UMA NUEVA VERSION DE ESPAÑA EM SU
HISTORIA

JAIME DELGADO

LA REVOLUCION MEXICANA,
ACONTECIMIENTO CULTURAL

CH Nº 70 OUT 1955

CARLOS PEREGRIN F. OTERO

VELAZQUEZ

OTTO DE AUSTRIA-HUNGRÍA

EL MES DIPLOMATICO: REVOLUCIONES Y
VIOLENCIAS

PEDRO LAIN ENTRALGO

ESPANHA

LENGUA Y SER DE LA HISPANIDAD

CADERNOS HISPANO-AMERICANOS

1955

CH Nº 70 OUT 1955

LUIS ROSALES

LA ADOLESCENCIA DE DON QUIJOTE

LEANDRO RUBIO GARCÍA

REALIDADES DE LA NACION MEJICANA

CH Nº 71 NOV 1955

OTTO DE AUSTRIA-HUNGRÍA

EL MES DIPLOMATICO: REUNIONES
INTERNACIONALES EN GINEBRA

R.

LAS SOCIEDADES ECONOMICAS EN ESPAÑA Y
EN AMERICA

EDUARDO WESTERDAHL

LA UNION EUROPEA DE PAGOS

LUIS ROSALES

LA ADOLESCENCIA DE DON QUIJOTE (Y II)

LUIS MARÍÑAS

LA REVOLUCION INTELECTUAL DE
GUATEMALA

CH Nº 72 DEZ 1955

ENRIQUE MORENO BÁEZ

LA OBRA POSTUMA DE AMADO ALONSO

JESUS PRADO ARRARTE

EN TORNO A LA UNION IBEROAMERICANA DE
PAGOS

LEANDRO RUBIO GARCÍA

MAS SOBRE EL BRASIL: POLÍTICA Y ECONOMIA